

EDITORIAL

O HOMEM, ESPÉCIE ANIMAL?

Ruben Aguilar, Ph.D.

Editor-associado da revista *Kerygm@*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
ruben.aguilar@unasp.edu.br

A Organização Mundial da Saúde (OMS), subordinada à ONU, tem definido o conceito de saúde como: “estado de bem estar físico, mental e social e não meramente ausência de doença”.

Esse conceito, que talvez seja o mais completo ou que ao menos expresse de forma plena o estado de saúde de uma pessoa; estabelece em forma concisa a trilogia em que está constituído o ser humano, ou seja: capacidades físicas, mentais e sociais. As capacidades físicas da pessoa humana determinam o desempenho do organismo, permitindo a função articulada de todo movimento para a realização das suas atividades ou trabalho. As mentais, por sua vez, permitem que o indivíduo se relacione com o meio ambiente por meio das funções mentais como o raciocínio, atenção, percepção, imaginação, raciocínio e memória.

Já as capacidades sociais determinam o bom relacionamento com seus semelhantes, mediante o exercício de virtudes espirituais como a paciência, o amor, o perdão, a piedade, a tolerância, a humildade, o auto domínio, a compaixão, entre outras. A literatura bíblica denomina essas qualidades de “frutos do Espírito”, que são manifestos quando a pessoa desenvolve suas faculdades espirituais.

Se o homem integralmente está constituído por uma trilogia de capacidades ou faculdades inerentes ao seu ser, qual seria a sua classificação dentro dos reinos da natureza? Na maioria dos textos de ciências biológicas ou humanas, o homem é classificado como espécie pertencente ao reino animal. Essa definição sistemática, no entanto, obedece ao uso de um único critério de classificação, que é a forma e função da sua estrutura física, por sua vez, semelhante à de um mamífero.

Não se deve esquecer, no entanto, que em sistemática, ou seja, na classificação de espécies, toda estrutura ou função orgânica diferente, possibilita a designação de uma nova espécie. No caso do ser humano, os critérios que permitem diferenciar o homem do grande conjunto de seres vivos, particularmente dos mamíferos, são as suas capacidades mentais e as faculdades espirituais.

Considerando a trilogia constitutiva do ser humano, é necessário afirmar que o homem é espécie única, não existe outra semelhante, nem próxima. Sua classificação não deve estar limitada aos critérios das áreas do conhecimento



natural, ou da investigação científica. Pela sua constituição *sui generis*, e para uma definição específica da sua natureza, não cabe outra instância senão a de recorrer à orientação bíblica. A consulta a essa fonte permite reconhecer que o homem é o único ser de toda a natureza, com características e atributos especiais que nenhum outro ser criado possui, é o único que pode estabelecer contato com o seu Criador, e ainda receber a expressão maior do amor divino, no sacrifício de Cristo.

Agora, desejamos apresentar parte do conteúdo da presente edição da revista *Kerygm@*. Destacamos a seção de resumos de teses doutorais cuja relevância é confirmada pelo interesse dos temas. Do Dr. Elias Brasil, temos o resumo da sua tese: *The heavenly sanctuary/temple motif in the Hebrew Bible: Function and Relationship to earthly counterparts*. Da mesma forma com o Dr. Wagner Kuhn, com o resumo: *Toward a holistic approach to relief, development and christian witness: with special reference to Adra's Mission to Naxcivan, 1993 - 2003*.

Não de menor importância, aparecem na presente edição os artigos: *La Autoridad de la Escritura y la Autoridad de la Iglesia Organizada (Absoluta/Relativa?)*, de Roberto Pereyra, Ph.D., coordenador de pós-graduação do curso de Teologia do Unasp-EC; *O Mal no Pensamento de Ellen White*, de Adolfo Suárez, doutorando em Ciências da Religião na Umesp; sobre o pentecostalismo na América Latina, apresentamos o artigo *Protestantismo Popular na América Latina: Análise da História, Contribuições e Implicações*, de Érico Tadeu Xavier, pastor e doutorando em teologia na *Universidad Evangélica de las Américas* (Costa Rica); *A Ética Cristã da Boa Morte: Uma Proposta à Luz da Antropologia Adventista*, de Klaudinei Luis Engelmann, aluno do curso de Teologia do Unasp-EC. Completa a nossa edição, um bom número de resumos de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), bem como de outras pesquisas apresentadas nas Jornadas Bíblico-Teológicas, evento acadêmico de elevado nível, realizado anualmente nas dependências do Unasp-EC.

Pelo exposto, desejamos aos leitores que sintam o prazer de uma ótima e confirmadora sensação de satisfação espiritual com a presente leitura.

ARTIGOS

O MAL NO PENSAMENTO DE ELLEN WHITE

Adolfo S. Suárez, Ms.

Professor do curso de Teologia, doutorando em Ciências da Religião na Umesp Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
adolfo.suarez@unasp.edu.br

Resumo: Neste breve trabalho explora-se inicialmente a importância do tema do mal nos escritos de Ellen White. Também se analisa a tipologia do mal da mencionada escritora. Finalmente, é feita uma abordagem a respeito de como Deus considera o mal.

Palavras-chave: Ellen White, Mal.

The Evil According to the Thought of Ellen White

Abstract: This short work investigates the importance of the subject of the evil in the writings of Ellen White. It is also analyzed her typology of evil. Finally, an excursus was undertaken concerning how God considers evil.

Keywords: Ellen White, Evil.

INTRODUÇÃO

Ellen White, pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) escreveu sobre vários temas do cristianismo.¹ Usando geralmente um estilo narrativo, ela transita por diversos temas, explicando a Bíblia, orientando na vida cristã e chamando a atenção para aspectos importantes na prática do cristianismo. Tudo isso o faz com postura profética, pois ela era consciente de seu papel na IASD.

De acordo com Herbert Douglas, teólogo adventista, a contribuição singular de Ellen White “reside não na absoluta originalidade do pensamento, mas na maneira como sintetizou” os diversos conceitos e temas que fazem parte de sua obra literária.² De fato, a despeito de seu pouco preparo acadêmico, além de vasta produção, ela revelou habilidade de observação e compreensão na abordagem dos assuntos que considerou necessários.³ Entretanto, diferente da afirmação de Douglas, White mostra-se original ao considerar diversos aspectos nos temas de educação, saúde e administração eclesiástica, para mencionar alguns.⁴

Um dos assuntos fundamentais em seus escritos é a temática do mal.⁵ Ela entende que a luta entre o bem e o mal é uma espécie de estrutura teológica necessária para compreender e interpretar a história da humanidade. Neste



breve trabalho, primeiramente veremos qual a importância do tema do mal nos escritos de Ellen White. Em segundo lugar, analisaremos sua tipologia do mal. Finalmente, discorreremos a respeito de Deus e o mal.

Como fundamento teórico desta pesquisa foram adotadas, principalmente, as considerações de Ivone Gebara e Juan Antonio Estrada, a fim de possibilitar a construção e análise de uma tipologia do mal em Ellen White. Neste caso, evidencia-se que esta breve análise do problema do mal em White será feita sob a ótica da antropologia, sociologia e filosofia. Além, é claro, da compreensão teológica.

1. A IMPORTÂNCIA DO TEMA DO MAL

O teólogo Herbert Douglas, já mencionado, conclui que o problema do bem e do mal é um tema-chave na teologia de Ellen White⁶, inserido no que a própria White chama de “grande conflito”. Alberto Timm também considera o tema como sendo de fundamental importância. Em sua tese de doutorado, Timm afirma que o sistema doutrinário adventista pioneiro incluía, entre outros, a temática de “uma moldura de conflito cósmico”.⁷

A própria Ellen White afirma que “o tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus na alma humana”.⁸ O estudante da Bíblia, por sua vez, deve compreender que há dois princípios antagônicos sob os quais se desenrola a História da humanidade. As conseqüências destes princípios antagônicos – o bem e o mal – penetram “em todos os aspectos da experiência humana”.⁹

Como se pode perceber, White entende que os temas centrais da teologia cristã são: (1) o plano de redenção, com o propósito de restaurar a imagem de Deus nos seres humanos e (2) o grande conflito entre o Bem e o Mal (Deus e Satanás). Assim sendo, o problema do mal é, para a autora, assunto da mais alta importância. Não se poderá compreender e nem valorizar devidamente a obra redentora de Deus em favor da humanidade, a menos que se compreenda o impacto do mal na vida das pessoas.

Ao destacar a importância do problema do mal, White ecoa o pensamento de grandes teólogos e filósofos. De acordo com Mondin, ao longo da história, o problema do mal despertou o interesse em muitos gênios do pensamento religioso e filosófico, dentre os quais “o autor do livro de Jó, Orígenes, Agostinho, Boécio, Anselmo, Tomás de Aquino, Cusano, Pascal, Leibniz, De Maistre, Schelling e outros”.¹⁰

Para Agostinho, por exemplo, “o problema do mal foi o que mais desafiou” sua “mente agudíssima”.¹¹ Para ele, o mal não pode existir sozinho, e sua existência depende de uma substância boa em si mesma. Agostinho concluiu que o mal se origina “na liberdade das criaturas espirituais (os anjos e os homens): o mal explode no momento em que esses seres se afastam de Deus e se voltam para as criaturas”.¹²

Para Paul Ricoeur, um dos mais importantes filósofos da segunda metade do século 20, a questão do mal é um desafio inigualável para a Teologia e a Filosofia. Ele disse que a “visão estritamente moral do mal” deixa o ser humano “sem resposta”.¹³



Juan Antonio Estrada, teólogo e filósofo, afirma que “como elemento constitutivo da experiência humana [o mal] sempre foi um problema central da filosofia e da religião”.¹⁴ E sendo um assunto relacionado à origem e finalidade da vida humana, deve ser profundamente analisado. Para Estrada, é apropriado estudar o mal do ponto de vista da religião. Nesse sentido, ele diz:

A dimensão existencial do mal, que mais cedo ou mais tarde experimentamos em nós mesmos ou nas pessoas que nos são próximas, resiste a uma mera especulação racional, própria da reflexão filosófica, e abre espaço para os testemunhos pessoais. Nisso consiste a superioridade da religião com relação à filosofia.¹⁵

Talvez, então, porque “a religião oferece uma resposta global, boa ou má, consistente ou não, ao problema do mal”,¹⁶ é que as pessoas procuram nela – senão a compreensão do fenômeno – pelo menos o remédio para a sua cura.

2. A TIPOLOGIA DO MAL

Tendo como parâmetro de comparação a análise de Juan Antonio Estrada,¹⁷ Ellen White entende o mal dentro de três tipologias diferentes. Em primeiro lugar ela compreende que *o mal é uma experiência constitutiva do ser humano*. É o que Estrada chama de *mal metafísico*. Para White, não se pode pensar em pessoas sem pensar no mal, e não apenas porque as pessoas são más, mas porque se vive na dependência dele. Ela diz que o ser humano vive num “estado de culpa”.¹⁸ Em outras palavras, o mal é da natureza humana, a qual ficou “depravada pelo pecado”.¹⁹

Embora com pressuposto completamente diferente,²⁰ Ivone Gebara também entende o mal como experiência constitutiva do ser humano. Ela afirma que “o mal está de tal modo entranhado na existência humana que se pode viver no mal até sem se dar conta de que se trata de um mal”.²¹ Com isso, o mal acaba sendo “sofrido sem ser chamado como mal”.²²

Por outro lado, White compreende que devido ao mal ser um constitutivo das pessoas, a raça humana está exposta a outro tipo desse, a dor e o sofrimento, chamado por Estrada de *mal físico*. Em outras palavras, *o mal como vivência*. De fato, o conhecimento e a prática do mal acompanham o ser humano “por todos os dias de sua vida”, desde o momento em que Adão e Eva livremente o escolheram.²³ Como resultado disso, o ser humano vivencia “a onda de desgraças que emanou da transgressão de nossos primeiros pais”.²⁴ Infelizmente “o pecado deles abriu as portas do dilúvio das desgraças sobre o mundo”.²⁵

Em terceiro lugar, White entende que o mal significa atos e ações – que Estrada chama de *mal moral*. De acordo com ele, é devido à existência da moral que o ser humano tem “a consciência do pecado e da culpa e o anseio de justiça e perdão como sua contrapartida”.²⁶ Neste sentido, White afirma que o ser humano vive num “estado de culpa consciente”.²⁷ Ou seja, a pessoa sabe quando suas práticas e ações são más, sentindo-se culpada por elas.

Enquanto que para Estrada o mal moral se limita a ações que quebram códigos de conduta da sociedade – o mal é o produto das ações humanas, diz



ele²⁸ – para Ellen White o mal moral também se refere à quebra dos códigos de conduta divinos.²⁹ São elas que regem a conduta humana. Assim sendo, a desobediência às leis de Deus também está na esfera do mal moral.

3. DEUS E O MAL

Com a mesma ênfase com a qual afirma que Satanás é responsável pelo desenvolvimento do mal, Ellen White entende que Deus não é responsável pela existência do mal. Ela diz:

Nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que o fato de não haver sido Deus de maneira alguma responsável pela manifestação do pecado; e de não ter havido qualquer retirada arbitrária da graça divina, nem deficiência no governo divino, para que dessem motivo ao irrompimento da rebelião.³⁰

Não foi pela ausência da graça de Deus que o pecado surgiu; a graça de Deus pode ser compreendida como o elemento que possibilitaria a boa convivência entre Ele e suas criaturas. E Deus também não pode ser acusado pela sua incompetência administrativa, ou alguma falha na gestão dos seres sob seu comando.

Então, qual a relação entre Deus e o mal? Inicialmente, pode-se afirmar que a luta entre o bem e o mal é uma demonstração do amor de Deus. “A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que a princípio se iniciou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus”.³¹

Para Ellen White, o amor de Deus é visível na maneira como Ele conduziu o processo do surgimento e desenvolvimento do mal. A atuação divina se percebe desde a origem do mal no Céu (não expulsando ou destruindo sumariamente Lúcifer), passando pela entrada do mal no planeta Terra (alertando e auxiliando Adão e Eva) e culminando com o mal fazendo parte da humanidade como um todo (enviando Jesus Cristo para possibilitar a salvação das pessoas).

A esta altura, a pergunta fundamental seria: Se Deus não pode ser culpado pela manifestação do mal, por que Ele o permitiu? White responde que, estando o mal em franca rebelião contra Deus, seria necessário seu desenvolvimento, a fim de que se pudesse perceber sua verdadeira natureza e tendência.³² Ora, só é possível perceber algo quando esse algo se demonstra em toda sua extensão, ou pelo menos se apresenta de modo suficiente a ser compreendido pelas pessoas, a fim de, com base em observações pontuais, fazer um julgamento a respeito de sua intencionalidade.

Assim sendo, Deus permitiu o mal avançar a fim de que se apresentasse com toda sua intensidade, até que fosse descoberta sua “capa de falsidade”.³³ Não havendo essa maturidade – para a qual o tempo era fundamental – o mal não pareceria como em realidade é. Não haveria possibilidade de compreender sua natureza e malignidade.³⁴

Eliminando o mal sumariamente, as pessoas também não compreenderiam suas conseqüências. Por outro lado, ao eliminar o mal imediatamente, Deus pareceria um ser arbitrário, infundindo temor às pessoas, que o serviriam “antes por temor do que por amor”.³⁵ Por isso, “devia-se



permitir que o mal chegasse a amadurecer”.³⁶ Além disso, “o verdadeiro caráter do usurpador e seu objetivo real devem ser compreendidos por todos. Ele deve ter tempo para manifestar-se pelas suas obras iníquas”.³⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Ellen White é muito consistente a idéia de que Deus criou o ser humano como entidade moral livre.³⁸ E isso possibilitou o surgimento e desenvolvimento do mal. Em nome da liberdade humana, Deus criou o homem com a possibilidade de transgressão, como diz o texto a seguir:

Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral livre, mas um simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. [...] Seria indigna do homem como um ser inteligente, e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus.³⁹

Percebe-se que a finalidade de Deus para o ser humano era o desenvolvimento do caráter, o que seria possível mediante a obediência voluntária. Logo, sem obediência o caráter não poderia ser plena e adequadamente desenvolvido. Em contrapartida, a obediência forçada estagnaria o caráter humano, pois o tornaria um simples autômato – um robô – sem possibilidade de escolha, o que caracterizaria seres humanos sem liberdade. Daí que a única alternativa era permitir dois caminhos, o bem e o mal. O ser humano escolheu o mal.

Todavia, Ellen White acredita que o mal não existirá para sempre. Assim como Deus permitiu sua existência como contingência da liberdade humana, chegará o dia em que o destruirá. Mas, até então, a humanidade terá plena consciência dos seus efeitos nocivos.

Em seu livro *O Grande Conflito*, no qual ela analisa a guerra entre o bem e o mal, White conclui sua narrativa com palavras triunfais, uma espécie de anseio de todos aqueles que querem ver o mal banido de vez da história humana:

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. Daquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.⁴⁰

NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. Podem citados os seguintes: oração, fé, mal, pecado, culpa, arrependimento, confissão, perdão, lei, graça, educação, saúde, família, evangelização, salvação e liberdade.



2. DOUGLAS, Herbert E. *A Mensageira do Senhor: O ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: CPB, 2001. p. 256.
3. White escreveu mais de cinco mil artigos e 49 livros, totalizando aproximadamente cem mil páginas manuscritas. Incluindo compilações, hoje estão disponíveis mais de cem livros em inglês, e cerca de 70 em português. Ellen White é a escritora mais traduzida em toda a história da literatura. Sua obra *Caminho a Cristo* já foi publicada em cerca de 150 idiomas.
4. Na área educacional, por exemplo, ela preconiza a educação integral, numa época em que se enfatizava apenas o intelecto ou o pragmatismo; na área de saúde, ela valoriza remédios e tratamentos naturais, numa época em que havia grande descaso com a saúde. Conferir LAND, Gary, Ed.. *El Mundo de Elena G. de White*. Bogotá: Asociación Publicadora Interamericana, 1996, p. 161 a 200. KNIGHT, George R. *Ellen White's World*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2004, p. 28 a 49.
5. Dentre suas várias obras, particularmente sete tratam diretamente desta temática, a saber: "Patriarcas e Profetas" (1890), "Profetas e Reis" (1917), "O Desejado de Todas as Nações" (1898), "Os Atos dos Apóstolos" (1911) e "O Grande Conflito" (1888); todos eles formam uma coleção conhecida como *O Grande Conflito*. A esses cinco livros, podem ser acrescentados também "Primeiros Escritos" (1882) e "Caminho a Cristo" (1892).
6. DOUGLAS, Op. cit., p. 256.
7. TIMM, Alberto R. *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1998, p. 282, 283.
8. WHITE, Ellen G. *Educação*. 9ª ed. Tatuí, SP: CPB, 2003, p. 125.
9. WHITE, Ellen G. *Educação*. 9ª ed. Tatuí, SP: CPB, 2003, p. 191.
10. MONDIN, Battista. *Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 374.
11. Idem.
12. Ibidem, p. 375.
13. RICOEUR, Paul. *O Mal: Um Desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas, SP: Papyrus, 1988, p. 34.
14. ESTRADA, Juan Antonio. *A Impossível Teodicéia.: A Crise da Fé em Deus e o Problema do Mal*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 9.
15. Ibidem. p. 17.
16. Ibidem, p. 16.
17. Ibid., Estrada afirma que, "na história da filosofia ocidental, o mal tem sido analisado tradicionalmente a partir de três dimensões: o mal metafísico, o mal físico e o mal moral".
18. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*. 12ª ed. Tatuí, SP: CPB, 1991, p. 61.
19. Idem.
20. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Enquanto que White limita a discussão do mal a uma compreensão bíblica, entendendo sua natureza como originariamente espiritual, Gebara aborda a temática a partir de uma análise de gênero, argumentando como o mal pode se originar a partir de uma construção social capaz de produzir opressão e exclusão das mulheres.



21. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 27.
22. Idem.
23. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*. p. 59. Ellen White usa a expressão “teriam a ciência do mal”, querendo dizer que Adão e Eva conheciam e, portanto, praticariam o mal, como realmente já o haviam feito, deliberadamente desobedecendo a ordem de Deus.
24. Ibidem, p. 60.
25. Idem.
26. ESTRADA, Op. cit., p. 13.
27. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 61.
28. ESTRADA, Op. cit., p. 13.
29. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 57.
30. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 492 e 493.
31. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 33.
32. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 497.
33. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 41.
34. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 497.
35. Ibidem, p. 499.
36. Idem.
37. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 42.
38. Ver, por exemplo: *Patriarcas e Profetas*, p. 331 e 332; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 216; *História da Redenção*, p. 30 e 37; *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, p. 595.
39. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 48, 49 e 51.
40. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 678.

ARTIGOS

SEXUALITY IN THE OLD TESTAMENT: A REVIEW ARTICLE

Elias Brasil de Souza, Ph.D.

Coordenador e professor de Antigo Testamento do curso de Teologia
Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira (BA)
ebsouza_2000@yahoo.com

Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament, by Richard M. Davidson. Peabody, MA: Hendrickson, 2007. pp. xxix + 844. \$29.95 (paper). ISBN 9781565638471.

Flame of Yahweh is a broad and detailed research written from a conservative perspective by Richard Davidson. As the author himself states, this work “undertakes the Brobdingnagian task of examining every passage of the Hebrew Bible (HB) dealing with human sexuality, in an attempt to lay bare the basic contours of a theology of human sexuality in the final (canonical) form of the OT” (p. 2). In order to accomplish this goal, Davidson builds on previous research and provides his own original exegesis in several of the passages and topics discussed. One of the central premises of Davidson’s work is the notion that the Edenic pattern for sexuality constitutes the foundation for the rest of the OT perspective on the topic (p. 3). Consistent with this premise, he provides a comprehensive and, at the same time, detailed exposition of the Old Testament concept of sexuality. An introduction, providing a helpful survey the OT sexual vocabulary, is followed by fourteen chapters divided into three sections. An afterword, drawing some implications for a New Testament theology of sexuality, closes the book.

The first section (chap. 1 and 2) deals with sexuality in Eden, which, according to Davidson’s major premise, reveals the divine design for human sexuality. Chapter 1 expounds a theology of sexuality in the beginning in ten topics emphasizing sexuality as a creation order, heterosexual human duality and marital form, monogamous marital form, equality of the sexes without hierarchy, exclusivity, permanence, intimacy, procreation, and the wholesome and holy beauty of sexuality. In chapter 3, Davidson demonstrates how the fall has affected the relationship between man and woman, and asserts that the fallen condition of humans prompted God to ascribe a servant-leadership role to man. In a careful and detailed exegesis of Gen 3:16, Davidson interacts with six major views regarding man-woman relationship in Gen 1-3. He rejects any kind of ontological subordination or inferiority of woman to man and affirms the



equality of both sexes as a creation ordinance. According to him, after the fall, “there is a *qualified prescriptive divine sentence announcing the voluntary submission of the wife to her husband’s servant leadership as a result of sin*” (p. 76, italics his). Thus, submission of woman to man must be restricted to the domain of marriage and family and, therefore, does not apply to that of society or church. But even in the context of marriage and family, the original plan of harmony and union between equal partners without hierarchy remains the ideal.

The second section (chaps.3-12) undertakes a major survey of various aspects, dimensions and distortions of sexuality, such as cultic sexuality, heterosexuality, homosexuality, monogamy, polygamy, concubinage, elevation versus denigration of women, prostitution, mixed marriages, adultery, premarital sex, divorce remarriage, incest, procreation, rape. Most of the chapters, as appropriate, begin with a helpful survey of the Ancient Near Eastern (ANE) background of the topic under discussion, followed by an organized discussion according to the three major divisions of the Hebrew Bible (i.e. Pentateuch, Prophets, and Writings). In chapter 3, discussing sexuality as a creation ordinance versus sacred marriage, Davidson provides an insightful survey of ANE views regarding sex, according to which the processes of nature are controlled by the relations of the gods and goddesses. Such perceptions led naturally to the development of a fertility cult theology in which the sex activity of the god (e.g. Baal) is emulated in the high place by sacred prostitutes (males and females) in order to stimulate the god to send rain and thus fertilize the earth. In contrast, the OT “unambiguously, vehemently, and uncompromisingly opposes the sacralization of sex that appears in fertility cult theology and practice” (p. 130).

A sustained discussion of human heterosexuality versus homosexuality, transvestism, and bestiality is undertaken in chapter 4. After a brief survey of ANE texts, Davidson investigates the biblical bearing on these topics. By examining Pentateuchal legislation and narratives, as well as material from the Prophets and Writings the author makes clear that the canonical text of the Bible utterly rejects these sexual practices as a distortion of God’s creation of a heterosexual union between male and female. Particularly interesting in this chapter is Davidson’s assessment and rebuttal of those views which see Ruth and Naomi along with David and Jonathan as biblical examples of homosexual relationships condoned by the Bible. Engaging in exegesis and interacting with relevant scholarship on these matters, Davidson agrees with those who regard such views as “speculation read into the text” and demonstrates that the narrative about Jonathan and David does not portray a “homosexual relationship but [a relationship] of friends who rose to the heights of self abnegation” (p. 167).

The discussion of monogamy versus polygamy/concubinage in chapter 5 commences with a notice of the Bible’s positive affirmations of the Edenic divine design of a heterosexual and monogamous pattern of marital relationship. A sample list of heterosexual monogamous marriage partnerships mentioned in the Bible include couples such as Adam and Eve, Noah and his wife, Isaac and Rebekah, Joseph and Asenath, Moses and Zippora. Thus it becomes clear that



although Bible narratives record several polygamous relationships (e.g. David, Solomon), they never met with divine approval. As a matter of fact, the biblical narrators convey a tacit condemnation of this practice, inasmuch as the polygamists themselves faced insurmountable problems due to conflicts and rivalry between wives and children. Furthermore, Pentateuchal legislation seems to recognize polygamy as a distortion of God's design and provides several restrictive measures against it (Exod 21:7-11; Lev 18;18; Deut 21:15-17).

Chapter 6, the largest chapter of the book, provides an insightful discussion of the idea of elevation versus denigration of women in the OT. In interaction with and responding to feminist writers, who see the OT as fundamentally a patriarchal book, being therefore oppressive towards women, Davidson successfully demonstrates that "the pattern for husband-wife relationships established in Eden (both before and after the fall) constitutes the assumed paradigm throughout the rest of the OT" (p. 212). He argues that "there is a trend toward parity between the sexes in the marriage as in Eden before the Fall" (p. 212), aptly illustrated by OT narratives portraying a high valuation of women, as seen in the Genesis matriarchs Sarah, Hagar, Rebekah, Rachel and Leah, Tamar, Shiphrah and Puah, the Egyptian princess, Jochebed, Miriam, the seven daughters of Jethro, including Zipporah, the daughters of Zelophead. These women were far from being passive instruments in the hands of oppressive men/husbands. On the contrary, although submissive their husbands leadership, they are proactive, taking initiative, and interacting with men in very positive ways. They also participated in the yearly festivals, shared in the rejoicing, singing and prayers, and joined in the sacrificial meals. Pointing to the Pentateuchal legislation regarding women, Davidson notes that although the legal codes of the Pentateuch have been very often interpreted as setting forth a view of women as inferior persons, more recent research has revealed that this legislation actually intended to protect women, since they were the more vulnerable members of society. After examining several passages usually alleged to indicate the inferior status of women in ancient Israel (e.g. Num 5; Lev 12:1-8; Lev 27:1-8; Num 30:4-17; Deut 25:11-12), Davidson concludes that "the biblical evidence does not support a lowered and oppressed status for women in the Pentateuchal legislation and accompanying narratives" (p. 255).

The case of the suspected adulteress provides an instructive example. Some feminists have considered this legislation to be the prime example of a sexist passage in the Scriptures, since there is no reciprocal provision for a suspected husband. In contrast, Davidson argues that the purpose of the law was not to humiliate or punish the woman, but to protect and defend her. After all, this is the only case in the legislation in which Yahweh promised to render a verdict by supernatural means. The woman, therefore, would be protected from any hasty decision by the husband or people. "This law, then, does not reflect a lower valuation of women than that of men, but underscores the motivation to protect the weaker members of society from oppression and abuse" (p. 245).

In this connection, Davidson also addresses the fact of an Israelite priesthood confined only to men. This situation, according to liberal feminists, indicates



male oppression over women; and according to evangelical Christian hierarchicalists is a crucial indication that women are impeded from having a leadership role over men in the covenant community. Responding to both liberal feminists and hierarchicalists, Davidson argues that priesthood was barred not only from women, but from most men in Israel, since only males from the family of Aaron qualified as priests. Although the exclusion of women from priesthood may have been due to reasons, such as monthly ritual uncleanness, low upper body strength to work at the sanctuary, and place of women within the family, Davidson suggests that the main reason may have been a polemic against ANE fertility cult. "Yahweh's institution of a male priesthood in Israel in the immediate aftermath of the worship of the golden calf, linked to Egyptian/Canaanite fertility cults-seems to have constituted a strong polemic against the religions of surrounding nations, which included goddess worship and fertility cult rituals. Since a primary function of the priestesses in the ancient Near East during the last half of the second millennium and in the first millennium was to serve as a 'wife of the god,' such a function for a woman in the religion of Yahweh was out of the question. The exclusion of women in the Israelite priesthood helped to prevent the syncretistic contamination of Israel's cultus with the introduction of the divinization of sex and sexual immorality, which was so deeply imbedded in Canaanite Baal/Asherah worship" (pp. 252-53). Thus, a male priesthood in Israel "in no way implies denigration of women and likewise in no way implies that women are barred from leadership (teaching/administrative) roles over men in the covenant community" (p. 253). Mentioning a previous study on Deut 33:8-10, Davidson mentions three essential duties of the Levites-judging, teaching; oracular techniques; cultic functions noting that only the cultic function was barred to women, "probably because of polemical concerns against ANE priestesses involvement in the divinization of sex" (p. 253).

God's original purpose for the priesthood on earth included both male and female, since according to Davidson Adam and Eve had the same role as the Levites and priests in the original Eden sanctuary, being clothed by God as priests. Moreover, in Sinai Yahweh's original intention was for Israel to be a kingdom of priests (Exod 19:6), an ideal restored by the New Testament church (1 Pet 2:4-5, 9). Although Davidson's line of reasoning seems very compelling, one might ask whether God's clothing Adam and Eve really meant their investiture as priests or was simply a gesture of grace due to their nakedness, as the biblical text implies. Also a question might be raised about the precise sense in which the concept of priesthood is being used. Israel might have been intended to function as a priestly nation in the sense of being a witness of God's presence to the nations at large (Exod 19:6). Likewise the NT idea of a priesthood of all believers (1 Pet 2:4-5, 9) might simply indicate that all church members would have immediate access by faith to God's presence, without necessarily implying that women are to be ordained to ministry.

Proceeding to the prophets and writings, Davidson demonstrates how the canonical structure of these books highlights the value of women. Rahab, for example, is valued by God for who she is, i.e. a treasured testimony of the mercy of God upon all humanity, her courage, her faith, and as an agent of salvation, being eventually integrated into the community of Israel. Other



prominent and proactive women are Achsah, daughter of Caleb, Deborah, Manoah's wife, Hannah, Ruth, Esther, among others. It should be noted, however, that the author is not oblivious to the fact that the OT reports some cases of exploitation, denigration, and abuse of women, such as Hagar, Jephthah's daughter, the Levite's concubine. Furthermore, it is mentioned that with the rise of the monarchy there entered a systematic abuse of patriarchy and abuse of women. But it remains clear that such outrageous situations are by no means met with approval by the inspired narrators of the Scriptures.

In chapter seven, Davidson addresses complex topics such as prostitution, mixed marriages, masturbation, sexual blemishes and impurities. At the outset, he emphasizes the positive affirmations of the Edenic ideal for sexual behavior shaping the theological contours of the OT Scriptures. From the Edenic ideal of sexuality emerges the concepts of wholistic anthropology, whole family, complementarity and the wholeness of sexual organs and freedom from ritual impurity. Contrary to Egypt and Mesopotamia, where prostitution/harlotry was tolerated and even recognized as a social institution, and the cases of prostitution/prostitutes reported in the narrative texts of the OT, Pentateuchal legislation clearly prohibits this practice and the rest of the Hebrew canon gives no endorsement to prostitution, sacred or otherwise. Mixed (interfaith marriages) also represented a threat to the Edenic ideal of sexuality. Such distortion of God's design was blatant at the time of the Flood (Gen 6:1-4) and continued to be a temptation to God's people throughout history. A deep concern for spiritual as well as physical wholeness in marriage seems to underlie the decision of the patriarchs in not providing pagan wives for their children (e.g. Isaac, Jacob). That this is not an issue of ethnic purity, but of preserving the faith in Yahweh, may be noted in the marriages of, e.g., Joseph and Moses, who married non Israelite women but who presumably accepted the religion of the true God. In the case of mixed marriages faced by Ezra, Davidson argues that terminological indicators suggest that the issue was not a breaking of legitimate marriages, but of nullifying those which were contrary to the law, in order to preserve the spiritual heritage of Israel (p. 322). As regards masturbation, Davidson observes that there is no clear reference to it in the OT. The narrative concerning Onan (Gen 38:9) does not suggest masturbation, but coitus interruptus. However, in the light of the seventh commandment, sexual lust or sexual fantasies about a person other than one's spouse is prohibited, and by implication it may be said that the act of masturbation is opposed to the will of God. Davidson still adds that "habitual substitution of masturbation for regular sexual relations with one's spouse when the latter is available is not fulfilling the highest ideal for sexual wholeness in marriage" (p. 325).

In the discussion sexual blemishes and ritual uncleanness related to sexuality, Davidson addresses issues regarding the prohibition of the "one whose testicles are crushed" or whose penis is cut off" (Deut 23:2) from entering the assembly of the Lord. This may represent a protest against some acts of mutilation performed in the context of fertility cults. The rationale for such prohibition is given in the previous verse (Deut 23:15): "For you are a people holy, therefore your camp must be holy." Further developing this idea, Davidson suggests that "this legislation, while theologically pointing to a divine call for holiness, may be



seen as a ritual regulation, intrinsically bound up with the presence of the holy Shechinah dwelling in the midst of Israel. Consequences for violating this ritual regulation included exclusion from the assembly of Yahweh, which presumably met in session at the cultic center of the sanctuary. When the sanctuary and Shechinah no longer existed on earth, however, this ritual exclusion no longer retained its applicability" (p. 326). Other important Pentateuchal legislations deal with sexual matters in the context of ritual uncleanness. Particularly noticeable are those defiling impurities resulting from body fluids or genital discharges.

A first rationale for such legislations may be inferred from Lev 15:31-33: "Thus you shall keep the sons of Israel separated from their uncleanness, so that they will not die in their uncleanness by their defiling My tabernacle that is among them. This is the law for the one with a discharge, and for the man who has a seminal emission so that he is unclean by it, and for the woman who is ill because of menstrual impurity, and for the one who has a discharge, whether a male or a female, or a man who lies with an unclean woman" (NASB). It becomes evident that "God radically separates sexuality from any ritual activity in the cultus. As part of a polemic against the divinization of sex in the fertility cults, God makes a clear and distinct separation between sex and sanctuary" (p. 329). Approvingly quoting Hyam Maccoby, Davidson adds a second point: "Everything that is a feature of the cycle of life and death must be banished from the Temple of the God who does not die and was not born. Not that there is anything sinful about birth and death, which are the God-given lot of humankind. But the One place in the world which has been allotted for the resting of the Divine Presence must be protected from mortality. When entering the Temple, one is entering the domain of eternity" (p. 330 quoting Maccoby, *Ritual and Morality: The Ritual Purity System and Its Place in Judaism* [Cambridge: Cambridge University Press, 199], 207). Davidson further observes that this life/death opposition is not only linked to holiness, but goes back to creation and the separation of boundaries between life, creation, and death, uncreation (p. 333).

A third rationale identified by Davidson helps one to see the relevance, at least in principle, of the laws of impurity. The Hebrew term *qōdeš* includes in its conceptual field the idea of "health/wellness" which points to a hygienic or humane component in some of these laws. Worthy of attention are those laws concerning female uncleanness, particularly regarding menstruation. One law that has continuing universal applicability and transcends a ritual context, according to Davidson, is the one prohibiting sexual intercourse during menstruation (Lev 18:19; 20:18). This prohibition is placed among laws of universal significance applicable to both Israelites and the stranger/alien. Davidson points out that there is no provision for ritual cleansing, if this provision is violated, because most probable it is not related to ritual uncleanness. And Ezek (18:6; 22:10) places this prohibition in the midst of list of ethical moral, not ritual laws (p. 333). Thus it seems that this legislation concerns the woman's physical and physiological well-being. Davidson further argues that "a growing body of scientific evidence seems to point out toward a health related (i.e. holiness/wholeness-related) rationale for this legislation. For example, studies have revealed a markedly lower incidence of cervical cancer



among observant Jewish women, who refrain from sexual intercourse during menstruation, compared with the general population. Regardless of the rationale, a biblical theology of sexuality must highlight what is often overlooked in modern sexual ethics: the prohibition against sexual intercourse with a menstruating spouse is placed on the same universal level with the prohibition of incest, polygamy, homosexuality, and bestiality” (p. 334).

The affirmations of the divine ideal of exclusivity in the marriage relationship, the high value of virginity and the distortions of adultery and premarital sex are discussed in chapter 8. The model for relationships in marriage outside the Garden of Eden is provided by Gen 2:24, according to which the marital relationship between Man and Woman is to be characterized by exclusivity, permanence, and intimacy (p. 337). Adultery is distortion of this ideal and a violation of the Decalogue, which represented Israel’s commitment to Yahweh in the Sinaitic covenant. Adultery in Israel as in other ancient Near Eastern law codes, received the capital punishment. However, in contrast to ANE law, Israel understood adultery as a sin against God and not just a civil offense. God takes adultery so seriously because it threatens the stability of the household, which was “the basis upon which the people’s relationship with God rested, therefore any attack upon the stability of the family in Israel constituted a potential threat to Israel relationship with God” (p. 349). Another distortion of the divine ideal consists of premarital sex which in Biblical law received varied degrees of punishment ranging from capital punishment to payment of fine according to order of responsibility. E.g., if a man had sexual relations with a virgin betrothed to another man, such a crime received capital punishment (Deut 23:23-27). However, if the woman was not betrothed, the man was to marry her without any permission to divorce (Deut 22:28-29; Exod 22:16-17). The Prophets and Writings portray the devastating results of sexual impurity and are consistent with the Pentateuchal ideals demanding sexual purity from God’s people.

In chapter 9, Davidson tackles the thorny issue of divorce/remarriage, which is regarded as a distortion of God’s ideal of man to cling to his wife in permanent relationship. In a detailed investigation of Deut 24:1-4, in what might appear to be a passage legitimating divorce, Davidson points out that this legislation, in the larger context of Deuteronomy, corresponds not to the seventh commandment, but belongs within the section dealing with theft. This law prevents a man from treating the woman as mere chattel or property, serving “to protect the woman from being robbed of her personhood” (p. 403). After a survey of several texts referring to divorce in the Pentateuch, Prophets and Writings, Davidson asserts that although “divorce is tolerated, conceded, permitted,” it is “never commanded, commended, or approved by divine legislation” (p. 384).

Intimacy versus incest is the topic discussed in chapter 10. In contrast to several strands of ANE literature, which depicted gods, goddesses, and humans of royal descent engaged in incest, the OT contains specific legislation against incestuous relationships (e.g. Lev 18:7-17). Cases of incest mentioned in the OT receive attention, such as the incident of Lot and his daughters (Gen 19:30-38), Reuben and Bilhah (Gen 35:22; 49:4), Judah and Tamar (Gen 38),



Absalom and his father's concubines (2 Sam 15-16), Amnom and Tamar (2 Sam 13). Davidson also undertakes a brief examination of the alleged incestuous relationship between Ham and his mother (Gen 9). Although some interpreters have suggested that "uncovering the nakedness" of the father would indicate an incestuous relationship with the father's wife (see Lev 7, 8, 14, 16), Davidson rightly argues that Ham's sin consisted in viewing his father's nakedness with an attitude of disrespect, a case of "visual incest" (p. 430).

Chapter 11 offers an instructive research on procreative sexuality versus problems/distortions such as childlessness, children born out of wedlock, and abortion. To deal with the problem of childlessness, adoption was largely employed in the ancient Near East, and possibly in Israel. The latter can be inferred by the frequent metaphors of Yahweh's adoption of the nation Israel and the David king, which suggests that adoption might have been a common experience in the daily life of ancient Israel. Davidson also reminds the reader that all the matriarchs of the Hebrew people experienced childlessness, indicating that, above the differentiation of sex, it is Yahweh who is the God of Fertility and Israel should depend on him in order to obtain the fulfillment of the promises (p. 455). An instructive section on Levirate marriage considers purpose and qualifications for someone to act as levir. Along with ensuring the continuation of the line of descent and thus perpetuating the family property, Davidson notes that protection of the widow may also have been in view. Based mainly on intertextual linkages within the Hebrew Bible, the author holds that the one to perform the duty of levir should be an unmarried brother or other unmarried relative. Commenting on Gen 38:8-10, the author concludes that the sin Onan was not masturbation as the misleading English term onanism indicates but "coitus interruptus," an act intended to avoid fulfilling the levirate duty.

In a discussion of Pentateuchal legislation forbidding children born out of wedlock to enter the assembly of the Lord (Deut 23:2), the author argues that such legislation intended to underscore the sanctity of marriage, a vital issue in the survival of the community of the covenant. Regarding reproduction/population control and abortion, he notes that several birth control practices were employed throughout the ancient Near East, such as celibacy, coitus interruptus, exotic potions, castration, and the abandonment of unwanted female babies (see the allegorical allusion in Ezek 16:4-5). As for abortion, it seems that Sumerian laws and the Code of Hammurabi do not seem to give the human fetus the legal status of person, since the penalty of miscarriage is just a monetary fine (491-92). In contrast, argues Davidson, the Pentateuchal legislation (Exod 21:22-25) and other OT passages (e.g. Job 10:8-12; Psa 139:13-16) grant the fetus the status of full human being, thus possessing a spiritual/moral nature already before birth.

Chapter 12 presents rape as major distortion of the wholesome beauty of sexuality. After surveying the ancient Near Eastern background, Davidson surveys Pentateuchal narratives (Gen 19 [Lot's daughters]; 34 [Dinah]) and laws (Exod 22:16-17; Deut 22:28-29) dealing with rape. Outside the Pentateuch the case of the Levite's concubine (Judg 19), Bathsheba (2 Sam 11), and Tamar (2 Sam



13) receive attention. But, understandably, it is the narrative of David's adultery with Bathsheba that receives a more detailed treatment. After careful analysis of the text and its broader context, Davidson concludes that "Bathsheba was not a sinister character, nor an accomplice in the events described in 2 Sam 11, but an innocent victim of power rape on the part of King David (p. 532).

Chapters 13 and 14, which make up the third section of the book, constitute the climactic point of the entire work. In these chapters Davidson argues that the Song of Songs, to be interpreted literally, portrays a return to the Garden of Eden, inasmuch as "the theology of sexuality in this song is the quintessence of profound theology in the OT the holy of holies" (p. 551). After stressing that "in the Song of Songs we have come full circle in the OT back to the garden of Eden" (p. 552) as woman and man are in harmony after the fall, ten facets of a theology sexuality emerge from Davidson's work. First, sexuality is a creation order and the Song extols and enhances the creation of sexuality in Gen 2. Second, sexuality is for heterosexual human couples. Third, sexuality is to be enjoyed in a monogamous marital form. Fourth, the song highlights egalitarianism, mutuality and reciprocity between the lovers, as suggested by an intertextual linkage with Gen 3. While Gen 3:16 reads: "Yet your desire (*těšûqātēk*) will be for your husband, and he will rule over you," Song 7:10 declares that "I am my beloved's, and his desire (*těšûqātô*) is for me." Thus, "whereas the judgment of God in Gen 3:16 stated that the woman's desire (*těšûqâ*) would be for her husband and he would "rule" (*māšal*) over her (in the sense of servant leadership), now the Song describes a reversal the man's desire (*těšûqâ*) is for his lover. But contrary to feminist readings that see here a movement away from a distorted use of male power (which is their [misguided] interpretation of Gen 3:16)," Davidson finds "here a reaffirmation of the divine ideal of full equality ('one-fleshness') between husband and wife as set forth in Gen 2:24, without denying the validity of Gen 3:16" (p. 577).

Fifth, the concept of wholeness is highlighted by the presence/absence of the lovers to each other. The lover's are eager for the each other's presence and becoming fused into one, thus implying a wholistic view of the human person as a sexual being (p. 581). Sixth, sexual love as described in the Song requires an exclusive relationship. As in Gen 2, lovers are to remain free of outside interferences in order to develop a spontaneous and intimate friendship. Seventh, the relationship is to be permanent. Davidson notes that 4:1-5:1 contains a description of the wedding ceremony between Solomon and the Shulamite. Two verses are central to the entire symmetrical structure of the Song (4:16 and 5:1). These verses seem to be equivalent to marriage vows or represent the consummation of marriage in the bridal chamber (p. 590) and the voice in 5:1e "is that of Yahweh himself, adding his divine blessing to the marriage, as he did in the first garden wedding in Eden" (p. 591). Eighth, the relationship between woman and man in marriage is to be characterized by intimacy, which is to be reserved for the matrimonial relationship. Davidson concurs with the idea that there is no indication that the woman lost her virginity prior to the consummation of marriage at 4:16-5:1 (p. 600). This intimacy, however, goes beyond the sexual union to include emotional, intellectual, aesthetic, creative, recreational, work, crisis, conflict, commitment, spiritual, and



communication intimacy (p. 601-602). Ninth, the conspicuous absence of the procreative function of sexuality in the Song is noted. If, on the one hand, this absence may have served as an implicit polemic against fertility cults, on the other, it may also have served to highlight that sexuality does not exist only for the purpose of reproduction. “Lovemaking” is “for the sake of (married) love, not procreation is the message of the Song” (p. 605).

The tenth and last facet, to which chapter 14 is devoted, affirms that sexuality is “beautiful, good, and wholesome, to be celebrated without fear and embarrassment” (p. 607). Several intertwined themes serve to emphasize this concept of paradisaic love. It is stunningly beautiful, wonderfully sensuous, an exuberant celebration, a thrilling adventure, an exquisite delight, highly erotic, a light-hearted play, a romantic love affair, powerfully passionate, and an awe-inspiring mystery. Finally, Davidson emphasizes the importance of the term *šalhebetyâ* (“flame of Ya[haweh]) in 8:6, which reads: “Put me like a seal over your heart, like a seal on your arm. For love is as strong as death, jealousy is as severe as Sheol; Its flashes are flashes of fire, the very ‘flame of the LORD’ (*šalhebetyâ*)” (NASB). “[I]f the blaze of love, ardent love, such as between a man and a woman, is indeed the flame of Yahweh, then this love is explicitly described as originating in God, a spark off the Holy Flame. It is therefore, in a word, holy love” (p. 630). Furthermore, “the love between a man and a woman is not just animal passion, or evolved natural attraction, but a holy love ignited by Yahweh himself! The love relationship is not only beautiful, wholesome, and good but holy. Lovers, then, will treat each other with godly self-giving because they are animated by a holy self giving love” (p. 630).

The work concludes with an afterword in which Davidson traces some of the trajectories of sexual theology from the OT to the NT and notes the unity and consistency in the way the two Testaments approach sexuality. A considerable amount of space is devoted to discussion of the role of women in the home and the church. On this issue, two major camps within evangelical scholarship have taken opposite views, which are denominated egalitarians and hierarchical complementarians. Davidson sides with egalitarians arguing that “NT passages [1 Cor 14:34; Eph 5:21, 24; Col 3:18; Tit 2:5; 1 Pet 3:1, 5] regarding headship and submission between men and women are limited to the marriage relationship between husbands and wives; never is there any widening of the Edenic pattern to include the headship of men over women in general or submission of women to men in general” (p. 648).

Throughout the work, Davidson keeps a very sober and irenic tone. Although discussing highly sensitive issues such as homosexuality, abortion, divorce, among others, he makes clear that restoration and healing can be achieved. Every chapter, as appropriate, concludes with a section pointing to the availability of divine grace and forgiveness for those who happened to be hurt or hurt others in matters of sexuality.

A few misspellings and typos were found. E.g. “qxc” instead of qxc (p. 98, n. 61); “*BibRev*” for “*BRev*” (p. 450, n. 13); “Judge” for “Judges” (p. 536); “hearth” for “heart” (p. 586); “is” for “it” (p. 623). The word “hand” seems to be missing in



the phrase “the word for [hand] used in the previous verse” (p. 478). Regarding the physical quality of the book, the reviewer’s main criticism would be directed toward the publisher who placed such a massive work in a paper binding. The pages are glued at the spine, and in fact some pages of the review copy easily got loose. These however are very minor afflictions.

Davidson’s work is a remarkable example of a thorough and careful research on what the Bible teaches on a single topic, i.e. sexuality. Furthermore, Davidson demonstrates a comprehensive mastery of the secondary literature, as shown by his extensive interaction with scholarship as reflected in 2368 footnotes and a 152-page bibliography. Indexes of modern authors and biblical and extra-biblical references are important adjuncts to the book, providing helpful resources for further study.

Summing up, this voluminous, broad, and detailed research has advanced the understanding of the canonical OT theology of sexuality. One may not agree with every single detail of Davidson’s exegesis and interpretation of the many biblical passages investigated; one may even take issue with his stance regarding the role of women in the church. However, no serious student of sexuality in the Bible can afford to ignore Davidson’s research. This is not merely another volume to be added to the scholar’s shelf, it is an encyclopedic research that will remain a reference work for years to come.

ARTIGOS

PROTESTANTISMO POPULAR NA AMÉRICA LATINA: ANÁLISE DA HISTÓRIA, CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES

Érico Tadeu Xavier, D.Min.

Pastor da Igreja Adventista Central de Cascavel (PR) e doutorando em Teologia pela Universidade Evangélica das Américas (Costa Rica)
prxavier@terra.com.br

Resumo: Este artigo analisa brevemente o protestantismo popular na América Latina à luz da História e das Escrituras. A primeira parte desta matéria apresenta a origem e as três ondas do pentecostalismo. Na segunda parte, busca-se descrever a expansão do pentecostalismo na América Latina, o início das missões e o pentecostalismo no Brasil. Na terceira parte, analisa-se a relevância do movimento, suas contribuições e implicações. Conclui-se o estudo, enfatizando que o papel da igreja e da religião é muito mais amplo e profundo do que proporcionar auto-estima e poder ao ser humano.

Palavras-chave: pentecostalismo, protestantismo, evangelização, igreja, religião.

Popular Protestantism in Latin America: Historical Analysis, Contributions and Implications

Abstract: This article briefly analyzes popular Protestantism in Latin America from a historical and a Scriptural perspective. The first part deals with the origin of Pentecostalism and its three historical waves. In the second part of the research, there is an essay to describe the expansion of Pentecostalism in Latin America, the beginning of its missions, and the Pentecostalism in Brazil. The third part covers the relevance of this religious movement, its contributions and implications. This investigation comes to an end arguing that the role of a Church and of a religion is much more than just that of improving self-esteem to people and empowering them.

Keywords: Pentecostalism, Protestantism, Evangelism, Church, Religion.

INTRODUÇÃO

A origem, histórico e principais aspectos doutrinários dos pentecostais serão o primeiro ponto a ser tratado sobre o protestantismo popular na América Latina. Em seguida, discorrerei sobre a expansão desse movimento por meio das missões e sua chegada ao território latino americano. Descreverei também os três períodos históricos do pentecostalismo, denominados como “ondas”, bem como algumas das suas características mais relevantes para o cristianismo atual.



Tratarei de algumas das contribuições e implicações do pentecostalismo e neopentecostalismo, caracterizando-os como a nova força do cristianismo no mundo moderno. Esses movimentos trazem no seu bojo o peso de um crescimento vertiginoso, e, por isso estimulam, conseqüentemente, a prática de uma religião típica do homem pós-moderno: quase sem compromisso, que busca satisfazer emoções, por mais efêmeras que se revelem, em detrimento de suas necessidades espirituais mais concretas e perenes.

A relevância desse trabalho se justifica pela necessidade que temos de consolidar nossa fé num Deus que planeja para o homem a felicidade eterna e para o qual devemos “apresentar nossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável, que é o nosso culto racional” (Rm 12:1-3).

1. PANORAMA HISTÓRICO DO PROTESTANTISMO POPULAR

A origem do protestantismo remonta à Reforma do século 16 e é um termo que lembra o movimento religioso que fez oposição à Igreja Católica, criando nela um cisma. Todas as denominações religiosas que ainda mantêm essa atitude separatista, em geral, são conhecidas como protestantes.

Na verdade, o termo deriva do protesto da parte de todos os que repeliam a autoridade papal que, pelo edito de 1526, pretendia se impor sobre os príncipes alemães, proibindo-lhes que dirigissem todas as questões religiosas dentro de seus próprios territórios. Esses príncipes apoiavam a luta de Martinho Lutero que, entre outras idéias, defendia a infalibilidade da Bíblia como palavra inspirada de Deus e o ministério sacerdotal de Cristo, como único capaz de perdoar o pecador.

Mas o protestantismo também sofreu divisões internas, originando as diversas denominações cristãs não católicas. As divergências entre eles envolviam questões como o livre acesso às Escrituras, a contestação dos sacramentos e a recusa de uma hierarquia ou sua subordinação ao poder político.

CHAMPLIN e BENTES (1995, p. 476) esclarecem que, mesmo antes da Reforma propriamente dita, outros movimentos religiosos já tinham recusado a autoridade eclesiástica papal. Os albigenses, nos séculos 11 e 13 e os valdenses, seita fundada em 1170 d.C., por Pedro Valdo. Ainda antes das 95 teses de Lutero serem publicadas, João Wycliffe, João Huss e os anabatistas também defendiam doutrinas essencialmente evangélicas, que contribuíram com o curso da Reforma.

Segundo eles ainda

Os três tipos tradicionais de protestantismo são: os luteranos, os reformadores e os anabatistas-menonitas. Dali, foram surgindo outros grupos, e por efeito de fragmentação, temos hoje o espetáculo de uma incrível variedade nas manifestações do cristianismo protestante e evangélico (Ibid., p. 477).

Pouco depois dos anabatistas surgiram os anglicanos, que diferem dos católicos apenas nas questões relativas à autoridade do papa, mas que, na essência de suas doutrinas reúnem mais características do catolicismo do que qualquer outra denominação protestante.



Algumas razões contribuíram para o crescimento do protestantismo. Gradativamente, ao longo dos séculos, questões que não estavam relacionadas com a autoridade papal influenciaram a elaboração de diversos corpos doutrinários que fazem parte das várias denominações protestantes tradicionais. Além disso, a perseguição aos “hereges” e outros erros visíveis e grosseiros cometidos pela Igreja oficial fizeram com que o protestantismo crescesse cada vez mais e se tornasse mais popular.

2. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO PENTECOSTALISMO

O fato que alavancou a popularização do protestantismo tem origem em movimentos que envolvem a aceitação da glossolalia ou dom de falar línguas estranhas, enfatizado como o principal entre os dons do Espírito e que causou divisão entre os protestantes tradicionais, por volta de 1900.

Na virada para o século 20, acontecimentos de extrema relevância no panorama religioso mundial, principalmente na América do Norte, deflagraram a mudança do paradigma religioso vigente até então. Desde essa época, o mundo tem presenciado um crescimento de denominações religiosas jamais visto. O pentecostalismo tem se expandido rapidamente por todo o mundo, a ponto de ser considerado um fenômeno. Os especialistas que estudam esse movimento, principalmente teólogos e sociólogos, dividem o seu processo de expansão em três fases distintas ou “ondas”.

Referindo-se à história mundial do protestantismo, David Martin (1990) distingue três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal. No Brasil, Paul Freston (1993) foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal em ondas.

2.1. A PRIMEIRA ONDA

A primeira onda, também chamada de pentecostalismo clássico, compreende o período que vai do início do movimento até a década de 1960. Esse momento histórico reflete o típico pentecostalismo, caracterizado pelo fenômeno de falar em línguas, manifestação que se popularizou a partir de 1906.

De acordo com CURTIS, LANG e PETERSEN,

É possível encontrar base para o movimento pentecostal em 1896. William F. Bryant liderou o avivamento no condado de Cherokee, na Carolina do Norte, que incluía o falar em línguas. Como essas manifestações continuaram, as pessoas foram expulsas das igrejas, edifícios religiosos foram queimados e o próprio Bryant foi atingido por um tiro. Falar em línguas não era atividade popular no condado de Cherokee (2003, p. 203).

Na virada para o século 20, alguns movimentos religiosos começaram a surgir em alguns estados americanos. Em Illinois, John Alexander Dowie, que afirmava ser Elias, o restaurador, estabeleceu uma comunidade cristã que deu origem a cidade de Sião. No Maine, outro “Elias, restaurador” apareceu, na pessoa de Franck Sandford, que fundou a comunidade de Siló.

Em 1900, Charles Fox Parham, pregador metodista da linha Holiness¹ (santidade), passou algumas semanas em Siló, onde ficou impressionado com



a escola bíblica fundada por Sandford. Nessa escola, a Bíblia era o único livro usado e o Espírito Santo, o único professor.

Quando voltou para casa, Parham e sua esposa fundaram sua própria escola bíblica, na qual iniciaram suas atividades com 40 alunos matriculados. Começava a procura por base escriturística a respeito do batismo do Espírito Santo. No culto de vigília do ano novo, em 1901, após muita oração, Parham impôs as mãos sobre uma mulher que participava das reuniões e “a glória caiu sobre Agnes Ozman”. Ela parecia ter sua cabeça cercada por um halo e começou a falar em chinês, o único idioma que dizer nos três dias seguintes. O incidente na Escola Bíblica Betel (escola de Parham) era apenas o precursor da grande expansão do movimento pentecostal para o mundo inteiro.

Por sua vez, ELWEL (1990, p. 196) coloca esse fato como ponto de partida do movimento pentecostal, mas cita outra data (1906), e o reavivamento da rua Azusa como o início da expansão mundial do pentecostalismo.

XAVIER (2004, p. 9) afirma que

O movimento pentecostal teve início em 1906, na rua Azusa, nº 3, Los Angeles, EUA. Dali o movimento se estendeu até Chicago, onde um pastor batista, de origem sueca, chamado Gunnar Vingren, recebeu o que ele imaginou ser o batismo do Espírito Santo. Vingren começou, então, a pregar sobre esse assunto nas igrejas batistas de Menominee (Michigan) e South Bend (Indiana).

CURTIS, LANG e PETERSEN (2003, p. 202) citam uma reportagem do jornal *Los Angeles Times*, em sua edição de 18 de abril de 1906: “As reuniões acontecem em um prédio decadente na rua Azusa, e os devotos de doutrinas estranhas praticam os ritos mais fanáticos, pregam as mais extravagantes teorias e se colocam em estado de louca euforia quando se entregam ao fervor pessoal”.

Os cultos na Missão da Rua Azusa também foram descritos como “demonstrações selvagens e histéricas” e caracterizadas “por confusão, dança, pulos, quedas no chão, transe, quedas no espírito, línguas, contorções, histeria, sons estranhos, e risada santa”.

Charles Parham, conhecido como o pai do pentecostalismo e presidente da referida Escola Bíblica Betel também fez uma avaliação negativa das manifestações, após visitar a Missão da Rua Azusa, em 1906. Ele descreveu aquelas línguas como “confusas e inarticuladas, desenfreadas e exasperadas, falando absolutamente nenhuma língua existente”. De acordo com Parham ainda, dois terços das pessoas que seguiam o pentecostalismo em seus dias foram hipnotizadas ou conduzidas à loucura. Assim, o pai do pentecostalismo rejeitou totalmente as reuniões da rua Azusa como sendo uma imitação fraudulenta, manipulada e demoníaca.

A primeira onda continuou com aqueles que diziam ressuscitar os mortos (ninguém jamais provou isso), que oravam sobre lenços, curavam os enfermos, “caíam no espírito”, garantiam prosperidade² àqueles que contribuíssem com o seu ministério. Entretanto, os membros da primeira onda nunca receberam o respeito dos protestantes tradicionais ou da população em geral. O caráter moral de muitos de seus seguidores e líderes não contribuía para esse reconhecimento. O próprio Parham foi removido do ministério depois de ser



preso, com acusação de sodomia. William Branham³ profetizou falsamente que o arrebatamento ocorreria em 1977. Aimee McPherson⁴ (depois do divórcio e diversos relacionamentos amorosos) morreu de overdose. Kathryn Kuhlman, citada por Benny Hinn⁵ num de seus livros, envolveu-se romanticamente com um homem casado, com o qual se casou após ele se divorciar de sua mulher (posteriormente, eles se divorciaram também).

Nos Estados Unidos, as igrejas pentecostais tiveram início na virada século 20, entre 1896 e 1910. Os membros que experimentaram o "batismo no Espírito Santo" acabaram sendo excluídos de suas antigas igrejas, formando assim outras comunidades que levaram o nome de Assembléias de Deus. Vale lembrar que essas comunidades não formavam uma igreja, mas estavam unidas pela manifestação glossolálica. Por isso, não devem ser confundidas com a denominação brasileira que leva o mesmo nome.

2.2. A SEGUNDA ONDA

A segunda onda do pentecostalismo, também chamada de neoclássica ou neopentecostalismo, foi marcada por movimentos renovadores entre os pentecostais. Inicia-se por volta de 1960, quando novas denominações religiosas independentes surgiam de forma abundante. Alguns autores sugerem que, entre a primeira e a segunda ondas, houve um declínio do pentecostalismo do primeiro momento.

DOMINICK (2002, p. 9) aponta uma das influências para o surgimento do neopentecostalismo. Segundo ele, a teologia dos crentes lunáticos chamados de "os Bíblias" estava declinando, enquanto que o movimento Os Iluminattis, organizado em 1776, ganhava força no seio pentecostal. Essa corrente - formada por homens de ciência e intelectuais que pretendiam dar uma nova roupagem à religião que, até então, se limitava ao uso e interpretação da Bíblia como única fonte de pesquisa - infiltrou-se, na década de 1940, entre os pastores pentecostais. O objetivo era mudar os paradigmas do pentecostalismo clássico, preparando-o para a grande unificação chamada de Nova Ordem Mundial.

Assim, em 1962, aconteceu na Universidade de Yale (EUA), a primeira manifestação protestante de glossolalia no meio acadêmico universitário. Isso atribuiu ao pentecostalismo um novo significado e uma nova interpretação, diferente daquela aceita pelos "lunáticos" chamados de "os Bíblias".

Estava posta a pedra fundamental do neopentecostalismo, ou, a segunda onda do pentecostalismo. Como no primeiro estágio, a ênfase estava nos dons espirituais, principalmente no de milagres e de línguas, que começaram a se manifestar nas igrejas cristãs tradicionais. Já em 1960, luteranos, batistas, metodistas, presbiterianos, anglicanos/episcopais, menonitas, Igreja de Cristo, Igreja Unida de Cristo começaram a assimilar o fenômeno de falar línguas estranhas.

2.3. A TERCEIRA ONDA

O pentecostalismo da terceira onda ou neopentecostalismo começou na segunda metade da década de 1970 e ainda está em processo de crescimento. DOMINICK (2002, p. 7) atribui sua origem às idéias surgidas no interior do Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, pelos professores de crescimento de igrejas, Peter Wagner e John Wimber.



Conforme DOMINIK, as idéias de Wagner e Wimber resultaram o cancelamento do curso que ambos ministraram no seminário. Com o desligamento, Wimber fundou a comunidade Videira, que além de pregar o dom de línguas, enfatizava os sinais e maravilhas. Ela foi a catalisadora do movimento da terceira onda. Em Toronto, Canadá, a comunidade Videira se iniciou na prática do “avivamento do riso”, e mais tarde, embora Wimber tenha cortado relações com a comunidade de Toronto, por causa de excessos como o “rugido do leão”, as comunidades Videira continuaram a manifestar o “avivamento do riso”.

No que tange a conquista de adeptos, os líderes do neopentecostalismo utilizam intensamente veículos de comunicação de massa, como rádio e televisão.

Uma das características da terceira onda que a difere das duas anteriores é que, doutrinariamente ela não reivindica que uma pessoa tocada pelo Espírito Santo tenha que, necessariamente falar em outras línguas. Ela pode falar ou não; o mais importante é estar cheia do Espírito Santo. A ênfase da terceira onda, portanto, está no “Poder da Oração”.

LEITE FILHO (1990, p. 11 e 12) estabelece semelhança entre as várias denominações do neopentecostalismo, quanto à sua metodologia de trabalho. Segundo o autor, fazem parte da estratégia para conquistar adeptos, a coação física e pressão psicológica; a utilização de um estado de debilidade, miséria e ignorância; oferecimento de benefícios materiais, aberta ou velada; motivações políticas e promessas de curas físicas; falta de formação acadêmica; egocentrismo, ambição e falta de equilíbrio por parte dos líderes.

O autor ainda comenta que,

O homem de hoje está à procura de novos caminhos. Todos estão em busca do novo. Aliás, esta é uma característica comum do ser humano em todas as épocas, basta olhar a história da ciência, da filosofia, das idéias. (...) Estamos presenciando o surgimento de expectativas apocalípticas sensacionalistas, só que em realidades contextualizadas bem diferentes. O neo-pentecostalismo demonstra a insegurança do ser humano em relação a Deus, como afirmou o teólogo Bonhoeffer: “O mundo envelheceu mas não amadureceu.”. (Ibid., p. 13)

A busca do novo, a incerteza pelo dia de amanhã, a insegurança causada por uma sociedade conturbada social, política e economicamente, aliados a ofertas de uma religião caracterizada por princípios flexíveis e, muitas vezes, negociáveis, tem feito com que mais e mais pessoas aceitem o pentecostalismo, resultando na expansão rápida por todo o mundo, principalmente na América Latina, onde as dificuldades sociais e econômicas são cada vez mais crescentes.

3. A EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO NA AMÉRICA LATINA

A expansão do pentecostalismo na América Latina está intimamente relacionada com a perseguição religiosa na Europa, concomitantemente à Reforma e às Grandes Descobertas feitas pelos portugueses e espanhóis, e à fidelidade desses povos ao catolicismo, mencionada anteriormente, que despertou no seio da igreja católica que usou como instrumento,



especialmente, a Ordem dos Jesuítas para imprimir nos povos nativos a religião considerada oficial no velho mundo.

3.1. O INÍCIO DAS MISSÕES NA AMÉRICA LATINA

O movimento missionário na América Latina, em seus primórdios, foi eminentemente ligado a Igreja Católica Romana, que junto às expedições ao Novo Mundo, enviava missionários, padres e congregações, com o objetivo de “salvar as almas pecadoras”, que eram os habitantes indígenas.

As Grandes Navegações e conseqüentes ações colonizadoras e exploratórias impulsionaram significativamente o estabelecimento de missões na região.

As missões católicas foram caracterizadas, segundo EKSTRÖM (2001, p. 92), por:

- Imposição – a cristianização à força;
- Superficialidade – não atingiu a alma do povo;
- Sincretismo – aproveitou-se de elementos religiosos já existentes e não fez clara distinção entre o cristianismo e o animismo. Inclusive facilitado pelo misticismo espanhol e português.

Porém, há registros de missionários que efetivamente lutaram para criar condições para o estabelecimento da fé e do Evangelho, aliado a um desenvolvimento social, político e econômico.

Três fases distintas caracterizam o movimento missionário latino americano: (a) heróica (conversão e o batismo dos indígenas sem um critério pré-estabelecido); (b) missionária (ensinos mais sistemáticos sobre a doutrina e prática cristãs); (c) paroquial (com o estabelecimento de um sistema mais sólido).

Em decorrência, na América Latina ficou enraizada a religiosidade imposta pela Igreja Católica Romana, que perdurou durante séculos, adotando uma nova configuração em tempos mais recentes, com a chegada das missões protestantes.

Contudo, essa região do planeta, em sua maioria, continua sendo de maioria católica. Não estamos nos referindo a um catolicismo prático, mas cultural, que permeia a sociedade. Parece haver uma tendência de professar-se católico, até mesmo por parte de quem é ateu; e, por outro lado, também há uma tendência de se autodenominar protestante por parte de todos os que querem manifestar discórdia aos princípios e à fé católica.

Esse antagonismo natural existente entre católicos e protestantes, aliado ao descontentamento com a igreja enquanto instituição, que foi aumentando com o passar dos séculos, mais a hegemonia do catolicismo e sua ligação com o poder político secular, favorece o avanço do pentecostalismo, e este, por sua vez, tem se aproveitado sabiamente dessa conjuntura.

3.2. AS MISSÕES PROTESTANTES

Relata EKSTRÖM (Ibid., p. 93) que a primeira tentativa de uma missão protestante na América Latina “foi feita pelos huguenotes franceses [...] em 1555. Os franceses foram, no entanto, expulsos em 1567 e nada sobrou de seu empreendimento ‘missionário’”.



Novas tentativas ocorreram em 1624 e 1654, desta feita por holandeses, mas que também resultou infrutífera. Há relatos de outras tentativas entre 1698 e 1700, no Panamá, por reformados escoceses.

MONDRAGON (2005, p. 47) concorda ao afirmar que “La presencia protestante en América Latina y el Caribe se remonta al siglo 16 con el inicio mismo de la colonización española y portuguesa”.

Ele ainda afirma que (Ibid., p. 49):

Es el caso de las primeras tentativas de colonización protestante en América desde el siglo 16: la colonia de los Welser en Venezuela (1528-1546), la colonia hugonota francesa en Rio de Janeiro (1555-1560), y la colonia hugonota en la Florida (1564-1565). In los siglos 17 y 18 se fundaron en las Antillas colonias donde se practican cultos protestantes. Algo similar sucedió en el Brasil, cuando se permitió la inmigración europea a este país e la tolerancia religiosa a los recién llegados, muchos de ellos con ideas y doctrinas protestantes.

Porém, foi somente no início do século 19 que as primeiras igrejas protestantes efetivamente chegaram ao continente, por força da vinda de imigrantes alemães, ingleses, italianos e americanos, entre outros. Essas pessoas trouxeram seus credos e se organizavam no sentido de professá-los. “Uma das primeiras igrejas fundadas e que existe até hoje foi a Igreja Anglicana do Rio de Janeiro, em 1819” (EKSTRÖM: 2001, p. 93).

Relata ainda o autor que os primeiros missionários a virem para o continente latino-americano, por ano e denominação religiosa da época, foram:

- Presbiterianos: Argentina 1823, Colômbia 1859, Brasil 1859, México 1871 e Guatemala 1882;
- Metodistas: Brasil 1835, Argentina 1835, Uruguai 1835, México 1872, Chile 1877 e Bolívia 1901;
- Batistas: México 1870, Brasil 1881, Argentina 1881 e Bolívia 1895 (Nuñez e Taylor *apud* Ibid., p. 16).

Segundo DEIROS,

En America Latina, el desarrollo del pentecostalismo y el movimiento carismático ha sido notable, ya que en pocos años ha superado el fantástico crecimiento del protestantismo en general. Hacia 1950 se estimaba que un 25% de los protestantes latinoamericanos eran carismáticos. Pero hoy se estima que más del 75% lo son. En otras palabras, tres de cada cuatro protestantes en America Latina son pentecostales (1992, p. 161)

A partir de então, o fortalecimento das missões evangélicas (ou protestantes) vem se dando gradativamente no continente latino-americano. Segundo EKSTRÖM (2001, p. 18) em 1916 eram 378 mil evangélicos no continente, número que chegou em torno de 80 milhões, em 2000.

Apesar de ainda ser um continente povoado por maioria católica, o catolicismo eclesial está perdendo a força, a ponto de preocupar as altas lideranças da igreja. Um exemplo disso é confirmação da reunião da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (Celan), que inicialmente



deveria ser realizado em Roma, mas o papa Bento 16 decidiu, juntamente com os bispos e cardeais, transferir para a cidade de Aparecida do Norte, no Brasil.

Segundo o site do jornal *Folha de S.Paulo*⁶ essa decisão foi influenciada pela evasão dos fiéis católicos de suas igrejas e ao avanço do pentecostalismo, conquistando espaços que, até então, eram redutos do catolicismo. O então cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes revelou, em declaração ao jornal, que nos últimos 15 anos o percentual de fiéis católicos foi reduzido de 83% para 67% no Brasil.

Por outro lado, o protestantismo cresce, alavancado pela terceira onda ou o neopentecostalismo, que, por um lado tem combatido as religiões afros e a idolatria, e por outro, tem barganhado a fé e as doutrinas pela afirmação de que “basta aceitar Jesus” para ter todos os problemas resolvidos.

MONDRAGON (2005, p. 59) esclarece que:

El protestantismo latinoamericano del siglo 20 se puede dividir en tres grandes bloques: a) las iglesias más antiguas, en las que se contemplan las distintas tradiciones teológicas que surgieron entre los siglos 16 y 19 (incluimos aquí la tradición anabaptista); b) las iglesias pentecostales y neopentecostales, que surgen en el siglo 20 y constituyen hoy el sector mayoritario del mundo evangélico latinoamericano; y c) las iglesias independientes que comprenden todos aquellos grupos, pentecostales y no pentecostales, desligados de las iglesias más institucionalizadas.

Esse protestantismo é chamado de popular porque pertence a todas as camadas sociais. DEIROS (1992, p. 1640) afirma que esse protestantismo “no está cerrado a uma determinada classe social, si bien resulta sumamente atractivo para los setores más humildes”.

Esse autor ainda destaca doze características do protestantismo popular, que julgamos relevante aqui resumir:

- (1) Rechazo de la religión institucionalizada;
- (2) Igualdad tanto en la organización como en la interpretación de la espiritualidad;
- (3) Las congregaciones del protestantismo popular son organizaciones de clase;
- (4) Flexibilidad de espíritu que produce tolerancia;
- (5) Seguimiento de personalidades carismáticas;
- (6) Individualismo;
- (7) Emocionalismo y misticismo;
- (8) Adecuado sistema de comunicación;
- (9) Liturgia de hondo contenido dramático;
- (10) Énfasis em lo sobrenatural y milagroso;
- (11) Énfasis sobre la participación grupal;
- (12) El liderazgo adquiere su autoridad en base a su función y no en base a su trasfondo. (Ibid., p. 167-169)

Todas essas características contribuem para o crescimento do protestantismo popular devido às facilidades e flexibilidade que oferecem aos crentes quanto às diversas formas de culto que praticam, proporcionando a



cada indivíduo a possibilidade de escolher a denominação religiosa que mais se aproxime da sua filosofia e estilo de vida.

SOUZA e MAGALHÃES (2001, p. 85) afirmam:

O crescimento de movimento religiosos de inspiração pentecostal na América Latina, subcontinente tradicionalmente católico, é um dos fenômenos culturais mais surpreendentes da atualidade. De um contingente que se apresentava como uma subcultura avessa à exposição pública e auto-enclausurada, hoje sua presença se destaca não apenas no que diz respeito ao contingente numérico, mas principalmente por sua visibilidade nos meios de comunicação de massa.

O neopentecostalismo ainda se encontra em processo de franco crescimento, e este é um fato comum a toda a América Latina, e já se consolida como força social e política e isso, em grande parte, se deve ao uso da mídia como meio de evangelização.

Paul FRESTON (1998, p. 337) comenta que, numa estimativa conservadora, realizada entre 1990 a 1994, calcula-se que 45 milhões de latino-americanos sejam evangélicos. Desses, um terço é protestante e dois terços são pentecostais. A expansão do pentecostalismo entre os evangélicos de cada país varia de 30% nos Andes a 80% no Chile, onde respectivamente, 5% e 20% da população é evangélica. No Brasil, onde esse percentual é semelhante ao Chile, 62% da população evangélica são pentecostais. Na Guatemala, onde 30% da população é evangélica, três quartos são pentecostais.

STOLL (1990, p. 8 e 9) concorda com esses dados, pois segundo ele, em 25 anos (de 1960 a 1985), o número de evangélicos duplicou no Chile, Venezuela, Paraguai, Panamá e Haiti. Na Argentina, Nicarágua e República Dominicana, triplicou. No Brasil e em Porto Rico quadruplicou. Em El Salvador, Costa Rica, Peru e Bolívia, quintuplicou. No Equador, Colômbia e Honduras, sextuplicou; e na Guatemala esse número cresceu sete vezes.

Mas o descontentamento com a instituição “igreja”, bem como os métodos de evangelização em massa por meio da televisão e outros meios de comunicação, não são os únicos fatores que contribuem para a expansão do pentecostalismo.

Ricardo MARIANO (1996, p. 24) defende que o crescimento do pentecostalismo se deve ao fato de ser esta a “religião dos pobres”. Essa afirmação é uma alusão aos fundadores das diversas denominações religiosas, mas também se refere à maneira como a fé é entendida e vivida pela classe pobre, que é diferente da classe alta. A pobreza dá pouca importância ao desenvolvimento intelectual, mesmo porque suas condições de sobrevivência não lhe permitem tal privilégio, e, por isso, essa classe vive a religião de forma intensamente emocional.

BARRO (2006, p. 263) discorda de Mariano, no que diz respeito a realidade brasileira:

Não podemos negar que o pentecostalismo e o neopentecostalismo é (sic) uma das grandes forças dentro do movimento evangélico. Está inserido em todas as camadas da sociedade e não é mais a religião de pobre para pobre. Setenta



anos após a fundação das assembléias de Deus, podemos afirmar que percorreu uma longa estrada a qual teve início na suspeita das denominações históricas até o momento em que é reconhecida como igreja pentecostal clássica.

Seria mesmo, apenas os pobres os únicos que se afastam do meio intelectual em busca da compreensão do eterno, a partir de suas emoções?

3.3. O PENTECOSTALISMO NO BRASIL

O Brasil é o maior país em número de católicos e espíritas do mundo, e o segundo maior em membros das Testemunhas de Jeová. Neste país, em que 92% da população (aproximadamente 180 milhões de habitantes) são cristãos, o crescimento dos mórmons foi de 80% desde que aqui chegaram.

A região brasileira que apresenta o maior número de evangélicos é a Norte, nos estados de Rondônia, Amapá, Roraima e Amazonas. Rondônia é o que possui o maior percentual (27%) de evangélicos entre a população cristã.

Como nos outros países da América Latina, no Brasil, o movimento religioso que mais cresce é o neopentecostal, seguido pelo pentecostal, sendo a Assembléia de Deus, desse segmento com o maior número de adeptos.

XAVIER (2004, p. 12) afirma que, pouco depois dos acontecimentos da Rua Azusa, "Gunnar Vingren e Daniel Berg [...] resolveram viajar para o Estado do Pará, Brasil, onde iniciaram o movimento pentecostal".

Quando chegaram ao Pará, na capital Belém, Berg e Vingren se hospedaram numa igreja batista, pastoreada por Eric Nelson. Ali, começaram a expor suas idéias pentecostais, o que lhes custou discórdia entre eles e a maioria dos membros daquela congregação, da qual foram, mais tarde, desligados, juntamente com mais 18 adeptos. Assim, iniciava-se no Brasil o movimento pentecostal, com a fundação da igreja Assembléia de Deus, por Vingren e Berg. Essa denominação é hoje uma das principais expoentes do movimento do país.

Edilson VALIANTE (2000, p. 6) acrescenta que

A expansão das Assembléias de Deus se deu, em primeiro lugar, nas regiões Norte e Nordeste, chegando a São Paulo somente em 1927. Por volta de 1930, eram já cerca de 15 mil membros no Brasil. Com o crescente fenômeno de urbanização proletária ocorrido nas grandes cidades, a igreja se desenvolveu consideravelmente.

BARRO (2006, p. 256) afirma que a igreja Assembléia de Deus conta, atualmente, com cerca de 12 milhões de adeptos, porém, a igreja pentecostal mais antiga no Brasil, é a Congregação Cristã, que surgiu em 1910, na cidade de São Paulo, cuja origem foi resultado de discórdias teológicas entre o missionário Luigi Francescon e a Igreja Presbiteriana, pela qual começou seu trabalho no país. O autor ainda esclarece que a Igreja Presbiteriana já estava instalada no Brasil 50 anos antes da vinda de Francescon.

Existem no território nacional, centenas de igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais. As principais, além da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil, são: Igreja do Evangelho Quadrangular,



Igreja Deus é Amor, O Brasil Para Cristo, Igreja Renascer, Igreja Sara Nossa Terra e Igreja Universal do Reino de Deus.

VALIANTE (2000, p. 13-16) apresenta diversas razões, classificadas como psicorreligiosas, econômicas e relativas ao poder, para o crescimento do pentecostalismo no Brasil. Ele se refere à reação natural, diante da incapacidade das igrejas tradicionais de se tornarem menos estáticas e mobilizar as massas; à democratização do religioso, proporcionando ao trabalhador comum e sem nenhuma formação acadêmica, a liberdade para instituir sua própria igreja; a aceitação do ministério das mulheres que se autodenominam pastoras, bispas e apóstolas; a facilidade apresentada pelas igrejas pentecostais para se lidar com questões existenciais, levando o indivíduo a procurar um movimento religioso em que, supostamente, seus problemas serão mais rapidamente resolvidos; a promessa de um enriquecimento fácil e rápido, principalmente para os que se aventuram a serem líderes desses movimentos; e, finalmente, as questões relativas ao poder, que levam centenas de fiéis das diversas denominações a se filiarem a um partido político e a concorrerem a cargos públicos, amparados pela credibilidade conferida pelo fato de ser evangélico.

Outro fenômeno que merece ser estudado com maior dedicação e que exige um espaço maior para sobre ele se escrever, é a teologia da prosperidade que, iniciou, no Brasil, uma verdadeira cruzada contra as desgraças e a pobreza, aliadas à idolatria. A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada pelo bispo Edir Macedo, hoje com mais de oito mil igrejas no país, algumas de tamanho impressionante, e mais de duas mil na América Latina, é uma das denominações mais representativas dessa linha.

Esse movimento, porém, iremos considerar mais adiante quando trataremos das implicações do crescimento vertiginoso do pentecostalismo e do neopentecostalismo na América Latina.

4. RELEVÂNCIA DO PENTECOSTALISMO NA AMÉRICA LATINA

O crescimento do pentecostalismo na América Latina, e, conseqüentemente, o conhecimento do Evangelho, bem como o aumento do número de igrejas cristãs não católicas e a grande aceitação do protestantismo em suas variadas formas, aumentando o número de adeptos, é algo admirável e que, ao mesmo tempo suscita muitas interrogações por parte de teólogos e pesquisadores.

Agora vamos nos deter na análise de algumas contribuições e implicações resultantes da rápida expansão do protestantismo, em suas variadas formas, na América Latina.

4.1. CONTRIBUIÇÕES

Muitas são as contribuições do pentecostalismo e do neopentecostalismo para o cristianismo. BARRO (2006, p. 270-272) cita a relevância do estilo de culto prestado por pentecostais e neopentecostais, atraindo multidões para seus templos, com o uso de instrumentos musicais modernos, diferindo dos protestantes tradicionais que chegaram ao continente americano, quando apenas o piano e o órgão eram instrumentos usados nas



igrejas. Os jovens, principalmente, se sentem atraídos pela liturgia dessas denominações que se aproxima muito da música rock.

Outro fator relevante citado pelo mesmo autor é a disposição que os pentecostais e neopentecostais têm para evangelizar, e esse fator, aliado com a facilidade legal para se estabelecer igrejas, faz com que o número delas aumente consideravelmente.

Merece ainda destaque na citação de BARRO, a fidelidade às doutrinas bíblicas (segundo o entendimento de cada denominação) que, conforme eles devem ser sempre entendidas literalmente. E por último, a obediência pastoral, pois a palavra do pastor é raramente questionada, “pois o sistema de governo da igreja não dá margem para que isso aconteça”. (Ibid., p. 272)

4.2. IMPLICAÇÕES

Igualmente, muitas são as implicações do pentecostalismo e neopentecostalismo latino-americano, mas destacaremos apenas três, que consideramos os mais relevantes

4.2.1. FALTA DE COMPROMETIMENTO COM A TOTALIDADE DO EVANGELHO

Uma das preocupações daqueles que são envolvidos com a evangelização, refere-se à falta de comprometimento com o evangelho e com a pureza doutrinária e teológica que devem caracterizar todos os cristãos que querem se manter fiéis aos princípios divinos expressos na Bíblia.

PADILLA (2005, p. 142) menciona:

Quando se leva em consideração que o surpreendente crescimento da igreja em várias partes do mundo hoje tem seu paralelo num avivamento religioso fora do contexto do cristianismo, fica evidente que deste tipo de crescimento de igreja deve ser avaliado à luz do propósito de Deus para a vida e a missão da igreja. Mais cedo ou mais tarde será necessário se fazer uma pergunta sobre o que é aquilo que está crescendo, a fim de ver se as igrejas que se multiplicam são expressões genuínas do evangelho. Quando se faz isso fica claro que o crescimento da igreja no Terceiro Mundo é somente o lado luminoso de um quadro que também tem um lado obscuro, representado pelos problemas que colocam a igreja frente a um grande desafio.

Essa declaração reflete da parte deste autor, a preocupação genuína relativa à aceitação total do evangelho por parte dos que são, supostamente, evangelizados. É necessário lembrar que o evangelho tem um poder transformador e vivificante, levando o cristão ao comprometimento com princípios eternos expressos nas Escrituras Sagradas e à disposição para, se necessário, sofrer as conseqüências que tais princípios acarretam.

PADILLA (Ibidem.) ainda estabelece uma distinção clara entre ser evangelizado e ser batizado, sugerindo que, o mundo cristão de hoje está muito mais batizado do que evangelizado. Essa afirmação parece fazer referência a realização de grandes cruzadas evangelísticas em que o sucesso é medido pelo número dos que são batizados, sem nenhuma familiaridade com a nova fé que irão professar, e o barateamento dos princípios oriundos da “fé que uma vez foi entregue aos santos”.



Muitas igrejas medem e divulgam seu sucesso pelo crescimento numérico, o que faz com que boa parte dos instrutores bíblicos (obreiros) trabalhe com os olhos voltados para alvos, metas que deverão ser alcançadas num determinado período de tempo, assemelhando-se a grandes empresas que estão inseridas no mercado capitalista.

Outra conseqüência do predomínio da quantidade sobre a qualidade no que se refere ao trabalho de evangelização, é a grande rotatividade dos adeptos dessas denominações. A transição de uma igreja para outra, fruto do descontentamento com líderes, formas de culto, expectativas não correspondidas, intrigas entre a irmandade e outras razões, revelam a crença de que “todos os caminhos levam à Roma”, ou a Deus. Em outras palavras, todas as religiões são iguais, independente daquilo em que acreditam.

Essa rotatividade ainda revela a crença que, particularmente, parece ser a mais grave: Deus é flexível e pode se adaptar ao estilo de vida do crente, por isso, o novo membro deve aderir a uma denominação com a qual se identifique. Essa crença, aliada ao desejo de sucesso pessoal e financeiro, tem levado ao surgimento de inúmeras igrejas, cujos fundadores, geralmente, são dissidentes de outras denominações mais tradicionais.

LEITE FILHO (1990, p. 73) menciona a existência daqueles “que defendem o ecumenismo a partir da experiência pentecostal: todos os grupos pentecostais unindo-se em torno do batismo do Espírito Santo”. Embora não formalizada, essa prática já faz parte da realidade do mundo pentecostal, evidenciada na renúncia e adesão freqüentes, por parte dos crentes, às novas igrejas, desde que sejam pentecostais.

4.2.2. A ÊNFASE NOS DONS ESPIRITUAIS DE RESULTADOS VISÍVEIS E SENSÍVEIS

Outro fator preocupante no que diz respeito ao crescimento do pentecostalismo, e seu compromisso com a qualidade e a firmeza da fé dos seus adeptos, é a relação deste crescimento com os dons espirituais que são manifestados de forma visível e que trazem vantagens temporais imediatas aos crentes. Entre os dons do Espírito mencionados nas Escrituras, o pentecostalismo destaca os de cura e de milagres, e, principalmente, o dom de línguas, nota tônica do movimento desde seus primórdios.

Para LEITE FILHO (Ibid., p. 71) “os neopentecostais também enfatizam o esforço dos crentes em procurar uma segunda bênção, uma comunhão mais íntima com Deus, evidenciada pelo dom de línguas; não ficam satisfeitos com a graça de Deus somente”.

XAVIER (2004, p. 33) afirma que

Embora se ensine que a pessoa que se torna cristã deva receber o batismo do Espírito Santo e falar línguas estranhas (como prova de que recebeu o Espírito Santo), a Bíblia não diz nada disso. [...] o dom de línguas foi dado com um propósito evangelístico, a fim de se difundir a mensagem do evangelho entre outros grupos lingüísticos. O dom de línguas é apenas um dos diversos dons que o Espírito Santo distribui aos crentes como lhe convém.

A ênfase do evangelho, portanto, não está no dom de línguas acima de qualquer outro dom, mas na salvação eterna em Jesus.



As igrejas mais freqüentadas atualmente são as igrejas-shows, que promovem curas, milagres diversos, enfatizam o dom de línguas, o enriquecimento rápido, e o louvor semelhante a mega-eventos de música rock. O compromisso requerido dos seus adeptos, pelos seus líderes, gira em torno da devolução dos dízimos e ofertas e “sair do chão” na hora de louvar.

LEITE FILHO (1990, p. 89) comenta que

As músicas das igrejas tradicionais são substituídas pelos corinhos, mais facilmente aprendidos do que os hinos. Os cânticos são abundantes nos cultos, do início ao final. Aos domingos, os cânticos são acompanhados por uma verdadeira banda de música, em algumas igrejas. As melodias ajudam a despertar o emocionalismo e expressam a espontaneidade. Desaparece a formalidade. Estimulados pelos cânticos, os crentes oram envolvidos num clima de sentimento e emoção.

O louvor extasiante ao qual os fiéis se dedicam, levam muitos a manifestações espirituais impressionantes, com gritos, lágrimas, risos desenfreados, rodopios frenéticos, quedas bruscas e até violentas, acompanhado pelo falar em outras línguas, interpretadas por alguns como “línguas dos anjos” mencionadas nas Escrituras.

BRUNER (1986, p. 15) afirma que

O ensino distintivo do movimento pentecostal diz respeito à experiência, à evidência e ao poder daquilo que os pentecostais chamam de batismo no Espírito Santo. O pentecostalismo deseja, em resumo, ser entendido como um cristianismo de experiência, sendo que sua experiência culmina no batismo do crente no Espírito Santo, evidenciado, como no Pentecostes, pelo falar em outras línguas.

E LEITE FILHO (1990, p. 87) ratifica:

Influenciados por métodos psicológicos [...] os neopentecostais dão ênfase ao Espírito Santo, ao sensacionalismo nos cultos, à experiência mística, ao emocionalismo. A experiência espiritual realiza-se nas emoções e não no raciocínio e vontade. Colocam eles uma ênfase demasiada no Espírito Santo, em detrimento da doutrina da Trindade.

Quando são realizados cultos apelativos às necessidades psicológicas e materiais básicas, sobrepondo-se às necessidades espirituais, a tendência é a resposta imediata do povo aos pregadores populares. A máxima de Tomé é repetida nas respostas do crente: “Eu preciso ver para crer”.

A busca pela realização imediata dos mais profundos anseios materiais e emocionais leva o fiel a se apegar ao movimento ou ao líder que promete bênçãos rápidas, sem muito esforço e sem comprometimento.

Entre as igrejas neopentecostais que mais cresceram nas últimas décadas, estão aquelas que pregam uma prosperidade financeira imediata. A teologia da prosperidade é o foco de nossas considerações nas últimas linhas deste trabalho.



4.2.3. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: PROMESSA FEITA, PROMESSA CUMPRIDA

Uma das características globais com a qual sempre convivemos enquanto raça é a concentração de riquezas nas mãos de poucos, quando a maioria sofre com a falta daquilo que lhe é mais essencial, como comida, saneamento básico e água.

Os intelectuais e revolucionários, ao longo dos séculos, defenderam e ainda defendem suas ideologias como sendo o caminho para a resolução dos problemas da humanidade. Em sentido inverso, Jesus Cristo (Mt 26:11), em mais de uma ocasião, afirmou que a pobreza e o sofrimento haveriam de fazer parte do planeta, e nunca prometeu, nem mesmo aos cristãos, ausência de dificuldades, tanto na área da saúde quanto na das finanças.

No entanto, muitos líderes e pastores de igrejas neopentecostais, lançam mão de argumentos e estratégias que dizem ser inspiradas por Deus, para se promoverem, tanto individual quanto organizacionalmente.

Alberto TIMM⁷ (2000, p. 51) menciona que

Muitos pregadores pentecostais têm arrecadado grandes somas de dinheiro através de tentadoras promessas de prosperidade material aos seus doadores. Baseado nas palavras de Malaquias 3:10 (Trazei todos os dízimos...e provai-me nisso...), um desses pregadores costuma assegurar aos seus telespectadores que, se forem realmente generosos em suas dádivas, eles poderão até escolher antecipadamente as "bênçãos" a serem reivindicadas de Deus. Entre as várias opções estão o tipo específico de casa que desejam ter, a marca do carro que gostariam de possuir, e mesmo o saldo da conta bancária que mais lhe agrada.

A interpretação corrupta, tendenciosa e egoísta do texto bíblico de Malaquias 3:10, leva muitos pastores – muitos deles sem nenhuma formação teológica – a fazerem uma lavagem cerebral em suas ovelhas, tirando delas, em muitos casos, tudo que possuem materialmente, fazendo-as crer que, num curtíssimo espaço de tempo, Deus lhes devolverá, multiplicado, tudo o que doaram.

WIENS (1998, p. 442) afirma enfaticamente que

El peor producto de la corrupción en la interpretación bíblica es el surgimiento de herejías cristianas. Los movimientos "pseudoevangélicos" han aprendido eficazmente del contexto social la distorsión de la verdad hábilmente se dedican a la interpretación y exposición de las Sagradas Escrituras con fines tendenciosos, corruptos y particulares.

A interpretação de textos bíblicos visando interesses particulares e descontextualizado do restante das Escrituras torna-se uma prática comum em todas as igrejas que adotam a teologia da prosperidade, e esta não pode ser vista como doutrina específica da Igreja Universal do Reino de Deus.

A "ideologia" do sucesso se faz presente em muitos outros movimentos religiosos. As "técnicas" para alcançá-lo estão nas obras de Lair Ribeiro⁸, Paulo Coelho⁹, Lauro Trevisan¹⁰ e tantos outros. Com algumas variações entre si, todos eles estão propondo um caminho para o sucesso individual. Alguns acentuam mais a religião, ao passo que outros buscam fundamentos de ordem acadêmica, como Lair Ribeiro, que é médico. De qualquer forma, para eles o



segredo do sucesso se encontra dentro da pessoa. É necessário fazer brotar do interior a disposição para o mesmo. Lauro Trevisan, ex-sacerdote católico, afirma que Deus está dentro de nós. Logo, somos também deuses e podemos tudo. É só mentalizar.

Assim, a busca de bênçãos e prosperidade desvia os olhares das pessoas do céu ou do além para o presente. O pentecostalismo "clássico", tipo Assembléia de Deus, que ainda enfatiza a rejeição do mundo, esmaece-se por completo nas pregações da Igreja Universal do Reino de Deus ou de outras semelhantes. Não se busca mais uma superação dos males no além, mas prega-se a superação dos problemas aqui e agora. Além disso, os males do presente não são provações divinas, como sempre apregoou o pentecostalismo, mas sinais de que os demônios estão agindo. Em lugar de discursos apocalípticos, a pregação dos pastores coloca a conquista do presente.

Os temas da prosperidade são intensamente mencionados nos cultos transmitidos via televisão, em redes pertencentes a denominações religiosas ou em horários pagos pelas igrejas. Normalmente os pregadores versam sobre a prosperidade financeira versus a ação demoníaca.

Normalmente, algumas pessoas são entrevistadas para testemunhar sobre a transformação que ocorreu em sua vida após ter aderido a uma determinada igreja. O objetivo claro da maioria das pregações é levar ao telespectador a mensagem de que se faz necessário ser adepto destas igrejas para obter o sucesso financeiro. A questão da entrega, da renúncia, da submissão à vontade de Deus no que se refere às provações, a confiança num Deus que cuida dos seus filhos mesmo em face do sofrimento, é legada ao segundo plano.

Dessa forma, muitos aderem a tais movimentos, ou por medo de serem vítimas do demônio que poderá levá-los a perder tudo o que têm, ou pelo interesse quase declarado de obter bens materiais.

Muitos pastores de igrejas pentecostais que adotam a teologia da prosperidade são provenientes dos departamentos de marketing de grandes empresas, como Xerox e Nestlé. Habitados com procedimentos "marketeiros", apenas transferem sua prática profissional para as igrejas que fundam, e conseguem bons resultados financeiros.

Se a promessa de enriquecimento rápido não se cumprir na vida dos fiéis, com certeza se cumprirá na vida de seus pastores, que, em pouco tempo, compram mansões nos bairros nobres das cidades, têm contas bancárias substanciais, andam em carros importados e vivem uma vida com regalias que beiram à riqueza. Promessa feita, promessa cumprida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho traçamos um breve histórico do pentecostalismo, com sua origem e peculiaridades em seus primórdios nos Estados Unidos. Mostramos a sua expansão para a América Latina e sua aceitação em todas as camadas sociais, e, finalmente, analisamos algumas implicações desse crescimento para o mundo político e religioso.

Não temos autoridade nem direito para discutir questões referentes ao relacionamento pessoal de cada crente com Deus, muito menos de julgar, se existe ou não, real conversão da parte dos que aceitam o Evangelho e tornam-



se adeptos de igrejas pentecostais ou neopentecostais, mesmo porque o relacionamento com Deus é muito íntimo e pessoal.

VALIANTE (2000, p. 13) já se referiu às mudanças visíveis observadas na vida de muitos crentes pentecostais, tornando-os pessoas motivadas para o exercício de sua profissão, elevando sua auto-estima, melhorando a qualidade de sua vida e o desempenho de seus papéis sociais, como pais, filhos, esposos, esposas, patrões, empregados e contribuindo para sua melhor saúde, uma vez que esses cristãos, de modo geral, se abstém de bebidas alcoólicas, tabagismo ou entorpecentes. Tudo isso tem sua importância para o indivíduo, para a família e para a sociedade.

Contudo, achamos importante enfatizar, ao concluir este trabalho, que a religião tem um papel muito mais amplo e eterno do que proporcionar ao crente uma vida terrena melhor. Por ser manifestada, visivelmente, em cultos públicos realizados em igrejas ou em outros locais, cabe aos adoradores terem o senso constante do desejo do Altíssimo de manifestar sua presença em qualquer lugar que se invoca seu nome. E, acima de tudo, o coração humano é o principal lugar onde Ele quer fazer morada, desfazendo os vínculos do indivíduo com tudo que seja profano e desagradável.

Contudo, a extensão das contribuições e implicações da expansão do pentecostalismo e neopentecostalismo, não só na América Latina, mas no mundo inteiro, é algo que somente a eternidade poderá revelar.

NOTAS

¹ O movimento Holiness, que surgiu no coração do metodismo, é tido como o mais importante precursor imediato do pentecostalismo.

² No início do movimento pentecostal, começaram a ser lançadas as raízes da Teologia da Prosperidade.

³ Branham é considerado por muitos o precursor do movimento de cura pela fé, iniciado em 1947.

⁴ Aimee Semple McPherson foi a fundadora da denominação chamada The Foursquare Church (Igreja do Evangelho Quadrangular). Converteu-se aos 17 anos e seu primeiro casamento foi com o evangelista Robert Semple. A fundação da denominação aconteceu após a morte do esposo e sua volta aos Estados Unidos.

⁵ Benny Hinn, pseudônimo de Tofik Benedictus Hinn (nasceu em Jaffa, Israel, dia 3 de dezembro de 1952). É um controverso pastor cristão, que usa a televisão para seu trabalho de evangelização. Religioso e curandeiro palestino, naturalizado norte-americano. Escritor de *best-sellers* como *Bom dia Espírito Santo* (Bompastor, 1993), *Bem-vindo Espírito Santo* (Bompastor, 1995), *Este é o dia do seu milagre* (Bompastor, 2002) e *O sangue* (Betânia, 1994)

⁶ Edição de 26 out 2005, acessado em www.folhaonline.com.br, em 14 fev 2007.

⁷ Alberto R. Timm (Ph.D), ex-diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil, é o atual reitor do SALT (DSA).

⁸ Lair Ribeiro é médico e escritor na área de auto-ajuda. Um dos seus livros mais lidos é *O sucesso não ocorre por acaso* (Editora Leitura).

⁹ Paulo Coelho é membro da Academia Brasileira de Letras. Numa entrevista a um canal de televisão de Porto Alegre (RS), por ocasião de grandes enchentes que fizeram pessoas perderem quase tudo, disse que cada um devia buscar forças em si para resolver os seus problemas. Os pobres que perderam seus bens não devem esperar pelos outros, disse à repórter.



¹⁰ Lauro Trevisan é ex-sacerdote católico. Autor do livro *Pode quem pensa que pode* (Mente, 1989).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRO, Antonio Carlos. "Pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil: Novas forças motoras para a missão da igreja?" In: KHOL, Manfred Waldemar e BARRO, Antonio Carlos. **Missão integral transformadora**. 2ª edição. Londrina, PR : Descoberta, 2006.

BENTES, J. M. CAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 5, 3ª edição. São Paulo: Candeia, 1995.

BRUNER, Frederick D. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

CURTIS, A. Kenneth, LANG, J. Stephen e PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003.

DEIROS, Pablo A. **Historia del cristianismo en America Latina**. Buenos Aires: Fraternidad Teológica Latinoamericana, 1992.

DOMINICK, Mac. "Pragmatismo na igreja: uma religião orientada para resultados e que abre portas para o anticristo – uma apostasia com propósitos", disponível em www.espada.eti.br/nl50cap5.asp, acessado em 03 dez 2002.

EKSTRÖM, Bertil. **História da missão: a história do movimento missionário cristão**. Londrina, PR: Descoberta, 2001.

ESCOBAR, Samuel. **De la misión a la teología**. Buenos Aires: Kairos, 1998.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado pela Unicamp (sociologia). Campinas, SP, 1993.

_____. "Pentecostalism in Latin America". In: **Social Compass**. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, vol.45, nº 3, 1998, p. 33.

LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas neopentecostais**. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.



MARTIN, David. **Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America**. Oxford: Blackwell, 1990.

MARIANO, Ricardo. "Os pentecostais e a teologia da prosperidade". In: **Novos Estudos**. São Paulo: Cebrap, nº 44, 1996, p. 24.

PADILLA, C. René. **Missão integral**. 2ª edição. Londrina, PR: Descoberta, 2005.

_____. "Los evangélicos: Nuevos actores en el escenario político latinoamericano". In: **De la marginación al compromiso**. Quito: FTL, 1991, p. 5.

STOLL, David. **Is Latin America turning protestant?** Los Angeles: University of California Press, 1990.

SOUZA, Etiane C. B. MAGALHÃES, Marionilde D. B. "Os pentecostais: entre a fé e a política" In: **Revista Brasileira de História**, vol. 22, n. 43, 2001, p. 85. Disponível em www.scielo.org.br, acessado em 13 fev 2007.

TIMM, Alberto R. "Teologia da prosperidade: breve análise crítica". In: **Parousia**, ano 1, nº 1, 1º. sem. 2000. Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2000.

VALIANTE, Edílson. "Movimento pentecostal no Brasil" In: **Parousia**, ano 1, nº 1, 1º. sem. 2000. Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2000.

WIENS, Arnoldo. "La misión cristiana em el contexto de corrupción". In: PADILLA, C. René. **Bases bíblicas de la misión: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Kairós, 1998.

XAVIER, Erico T. **Dom de línguas: um manual de estudos sobre o Espírito Santo e Sua obra**. 3ª edição. Niterói, RJ : Ados, 2004.

ARTIGOS

O TORMENTO DOS ÍMPIOS E O SOFRIMENTO DE CRISTO

José Miranda Rocha, D.Min.

Coordenador acadêmico e professor do curso de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
jose.rocha@unasp.edu.br

Resumo: Protestantes e católicos imortalistas argumentam que o tormento dos ímpios, como profetizado em Apocalipse 14:11, não terá fim, o que equivale dizer que será da mesma duração da vida eterna dos justos. Esta compreensão, como exposta por eruditos destas correntes do cristianismo, tem lançado dúvidas sobre o caráter justo de Deus e abalado o ensino sobre o gozo eterno dos salvos. O estudo do assunto é pertinente para evidenciar que nem todos os cristãos têm as mesmas dificuldades com as quais os defensores da imortalidade da alma se deparam para harmonizar sua posição com a justiça e a bondade de Deus. Ao lado de outros cristãos, muitos deles eruditos pesquisadores, os adventistas do sétimo dia sustentam posição contrária à dos imortalistas, ao ensinar a aniquilação dos ímpios como ato de juízo coerente com a justiça e a bondade do caráter de Deus. Todos os seres humanos foram incluídos no sofrimento vicário de Cristo ao provar a segunda morte pela raça caída, e somente passarão pelo tormento da segunda morte por escolha própria ao rejeitarem a provisão de escape ofertada por Deus em Cristo, nosso substituto.

Palavras-chave: Tormento, inferno, justiça, sofrimento, alma, ímpios, terceira mensagem angélica.

Torment of the Ungodly and Christ's Suffering

Abstract: Protestants and Catholics immortalists defend the position that the torment of ungodly men, as prophetically depicted in Revelation 14:11, will endure forever, what means that it will have the same length as the eternal life of the righteous. Such a theological thinking, as exposed by scholars of these Christian denominations, has cast doubts upon God's just character and has shaken the teaching concerning the everlasting joy of the redeemed. To study such a matter is a pertinent question in order to clarify the fact that there other Christians that do not suffer the same difficulties faced by the defenders of the immortality of the soul, when they face the task of harmonizing their theological standpoint with the issues of justice and love, as attributes of God's character. Quite close to other Christians, including some scholars, the Seventh-day Adventists maintain a view contrary to the one held by the immortalists. The Adventists teach the annihilation of the ungodly as an act coherent with the justice of God and His goodness. All humankind has been included in the



vicarious sacrifice of Christ when He experienced the second death for the Human race. Only will experience the torment of eternal death those human beings that will reject God's provision of redemption in Christ, our substitute.

Keywords: Torment, hell, justice, suffering, soul, ungodly, third angel message.

INTRODUÇÃO

Um das passagens bíblicas mais significativas é Apocalipse 14:9-11, correspondente ao relato da terceira mensagem angélica. Em razão de uma leitura apressada e doutrinariamente preconceituosa, muitos deixam de entender que o principal tema da terceira mensagem é a justiça de Deus oferecida ao pecador, ao invés da ira divina contra a humanidade impenitente.

O propósito deste artigo é apresentar a correta compreensão da terceira mensagem angélica, com ênfase na interpretação do chamado tormento dos ímpios. Figura também como propósito deste estudo destacar a relação que existe entre este tema e a doutrina da justificação pela fé.¹

À guisa de introdução, ainda é preciso dizer que a falsa compreensão sobre o estado do homem na morte tem gerado distorções irreconciliáveis sobre a real natureza do tormento dos ímpios. Lee Strobel, por exemplo, chega a confessar o seu impasse diante da aparente contradição entre a bondade e a justiça de Deus, ao tentar entender o significado do sofrimento dos impenitentes, como descrito no Apocalipse. Ele pergunta:

Que tipo de Deus é este que gosta de ver as suas criaturas se contorcem para sempre – sem esperança, sem possibilidade, sem redenção – em uma câmara de torturas que em cada detalhe é tão horrenda e bárbara como um campo de concentração nazista?²

Para Strobel, os ateus, a exemplo de B. C. Johnson, estariam certos ao afirmar que “a idéia do inferno é moralmente absurda”.³ Bertrand Russel, filósofo ateu de nacionalidade inglesa, diante dessa contradição imposta pelo falso entendimento do que significa o inferno na Bíblia, chegou a declarar: “No meu entendimento, existe um defeito muito sério no caráter moral de Cristo, que é acreditar no inferno. Eu não acho que uma pessoa que seja profundamente humana possa crer na punição eterna”.⁴

1. A RAIZ DO PROBLEMA

Onde reside a confusão sobre o tormento dos ímpios (inferno) e a justa bondade de Deus? A confusão, certamente, acha-se na má compreensão imposta sobre o mundo cristão pela doutrina pagã da imortalidade da alma. Esta tese é confirmada por teólogos do calibre de Oscar Cullman e Edward William Fudge. Por suas declarações, ambos destacam o correto ensino da Bíblia. Cullman, um teólogo cristão luterano, nascido na França, em curta sentença, desfaz qualquer dúvida quanto à natureza humana, ao dizer: “A alma não é imortal”.⁵ E ao se referir sobre a propalada eternidade da alma em detrimento do corpo humano, o mesmo autor reitera que “deve haver ressurreição para ambos; pois desde a queda o homem todo está ‘permeado pela corrupção’”.⁶ Fudge, um evangélico pertencente à Bering Drive Church of



Christ, expõe como não bíblica a tradição popular que aponta Deus como responsável por manter os ímpios vivos no tormento sem fim. Para Fudge, a destruição eterna envolverá o homem total, em seu corpo e alma.⁷

Histórica e consistentemente, os adventistas do sétimo dia têm ensinado o que afirmam Cullman e Fudge. A obra intitulada, *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, ao tratar da antropologia bíblica, assim se expressa no tocante à natureza humana:

Na criação, nossos primeiros pais receberam a imortalidade, embora sua conservação estivesse condicionada à obediência. Tendo recebido acesso à árvore da vida, destinavam-se eles a viver para sempre. A única forma pela qual eles poderiam ameaçar seu estado de imortalidade seria através da transgressão da ordem que lhes proibia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Desobediência conduzi-los-ia à morte (Gn. 2:17; cf. 3:22).⁸

As Escrituras em parte alguma descrevem a imortalidade como uma qualidade ou estado que o homem – ou sua “alma” ou “espírito” – possui inerentemente. Os termos usualmente traduzidos por “alma” ou “espírito” [...] ocorrem mais de 1600 vezes na Bíblia, mas em nenhum caso estão associados a “imortal” ou “imortalidade”.⁹

Deus e os seres humanos diferem acentuadamente. Deus é infinito, os homens são finitos. Deus é imortal, eles são mortais. Deus é eterno, eles são transitórios. [...] Na Criação “formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7). O relato da criação revela que a humanidade derivou sua vida de Deus (cf. At 17:25, 28; Cl 1:16,17). O corolário deste fato básico é que imortalidade não é inerente à humanidade, mas é um dom de Deus.¹⁰

Samuele Bacchiocchi, em seu estudo bíblico sobre a natureza e destino do ser humano, declara que

não há nenhuma indicação na Bíblia de que o espírito de vida dado ao homem na criação era uma entidade consciente antes que isto fosse dado. Tal fato dá-nos razões para crer que o espírito de vida não tem personalidade consciente quando retorna a Deus. O espírito que retorna a Deus é simplesmente o princípio da vida animal repartido por Deus tanto para os seres humanos como para os animais durante o percurso de sua existência terrena.¹¹

Aécio Cairus, acreditado teólogo adventista, de nacionalidade argentina, em seu artigo “A doutrina do homem”, assim conclui sobre o valor de uma retribuição aniquilacionista:

A Bíblia não fala de tormento ou dor eternos para os ímpios, apesar dos agentes de destruição, tais como fogo e fumaça, serem de eternos (Mat. 25:41; Apoc. 14:11). Os ímpios são lançados para dentro de um formidável e inexorável ambiente que garante que nenhum resíduo será deixado.¹²

Norman Gulley, de maneira convergente com os seus pares anteriormente citados, questiona o ensino da imortalidade da alma ao afirmar que “as Escrituras não apenas dizem que Deus é o único detentor da



imortalidade, mas também declaram que a imortalidade será concedida no segundo advento (1Co 15:53)".¹³

Sendo uma das pioneiras do pensamento e pregação adventistas, Ellen White percebeu o risco que representava para a compreensão da doutrina de Deus e da salvação o erro acerca da imortalidade da alma. Como evidência da luz que teve sobre esta relação, pode-se apontar sua denúncia acerca dos seguintes erros:

(a) Tirania de Deus: Deus sendo visto como tirano pela humanidade

Satanás disse a seus anjos que fizessem um esforço especial para espalhar a mentira a princípio proferida a Eva no Éden: "Certamente não morrereis." E, sendo o erro recebido pelo povo, e sendo este levado a crer que o homem é imortal, Satanás induziu-os a crer que o pecador viverá em eterno estado de miséria. Achava-se preparado o caminho para Satanás agir por intermédio de seus representantes e apresentar a Deus perante o povo como um tirano vingativo, como alguém que mergulhe no inferno todos os que não Lhe agradem, e os faça para sempre sentir Sua ira; e, enquanto sofrem indizível aflição, e se contorcem nas chamas eternas, é Ele representado a olhar sobre eles com satisfação. Satanás sabia que, se esse erro fosse recebido, Deus seria odiado por muitos, em vez de amado e adorado; e que muitos seriam levados a crer que as ameaças da Palavra de Deus não seriam literalmente cumpridas, pois que seria contra Seu caráter de benevolência e amor mergulhar nos tormentos eternos seres que Ele criara.¹⁴

(b) Universalismo: A crença de que toda a humanidade será salva

Outro extremo que Satanás tem levado o povo a adotar consiste em não tomarem em nenhuma consideração a justiça de Deus e as ameaças de Sua Palavra, e representá-lo como sendo misericórdia, de modo que ninguém perecerá, mas que todos, tanto santos como pecadores, serão finalmente salvos em Seu reino.¹⁵

(c) Incredulidade na revelação bíblica

Em conseqüência dos erros populares da imortalidade da alma, e do intérmino estado de misérias, Satanás tira vantagem de outra classe, e os leva a considerar a Bíblia como um livro não inspirado. Acham que ela ensina muitas coisas boas, mas não podem depositar confiança na mesma e amá-la, porque lhes foi ensinado que ela declara a doutrina do tormento eterno.¹⁶

(d) Ateísmo

Uma outra classe Satanás ainda leva mais longe, mesmo a negar a existência de Deus [...] Portanto negam a Bíblia e seu Autor, e consideram a morte como um sono eterno.¹⁷

(e) Loucura ou insanidade mental

Ainda há outra classe que é medrosa e tímida. A estes, Satanás tenta para cometer pecado, e depois de haverem pecado mostra-lhes que o salário do pecado não é a morte, mas vida em horríveis tormentos, a serem suportados pelas eras sem fim da eternidade. Aumentando assim diante de seus espíritos fracos os horrores de um inferno eterno, toma posse de suas mentes e eles perdem a razão.¹⁸



O que se pode concluir destas corajosas e oportunas declarações de Ellen White é que a doutrina da imortalidade da alma conduz as pessoas a odiarem a Deus, em virtude da crença no castigo eterno, ou a conceberem o erro da salvação universal. E, mais do que isto, esta falsa doutrina também pode levar os seres humanos a se tornarem ateus ao não conseguirem conciliar de maneira razoável a idéia do inferno com o caráter amorável do Criador e redentor. Finalmente, muitos que tendem à aceitação da imortalidade da alma são, em muitos casos, levados à insanidade mental.

2. O ENSINO BÍBLICO: AS DUAS MORTES

A Bíblia ensina que haverá duas mortes. A primeira é temporária, imposta a todos os seres humanos, sem qualquer discriminação. Em apoio desta declaração, Paulo ensinou seqüencialmente aos cristãos de Roma que (1) todos os seres humanos pecaram (Rm 3:23) e (2) que o salário do pecado é a morte (6:23). Ninguém escapa da morte, exceto pessoas que, na sabedoria e poder de Deus, foram levadas desta Terra para servirem de testemunhas especiais de seu plano redentor. Entres estes figuram o patriarca Enoque e o profeta Elias.

A segunda morte é permanente e atinge somente aqueles que não aceitarem o plano de salvação centralizado na morte de Cristo. Para estes, a promessa da primeira ressurreição, chamada também de ressurreição da vida, torna-se realidade por ocasião da segunda vinda de Cristo à Terra. O claro ensino apresentado em João 5:28,29 remove qualquer dúvida sobre o plano de Deus para trazer de volta à vida todos os seres humanos que sofreram a primeira morte. Este pensamento bane qualquer esperança de salvação universal, ou de considerar a morte como esquecimento eterno, sem dor e sem juízo. Mas a evidência bíblica de duas ressurreições também lança luz sobre o caráter de Deus ao lidar com o mal, pois os que “tiverem praticado o mal” voltam à vida para enfrentarem o juízo divino, cujo clímax é a aplicação da extinção ou aniquilação eterna na segunda morte.

A doutrina bíblica das duas mortes se torna mais compreensível diante de uma leitura mais atenta de certas passagens, como Hebreus 9:27 e Apocalipse 20:6. Aos Hebreus, Paulo deixa claro que tanto a morte de Cristo e a ordenança da morte humana, como conseqüência universal do pecado, restringem-se a uma única vez. Isto é plena verdade, visto que o completo e suficiente sacrifício de Jesus não precisará ser repetido, nem mesmo em rituais de derramamento de sangue, como ainda era praticado pelos judeus no primeiro século cristão. Para aqueles que aceitam a realidade da expiação pelos méritos de Cristo haverá apenas uma morte, a primeira, da qual acordarão na primeira ressurreição ou ressurreição dos justos (Hb 9:28; 1Ts 4:13-17; 1Co 15:55-57). A promessa para estes é que a segunda morte não tem poder de destruí-los (Ap 20:6 up). Este castigo está reservado para todos os que não aceitaram o plano da salvação. A segunda morte ocorre depois dos mil anos de paz, como ponto culminante do juízo de Deus contra o pecado, seu originador e seus adeptos, quer sejam anjos ou seres humanos. João assim descreve, em Apocalipse 20:12, 13, 14 e 15, este evento final da história do pecado:



E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros [...] E foram julgados, um por um, segundo as suas obras [...] [e] lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

Coerente com a justiça de Deus declarada por Paulo na segunda carta aos coríntios, capítulo 5, verso 10, Ellen White comenta que o tormento da segunda morte não será igual para todos, ao dizer:

Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são punidos segundo suas ações [...] Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos – Satanás a raiz, seus seguidores os ramos.¹⁹

Há questões concernentes à segunda morte que precisam ser respondidas, antes que alguém possa ter plena confiança no caráter de Deus. Algumas são respondidas pelo claro ensino da Bíblia. Para outras, não se encontra resposta a menos que descansemos nossa mente na sabedoria de Deus e na revelação dos desdobramentos desses episódios na eternidade. Eis algumas dessas questões:

(a) *Por que ressuscitar os ímpios para matá-los novamente? Por que não deixá-los no túmulo?:* Para acharmos uma resposta adequada à gravidade desta questão basta lembrarmos de alguns nomes de ímpios que atormentaram a humanidade e agrediram o povo de Deus, mas morreram de morte natural sem nenhum sofrimento físico ou mental, visto que muitos destes se cercaram de proteção para não serem incomodados. Ultrapassaram os limites do alcance da voz de Deus por cauterizarem suas consciências na prática do mal. Seria justo diante do universo deixar que homens semelhantes a Stalin e Hitler, apenas para citar estes como exemplos de uma imensa lista de facínoras e monstros humanos, simplesmente fossem esquecidos no silêncio da morte?

(b) *É o fogo mais quente para aqueles que pecam menos? Como é que a vida de muitos será sustentada no lago de fogo por dias, enquanto que a de outros desaparece em um momento? Se o fogo consome alguns imediatamente, por que não todos?*

(c) *É misericordioso da parte de Deus sustentar a vida por poucos dias, mas não por anos? Que benefício poderia Deus extrair dos ímpios para este propósito? Wayne Grudem tenta responder a estas questões ao fazer a conexão entre a justiça de Deus e a punição eterna. Ele diz: “Se Deus não executa punição eterna, então, aparentemente, sua justiça não seria satisfeita”.*²⁰

Norman Gulley corretamente pondera que “a justiça de Deus é o tema central na controvérsia cósmica.”²¹ O ponto focal da terceira mensagem angélica é advertir da punição que toma lugar na experiência da segunda morte. Para entendermos e respondermos as questões que se levantam acerca da justiça de Deus na controvérsia sobre a segunda morte, será indispensável que a natureza do tormento seja clarificada à luz da doutrina bíblica.



3. A NATUREZA DO TORMENTO

Primeiramente, deve-se ter em mente que o problema relacionado à natureza do tormento não é uma questão de duração, mas de intensidade. A raiz bíblica do verbo “atormentar” – *basanízo* - é “ir até ao fundo”. A tortura dos ímpios vai até ao máximo de sua intensidade, em plena força, dia e noite até que a última pessoa condenada exale a última respiração. O tormento pode ter lugar apenas quando não houver mais mediador atuando em favor da humanidade. Um outro assunto de vital importância é destacar que o castigo dos ímpios distingue-se da dor física, por ser caracterizado como dor espiritual, agonia mental.

Em segundo lugar, é necessário focalizar o sofrimento de Cristo para entender a natureza do tormento dos ímpios. Aos destinatários da carta de Hebreus (Hb 2:9), o autor inspirado escreveu: “Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem”.

Esta declaração de Paulo aos hebreus nos leva a entender que Cristo sofreu e provou a segunda morte, não a primeira, visto que Ele morreu por nossos pecados. Se a primeira morte é a consequência do pecado, a segunda é a retribuição final da transgressão contra Deus. Como nosso substituto no castigo eterno, Cristo experimentou a “ira de Deus” (João 3:36). A profecia do Servo Sofredor se cumpriu em seu sofrimento e morte: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. (Is 53:5; Mt 8:17; 1Pd 2:24-25).

Ellen White declarou que, no Getsêmani, Cristo sentiu como se estivesse

excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída. Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça caída. Tão terrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: “A minha alma está profundamente triste até à morte”.²²

O tormento dos ímpios se tornará um ensino cada vez mais claro se entendermos o que causou a morte de Cristo. Teria sido o sofrimento físico ou a agonia mental da separação do Pai? Isaías 53 se refere à culpa de nossos pecados colocados sobre Ele. Paulo, aos coríntios, afirma que “Aquele que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5:21).

Diante destas declarações inspiradas é certo concluir que o tormento produzido pela culpa exerceu a parte mais significativa na experiência final de Cristo como o portador de nossos pecados. Isso implica dizer o mesmo sobre a experiência dos ímpios. Não será tanto o fogo que causará a dor, mas a



presença da culpa pelos pecados. Na segunda morte, a culpa exerce o papel de combustível para o castigo. Ellen White lembra que

no dia quando o Livro do Céu for aberto, o Juiz expressará, não em palavras, ao homem sua culpa, mas lançará um penetrante, condenatório olhar, e cada obra, cada transação da vida, será vividamente impressa sobre a memória do malfeitor.²³

Tiago 1:15 sugere um processo para o pecado: “e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”, isto é, a segunda morte. O pecado é um processo, desde o ato ou pensamento até a consumação do seu resultado final na segunda morte. A salvação deve tratar com todo o desenvolvimento. Para ser plenamente vencedor, Cristo precisou carregar no interior de sua vida toda a amargura da desesperança e do desespero, todo o tormento que a culpa poderia trazer a qualquer ser humano. Somente assim poderia Ele demonstrar se tinha poder para vencer todas as forças do pecado.

Para elucidar melhor a compreensão desse processo de transferência de nossas culpas para Cristo como portador de pecados, deve-se indagar quando isto ocorreu. Quando foi Ele feito pecado por nós? Certamente, no Getsêmani. E foi ali que Ele sofreu a morte. Na cruz Ele provou a morte por toda a humanidade, desde Adão e Eva, mas o teria feito apenas por Eva se ela fosse a única que houvesse pecado como parte da família humana.

Nas palavras de White,

Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. [...] Suportara aquilo que criatura alguma humana jamais poderia sofrer; pois provara os sofrimentos da morte por todos os homens.²⁴

Todo o céu, bem como os não caídos mundos foram testemunhas do conflito. [...] À medida que dEle era retirada a presença do Pai, viram-no aflito por uma dor mais atroz que a da grande e derradeira luta com a morte.²⁵

Seu sofrimento no jardim do Getsêmani foi uma terrível angústia que deve sempre permanecer como um terrível mistério para a família humana. No Jardim do Getsêmani Cristo sofreu em lugar do homem, e a natureza humana do Filho de Deus cambaleou sob o peso do terrível horror da culpa do pecado [...] A natureza humana teria então morrido sob o horror do senso do pecado não houvesse um anjo do céu fortalecido para suportar a agonia. Cristo está sofrendo a morte que era pronunciada sobre os transgressores da lei de Deus.²⁶

Foi em consequência do pecado, a transgressão da lei de Deus, que o jardim do Getsêmani tornou-se preeminentemente o lugar de sofrimento para um mundo pecaminoso. Nenhuma tristeza, nenhuma agonia, pode ser comparada com aquilo que foi suportado pelo Filho de Deus. O ser humano não se tornou um portador de pecados, e ele nunca conhecerá o horror da maldição do pecado que o Salvador suportou. Nenhuma tristeza humana pode servir para qualquer comparação com a tristeza dAquele sobre quem a ira de Deus foi derramada com opressiva força. A natureza humana pode suportar apenas



uma medida finita de sofrimento, antes de sucumbir; mas a natureza de Cristo excedeu na capacidade de suportar a dor, pois o humano existia na natureza divina, e criou a capacidade de resistir ao sofrimento resultante dos pecados de um mundo perdido.²⁷

O peso de culpa, em face à transgressão da lei do Pai, foi tão grande que a natureza humana era inadequada para o suportar. Os sofrimentos de mártires não podem oferecer nenhuma comparação com a agonia de Cristo. A presença divina esteve com eles em seus sofrimentos; mas a face do Pai foi escondida de Seu amado Filho.²⁸

Uma compreensão errada sobre o significado do tormento dos ímpios pode ser a porta para muitos outros erros de natureza teológica que deformam o pensamento e, conseqüentemente, o viver cristão. Por outro lado, a doutrina correta, segundo a Palavra de Deus, provê grandes lições doutrinárias que, quando aprendidas, produzem equilíbrio mental e viver bem orientado.

4. LIÇÕES PARA A HUMANIDADE

4.1. AVALIAÇÃO REAL DO SOFRIMENTO DE CRISTO.

O ensino da imortalidade da alma lança dúvidas sobre a necessidade da cruz de Cristo como a única esperança de salvação. Pelas Escrituras, o sofrimento de Cristo revela a nós a grandeza do amor de nosso Pai, ao se submeter à zombaria e insultos com o objetivo de se alegrar ao ver salvas em seu Reino almas anteriormente perdidas. Sem a cruz do Calvário não poderíamos ter nenhum raio de esperança, nem um toque do favor de Deus, nenhuma oferta de misericórdia.²⁹ Uma realidade que nenhum ser humano pode avaliar em toda a sua extensão é o sofrimento que foi suportado por Cristo.

A cruz de Cristo deve ser o grande centro ao redor do qual cada coisa deve girar. Tudo deve estar em subordinação ao Calvário. A cruz está plantada entre a divindade e a humanidade, entre o céu e a terra. Nunca se move para mais próximo da Terra. Todas as coisas concernentes à salvação do homem devem estar à sombra da cruz.³⁰

Cristo sofreu humilhação para salvar-nos da desgraça eterna. Ele consentiu em sofrer escárnio, zombaria, e abuso sobre Ele a fim de defender-nos.³¹

O ensino que postula a imortalidade da alma humana como um ser desincorporado é uma falsa expectativa que conduz o ser humano à separação de Deus e à conseqüente morte eterna. Cristãos, ao aceitarem essa errônea doutrina, não conseguem estabelecer uma relação clara entre o sofrimento de Cristo e o tormento eterno. Isto se deve em razão da crença na doutrina da imortalidade da alma, ao procurarem explicar a necessidade da permanente natureza do tormento como solução final para a eliminação dos pecadores impenitentes. Tal explicação pode ser nos moldes da visão católica ou na linguagem da teologia protestante, com matiz popular ou acadêmico.



4.2. RELAÇÃO BÍBLICA CORRETA ENTRE O EVANGELHO E O JUÍZO

O escritor da epístola aos Hebreus deixa claro que há estreita relação entre o aceitar o evangelho e a necessidade do juízo final (Hb 9:27-28). Esta relação se encontra presente também em Apocalipse 14:6-12, texto no qual a idéia do tormento dos ímpios surge em conexão com a pregação do evangelho eterno e o preparo para a hora do juízo. A rejeição do evangelho eterno implica sentença de morte expressa no juízo. A proclamação do evangelho e o anúncio do juízo estão ligados no plano de Deus. Se não há julgamento, não há necessidade do evangelho. São dois lados da mesma moeda. Esse foi o conteúdo da pregação apostólica, como pode ser comprovado no exemplo de Paulo diante de Félix:

Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo *a respeito da fé em Cristo Jesus*. Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e *do juízo vindouro*, ficou Félix amedrontado e disse: por agora, podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei. (ênfase do autor)³²

A compreensão do juízo de Deus e o seu conseqüente clímax na aniquilação dos ímpios, Satanás e os anjos rebeldes é o lógico final para a história da salvação humana, conforme a doutrina bíblica. O contrário disso é aceitar a falsa imagem sobre Deus que Satanás deseja ver pendurada nas paredes de nossa mente. Gulley coloca essa relação de modo explícito, ao afirmar:

Eu creio que a doutrina do inferno tem feito mais do que qualquer outra para distanciar pessoas para longe de Deus. O quadro de um Deus arbitrário, severo, sem coração e irado que se deleita na tortura de Seus filhos tem sido repulsiva para um incontável número de indivíduos. Especialmente quando cristãos argumentam que o inferno inclui aqueles que Deus não elegeu para a salvação, e então os confinou para a agonia sem fim, meramente porque esta é a Sua vontade. A idéia cruel de que os santos se regozijarão ao verem os ímpios contorcendo-se porque eles não entenderam quão gracioso Deus é para salvá-los; que eles se regozijarão ao verem suas próprias mães lançadas no inferno; que Deus estará eternamente irado contra os ímpios – são todas idéias que mostram o grau de extensão das artimanhas que Satanás tem posto a operar até entre os cristãos, enquanto ele pinta o retrato de um injusto Deus dominando sobre a humanidade³³.

O escritor de Apocalipse declara que “o lago de fogo” consome a morte e o próprio inferno, pois estes foram lançados para dentro de suas chamas devoradoras. E conclui: “Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20:13). O fato é que a segunda morte extingue a presença da primeira, visto que a promessa se cumpre “e a morte já não existirá, não haverá luto” (Ap 21:4). O lago de fogo não é outro senão o próprio planeta em chamas, terra e céus “incendiados” pela ação de Deus, sob cujo calor sofrerá a purificação final de todos os vestígios do pecado, incluindo a presença de seres humanos impenitentes.

Após este incêndio, iniciado e mantido pelo próprio Senhor, fogo eterno em sua origem e efeitos porque é ação de Deus, não haverá “nem raiz e nem



ramo” do pecado (2Pe 3:12; Mt 4:1) e o planeta será restaurado à sua beleza e pureza edênicas, conforme a promessa (2Pe 3:13). Gulley, corretamente, observa que “a segunda morte não é inferno eterno. É o último inimigo - morte permanente”³⁴. Ela se extingue tão logo cessa o seu trabalho de consumir o pecado em todas as suas manifestações.

Jonathan Edwards disse que “o mundo provavelmente será convertido em um grande lago ou globo líquido de fogo, no qual os ímpios estarão sempre humilhados, que estarão sempre em meio à tempestade”.³⁵ Gulley critica Edwards observando que “uma tal visão de inferno contradiz a promessa bíblica de uma nova terra (Ap 21:1)”.³⁶

Finalmente, é preciso entender o significado da palavra eterno no contexto do tormento dos ímpios, a fim de eliminar qualquer dúvida sobre a duração do sofrimento que experimentarão no clímax da história da salvação. Os que argumentam a eternidade dos sofrimentos dos ímpios no tormento do inferno procuram base nas expressões “a fumaça do seu tormento sobre pelos séculos dos séculos” (Ap 14:11) e “serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (Ap 20:10). Mas os que assim procedem, deixam de ler a expressão no final de Apocalipse 20:9: “desceu, porém, fogo do céu e os consumiu”.

A imagem de um fogo ardendo eternamente para atormentar os ímpios é estranha ao texto e à teologia bíblica. Isto pode ser verificado ao se ler expressões semelhantes, como a que se encontra em Judas 6 e 7, lembrando a realidade do juízo de Sodoma e Gomorra, que foram postos “para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição”. Vale lembrar que o “fogo eterno” que destruiu as duas cidades ímpias cessou a sua ação destruidora quando não restava nada mais para consumir. A melhor e mais explicativa passagem bíblica para a duração da ação do fogo do juízo e o conseqüente tormento dos ímpios, poderia ser Malaquias 4:1-2. Esta profecia aponta exatamente para dia do juízo como aquele tempo que

arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz e nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltas da estrebaria.

Para Gulley³⁷, o fogo anunciado por Malaquias corresponde à *Geena* escatológica descrita por Jesus, ao usar linguagem figurada do depósito de lixo – o vale do filho (ou filhos) de Hinon (do ar. *Gehinna*; do heb. *Ge hinnon*) - que ardia dia e noite ao sudoeste de Jerusalém, há aproximadamente dois mil. A *Geena* era uma figura do fogo eterno no que diz respeito aos efeitos de sua obra, pois permanecia ardendo para queimar todo o lixo e cadáveres até a sua extinção final. Esta é a idéia que lemos na última parte de Malaquias 4:1: “de sorte que não lhes deixará nem raiz e nem ramo”. Assim deve ser compreendida a penalidade que Paulo anuncia para os ímpios “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 1:7-8). Segundo o apóstolo, “estes sofrerão penalidade de eterna destruição” (verso 9). Faz-se



necessário que se pontue que, segundo Paulo, os ímpios sofrerão penalidade de “eterna destruição” e não de tormento sem fim.

4.3. A ESCOLHA FINAL É DO PRÓPRIO PECADOR

A Bíblia, desde Gênesis até o Apocalipse, deixa claro que Deus não toma a decisão de salvar o ser humano sem o exercício de sua vontade, pelo exercício de seu livre arbítrio. Esta é atitude do Senhor ao conceder o direito de escolher comer ou não o fruto proibido no Éden (Gn 3:1-14). Embora o pecado tenha escravizado a raça, a graça manifesta no sacrifício de Cristo nos coloca em condições de escolher a quem servir (Dt 30:15-20; Js 2:15; Mt 11:29-30; Hb 3:7-10; 4:7; Ap 3:20; 22:17), o que permite concluir que o pecador morre a segunda morte por sua livre escolha. Por isso não é estranho pensar em pecadores confessando a justiça de Deus no juízo final (Rm 14:11). Ellen White comenta a isenção de Deus no juízo, nos seguintes termos:

No dia do juízo final, toda alma perdida compreenderá a natureza de sua rejeição da verdade. A cruz será apresentada, e sua real significação será vista por todo espírito que foi cegado pela transgressão. Ante a visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, achar-se-ão condenados os pecadores. Toda falsa desculpa será banida. A apostasia humana aparecerá em seu odioso caráter. Os homens verão o que foi sua escolha. Toda questão de verdade e de erro, na longa controvérsia, terá então sido esclarecida. No juízo do Universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. Será demonstrado que os decretos divinos não são cúmplices do pecado. Não havia defeito no governo de Deus, nenhum motivo de desafeto.³⁸

4.4. O TORMENTO NASCE DOS PENSAMENTOS DOS ÍMPIOS

A declaração apocalíptica de que os ímpios “não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome” (Ap 14:11), pode ser entendida pelo comentário de Ellen White de que “os próprios pensamentos do pecador são seus acusadores: e não haverá tortura mais aguda do que os agulhões de uma consciência culpada, que não darão repouso a ele nem de dia nem de noite”.³⁹

4.5. NINGUÉM PRECISA PERECER

Dietrich Bonhoeffer é o autor da expressão “costly Grace” ou a “graça preciosa” de grande valor. Este é o conceito da graça de Deus, conforme lido e percebido pela ótica do Calvário. Paulo identificou o preço pago pela nossa salvação com a vida do próprio Senhor. Todos estamos livres para aceitar a oferta de salvação proporcionada por Deus, pois Cristo pagou o nosso débito com sua própria morte. Logo, ninguém precisa perecer no lago de fogo, a menos que o faça por escolha pessoal. E a escolha está entre aceitar o que Jesus já realizou quando permitiu viver o tormento da separação do Pai, imposto pela natureza do nosso pecado que foi colocado sobre Ele, ou rejeitar o seu sacrifício como sendo de nenhum valor.

Essa é a rejeição que equivale a aceitação da penalidade a ser sofrida no juízo final. Mas, em sã consciência iluminada pelo conhecimento das Escrituras Sagradas, ninguém precisa passar por esse sofrimento, por essa



angústia de alma. Ellen White assevera que vincular o destino de nossa vida à decisão pessoal em relação ao que Cristo fez e está fazendo por nós

não é um ato de poder arbitrário da parte de Deus. Os que Lhe rejeitavam a misericórdia ceifarão aquilo que semearam. Deus é a fonte da vida; e quando alguém escolhe o serviço do pecado, separa-se de Deus, desligando-se assim da vida.⁴⁰

Nas palavras de Gulley,

quando a vasta multidão dos salvos e perdidos coexistem momentaneamente ao final do milênio, todos vêm suas vidas á luz da morte de Cristo por eles. Eles vêm que o julgamento tem já tomado lugar no Calvário (Ap 12:9-11). Ali Cristo foi julgado um pecador no lugar deles. Ele assumiu o castigo devido a eles. Ali Ele morreu a segunda morte que todos os seres humanos merecem. E ali Ele conquistou o inferno para eles [no qual não precisam mais sofrer].⁴¹

Em conclusão, vale lembrar algumas declarações o que o erudito Nels Ferre emite sobre o conceito de inferno eterno. Ele diz que essa falsa doutrina “está naturalmente fora de questão”:

A própria concepção de inferno eterno é monstruosa e um insulto para a concepção das últimas coisas em outras religiões, para não mencionar a doutrina do soberano amor de Deus. Uma tal doutrina torna Deus um tirano, onde qualquer Hitler humano seria um santo de terceiro grau, e os campos de concentração de tortura humana os campos de piquenique do Rei. Que uma tal doutrina pudesse ser concebida, para não dizer crida, mostra quão longe de qualquer compreensão do amor de Deus muitas pessoas uma vez foram, e pasmem, continuam indo.⁴²

NOTAS

¹ O presente artigo foi motivado pela excelente exposição bíblica sobre o mesmo tema, em sermão pregado na igreja do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, no dia 11 de março de 2000.

² Lee Strobel, *Em defesa da fé* (São Paulo: Vida, 2002), p. 231.

³ Ibidem. Ver *The atheist debater's handbook* (Buffalo, New York: Prometheus, 1979), p. 237.

⁴ Bertrand Russel, *Por que não sou cristão e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos* (São Paulo: Exposição do Livro, 1960), p. 22.

⁵ Oscar Cullman, *Imortalidade da alma ou ressurreição dos mortos?* (Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira, 2002), p. 27.

⁶ Ibidem.

⁷ Ver Edward William Fudge, *The Fire That Consumes: A Biblical and Historical Study of the Doctrine of Final Punishment* (Falbrok, CA: Verdict, 1982), p. 111-112.

⁸ Rubens Lessa, ed. *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), pp. 126.

⁹ Ibidem, p. 454.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Samuel Bacchiocchi, *Immortality or Resurrection: A Biblical Study on Human Nature and Destiny* (Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997), p. 74.



- ¹² Aécio Cairus, "A Doutrina do Homem", em George Reid, ed. *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 219.
- ¹³ Norman Gulley, *Christ is Coming* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 257.
- ¹⁴ Ellen G. White, *História da Redenção* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1972), pp. 389-370.
- ¹⁵ Ibidem.
- ¹⁶ Ibidem.
- ¹⁷ Ibidem.
- ¹⁸ Ibidem.
- ¹⁹ Ellen White, *O grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 673.
- ²⁰ Norman Gulley, *Christ is Coming* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), p. 314.
- ²¹ Ibidem, p. 315.
- ²² White, *O desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 681.
- ²³ Idem, *Testimonies for the Church* (Boise, ID: Pacific Press, 1988), 4:493.
- ²⁴ Idem, *O desejado de todas as nações*, p. 693-94.
- ²⁵ Ibidem, 759.
- ²⁶ Idem, *Bible Training School*, 1/5/1915.
- ²⁷ Ibidem.
- ²⁸ Idem, *Bible Echo*, 1/8/1892.
- ²⁹ Idem, *Testimonies for the Church* (Boise, ID: Pacific Press, 1988),. 4:503.
- ³⁰ Ibidem.
- ³¹ Ibidem, p. 374.
- ³² Atos 24:24-25. Itálico suprido.
- ³³ Norman Gulley, *Christ is coming*, p. 322.
- ³⁴ Gulley, *Christ is Coming*, p. 323.
- ³⁵ Ibidem.
- ³⁶ Ibidem.
- ³⁷ Ibidem, p.310.
- ³⁸ White, *O desejado de todas as nações*, p. 58.
- ³⁹ Ibidem, p. 223.
- ⁴⁰ Ibidem, p. 764.
- ⁴¹ Gulley, *Christ is Coming*, p. 320.
- ⁴² Nels Ferre, *Christian Understanding of God* (New York: Harper, 1951, p. 228. Citado por Gulley, *Christ is Coming*, p. 330).

ARTIGOS

A ÉTICA CRISTÃ DA BOA MORTE: UMA PROPOSTA À LUZ DA ANTROPOLOGIA ADVENTISTA

Klaudinei Luis Engelmann

Aluno do curso de Teologia

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
klaudinei7@yahoo.com.br

RESUMO: Nenhuma das ordenanças do decálogo tem sido tão amplamente debatida em nossos dias como o Sexto Mandamento. Dentre os temas relacionados a este Mandamento está o debate sobre a ética da eutanásia. O presente artigo trata deste tema frente à atual sociedade pós-moderna que parece não ter tempo para dedicar aos “improdutivos.” Antes de partir para a análise da moralidade da eutanásia, o estudo apresenta uma recapitulação das expressões técnicas mais comuns deste debate. A partir deste ponto são tecidas considerações sobre o tema em pauta a partir da perspectiva da ética Cristã. Na busca de respostas satisfatórias ao problema foi acrescentado aos temas comuns do debate o conceito adventista de “ser humano”, a partir do qual se pretende elucidar a questão. Antes da conclusão deste estudo, foi apresentada uma rápida exposição da “boa morte cristã” e do dever da igreja, como comunidade de crentes, para com aquela pessoa desiludida e sem perspectivas de cura.

PALAVRAS-CHAVE: Eutanásia, Bioética, Ética Cristã, Antropologia, Adventista.

The ethic of the good Christian death: A proposal in the light of adventist antropology

ABSTRACT: No other commandment has been discussed so extensively today as the sixth commandment. Within the themes related to this commandment there is a discussion about the ethics of euthanasia. This article approaches such a theme in the light of the post-modern society that seems to have no time to spend with those who are considered “to be a burden” to society. Before starting the analysis of the morality of euthanasia, the research presented a review of the most common technical expressions used in this discussion. In the sequence, a number of considerations are built concerning the theme from an Ethical Christian perspective. In quest for satisfactory answers to the problem, the theme of the Adventist concept of “human being” was added to the themes usual to the debate, as an essential feature from which the question can be elucidated. Before coming to the conclusion, a brief exposition was undertaken about “the good Christian death” and the obligation of the church, as a congregation, toward those in need and without perspective of cure.

KEYWORDS: Euthanasia, Bioethics, Christian Ethics, Anthropology, Adventist.



INTRODUÇÃO

A “árvore da vida” era a expressão mais simples e plena da ética de Deus. Nossos primeiros pais, diante dela, tinham apenas algo que os ameaçava a serem levados da vida à morte: uma escolha. No entanto, depois da queda, o homem não era mais livre para viver. Mergulhara num período de conseqüências. A partir daquele momento, outro tinha a autoridade sobre sua vida e morte, e deviam sofrer as conseqüências de sua desobediência. O dom da vida, a árvore proibida, a tentação, a serpente, a queda e, por fim, a morte são os ingredientes que colocaram vários itens em conflito aberto. A ética da vida e a ética da morte, a ética do relacionamento e a ética da separação, o conhecimento do bem para a vida e o conhecimento do mal para a morte, e por último a autoridade de Deus contra a autoridade de Satanás.¹

É no pensamento de Mario Veloso que introduzimos a eutanásia como tema deste artigo. A serpente, o diabo ou Satanás, conseguiu introduzir no mundo muito mais do que um *direito* à morte, conseguiu introduzir a *condenação* à morte, da qual ninguém consegue escapar. Homicida desde o princípio (Jo 8:44) ele levou nossos primeiros pais a desejarem o que não deveriam: estar separados da fonte da vida, agir independentemente de Deus. De fato, Gênesis 3 a 8 descreve como o ser humano perdeu a vida, primeiro como indivíduo e em seguida como sociedade. A queda, o homicídio de Caim, a morte dos descendentes de Adão, e o dilúvio, constituem o relato da perda da vida como sonhada por Deus para o homem.²

Desde então, morte e dor configuram não somente o fim da vida de cada ser humano, mas também muito de seu transcurso. E é em meio à realidade de muita dor, que encontramos pessoas que se consideram prisioneiras da vida. Pessoas em que se reconhece o mesmo protótipo de vida que Deus anteviu ao impedir que Adão e Eva tivessem acesso à “árvore da vida”.³ Deus sabia que a vida chegaria a termos em que não mais valeria a pena ser vivida. Desta forma, as pessoas que hoje solicitam a morte estão apenas testemunhando que Deus mais uma vez tinha razão.

Mas qual é o direito humano com relação ao fim de sua vida? Tem o homem o direito de morrer quando achar que seu sofrimento não pode mais ser suportado? É a eutanásia uma opção válida para os cristãos? Pode ela ser considerada ética e moral? Este trabalho pretende apresentar ao leitor uma reflexão cristã adventista sobre o tema.

A primeira parte deste breve estudo apresentará os principais processos eutanásicos e suas subdivisões mais comuns. Irá proporcionar ao leitor a definição de alguns termos que são usados no debate, mas que em alguns casos podem oferecer determinada dificuldade no que se refere a esclarecer as diferenças entre eles. A segunda parte do trabalho é uma breve análise de cada um destes processos no que se refere à sua moralidade. Esta parte do estudo pretende também mostrar que uma resposta ética não será fácil uma vez que, mesmo no mundo cristão, há diversas opiniões sobre o tema.

Na seqüência, o leitor encontrará uma breve descrição da compreensão adventista de ser humano, que está composta basicamente a partir de citações de Ellen White. Este bloco pretende apresentar uma parte da compreensão



adventista de ser humano por considerar que esta poderá contribuir para o debate. Uma vez que a igreja está sendo cobrada por mentes cada vez mais inquiridoras, ela não pode ignorar a questão. Na quarta parte do trabalho são expostos importantes princípios para a conduta cristã, que podem “proporcionar” um tipo de “boa morte.” Por fim o leitor encontrará uma conclusão que pretende, após sintetizar a discussão, apresentar as principais inferências do autor.

Este trabalho não pretende apresentar a solução absoluta e final para a discussão sobre a eutanásia, mas apenas refletir sobre o tema a partir da teologia cristã-adventista. Com este estudo, o autor pretende incentivar outros pensadores a ponderar sobre esse que pode se tornar um dos mais relevantes temas de uma sociedade pós-moderna excessivamente materialista.

É indiscutível que a Bíblia deva ser a fonte que orientará a vida de todo crente. De alguma forma devemos buscar na Palavra de Deus, também, a resposta a esta inquietante questão da eutanásia. Ellen White declara que na Bíblia nós “podemos aprender a verdadeira maneira de viver, a maneira *segura* de morrer”⁴ (Itálico meu). Como mencionado acima, antes de qualquer coisa é muito importante revisarmos a definição de alguns termos usados no debate.

1. DEFININDO OS PRINCIPAIS TERMOS DO DEBATE

Com origem léxica⁵ no grego, a palavra eutanásia pretende qualificar o que seja “boa morte” e definir qualquer ação intencional que possibilite a morte de um ser humano, tanto por métodos ativos ou passivos, omissivos ou permissivos, naturais ou artificiais.⁶ Na realidade, a eutanásia esta subdividida em uma grande variedade de alternativas, o que torna importante apresentá-la organizada em cada uma de suas configurações. Ela está basicamente dividida em dois grandes blocos.

O primeiro deles agrega os processos que se referem ao tipo de ação. Temos neste grupo a eutanásia ativa e a passiva, a ortotanásia e a distanásia. O segundo bloco se refere ao consentimento do paciente. Neste grupo ela pode ser classificada como voluntária, involuntária ou não voluntária⁷. Apresentamos a seguir uma breve definição de cada um destes métodos.

1.1. A EUTANÁSIA EM RELAÇÃO AO TIPO DE AÇÃO

É classificada como eutanásia ativa toda técnica utilizada para antecipar a morte, pode ser a deliberada administração de substâncias ou procedimentos que ativamente provocarão a morte do enfermo.

Quanto à eutanásia passiva esta é, para também utilizar poucas palavras, o procedimento em que o paciente terá sua vida abreviada não pela adição de substância ou técnica, mas pela omissão de procedimentos extraordinários que salvariam sua vida. É passiva quando aparelhos que sustentam sua vida são desligados e/ou quando seu corpo não é reanimado em uma parada respiratória ou cardíaca. Não queremos aqui adiantar nenhuma conclusão para este trabalho, mas apenas mencionar que não são poucos os pensadores que consideram a ativa e a passiva em pé de igualdade. Descrevendo os métodos, um considerável site da área ética médica declara que: “Do ponto de vista moral, não é relevante se se põe fim a uma vida *por ação* ou *omissão*”⁸ (itálico meu).



Dentro deste mesmo grupo, encontra-se a ortotanásia. Esta, como procedimento, é considerada por alguns como a solução moral ideal para a questão.⁹ Trata-se da arte de morrer bem, sem ser vítima da mistanásia¹⁰ ou da distanásia sem, no entanto, recorrer à eutanásia ativa.¹¹ Neste processo não é ministrada ao moribundo qualquer droga que venha a apressar sua morte, mas não são sonogados remédios, drogas com caráter e dosagem anestésico, nem os procedimentos extraordinários de que falamos a pouco. Sua diferença em relação à eutanásia passiva é que neste caso não se está procurando – nem por parte do paciente nem de outros – uma oportunidade para a morte. Digno de nota que a maioria dos eticistas a classifica como uma subdivisão da eutanásia passiva.

Para finalizar o bloco que diz respeito ao tipo da ação, considere-se a distanásia. O debate ao redor da ética da eutanásia demorou a considerar que o procedimento mais comum também poderia ser, em alguns casos, considerado inadequado. Distanásia é sinônimo de obstinação terapêutica. É a definição técnica do procedimento mais comum e “aceitável” de nossos dias. Consiste no prolongamento artificial da vida, para além do que seria o processo biológico natural, custe o que custar, sem levar o sofrimento do enfermo e de sua família em consideração. É inclusive criticada por alguns eticistas como “encarniçamento terapêutico”.¹²

1.2. A EUTANÁSIA EM RELAÇÃO AO CONSENTIMENTO DO PACIENTE

Passando para o bloco que diz respeito à voluntariedade do enfermo, deve-se elucidar com respeito à eutanásia que ela não é uma escolha exclusiva do paciente. Outras pessoas podem ser convidadas a tomar decisões por aqueles considerados “incapacitados”. Temos aqui uma linha muito tênue entre o ideal e o conveniente. Quando forças maiores podem tomar as rédeas da vida de outros nas mãos, abre-se uma grande série de possibilidades.

A eutanásia é chamada voluntária, quando a dura escolha sobre sua vida e morte está absolutamente nas mãos do enfermo. É voluntária por respeitar explicitamente a vontade desse, conforme expresso por ele durante seu padecimento ou mesmo quando pode ser comprovada por declaração do paciente em tempos de lucidez, fora de coma e da depressão causada pela certeza da morte lenta.

Por sua vez a eutanásia involuntária é confundida com a não voluntária. Neste processo, encontra-se o que há de mais perigoso neste debate, que é o direito de tirar a vida de um paciente consciente sem que este informe seu consentimento e/ou contrariando seu(a) desejo expresso de viver.¹³ Em outras palavras, o paciente é reconhecido como mentalmente apto para tomar a decisão por si mesmo, mas não lhe é dada esta oportunidade.¹⁴ Alguns regimes totalitários fizeram uso deste tipo de eutanásia para “purificar” uma raça ou aliviar os gastos dos cofres públicos. A eutanásia é involuntária quando é contrária à vontade íntima e verdadeira do paciente de viver.

Por fim a não-voluntária diz respeito a pacientes que não podem expressar sua vontade e/ou não deixaram manifesta sua escolha para esta situação. Nessa situação, outros determinarão seu destino. É “o ato de matar um paciente cuja vontade não pode ser conhecida quer seja por causa de imaturidade, inabilidade ou ambas”.¹⁵ Os casos mais comuns são de recém-



nascidos, doentes mentais, pessoas em permanente estado vegetativo e pacientes inconscientes.¹⁶

Uma vez revisados todos os principais padrões, técnicas e termos empregados para o debate, passa-se agora à análise da moralidade da eutanásia.

2. A MORALIDADE NO DISCURSO DA “BOA MORTE”

Tendo em vista que é incumbência do cristianismo ser “a luz do mundo” e que o mesmo está inegavelmente envolvido por este debate, o cristão não pode permanecer sem refletir sobre este tema. Desde tempos remotos a eutanásia esteve presente, apresentando-se como “solução”, principalmente diante das limitações medicina de cada época. Em muitos casos não havia o que fazer nem mesmo para aliviar a dor do paciente, quanto mais para curá-lo. Não havia o que fazer e o “melhor” era permitir que os doentes recebessem ou pusessem fim à sua vida. Esse era um direito reconhecido pelo estado romano, como atesta Horta: “Na antigüidade greco-romana, o direito de morrer era reconhecido, o que permitia aos doentes desesperançados pôr um fim às suas vidas, algumas vezes com ajuda externa.”¹⁷

Mas com o advento do cristianismo, a concepção do valor de cada vida mudou de fato. Horta continua sua descrição sobre a eutanásia declarando que a prática eutanásica teve sua aplicação corriqueira amenizada com o surgimento da noção cristã de que a vida humana é sagrada.¹⁸ Mesmo diante desta realidade histórica, não há como discordar de Walter C. Kaiser que, em seu referencial estudo sobre a ética do Decálogo declara acerca do sexto mandamento, profundamente envolvido neste debate, que sua ética é a “mais complicada de todas para os nossos dias.”¹⁹

Cotidianamente, as discussões em torno da pena de morte, do aborto e mesmo da eutanásia estão na pauta dos congressos e senados mundiais. Ainda que em países como a Suíça, Austrália e Holanda, a eutanásia já esteja legalizada,²⁰ a ponto de ser - na Holanda - o motivo de óbito de 20% dos pacientes terminais de câncer, sendo que alguns desses são protestantes, não há uma solução à vista. Ela continua sendo um assunto debatido tanto no círculo cristão quanto no secular, sem que se encontre uma resposta satisfatória e definitiva.

A Bíblia Sagrada deixa muito clara sua proibição sobre o *assassinato*. Desta forma, devemos avaliar se a prática da eutanásia macula ou não este mandamento. Após analisar o debate dentro de cada uma das grandes religiões do mundo, Barchifontaine e Pessini deixam claro que em todas as grandes religiões do planeta existe um conceito de que a vida é sagrada e pertence somente a Deus, com exceção do budismo que não crê num ser superior. Segundo eles, em todas as religiões existe um “‘não’ solene à eutanásia ativa!”²¹ Curioso notar, no entanto, é que ainda assim alguns estudiosos cristãos encontram caminhos para não imputar imoralidade sobre a eutanásia, mesmo sobre a ativa.

Refletindo sobre ela e estudando o material de vários autores, a posição mais sensata com respeito à eutanásia ativa é de que sua prática é inadequada. Teríamos, inegavelmente, com ela, de tomar a existência de outra pessoa em nossas mãos e determinar se esta deve ou não continuar viva.



Teremos de avaliar se sua vida, no que se refere à qualidade, vale a pena ser vivida ou não. O problema é que não temos como analisar se ela é ou não relevante e se deve ser vivida ou não. Todas as pessoas, assim como sua vida, estão nas mãos de Deus e somente Ele pode ver o que é melhor, este é um imutável princípio bíblico que em todas as religiões cristãs pode ser notado.

Seria, sem dúvida, muito custoso considerar a eutanásia ativa moral. Partindo do princípio cristão de que cada alma é de propriedade particular de Deus, deveríamos ter muito mais cuidado ao julgar seu valor tão baixo. Este é um importante ponto a ser enfatizado. O mesmo princípio é defendido por Norman L. Geisler, que se demonstra contrário a este procedimento. Segundo ele, nós devemos reconhecer que “A vida humana tem valor intrínseco e não deve ser tirada por outro ser humano mesmo que a vítima o peça. Somente Deus tem o direito de dar e tirar a vida”.²² Este é um fato simples. Nós não temos o direito de tirar a vida de outro, somente o processo natural pode ser aceito, de outra forma, estaríamos abertamente transgredindo o sexto mandamento. Muitos outros argumentos poderiam ser dados contra a eutanásia ativa²³, mas este é o que define a questão da perspectiva cristã.

Será que haveria, então, a possibilidade de se considerar como ética a eutanásia passiva? É muito improvável. Para os pensadores mais sérios, tirar uma vida e se eximir de salvá-la é a mesma coisa. Matar é imoral e sonegar o socorro deve ser considerado igualmente imoral. Para a ética médica tradicional, do ponto de vista moral, não há diferença entre por fim a uma vida por ação ou por omissão.²⁴ Este é um princípio que se adéqua facilmente aos princípios do mundo cristão. A partir deste argumento sobre a eutanásia passiva, vimos que seria forçoso considerá-la um ato acomodável à ética dos seguidores de Cristo, pois quem sabe fazer o bem, e não o faz, comete pecado (Tg 4:7).

Quando voltamos nossa atenção para a ortotanásia percebemos que esta pode ser uma solução moral adequada para a questão, mas não sem algum desconforto, comum do tema morte. Debatendo sobre esta possível “solução” Barchifontaine e Pessini chegam mesmo a declará-la “O Ideal da Ortotanásia”.²⁵ Como já descrevemos acima, neste processo não são ministradas drogas ao enfermo a não ser em quantidades anestésicas. Além disso, neste processo o enfermo não deixará de receber atenção médica, alimentos, todo suporte para sua vida a fim de que não sofra. No entanto, o homem terá de reconhecer sua insuficiência para resolver o problema e permitir que Deus tome o seu lugar na vida e na morte de cada ser humano.

Para os cristãos sentir medo da morte não deve ser considerado pecado, doutra forma Cristo teria pecado, sentir medo da morte é apenas um atestado de que ela é um intruso, de que não fomos feitos para ela e sim para a vida eterna. Quando não há, com absoluta certeza, nada que se possa fazer para curar o enfermo o que devemos então fazer é assegurar ao moribundo o direito de morrer em casa segurando a mão da pessoa que ama e que o ama. Trata-se de dar ao homem o direito de receber a unção, a confissão de seus pecados, estar em sua cama, de sentir o seu travesseiro pela última vez.

Se foi o cristianismo que por ocasião de seu surgimento mudou os valores aplicados à vida é exatamente ele que deve dar o exemplo e mudá-los novamente. Mas agora, será que há alguma contribuição, a partir da



compreensão adventista de ser humano, que poderia amenizar para a solução do problema?

3. COMPREENSÃO ANTROPOLÓGICA ADVENTISTA²⁶

Para que se pretendesse escrever este artigo, deveria haver alguma contribuição relevante no conceito adventista de homem. Antes de se apresentar a posição do autor, devemos lembrar que “A alma farta pisa o favo de mel, mas à alma faminta todo amargo é doce” (Pv 27:7). O que se quer dizer com isso? Queremos relembrar que a existência de alguns dos enfermos que apelam à eutanásia é de fato tão penosa, árdua, aflitiva e amarga que a menor contribuição que se dê a eles, poderá transformá-los assim como o foram as amargas águas de Mara (Êx 15:23-27).

Para a teologia adventista, o ser humano é bíblicamente apresentado como sendo uma criatura de natureza indivisível, mas composta de três “dimensões”. Ellen White descreve esta natureza em uma de suas mais belas obras: “Adão e Eva saíram das mãos do Criador na completa perfeição do dote físico, mental e espiritual.”²⁷ Em outro lugar, ela acrescenta que “aquele que criou o homem, que lhe deu suas maravilhosas faculdades físicas, mentais e espirituais, não recusará aquilo que é necessário para manter a vida por Ele dada.”²⁸ São inúmeros textos que poderiam ser citados para apresentar a mesma realidade: para os adventistas o ser humano é um ser holístico.

Ao longo das décadas, o desenvolvimento da antropologia adventista²⁹ tem se solidificado nesta forma, apoiada, principalmente, na grande influência dos escritos de Ellen White. Para os adventistas não pode haver a menor separação entre cada aspecto de sua natureza, ou seja: não é possível desenvolver uma das três faculdades sem que se trabalhe pelo crescimento da outra.³⁰ Desta forma, alguns pensadores adventistas têm proposto trabalhar o desenvolvimento harmônico³¹ de todas as faculdades humanas para que se alcance o verdadeiro crescimento. No entanto, deve-se lembrar que estamos aqui lidando com a exceção que torna a regra real – doentes em estado terminal e, em algumas ocasiões, em estado vegetativo, no qual não podemos fazer muito, ou mesmo nada, por sua saúde “física”. Mas volvamos à descrição proposta.

Uma vez que as faculdades humanas não podem ser plenamente dissociadas, quando estivermos considerando pacientes terminais ou com limitações físicas, elas devem ser trabalhadas o máximo possível em interdependência. Não é possível cuidar apenas do corpo, ou da mente, ou do espírito, cada um destes influenciará o outro. É possivelmente por esta razão que o Senhor, quando de sua agonizante cruz, se negou a beber fel e vinagre, sabia que o torpor trazido sobre o corpo diminuiria sua força mental e espiritual e em consequência disso a capacidade de resistir à provação.³²

A antropologia adventista está sistematizada desta forma na obra *Nisto Cremos*:

Torna-se claro que todo ser humano é uma união indivisível. Corpo, alma e espírito funcionam em íntima cooperação, revelando um relacionamento intensamente harmonioso entre as faculdades espirituais, mentais e físicas da pessoa. Deficiências em uma área criarão embaraços nas outras duas. Um



espírito ou mente doente, impuro, terá efeitos deletérios sobre a saúde física ou emocional da pessoa. O inverso também é verdade. Uma constituição física enfraquecida, doente ou sofredora, em geral afetará a saúde emocional ou espiritual da pessoa. O impacto que as faculdades exercem umas sobre as outras, significa que todos os indivíduos receberam de Deus a responsabilidade de manter estas mesmas faculdades em suas melhores condições.³³

Como então à luz da antropologia adventista podemos diminuir os sofrimentos daqueles que vivem sua vida em termos de desejar a própria morte?

4. A “BOA MORTE” CRISTÃ

Ainda que a morte sempre se apresente como uma estranha ao nosso desejo de viver, há algo que pode ser feito para ajudar àqueles que estão prestes a morrer ou que estão desejando a morte. Diante dos pontos aqui expostos, podemos arrazoar que de todos os processos eutanásicos considerados, a ortotanásia é aquela que pode conter algum tipo de “boa morte”. Consideraremos, agora, como a compreensão adventista, acima exposta, pode mitigar os sofrimentos destas pessoas.

Quando é atestado que nada mais pode ser feito para recuperar a integralidade da saúde física, devemos então, assegurar que algo seja feito para que o enfermo tenha qualidade de vida no que se refere à saúde mental e espiritual. Mesmo alguns pensadores não adventistas já manifestaram este tipo de mentalidade. Barchifontaine e Pessini já apresentaram este tipo de pensamento. Segundo eles, o bem-estar não é apenas uma questão de saúde física, ele deve ser encarado como sendo algo de noções “globais” que vão muito além de não sentir dor, muito além do bem-estar físico. Para eles, a saúde abrange o bem-estar mental, social e espiritual. Para esses autores, o que estamos buscando não deve ser visto apenas como morrer sem dor, o importante é morrer em paz consigo mesmo, com as pessoas e “para quem tem fé”, com seu Deus.³⁴ O autor deste trabalho acredita que há uma obra especial a ser feita por aqueles que sofrem, pois há algo além da saúde física por que velar – saúde mental, espiritual.³⁵

Entrementes uma pergunta que permanece no ar neste ponto da discussão é: O que pode ser feito se somando a visão cristã adventista à questão da “boa morte”, para melhorar a vida de pessoas que estão diante deste inimigo atroz? A Bíblia apresenta algumas recomendações que devem ser seguidas.

O primeiro passo é dar espaço à ira (Rm 12:19). Deus pede que respeitemos nosso irmão neste momento de dor e que entendamos seu sofrimento como genuíno. Não devemos censurar nosso irmão a toda hora por sua indignação. Não é bom que o enfermo fique discutindo com Deus sua condição, mas ele deve receber de nossa parte este espaço. Além do mais, se Deus requer isto de nós, Ele também oferecerá isto a nós.

Um segundo ponto destacado pelas Escrituras e pela prática no trato com os enfermos é que eles devem ser ajudados a encontrar, na medida do possível, uma ocupação. Reconhecemos que em alguns casos estamos falando de tetraplégicos, mas mesmo estes, quando conscientes, podem



desenvolver algumas atividades. É evidente que nos casos extremos, pouco poderá ser feito a não ser que aja uma mobilização de pessoas dispostas a criarem os meios para isso. Deus criou o trabalho para ocupar a mente e o tempo do homem como forma de mantê-lo longe do pecado e melhorar sua vida (Gn 3:17-19, 23).

O terceiro ponto a ser enfatizado é um grupo de cuidados essencialmente espiritual. Diante da nova realidade, a comunidade de crentes deve entender que este ser humano não poderá fazer algumas coisas que antes ele fazia, referimo-nos aqui à comunhão com os outros crentes e coisas deste gênero. Por esta razão, a visitação aos enfermos sempre foi a tônica do cristianismo. Visitar o doente, orar com ele, cantar hinos e levar o calor da comunidade até ele, é algo que todos devem fazer (Tg 5:14,15). Devemos nos responsabilizar por levar comunhão àqueles que padecem e criar um ambiente agradável de luz que faça com que os anjos queiram estar ali.³⁶ E com poucas palavras devemos criar uma nova atmosfera espiritual para nosso irmão. Mostrar ao doente que ele é importante, que a comunidade deseja o bem-estar dele

Devemos nos encarregar de ler o texto Bíblico para ele, pois as folhas da "árvore da vida" são para a cura das nações³⁷ (Ap 22:2). Ler também outros livros como os favoritos do enfermo, ainda que não se tenha certeza da consciência do mesmo. Deve-se orar também com o doente. "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração" (Ef 5:19). Com todos estes cuidados, o enfermo conhecerá que a única morte em que deve ter esperança é na de Cristo e não na própria, não sendo levado a pensar que Deus o esqueceu ou o abandonou.

Deve ter se mostrado óbvio que a ortotanásia não pode ser vista apenas como um procedimento biológico no qual se estabelecem meios para morrer sem sofrimento e dor.³⁸ É evidente que há um dever cristão de levar amor para aqueles que estão presos a um estado físico tão limitado como os aqui considerados, a obra médico missionária está, agora, em nossas mãos,³⁹ Ellen White declara que:

[é] desígnio de Deus que os enfermos, os desafortunados, [...] ouçam Sua voz [de Cristo] *por nosso intermédio*. Mediante Seus instrumentos humanos Ele deseja ser um confortador, como o mundo jamais haja visto. *Através de Seus seguidores* devem ser transmitidas Suas palavras: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim." João 14:1⁴⁰ (itálicos nossos).

E ainda em outro trecho discorrendo sobre a obra médico-missionária e seu valor para nossos dias, ela acrescenta:

Oh se todos os que se encontram aflitos pudessem ser atendidos por [...] cristãos que os ajudassem a deixar seu corpo abatido e torturado pelo sofrimento aos cuidados do grande Médico, olhando para Ele com fé em busca de restauração. Se mediante ministração judiciosa é o paciente levado a confiar sua alma a Cristo e a trazer seus pensamentos em obediência à vontade de Deus, *uma grande vitória foi alcançada*⁴¹ (itálicos nossos).



Tendo apresentado todos os pontos essenciais para o debate, bem como a argumentação dessa pesquisa, pode-se passar agora para as considerações finais.

CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste trabalho, percebeu-se que o debate acerca da “boa morte” tem se ressurgido, e que, portanto, é fundamental que a igreja reflita sobre este delicado tema. Lida-se com um público cada vez mais crítico e, que, por esta razão não se satisfaz com explicações superficiais.

No início deste trabalho, após serem pontuados os principais conceitos, definições e técnicas eutanásicas, pode-se analisar a moralidade dos mesmos com mais segurança. Isto feito, considerou-se a eutanásia ativa, e esta foi rechaçada devendo ser considerada imoral, transgressão do mandamento e, como tal, pecado. Assim, todas as técnicas que ativamente pretendem, sob a fachada da compaixão e amor, aliviar o sofrimento humano, acelerando sua morte, devem ser descartadas.

Quando se considera a eutanásia passiva, percebe-se que ela não pretende apenas criar um ambiente em que o enfermo possa morrer em paz, ela é, antes, uma busca de oportunidade para morrer. Diante de crises como uma parada cardíaca, respiratória ou outras, sonegar o socorro a torna, assim como a eutanásia ativa, imoral. Como vimos, não há distinção entre por fim à vida por ação ou por omissão.

Ainda que sem nos dedicarmos especificamente a este ponto, vimos que a obstinação terapêutica também deve ser repensada. Conhecida como distanásia, ela pode, em alguns casos, dificultar e mesmo impedir que o enfermo se prepare espiritual e mentalmente para selar sua vida com Deus, podendo acarretar-lhe riscos eternos ao enfermo.

Este artigo passou, então, para considerações acerca da ortotanásia, que é apresentada por alguns pensadores como um “ideal”. Viu-se que alguns estudiosos, perceberam que a saúde humana não se restringe à esfera física, e que algo pode ser feito por enfermos para garantir-lhes um bom fim. Essa posição contribui com a compreensão adventista de ser humano, que foi, rapidamente apresentada a partir de alguns textos selecionados de Ellen White.

Observou-se que para os adventistas, o ser humano foi criado com faculdades físicas, mentais e espirituais. E que uma vez que ele esteja padecendo fisicamente, por males que comprovadamente sem solução, deve-se então, dedicar-se mais intensamente ao cultivo, preservação e cura de suas faculdades mentais e espirituais. Esse é um tipo de tipo de “boa morte” (ortotanásia), a qual todos têm direito. Em outras palavras, assistir o paciente de tal modo, que o ajude a se preparar para garantir sua salvação e ressurreição.

Por fim, observa-se que a comunidade de crentes tem um papel crucial a desempenhar por aqueles que padecem de sofrimentos como os aqui mencionados. Visitações, orações, cânticos, salmos, leituras bíblicas e muitas outras contribuições podem, e devem, ser feitas por aqueles que pretendem representar a voz de Deus. Ele pretende usar seus seguidores para alcançar o coração dos aflitos e levar a eles muita vida e essa em abundância (Jo 10:10).



O objetivo é deixar claro que não se pretende, de forma alguma, ter apresentado aqui a solução que venha diluir as perplexidades deste tema tão delicado. Alguns expoentes do pensamento cristão têm apresentado importantes contribuições⁴² sobre o tema e este trabalho vem apenas tomar parte neste duro debate. O que se propôs fazer foi apresentar uma alternativa cristã para abrandar os sofrimentos de várias pessoas que precisam de conforto para atravessar o vale da sombra da morte, sem temer mal algum, pois por meio de seus irmãos saberão que Deus está com eles (Sl 23:4).

NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. Mario Veloso, *O Homem, Pessoa Vivente* (Brasília, DF: Alhambra, s/a), p. 66.
2. Ibid.
3. Ellen White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: CPB, 2002), p. 134.
4. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade, vol. 1* (Tatuí, SP: CPB, 2001), p. 97,98.
5. Uma boa definição de eutanásia pode ser encontrada em Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1992), p. 124, “A palavra *eutanásia* deriva do grego *eu* (boa) e *thanatos* (morte), e significa qualquer ação intencional que possibilite a boa morte de um indivíduo, seja por métodos diretos ou indiretos, ativos ou passivos, omissivos ou permissivos, naturais ou artificiais”.
6. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1992), p. 124.
7. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context* (Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003); (Carlos Fernando Francisconi e José Roberto Goldim, acessado 18/09/2007, disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/eutantip.htm>).
8. Acessado em 18/09/2007, disponível em <http://www.unifenas.br/radiologia/biblioteca>.
9. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini chegam mesmo a declará-la “O Ideal da Ortotanásia”; para ver o texto completo consulte Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios* (São Paulo, SP: Loyola, 2001), p. 291-296.
10. Para se aprofundar mais nas definições e conceitos de mistanásia e distanásia ver Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 291.
11. Ibid.
12. Ibid, p. 289.
13. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003, p. 241.
14. Ibid.
15. Johnstone citado por Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*, p. 241.
16. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*, p. 241.
17. Acessado em 18/09/2007, disponível em www.unifenas.br/radiologia/biblioteca.
18. Ibid.
19. Walter C. Kaiser, Jr., *Toward Old Testament Ethics* (Michigan, MI: Zondervan Publishing House, 1991), p. 134.



20. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 125.
21. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 280.
22. Norman L. Geisler, *Ética Cristã: Alternativas e Questões Contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 200.
23. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 127.
24. Acessado em 18/09/2007, disponível em www.unifenas.br/radiologia/biblioteca.
25. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini chegam mesmo a declará-la “O Ideal da Ortotanásia”; para ver o texto completo ver Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 291-296.
26. Por limitação de espaço, a compreensão adventista de “homem” e de “morte” poderão ser melhor compreendidas a partir de: “homem” em *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: CPB, 2000, p. 115-141; e de “morte” no verbete “death” Don F. Neufeld (ed.), *Seventh-Day Adventist Bible Dictionary (SDABD)*, Washington, DC: Review and Herald, 1976, p. 278; *Seventh-Day Adventists Answer Questions on Doctrine*. Washington, DC: Review and Herald, 1957, p. 524.
27. Ellen G. White, *No Deserto da Tentação*, (Tatuí, SP: CPB, 1990), p. 12.
28. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, (Tatuí, SP: CPB, 2004), p. 199.
29. Para conhecer a história do desenvolvimento da doutrina adventista sobre a morte e o homem ver Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento Das Doutrinas Adventistas*. 2ª ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspess, 2007.
30. Ellen G. White, *Conselho Sobre Regime Alimentar*, (Tatuí, SP: CPB, 2002), p. 465.
31. Para obter um breve vislumbre de como a visão adventista deve ser trabalhada no desenvolvimento harmônico das faculdades humanas ver Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, *Pedagogia Adventista*. Tatuí, SP: CPB, 2004.
32. Ellen G. White, *O Desejado de Todas As Nações*. Tatuí, SP: CPB, 2004, p. 746.
33. *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, p. 123.
34. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini. (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 294.
35. Mesmo os budistas consideram que o importante é preservar a integridade mental. “Os médicos não gostam da idéia de interromper a vida de uma pessoa prefeririam prolongar os processos biológicos físicos da vida, sem se preocupar com a *qualidade mental* dessa vida. É justamente aqui que os budistas estão em desacordo com a medicina ocidental materialista” (Itálicos nossos). Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 268, 269.
36. Ellen G. White, *Beneficência Social: Instruções para o Serviço de Visitação Cristã*. Tatuí, SP: CPB, 1987, p. 32.
37. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 199.
38. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 293.
39. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, SP: CPB, 1998, p. 393.
40. Ellen G. White, *Beneficência Social: Instruções para o Serviço de Visitação Cristã*, p. 22.
41. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, SP: CPB, 1998), p. 388.
42. Ainda que, mesmo entre alguns pensadores cristãos, exista alguma divergência em relação à eutanásia, há obras que podem conduzir o leitor a uma reflexão mais profunda sobre o tema. Ver, por exemplo, Norman Geisler e Peter Bocchino, *Fundamentos Inabaláveis: Respostas aos maiores questionamentos*



contemporâneos sobre a fé cristã. São Paulo, SP: Vida, 2001; David K. Clark e Robert V. Rakestraw, *Readings in Christian Ethics*, vol. 2: Issues and Applications. Grand Rapids, EUA: Baker Book House, 1994; Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003; Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1992; entre outros.

ARTIGOS

MARCAS DE INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROBLEMA DO ABUSO INFANTIL

Natanael B. P. Moraes, DTP

Professor de Aconselhamento Pastoral do curso de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
natanael.moraes@unasp.edu.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de descrever, panoramicamente, o problema do abuso sexual. Discute o assunto a partir de uma perspectiva bíblica e o identifica como uma herança negativa das influências liberalizadoras da revolução sexual. Trata ainda, sucintamente, da prevenção e tratamento do abuso.

Palavras-chave: abuso infantil, revolução sexual,

Childhood Hurt: A Reflection on the Problem of Child Abuse

Abstract: The goal of this article is to describe, in a panoramic way, the problem of child abuse. It discusses the subject from a Biblical perspective, and identifies it as a negative heritage from the “liberating” influences of the Sexual Revolution. It also deals, briefly though, with ways of prevention and treatment for this kind of abuse.

Keywords: Child Abuse, Sexual Revolution.

INTRODUÇÃO

A revolução sexual do século passado (1960-1980) produziu resultados positivos e negativos. Como positivo, pode-se mencionar a superação da perspectiva pecaminosa sobre o sexo, uma herança da teologia agostiniana.¹ Na verdade, os efeitos da revolução sexual foram mais negativos do que positivos. Entre os efeitos negativos, destaca-se, lastimavelmente, o aumento do índice de abusos sexuais.

A palavra abuso provém do latim *abusus*.² O prefixo *ab* significa “afastamento, separação”.³ Assim, quando alguém se afasta do “uso” normal, comete “abuso”. Por sua vez, Maria H. Diniz define abuso como: uso excessivo, impróprio ou injusto de alguma coisa; excesso no exercício de uma função ou exercício irregular de um direito; ato contrário à lei, à moral e aos bons costumes; ato ilícito, imoral, anti-social; violência sexual; estupro; defloramento.⁴

Por definição, abuso é uma situação abrangente que envolve mais do que a questão sexual. O histórico do imperador romano Nero é um exemplo



notório. Era filho de Gneu Domício Enobarbo com Agripina. Casou-se com Otávia, mas teve uma amante por nome Popéia Sabina, que era casada com Marcos Otho. No ano de 62, Nero se divorciou de Otávia e a acusou de adultério, por isto, ela foi condenada à morte. Depois, casou-se com Popéia Sabina. O historiador Suetônio informa que Nero matou Popéia Sabina à pontapés porque ela reclamou de sua tardança. Ele ficara assistindo corridas de cavalos com carruagens. Na ocasião ela estava grávida. Ainda segundo Suetônio, Nero tentou envenenar a mãe três vezes, mas não conseguiu matá-la. Em outra oportunidade fez com que o teto do quarto caísse sobre a mãe, porém, ela conseguiu escapar. Mais tarde, armou um plano para que o barco no qual ela navegava afundasse. A embarcação naufragou na Baía de Nápoli, mas sua mãe escapou nadando até a praia. Por fim, conseguiu seu intento. Nero contratou um assassino que esfaqueou a mãe até a morte.⁵

Depois que matou Popéia Sabina a pontapés, Nero castrou Sporus e se casou com ele. Realizou uma cerimônia de casamento com todas as pompas a que tinha direito. Vivia com ele como se fosse sua esposa.⁶ No ano de 64 d.C, Roma foi destruída por um incêndio que durou seis dias. Suetônio conta que Nero subiu numa torre para cantar e contemplar as chamas a consumirem Roma. O imperador procurou um “bode expiatório” para culpar pelo incêndio da capital do império. Encontrou-o numa nova seita religiosa, os cristãos. Muitos deles foram presos e lançados às feras no circo. Outros tantos foram crucificados. Muitos foram queimados até a morte para iluminar os jardins de Nero. Enquanto as “tochas” humanas queimavam, o imperador se unia aos espectadores para contemplar a cena.⁷

Assim, os atos malévolos perpetrados por Nero como o adultério com Popéia Sabina, o assassinato de sua mãe e de sua segunda esposa, o convívio com um eunuco como se fosse mulher, a culpa injustamente colocada nos cristãos pelo incêndio de Roma e a condenação deles à morte se constituem em verdadeiras atitudes abusivas.

1. PERSPECTIVA BÍBLICA DO ABUSO

Conforme a Bíblia, “pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4). O primeiro ser criado por Deus a pecar contra Ele foi Satanás, deste modo, ele se tornou o primeiro “abusador” do universo. Ele investiu contra: Deus, seu caráter, sua lei e seu governo. Não satisfeito, Satanás continuou sua obra abusiva na Terra, na qual levou Adão e Eva a pecarem contra Deus (Gn 3:2-4).

Inicialmente, Deus dissera a Adão e a Eva “de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:16, 17). A vida e a felicidade da raça humana dependiam da decisão de atender ao “não” de Deus. Este mandamento era uma delimitação do poder e da liberdade do casal. Assim, o bem-estar deles dependia da aceitação dos limites colocados por Deus.

Quando o tentador se aproximou de Eva, ele investiu diretamente contra a restrição imposta por Deus, “a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:4, 5).



Estava implícito nas palavras de Satanás que a lei de Deus era desnecessária. É como se ele estivesse dizendo “eu garanto que você é uma pessoa livre. Não existem limites para você. Coma!”. Este é o grande engano do inimigo. Não há necessidade de leis. Todos são livres para fazerem o que desejarem.

A desobediência de Eva, comendo do fruto proibido, configurou-se no primeiro ato abusivo na face da Terra. Logo depois, Adão cometeu o mesmo engano e se uniu a esposa na transgressão. Por esta perspectiva, a desobediência de Adão e Eva se constituiu num uso indevido da liberdade concedida por Deus, um verdadeiro ultrapassar dos limites divinos.

Neste momento da discussão é oportuno que se apresente o ponto de vista do direito sobre abuso. Conforme Castelo Branco, “qualquer transgressão é abuso”.⁸ Fica evidente, portanto, que todo abuso é um tipo de pecado. Isto confirma a etimologia da palavra, pois o latim *abusus* significa um afastamento do uso normal.

Por sua vez, a Bíblia narra diversas situações abusivas: os homens de Sodoma quiseram abusar dos anjos (Gn 19); Jacó roubou a bênção de Esaú com mentiras (Gn 27); Diná foi abusada por Siquém (Gn 34); a concubina do levita sofreu abuso sexual e morreu em função do mesmo (Jz 19-21); Davi adulterou com Bate-Seba (2Sm 11-12); Amnom cometeu incesto com sua irmã Tamar (2Sm 13); Amnom foi assassinado por Absalão (2Sm 13); o infanticídio ordenado por Herodes, cujo principal propósito era o de tirar a vida de Jesus, o presumido rei de Israel (Mt 2:16-18). Por fim, o ato mais abusivo do universo foi cometido contra Jesus Cristo, ao ser condenado injustamente a morrer na cruz do Calvário.

Como se notificou acima, abuso é uma ação anormal que abrange qualquer tipo de transgressão, seja da lei de Deus ou dos homens. Antes que se aborde o tema do abuso infantil, é necessário que se faça uma análise sucinta do histórico que antecedeu a revolução sexual, uma das principais causas sociais dos abusos sexuais do presente.

2. REVOLUÇÃO SEXUAL E AUMENTO DOS ÍNDICES DE ABUSO SEXUAL

As estatísticas indicam que os índices de abuso sexual estão crescendo, quais seriam os motivos? Uma breve retrospectiva na história do século passado permite que se encontrem as raízes dos “abusos”, hoje tão comuns.

Na verdade, a revolução sexual das décadas de 1960-1980 foi quem contribuiu consideravelmente para o crescimento alarmante de abusos sexuais contra as crianças, jovens e mulheres.

Dentre as principais influências da revolução sexual, destacam-se três pensadores, Friedrich Nietzsche, Wilhelm Reich e Herbert Marcuse. Em sua obra *Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche (1844-1900) concita o homem a assumir a morte dos deuses e a se dedicar intensamente aos valores terrenos:

Meus irmãos, permaneceis fiéis à terra com todo o poder da vossa retidão. Sirvam à terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. Eu vo-lo rogo, e a isso vos suplico.

Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrenas e esvoaçar contra paredes eternas. Ai! Tem havido sempre tanta virtude extraviada!



Restituí, como eu, a virtude extraviada à terra. Sim; restituí-a ao corpo e à vida, para que dê à terra o seu sentido, um sentido humano [...]
Solitários de hoje, vós, os afastados, formareis um povo algum dia. Vós que vos haveis escolhido a vós mesmos, formareis um dia um povo eleito do qual nascerá o super-homem [...]
Todos os deuses morreram; agora viva o super-homem! Seja esta, chegando o grande meio-dia, a vossa última vontade.⁹

Nietzsche deu o golpe mortal na crença em Deus. Outro ataque significativo contra a fé e a moral cristã veio por parte de Wilhelm Reich (1897-1957). Ele afirmou:

A existência de princípios morais rigorosos tem sido sempre uma prova de que as necessidades biológicas, especialmente as necessidades sexuais do homem, não estão sendo satisfeitas. Toda regulamentação moral é sexualmente negativa, isto é, nega as necessidades sexuais naturais. Toda moral nega a própria vida, e a revolução social parece não ter tarefa mais importante do que possibilitar finalmente ao homem, ao ser humano vivo, a satisfação e realização da sua vida.¹⁰

Com a “morte” de Deus proclamada por Nietzsche, o combate a regulamentação moral perpetrado por Reich, faltava apenas um “empurrãozinho” para que a revolução sexual explodisse. Isto foi realizado por Herbert Marcuse (1898-1979). Este se mobilizou contra os valores morais da religião judaico-cristã, segundo a qual o homem tinha que “comportar-se como um ser superior, vinculado a valores superiores; [onde] a sexualidade tinha de ser dignificada pelo amor”.¹¹ Marcuse anteviu as conseqüências de sua proposta, quando diz que, ocorreria “uma desintegração das instituições em que foram organizadas as relações privadas inter-pessoais, particularmente a família monogâmica e patriarcal”.¹²

Estes foram os principais antecedentes da revolução sexual, cujas primeiras manifestações públicas ocorreram na França. Como exemplo, menciona-se o grafite “É proibido proibir”, que apareceu nos muros de Paris em 1968. Frases como esta “incendiaram desejos e alimentaram sonhos em todo o mundo”.¹³

A seguir, destaco alguns dos diversos prejuízos influenciados pela revolução sexual. O primeiro deles é a gravidez na adolescência. Uma, em cada sete crianças nascidas nas Américas, é filha de mãe adolescente, num total de 2,5 milhões de bebês por ano.¹⁴ O crescimento explosivo da gravidez precoce também pode ser observado na demografia do Estado de São Paulo. Enquanto a população cresceu 40% na década de 1970-1980, o número de partos entre adolescentes de 15 anos, aumentou 300%; e entre as de 16 anos, cresceu 127%, neste mesmo período.¹⁵ Em nível de Brasil, entre 1976 e 1994, o número de adolescentes que engravidaram com menos de 15 anos de idade saltou de 2.223 para 11.457. Trata-se de um aumento da ordem de 391%, num período em que o crescimento populacional brasileiro foi de 42,5%.¹⁶

O aborto, por sua vez, é uma conseqüência natural do aumento da gravidez indesejada. Em 1997, apenas nos hospitais do SUS (Sistema Único de Saúde) foram recebidas 241 mil adolescentes, que sofreram a ação de abortos malfeitos e se submeteram a curetagem.¹⁷ O mais alarmante de tudo,



como demonstra pesquisa do IBGE, é que 20% das mortes de adolescentes brasileiras ocorrem em função do aborto.¹⁸ Geralmente, as vítimas destas mortes, que poderiam ser evitadas, pertencem às classes pobres da sociedade brasileira. Elas não têm acesso às clínicas clandestinas, como as meninas de classe média, que pagam em torno de dois mil a três mil reais por aborto feito.¹⁹

Outro grave prejuízo da revolução sexual foi o aumento vertiginoso das doenças sexualmente transmissíveis (DST). Há cerca de 35 anos, a medicina estudava apenas cinco DST: sífilis, blenorragia, linfogranulomatose inguinal, cancro mole e granuloma venéreo.²⁰ Hoje, quase quatro décadas depois do início da revolução sexual, a medicina catalogou mais de 50 DSTs.²¹

Gravidez na adolescência, aborto e doenças sexualmente transmissíveis são alguns dos vários prejuízos causados pela liberação sexual. Também poderia se mencionar a prostituição na adolescência e o abuso infantil. Todos são conseqüências de uma onda liberalizante desencadeada pela revolução sexual, cuja frase “é proibido proibir” sintetiza o principal motivo das ações.

Em recente artigo para a seção “Folha Ilustrada” do jornal *Folha de S.Paulo*, Ferreira Gullar comentou as conseqüências da ideologia representada pelo grafite “É proibido proibir”. De acordo com o escritor “tudo isso era muito divertido, mas a verdade é que contribuiu para minar o princípio de que a sociedade necessita de normas, já que, sem elas, mergulharíamos no arbítrio, na violência e no caos.”²²

O índice alarmante de abuso infantil demonstra o desrespeito contra as normas morais cristãs que restringem a atividade sexual ao casamento monogâmico. Todavia este quadro caótico que caracteriza a sociedade atual nada mais é do que um cumprimento da profecia bíblica, “nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, os homens serão egoístas [...] sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem [...] mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (2Tm 3:1-5).

3. O ABUSO INFANTIL

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) promoveu um encontro de especialistas no combate ao abuso infantil. Ao final do mesmo, chegou-se a seguinte definição

o abuso ou maltrato infantil constitui toda forma de maltrato físico e/ou psicológico, abuso sexual ou tratamento negligente ou comercial ou outra forma de exploração que cause ou possa causar dano à saúde da criança, à sua sobrevivência ou dignidade no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder.²³

Por violência contra a criança se entende que é “toda forma de violência física ou mental, dano ou abuso, negligência ou tratamento negligente, maltrato ou exploração, incluindo abuso sexual”.²⁴

3.1. Estatísticas norte-americanas sobre abuso infantil

Tendo-se em vista os registros policiais do ano de 2005 nos Estados Unidos, 899 mil crianças foram vítimas de abuso e negligência.²⁵ A seguir, os



tipos comuns de maus tratos: 62.8% - 564.572 vítimas de negligência; 16.6% - 149.234 vítimas de abuso físico; 9,3% - 83.607 vítimas de abuso sexual; 7,1% - 63.829 vítimas de maus tratos emocionais.²⁶

É um triste quadro de sofrimento físico e emocional impetrado contra um elevado número de crianças norte-americanas. Lastimavelmente, esta é uma das conseqüências da revolução que "liberalizou" exageradamente os limites da expressão sexual.

3.2. Pesquisa sobre abuso sexual na Bélgica

A organização de defesa dos consumidores Euroconsumer, em uma pesquisa sobre os hábitos sexuais em quatro países europeus, constatou que na Bélgica, cerca de 15% da população sofreu algum tipo de abuso sexual, a maioria quando era menor de 16 anos. Em 80% dos casos reportados, a vítima foi uma mulher e o agressor foi um homem com alguma relação de proximidade, em geral um ex-parceiro, tio ou primo.

Esta pesquisa na Bélgica entrevistou 1,5 mil pessoas, um número que, de acordo com o Ministério de Assuntos Sociais e Saúde Pública é suficiente para elaborar uma estatística realista em um país com 10,3 milhões de habitantes. O estudo indicou que 55% das mulheres e 60% dos homens violados foram forçados a manter relações sexuais sem consentimento, mas não houve violência física. Em outros 6,3% dos casos com mulheres e 4% com homens, o abuso incluiu violência física.

A Bélgica foi o país com mais casos de violência sexual, mas outros países não ficaram muito atrás. Em Portugal, 10% da população admitem ter sido vítima de abusos, dos quais 6% antes de completar 16 anos. Entre os espanhóis, 11% sofreram algum tipo de violência sexual, sendo que 6% quando era menor de 13 anos.²⁷

Conforme foi destacado nas seções anteriores, esta constatação, em países da Europa, do alarmante índice de crescimento do abuso contra crianças é uma conseqüência funesta da revolução sexual que liberou a expressão dos instintos humanos.

3.3. Estimativas brasileiras de abuso infantil

No Brasil, não se tem dados estatísticos tão próximos da realidade como nos Estados Unidos e Europa. Segundo denúncias que chegam à polícia, calcula-se que em todo o país, a cada minuto, 12 crianças sofram algum tipo de violência.²⁸

A entidade Sentinela de Londrina (PR) notificou 124 casos atendidos em 2002, 34 meninos e 90 meninas ao todo. No ano de 2003 foram 167 casos, sendo 51 meninos e 116 meninas. Em 2004 não foi diferente. Até o dia 9 de dezembro, o programa recebeu 135 vítimas, sendo 93 meninas para 42 meninos. "Noventa por cento dos agressores são pessoas que estão perto das crianças. O crime é praticado principalmente contra vítimas de quatro a dez anos de idade".²⁹

Tomando por base uma cidade de porte médio como Londrina, uma projeção para as demais cidades brasileiras elevaria em muito o quadro de crianças abusadas sexualmente no Brasil, revelando uma triste realidade.



3.4. O triste aspecto do “silêncio”

As estatísticas disponíveis no Brasil, feitas a partir de denúncias registradas em delegacias e demais entidades de defesa dos direitos da criança, indicam que, para quatro denúncias, outras cinco vítimas ainda estão silenciosas nas mãos dos agressores.³⁰

Algumas vítimas não conseguem falar sobre o problema e pedir socorro. Outras são “amordaçadas” pelas ameaças dos abusadores.

O agressor ameaça matar a mãe da criança ou diz para a vítima que se contar para alguém, o tio, o pai ou irmão será preso e que acabará perdendo o parente. Também verificamos outras situações em que a palavra do adulto tem mais peso que a de uma criança.³¹

Às vezes, as mães se calam para proteger os agressores. Outras vezes, interferem para piorar a situação. Crianças que na primeira entrevista com os atendentes do Sentinela contam detalhes da agressão, passam a negar a história, depois que as mães intercedem pelo agressor. Casos como esses revelam que a mulher não quer perder o companheiro ou tem medo de não conseguir sustentar a família sozinha.³² O silêncio das vítimas e das pessoas que deveriam zelar pelo seu bem estar acaba por perpetuar situações abusivas.

3.5. COMPORTAMENTO DO ABUSADO

Estas são as principais evidências de que está ocorrendo abuso: demonstração de conhecimento sexual não adequado à idade; masturbação excessiva; queixa de dor ou ardência nos órgãos genitais; queda no rendimento escolar; resistência para se relacionar com adultos; isolamento ou depressão; distúrbios do sono e do apetite; mudanças bruscas de comportamento; falta de cuidado com a aparência e higiene ou necessidade exagerada de asseio.³³

Qualquer cidadão, principalmente professores, vizinhos, familiares, deveriam estar conscientes destes sinais externos e, logo que identificassem crianças com estas características, deveriam informar aos conselhos tutelares e delegacias de polícia para que se tomassem as devidas iniciativas investigativas e punitivas.

3.6. A PREVENÇÃO DO ABUSO

A seguir, algumas iniciativas que os pais podem tomar à medida que as crianças se desenvolvem:

A partir dos três anos de idade - Ensinar a criança a reconhecer, resistir e informar sobre toques impróprios nos seus órgãos genitais; entre 4 e 5 anos - o modo pela qual as crianças nascem; entre 6 e 11 anos - Utilização correta dos termos que identificam os órgãos genitais; elas podem entender como as crianças são geradas e como nascem; podem impedir ser tocados em suas partes íntimas por outras pessoas.³⁴

Por si só a educação sexual preventiva não impede o abuso sexual, mas contribui para reduzir os índices, pois diante de uma atitude suspeita de qualquer adulto, ela pode agir para impedir ou denunciar o abuso.



O abuso infantil deve ser comunicado às autoridades competentes. Se porventura os abusadores admitissem suas compulsões e procurassem o devido tratamento terapêutico, isto seria suficiente para recuperá-los. Como raramente acontece, deve-se denunciar qualquer tipo de abuso sofrido por crianças. A investigação policial apropriadamente conduzida, o indiciamento, o julgamento e a prisão de um abusador é a melhor iniciativa a ser tomada para se evitar que outras crianças sejam prejudicadas.

4. MENSAGEM PARA QUEM SOFREU QUALQUER TIPO DE ABUSO FÍSICO, EMOCIONAL OU SEXUAL

Toda criança que sofreu algum tipo de abuso deveria ser encaminhada para um profissional competente neste tipo de terapia. Todavia, nem sempre isto é feito, na verdade, bem pouco é realizado. Isto se deve, principalmente, ao “silêncio” a que uma criança é forçada a manter em função das ameaças de revide violento por parte do abusador. Em outras situações, a mãe por receio de perder o arrimo do abusador (marido, parceiro, etc.), deixa de tomar as devidas iniciativas para providenciar apoio terapêutico para a vítima infantil.

O ideal é que a criança que sofreu abuso seja acompanhada por um terapeuta especializado. Sempre que possível, é indicado que após um período de tratamento, o abusado deve “confrontar” o abusador, obviamente um processo conduzido pelo terapeuta. Isto é relevante para a sua recuperação emocional.

Se você que lê este artigo, porventura, sofreu algum tipo de abuso, há uma iniciativa a ser tomada. Esta é de caráter eminentemente espiritual. Lembre-se das palavras de Jesus Cristo aos Seus algozes, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Entende-se que na situação de alguém que foi abusado isto é consideravelmente difícil, mas para a sua “cura” isto é indispensável.

Não tenha receio de buscar auxílio terapêutico. Hoje em dia, há várias pessoas qualificadas a prestarem atendimento. Mesmo que seu caso tenha ocorrido há muito tempo, mesmo assim é bom que procure orientação para o seu pleno restabelecimento emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer transgressão da lei humana ou divina se constitui num tipo de abuso, o que está em harmonia com a etimologia da palavra, indicando um afastamento do uso normal. Pela perspectiva bíblica, o primeiro e principal abusador é Satanás.

O abuso infantil não é um crime recente, mas tal como a gravidez na adolescência, o aborto, as doenças sexualmente transmissíveis são, em grande parte, resultados funestos de uma ideologia liberalizadora dos instintos que foi promovida pela revolução sexual. Mesmo nos países desenvolvidos não se tem uma estatística precisa de todos os casos de abuso infantil, visto que nem todos os casos chegam ao conhecimento das autoridades. Mas sabe-se que o índice é crescente e alarmante.

Pais, professores, líderes religiosos, entre outros, deveriam estar bem alertas aos sinais exteriores que prenunciam algum tipo de abuso infantil.



Melhor mesmo é prevenir. Para tanto, ministrem as informações adequadas a cada faixa etária. Caso venham a perceber algum tipo de evidência de abuso, precisam comunicar com urgência o fato às autoridades competentes.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

- ¹ Para uma melhor noção sobre a influência da teologia de Agostinho para a conceituação negativa do sexo como ação pecaminosa, ver Natanael B. P. Moraes, *Teologia e ética do sexo para solteiros: análise bíblico-histórica e proposta adventista de educação sexual*, tese doutoral, Engenheiro Coelho, SP, maio de 2000, 103-104.
- ² Antônio Geraldo da Cunha, "Abuso", *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986), 6.
- ³ Domingos Paschoal Cegalla, *Novíssima gramática da língua portuguesa* (São Paulo: Nacional, 1997), 112.
- ⁴ Maria Helena Diniz, *Dicionário jurídico* (São Paulo: Saraiva, 2005), 1:34.
- ⁵ Nero Claudius Drusus Germanicus (AD 15 - AD 68), pesquisa realizada na internet, no site <http://www.roman-empire.net/emperors/nero-index.html>, no dia 2 ago 2007.
- ⁶ Chapter 3, Epaphroditus, pesquisa realizada na internet, no site <http://whatistruthsaidpilate.homestead.com/chapter3.html>, no dia 2 ago 2007.
- ⁷ Nero Claudius Drusus Germanicus (AD 15 - AD 68), <http://www.roman-empire.net/emperors/nero-index.html>, 2/8/2007.
- ⁸ Castello Branco, "Abuso", *Enciclopédia Saraiva do direito*, ed. R. Limongi França (São Paulo: Saraiva, 1977), 2:22.
- ⁹ Friedrich Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* (São Paulo: Hemus, s.d.), 59-60.
- ¹⁰ Wilhelm Reich, *A revolução sexual* (Rio de Janeiro: Zahar, 1977), 57.
- ¹¹ Herbert Marcuse, *Eros e civilização* (Rio de Janeiro: Zahar, 1972), 171.
- ¹² *Ibid.*, 172.
- ¹³ Blog de Ricardo Calazans, 29 jun 2007, pesquisa realizada na internet no site, <http://odia.terra.com.br/blog/ricardocalazans/200706archive001.asp>, no dia 1 out 2007.
- ¹⁴ "Cresce Número de Mães Adolescentes", *O Estado de São Paulo*, 30 out 1990. Citado em *Revista Paulista de Hospitais* 38 (setembro-outubro de 1990): 46.
- ¹⁵ Antônio Houaiss e Francisco de A. Barbosa, eds., *Enciclopédia Barsa* (Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1986), 14:160.
- ¹⁶ Rogério Verzignasse, "Números Atestam a Maternidade Precoce", *Correio Popular*, 2 nov 1996, 2-Almanaque.
- ¹⁷ Gilberto Dimenstein, e Priscila Lambert, "1 Milhão de Jovens Engravidaram em 97", *Folha de S.Paulo*, 3 de maio de 1998, 3-4.
- ¹⁸ Ciça Valério, "Aborto", *O Estado de São Paulo*, 15 ago 1996, G-4.
- ¹⁹ "Médico é preso por aborto em clínica de SP", *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, pesquisa feita na internet no site, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2205200407.htm>, no dia 3 out 2007.
- ²⁰ Adelírio J. Rios-Gonçalves, "Mudanças dos Padrões Epidemiológicos e Clínicos das Doenças Infecciosas nos Últimos 35 Anos", *Arquivos Brasileiros de Medicina* 69 (janeiro de 1995): 5.
- ²¹ James Ameen, Dissertação de Mestrado, *An Ideographic Analysis of Adolescents Responses to Abstinence Education Messages* (Fullerton, CA: California State University, 1995), 36.
- ²² Ferreira Gullar, "Qual o nosso limite?", *Folha Ilustrada*, *Folha de São Paulo*, 8 jul 2007, pesquisa realizada na internet no site, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0807200724.htm>, no dia 1º out 2007.



²³ Defesa dos direitos da criança – Documentos, pesquisa realizada na internet no site <http://www.champagnat.org/pt/250301006.htm>, no dia 3 ago 2007.

²⁴ Ibid.

²⁵ Summary - Child Maltreatment 2005, pesquisa realizada na internet no site <http://www.acf.dhhs.gov/programs/cb/pubs/cm05/summary.htm>, no dia 27 de setembro de 2007.

²⁶ Ibid.

²⁷ Márcia Bizzotto, Pesquisa indica que 15% dos belgas sofreram abuso sexual, pesquisa realizada na internet no site http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/04/060406_abusosexualbelgicacg.shtml, no dia 2 de agosto de 2007.

²⁸ Aprovada semana de prevenção e combate ao abuso sexual infantil, pesquisa realizada na internet no site http://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=5074, no dia 3 ago 2007.

²⁹ Francisco Lemes, *MP na Imprensa*, pesquisa realizada na internet no site <http://celepar7cta.pr.gov.br/mppr/noticiamp.nsf/9401e882a180c9bc03256d790046d022/7b8c5e1e12902c1883256fb8004e5e0c?OpenDocument>, no dia 3 ago 2007.

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² Ibid.

³³ Fundação da criança e da família cidadã, Prefeitura de Fortaleza, pesquisa realizada na internet no site http://www.funci.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63, no dia 3 ago 2007.

³⁴ Para maiores informações sobre educação sexual preventiva, ver Thomas Lickona, *Educating for Character* (Nova Iorque: Bantam Books, 1992), 372; Bruce M. King, Linda S. Parisi, e Katherine R. O'Dwyer, "College Sexuality Education Promotes Future Discussions About Sexuality Between Former Students and Their Children", *Journal of Sex Education and Therapy*, 19 (1993): 289-290.

ARTIGOS

LA AUTORIDAD DE LA ESCRITURA Y LA AUTORIDAD DE LA IGLESIA ORGANIZADA: ¿ABSOLUTA/RELATIVA?

Roberto Pereyra, Ph.D.

Diretor da pós-graduação de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
roberto.pereyra@unasp.edu.br

Resumo: El artículo intenta definir la naturaleza de la autoridad de la Escritura y la naturaleza de La autoridad de la iglesia organizada y precisar la mutua relación entre ambas.

Palavras-chave: Autoridad, autoridad absoluta, autoridad relativa, Escritura, Palabra de Dios, iglesia, iglesia organizada.

The Authority of the Scriptures and the Authority of the Organized Church: Absolute or Relative?

Abstract: This article tries, first of all, to define the nature of the authority of the Scriptures and the nature of the authority of the organized Church. Then, it tries to specify the mutual relationship between both of them.

Keywords: Authority, absolute authority, relative authority, Scriptures, Word of God, Church, organized Church.

INTRODUCCIÓN

La Iglesia Adventista del Séptimo Día ha tenido siempre a la Sagrada Escritura en gran estima. Es la Palabra de Dios escrita y constituye su único credo. Es la infalible revelación de la voluntad divina; es norma del carácter; es criterio para evaluar la experiencia; es la revelación autorizada de las doctrinas.¹

Los adventistas aceptan la Escritura como “dotada de autoridad absoluta y como revelación infalible” de la voluntad de Dios.² La consideran “autoridad suprema”:³ “la regla infalible por la cual debe probarse toda opinión, doctrina y teoría”.⁴ Es “la Palabra del Dios infinito el fin de toda controversia y el fundamento de toda fe.”⁵

Así, la idea que la Escritura está dotada de autoridad absoluta y es revelación infalible de la voluntad de Dios por la cual debe probarse toda opinión, doctrina y teoría suscita entre los adventistas la compleja cuestión de la autoridad de la Escritura versus la autoridad de la iglesia organizada.⁶ ¿Es la autoridad de la Escritura de naturaleza *absoluta* (incondicional, ilimitada e independiente) y la autoridad de la iglesia esencialmente *relativa* (condicional,



limitada y dependiente)? ¿Cómo se relaciona *la autoridad de la Escritura* con *la autoridad de la iglesia* y vice versa? Para que el principio de *sola scriptura* sea válido, ¿debe *la autoridad de la iglesia* organizada sujetarse a *la autoridad de la Escritura*? ¿Es la autoridad de la iglesia organizada superior, inferior o equivalente a la autoridad de la Escritura? En cuestión de autoridad, ¿qué viene primero, la iglesia o la Escritura?

Obviamente, es imposible desarrollar respuestas a todas estas preguntas en este estudio. Su propósito es definir la naturaleza de la autoridad de la Escritura y la naturaleza de la autoridad de la iglesia organizada y precisar la mutua relación entre ambas.

Sin embargo, antes de avanzar en dicha definición y precisión, se hace necesario determinar con exactitud el uso de algunos términos.

1. DEFINICIÓN DE TÉRMINOS

Aunque el vocablo *autoridad* tiene un significado muy amplio, en el contexto de este estudio refiere al poder o facultad que una persona, organismo o institución ejerce sobre otra en el ámbito de convicciones o conducta. No alude ni implica o significa sistema de gobierno eclesial. La expresión *escritura* hace referencia a la Palabra de Dios escrita, el Antiguo y el Nuevo Testamento. El término *iglesia* designa la comunidad que Dios convoca en Cristo Jesús a través del Espíritu Santo, por medio de la proclamación de su Palabra.⁷ La frase *iglesia organizada* denomina a la comunidad convocada por Dios y que se congrega sobre la base de un sistema estructurado de administración, gobierno y disciplina. Por *autoridad absoluta* se entiende que la autoridad de la Escritura no se condiciona, limita o depende de ciertos hechos o circunstancias. Su autoridad es incuestionable, final. Por *autoridad esencialmente relativa* se significa que la autoridad de la iglesia se condiciona, limita o depende de ciertos hechos o circunstancias. Su autoridad puede ser cuestionable.

Habiendo precisado los términos ha utilizarse en esta exploración, se propone definir la naturaleza de la autoridad de la Escritura.

2. LA AUTORIDAD DE LA ESCRITURA

Cuando la Iglesia Adventista del Séptimo Día confiesa que la Escritura es la Palabra de Dios escrita y constituye su único credo; la regla infalible por la cual debe probarse toda opinión, doctrina y teoría; el fin de toda controversia y el fundamento de toda fe, se implica que la Escritura tiene autoridad normativa y suprema entre los adventistas. Para éstos, la Escritura es la única fuente para toda doctrina (fe) y práctica (moral). Creen y aceptan que la autoridad de la Escritura es incuestionable. La autoridad de la Escritura no se condiciona, limita o depende de hechos o circunstancias. Su autoridad es final.

A partir de esta síntesis, se levanta la cuestión de los fundamentos en qué basa el adventismo tal enseñanza o confesión.

Los adventistas construyen su convicción sobre la base de lo que la misma Escritura revela y enseña acerca de Dios, el Creador,⁸ el Sustentador,⁹ el Redentor¹⁰ y único Dios,¹¹ trascendente¹² y personal.¹³ Siendo el Soberano de todo lo creado, no solo “reveló en las Escrituras el relato auténtico de su



actividad creadora”¹⁴ sino también “lo profundo y lo escondido misterios” (Dan 2:22, 47). Revelación que es posible a través de “la palabra de Jehová” (1 Sam 3:21; cf. Isa 22:14) a los profetas¹⁵ y apóstoles,¹⁶ quienes la comunicaron a su pueblo con autoridad que no les era propia, sino derivada del Espíritu Santo de Dios.¹⁷

Cuando “los santos hombres de Dios hablaron siendo inspirados por el Espíritu Santo” (2 Ped 1:21) y registraron por escrito el contenido recibido se dio origen a un depósito, alguna cosa concreta, que en el Nuevo Testamento se interpreta como “conocimiento” (2 Cor 4:6); “enseñanza” (Hech 2:42); “instrucción” (Rom 15:4); “palabra” de Dios (Jn 17:14); “palabra de verdad” (Efe 1:13)¹⁸, la palabra histórica, normativa, final e incuestionable de Dios.

Así, “el texto *in toto* es el resultado de la revelación divina en la historia, revelación que fue históricamente recibida, entendida y compuesta por los profetas y apóstoles.”¹⁹

La Palabra de Dios escrita revela todo lo necesario para la fe y la práctica en el proceso de la salvación.²⁰ Esto sugiere que la Escritura encierra un significado definido, práctico²¹ y objetivo que es por igual a todos los creyentes.

Los adventistas entienden y aceptan la tradicional expresión protestante *sola scriptura* como significando que únicamente la Escritura, y no más que la Escritura, es autoridad final para la fe y práctica.

Elena G. de White, lo expresa así:

En su Palabra, Dios comunicó a los hombres el conocimiento necesario para la salvación. Las Santas Escrituras deben ser aceptadas como dotadas de autoridad absoluta y como revelación infalible de su voluntad. Constituyen la regla del carácter; nos revelan doctrinas, y son la piedra de toque de la experiencia religiosa las Escrituras declaran explícitamente que la Palabra de Dios es la regla por la cual toda enseñanza y toda manifestación religiosa debe ser probada.²²

En síntesis, ¿es la autoridad de la Escritura de naturaleza *absoluta* (incondicional, ilimitada e independiente) para los adventistas? Por supuesto que lo es. La Escritura es histórica, normativamente autoritativa e incuestionable por ser la revelación y, sobre todo, la palabra de Dios. El Dios que se revela a través de la Escritura, Señor y Soberano de toda la creación y de la historia, tiene derecho a ejercer su autoridad suprema y soberana sobre la humanidad y la iglesia.²³

Pero, ¿qué de la autoridad de la iglesia organizada?

3. LA AUTORIDAD DE LA IGLESIA ORGANIZADA

De la evidencia neotestamentaria, se destacan varios hechos que importan a la definición de la autoridad de la iglesia.

Primero, como Creador, Sustentador, Revelador, Redentor, Señor todopoderoso y Rey, Dio en su expresión trinitaria es la fuente y el fundamento de la autoridad de la iglesia, por que él es quien llama la iglesia a la existencia.

Un rápido análisis de 1 Tes 1:1 puede ayudar a entender este primer aspecto. Pablo define la reunión o asamblea de cristianos no solamente por



una referencia geográfica, sino también teológica al conectar el sustantivo ἐκκλησία a la frase preposicional ἐν θεῷ πατρὶ. (“en Dios²⁴ Padre”²⁵) lo que se considera “una expresión inusual en el cuerpo paulino.”²⁶

Presumiblemente, para los mismos habitantes de Tesalónica, el vocablo evkklhsi,a pudo haber tenido los significados y connotaciones habituales de los círculos seculares griegos, “una asamblea más de los tesalonicenses.”

Sin embargo, al parecer, Pablo quiere enfatizar a sus lectores en Tesalónica que esta asamblea es diferente. Pablo parece ver a la iglesia cristiana en Tesalónica surgiendo en el contexto de la historia salvífica gracias a la particular iniciativa y acción de Dios.

De acuerdo a 1 Tesalonicenses, Pablo infiere que los creyentes tesalónicos fueron llamados a la existencia por Dios (“están en Dios Padre”) porque Dios los ha amado (ἠγαπημένοι, 1:4), los ha escogido (ἐκλογήν, 1:4), los ha establecido (ἔθετο, 5:9), y los ha llamado (παρακαλοῦντες, 2:12; ἐκάλεσεν, 4:7; καλῶν, 5:23-24) a santificación.²⁷

La expresión griega τὸν λόγον (“la palabra”) en 1:6 introduce un concepto esencial que es determinante en la declaración más temprana de Pablo concerniente a sus enseñanzas sobre la iglesia cristiana. Con esa expresión Pablo define el término cristiano εὐαγγέλιον (“evangelio”) de 1:5. De la misma manera, con la declaración γενετὶα λόγον θεοῦ (“palabra de Dios”) en 2:13, Pablo especifica y explica la frase εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ (“evangelio de Dios”) de 2:2, 8 y 9.

Pablo basa su concepto de la elección y el llamamiento de los tesalonicenses en el hecho de que “el evangelio la palabra de Dios llegó” a los de Tesalónica “no solamente en palabra, sino también en poder, en el Espíritu Santo (1:5).²⁸ “Después de haber *recibido la palabra* en medio de mucha aflicción, con gozo del Espíritu Santo,” los oidores tesalonicenses llegaron “a ser imitadores” de Pablo, de Silas, Timoteo y “del Señor” (1:6). “Recibieron la palabra y la aceptaron no como palabra humana sino como ésta realmente es, la palabra de Dios, la cual obra” en todos los “creyentes” (2:13).

Es realmente significativo el orden de los eventos en el proceso de la constitución de “la ἐκκλησία de los tesalonicenses en Dios Padre”. El participio aoristo griego δεξάμενοι (“habiendo recibido”, “después de haber recibido”) en 1:6 indica un tiempo anterior al tiempo del verbo principal de la oración, ἐγενήθητε (“llegaron a ser”, “vinieron a ser”).²⁹ Por tanto, ninguno de Tesalónica pudo haber llegado a ser imitador de Pablo, Silas, Timoteo y del Señor hasta que hubiese tenido primero la oportunidad de oír, recibir y aceptar la palabra de Dios (2:13).³⁰ Cuando los tesalonicenses comenzaron a escuchar a Pablo, Silas y Timoteo no eran todavía “la ἐκκλησία de los tesalonicenses en Dios Padre.” Ellos solamente eran ἐκκλησία en el sentido griego secular, una ἐκκλησία más en Tesalónica. Sin embargo, cuando, por el poder y evidencia del Espíritu Santo, esta ἐκκλησία secular recibió “la Palabra de Dios,” entonces y no antes, llegó a ser “imitador” de otros cristianos y “la ἐκκλησία de los tesalonicenses en Dios Padre” fue constituida, vino a la existencia.³¹

Así, el punto principal es que los creyentes *recibieron la palabra de Dios*. Dios llamó y reunió a la ἐκκλησία de los tesalonicenses a través de la proclamación de su palabra, como lo fue también en Jerusalén (Hech. 2:40-42; 6:7).



1 Tesalonicenses aporta un elemento adicional y mucho más significativo en cuanto al modo como Dios pudo hacer realidad la conformación eclesial de los cristianos en Tesalónica: fue en virtud de la proclamación de la palabra de Dios que “la ἐκκλησία de los tesalonicenses” fue constituida por Dios Padre, quien la hizo su ἐκκλησία “en el Señor Jesucristo” (1:1).

Mientras la expresión λόγος (“palabra”) parece poseer antecedentes veterotestamentarios en su empleo para referirse al poder de Dios,³² εὐαγγέλιον (“evangelio”) resulta ser una expresión originada y preferida por Pablo.³³ Este vocablo abarca un concepto específico, el hecho de Jesús como el Señor y Mesías, el Cristo.³⁴

En la teología paulina, el “evangelio de Cristo” (3:2)³⁵ es el “evangelio de Dios” que él “había prometido antes por sus profetas en las santas Escrituras, acerca de su Hijo del linaje de David” (Rom. 1:1-3).³⁶

Del relato de Lucas en Hech. 17:1-10, se sabe que Pablo en Tesalónica argumentó “desde las Escrituras, explicando y exponiendo” dos puntos esenciales. Primero, presentó a su audiencia las increíbles realidades relativas al Mesías prometido: fue “necesario que el Mesías sufriera y resucitase de los muertos” (Hech. 17:3).³⁷ Segundo, reconociendo las señales y características especiales del Mesías bíblico, Pablo asoció a Jesús con dicho Mesías. Para el apóstol, Jesús “es el Cristo” (Hech. 17:3). El significado del mensaje es claro y preciso: Jesús es el Mesías que sufrió y resucitó de los muertos.

Según Lucas, entonces, el contenido del mensaje de Pablo en Tesalónica pudo haber sido “la pasión, muerte y resurrección de Jesús, el Cristo,” típico tema del kerigma primitivo. La esencia de esta proclamación fue extraída ἀπὸ τῶν γραφῶν (“de las Escrituras”). Es decir, de pasajes bíblicos seleccionados con los cuales Pablo demostró que “los hechos históricos cumplidos en el ministerio, muerte y exaltación de Jesús” fueron un claro cumplimiento de las profecías.³⁸ Aunque dichas profecías que señalan a “Jesús como Mesías” no se mencionan en este “sumario general del evangelismo de Pablo,”³⁹ “la historia completa de Jesús fue presentada a la luz de las profecías mesiánicas.”⁴⁰

El énfasis de Pablo en su proceso evangelizador pudo ser muy extraño a sus oyentes judíos ya que involucraba considerable tensión entre Jesús el Cristo y la figura mesiánica tradicional sostenida por la exégesis judaica.⁴¹ Para un auditorio hebreo, la confesión, “el Mesías murió por nosotros” debe haber sido una “novedad sin precedentes”, “un escándalo que contradecía la prevaleciente expectación mesiánica popular.”⁴² Sin embargo, Pablo, se sometía a la palabra de Dios en la Escritura. Tal palabra le era revelación normativa y autoritativa en su misión evangelizadora.

Como resultado de esta presentación, el mensaje del evangelio tuvo un gran impacto sobre sus oyentes judíos y gentiles. Algunos de ellos creyeron, y se juntaron con Pablo y Silas; y de los griegos piadosos gran número (Hech. 17:4). Los que fueron persuadidos a creer por la evidencia bíblica presentada por Pablo y “recibieron” la palabra (1 Tes. 1:6), constituyeron el núcleo original de “la ἐκκλησία de los tesalonicenses” no sólo “en Dios Padre” sino también “en el Señor Jesucristo” (1:1), “el Mesías” (Hech. 17:3).

Sobre la base de lo dicho hasta aquí, Pablo pareciera ver a la iglesia cristiana en Tesalónica como siendo originada-constituida por Dios a través de



la proclamación de su palabra normativa y congregada en Cristo, el Mesías revelado en la palabra de Dios.

El segundo hecho de la evidencia neotestamentaria que importa a la definición de la autoridad de la iglesia es que ésta posee y ejerce autoridad en virtud de ser el “cuerpo” de Cristo, de la cual él es la “cabeza” (Efe 1:22; 4:15-16; 5:23; Col 1:18; 2:19). Tal autoridad eclesial se deriva del “poder de nuestro Señor Jesucristo” (1 Cor 5:4) que está presente donde están los creyentes congregados en su nombre (Mt 18:20).

Cristo, como cabeza y Señor de la iglesia, ocupa en ella el lugar de preeminencia (Col 1:28). Como base o fuente de dirección e inteligencia, la guía en todos sus planes y actividades, coordinando todas sus partes y proveyendo sabiduría y vitalidad a cada miembro del cuerpo a fin de que todos trabajen juntos de manera efectiva (Efe 4:15, 16; Col 2:19).

Así, en síntesis, la iglesia cada uno de sus miembros que la constituyen recibe su autoridad de la Escritura, que es la palabra escrita y proclamada que le da origen; y de Cristo, que es la palabra encarnada, Cabeza, que la dirige y gobierna.

Sin embargo, ¿qué sucedería con la autoridad de cada miembro o iglesia--si éste o ésta, no se convocara bajo la autoridad de la palabra de Dios en la Escritura, o si no se congregara bajo la autoridad de su Cabeza, Cristo? ¿Qué sucedería con la autoridad de ese miembro o de esa iglesia? Obviamente, sin palabra constituyente y sin Cabeza gobernante su autoridad no sería normativa. Posiblemente se la cuestionaría. No habría autoridad en ese miembro ni en esa iglesia.

CONCLUSIÓN

Regreso a las preguntas introductoras de esta reflexión:

¿Cómo se relaciona *la autoridad de la Escritura con la autoridad de la iglesia* y vice versa? Para que el principio de *sola scriptura* sea válido, ¿debe *la autoridad de la iglesia* organizada sujetarse a *la autoridad de la Escritura*? ¿Es la autoridad de la iglesia organizada superior, inferior o equivalente a la autoridad de la Escritura? En cuestión de autoridad, ¿qué viene primero, la iglesia o la Escritura?

Quisiera sugerir, respetuosamente, que la autoridad de la iglesia depende de la fidelidad de ésta a la palabra de Dios en la Escritura. Los pronunciamientos de la iglesia, sus declaraciones, sus acuerdos, sus consejos, su testimonio, práctica y misión serán normativos y autoritativos en virtud de su obediencia a la revelación autoritativa de la Palabra de Dios en la Escritura.

La iglesia no es una institución que se proporciona sus propios fines. No es un organismo que esboza lineamientos ideales de lo que debe ser según la palabra de Dios en la Escritura en tensión con lo que se quiere ser sobre la base de sus confesiones estatutarias y reglamentarias.

La iglesia organizada sólo puede tener autoridad equiparable a la de la Escritura en la medida de su obediencia. La iglesia organizada tiene verdadera autoridad en tanto su enseñanza y mensaje se extraiga de la Palabra de Dios. Por tanto, la autoridad de la iglesia organizada no es igual ni está por encima de la autoridad de la Escritura. La autoridad de la iglesia organizada debiera estar sujeta a la autoridad de la Escritura.



NOTAS

1. Ver *Manual de la iglesia* (Publicado por la Asociación General de la Iglesia Adventista del 7º Día. Buenos Aires, Asociación Casa Editora Sudamericana, 2001), 8. Cf. Departamento de Comunicación de la Asociación General de la Iglesia Adventista del Séptimo Día, *Declaraciones, orientaciones y otros documentos: una compilación* (Buenos Aires, Asociación Casa Editora Sudamericana, 2000), 77, 166.
2. Elena G. de White, *El conflicto de los siglos*. 5 ed (Mountain View, California. Publicaciones Interamericanas, Pacific Press Publishing House, 1964), 9.
3. Elena G. de White, *Los hechos de los apóstoles*. 2ª ed (Mountain View, California. Publicaciones Interamericanas, Pacific Press Publishing House, 1966), 56.
4. White, *El conflicto de los siglos*, 505.
5. Elena G. de White, *Palabras de vida del Gran Maestro*. 4ª ed (Buenos Aires, Asociación Casa Editora Sudamericana, 1991), 21-22.
6. El debate contemporáneo de mayor relevancia que involucra a la mayoría de las iglesias cristianas se vincula con la cuestión de la autoridad de la Escritura. Las siguientes fuentes son las más representativas de la discusión actual acerca del tema: C. H. Dodd, *The Authority of the Bible* (London, 1928); H. Cunliffe-Jones, *The Authority of Biblical Revelation* (London, 1948); J. K. S. Reid, *Authority of Scripture* (London, 1957); L. Hodgson, et al., eds., *On the Authority of the Bible* (London, 1960); R. R. Williams ed., *Authority and the Church* (London, 1965); B. Ramm, *The Pattern of Religious Authority* (Grand Rapids, 1968); R. Pache, *The Inspiration and Authority of Scripture* (Chicago, 1969); Jüngel, G. Krodel, R. Marlé, J. O. Zizioulas, "Four Preliminary Considerations on the Concept of Authority," *Ecumenical Review* 21 (1969): 150-166; R. C. Johnson, *Authority in Protestant Theology* (Philadelphia, 1969); D. G. Miller, *Authority of the Bible* (Grand Rapids, 1972); J. Barr, *The Bible in the Modern World* (London, 1973); idem, *Holy Scripture: Canon, Authority, Criticism* (Oxford, 1983); idem, *Escaping from Fundamentalism* (London, 1984); J. M. Boice, ed. *The Foundation of Biblical Authority* (Grand Rapids, 1978); D. K. McKim, *The Authority and the Interpretation of the Bible* (San Francisco, 1979); W. Countryman, *Biblical Authority or Biblical Tyranny? Scripture and the Christian Pilgrimage* (Philadelphia, 1981); D. L. Bartlett, *The Shape of Biblical Authority* (Philadelphia, 1983); D. A. Carson and J. D. Woodbridge, eds. *Scripture and Truth* (Grand Rapids, 1983); J. Barton, *People of the Book? The Authority of the Bible in Christianity* (Louisville, 1988); D. M. Lloyd-Jones, *Authority* (London, 1988); G. E. Hasel, "The Crisis of the Authority of the Bible as the Word of God," *Journal of the Adventist Theological Society* Vol 1, Number 1 (Spring 1990): 16-38; R. M. Davidson, "The Authority of Scripture a Personal Pilgrimage," *Journal of the Adventist Theological Society* Vol 1, Number 1 (Spring 1990): 39-56; R. Dederen, "On Inspiration and Biblical Authority," in *Issues in Revelation and Inspiration*, ed. Frank Holbrook and Leo Van Dolson, Adventist Theological Society Occasional Papers (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992); F. M. Hasel, "Reflections on the Authority and Trustworthiness of Scripture," in *Issues in Revelation and Inspiration*, ed. Frank Holbrook and Leo Van Dolson, Adventist Theological Society Occasional Papers (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992); R. F. Cottrell, "Inspiration and Authority of the Bible in Relation to Phenomena of the Natural World," in *Creation Reconsidered: Scientific, Biblical, and Theological Perspectives*, ed. James L. Hayward (Roseville, CA: Association of Adventist Forums, 2000).
7. Roberto Pereyra, "Ekklesia en el contexto de 1ª Tesalonicenses: un estudio acerca de la naturaleza de la iglesia", *Enfoques*. Año XI, Nº 1 y 2 (1999): 61-86.



8. Gén 1-2; Exo 20:11; Isa 42:5; 45:18; Sal 33:6-9; 148:5; Rom 1:20; Apoc 4:11; 14:7.
9. Como tal, es el Dios de la plenitud de vida; "Dios del hálito de toda carne" (Núm 27:16; cf. Gén 2:7; Sal 104:29-30). Toda vida sobre la tierra es participación de la vida divina. Todas las manifestaciones extraordinarias de vida como la fuerza de Sansón (Jue 14:6), la inspiración creadora de los artífices (Exo 28:3), las obras de los profetas (1 Sam 10:5-7), la inteligencia en los sabios (Sant 1:5), etc son resultados del poder sustentador y vivificador de Dios. Precisamente, por esa razón y confianza, el autor del Sal 119 dirige su súplica: "Vivifícame" (119:25, 40, 88, 107, 149, 154, 156, 159); lo que significa la vivificación interior por la recepción de su "palabra" (119:25, 107, 154), de sus "mandamientos" justos (119:40), de su "misericordia" soberana (Sal 119:88, 156) y de sus "juicios" (119:149, 156).
10. Como tal, ayuda, salva y libera al pueblo escogido de la esclavitud egipcia (Exo 14-15) o de la cautividad (Isa 45:17; 46:13; 52:10) y, finalmente, de la esclavitud del pecado (Isa 1:18; 33:22-24; Eze 36:26-28; Mt 1:21; 10:22; 18:21-22; 19:25-29; Jn 3:16-17; 5:34; 10:9; 12:47; Hech 2:21; 4:12; 7:25; Heb 11:7; 1 Ped 3:20; Apoc 5:9; 7:9-15; 12:11; 14:1-5).
11. Exo 3:6; 20:3, 5; 1 Rey 18:39; Isa 43:10-12.
12. Dios no se encuentra limitado, como la divinidad en el Oriente antiguo, a una región (2 Rey 5). El Dios de los patriarcas tiene poder soberano desde la desembocadura del Éufrates hasta Egipto. No se encuentra limitado a tierra, pueblo o imperio alguno. El dispone, primero en la promesa y luego en la acción, de la tierra de Canaán. De hecho, es Señor de la naturaleza y de todos sus ámbitos (Sal 139:7-12). Su trascendencia sobre todo lo visible tiene origen en su poder creador.
13. Esto se pone de manifiesto al revelarse a sí mismo como libertador (Exo 3:14-22) y padre del pueblo liberado (Ose 11:1; Isa 64:1-8; Mal 2:10), de sus reyes (2 Sam 7:14; Sal 89:97), de sus huérfanos (Sal 68:6); de los temerosos de Dios (Sal 103:13). Se revela como pastor solícito (Miq 4:6; Sof 3:19; Jer 31:10; Eze 34; Sal 23) y hasta como esposo y marido (Ose 2:16; Jer 2:2; Eze 16:8; Isa 54:5).
14. *Manual de la iglesia*, 9-11. Dederen sostiene que "pocos temas de discusión son de más decisiva importancia que la naturaleza y propósito de la auto revelación de Dios." Reflexiona que "si, realmente, somos renuentes a considerar el fenómeno de la revelación como la primera y más importante doctrina bíblica, permanece el hecho que cualquier cosa que se quiera decir acerca de Dios y del hombre proviene de esta. Indudablemente es la piedra fundamental de nuestra comprensión de Dios, de la manera que hablamos acerca de Dios. Revelación es el principio fundamental incuestionable para el pensamiento teológico hoy en día" ("The Revelation-Inspiration Phenomenon According to the Bible Writers," in *Issues in Revelation and Inspiration*, ed. Frank Holbrook and Leo Van Dolson, Adventist Theological Society Occasional Papers [Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992], 9).
15. Neh 9:30; Am 3:7; Miq 3:8; Zac 7:12.
16. 1 Cor 2:9-13; 2 Tim 3:16; 2 Ped 1:20-21.
17. Mt 28:18-20; Jn 14:15-17, 26; 16:13, 14; 20:21-23.
18. Dederen, "The Revelation-Inspiration Phenomenon According to the Bible Writers," 18. Esa "palabra de verdad" comunicada oralmente, adaptada a las condiciones sociales, culturales y temporales particulares del comunicador oyente, finalmente se registra en un texto escrito por medio del imperfecto y limitado, aunque comprensible lenguaje humano (Exo 17:14; 24:4; Deut 31:9; Jos 24:26; Jer 30:2; Rom 15:15; 1 Cor 4:14; 2 Cor 2:3; Gál 1:20; 1 Ped 5:12; 2 Ped 3:1; 1 Jn 1:4).
19. Fernando Canale, *Revelation and Inspiration* (Unpublished paper presented to the Biblical Research Institute of the Seventh-Day Adventist Church General Conference. April 2000), 43.



20. Elena G. de White sugiere que “el Señor ha preservado este Libro Santo en su forma actual mediante su propio poder milagroso, como un mapa o derrotero para la familia humana a fin de señalarnos el camino al cielo. Dios entregó a los hombres finitos la preparación de su Palabra divinamente inspirada. Esta Palabra, distribuida en dos libros, el Antiguo y el Nuevo Testamentos, es el libro guía para los habitantes de un mundo caído, libro legado a ellos para que mediante su estudio y la obediencia a sus instrucciones, ninguna alma pierda su camino al cielo” (*Mensajes Selectos*. 2 vols [Mountain View, California. Publicaciones Interamericanas, Pacific Press Publishing House, 1966], I: 17, 18-20).
21. Elena G. de White dice que “la Biblia fue dada con propósitos prácticos” (Ibíd., 23).
22. White, *El conflicto de los siglos*, 9-10.
23. Vea el provechoso artículo de Raoul Dederen, *The Church: Authority and Unity* en el sitio www.biblicalresearch.gc.adventist.org/documents/churchauthority.htm.
24. El nombre propio “Dios” se encuentra como tema y actor en 1 Tesalonicenses. Pablo menciona el nombre “Dios” 38 veces a través de los cinco capítulos en 89 versículos (1 Tes. 1:1, 2, 3, 4, 8, 9 (2 veces); 2:2 (2 veces), 4 (2 veces), 5, 8, 9, 10, 12, 13 (3 veces), 14, 15, 16; 3:2, 9 (2 veces), 11, 13; 4:1, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 16; 5:9, 18, 23). Es la sexta palabra más usada como el nombre propio más común en la carta, apareciendo un 50 % más a menudo que “Señor”, el siguiente nombre más mencionado por Pablo en la epístola.
25. El nombre “Dios” se expande por la función apositiva de la expresión “Padre.” Este vocablo aparece tres veces en la epístola en conexión con el nombre Dios en una posición apositiva (1:1, 3; 3:11), y una vez más con un descriptivo de propósito (3:13). Para Pablo, Dios es el *Padre* y Jesucristo es el *Señor*.
26. William Neil, *The Epistle of Paul to the Thessalonian* (New York: Harper and Brothers, 1950), 4; véase también I. Howard Marshall, “Pauline Theology in the Thessalonian Correspondence,” en *Paul and Paulinism: Essays in Honour of C. K. Barrett* (London: SPCK, 1982), 177; Frederick F. Bruce, *1 and 2 Thessalonians*, Word Biblical Commentary. Vol. 45 (Waco, TX: Word Books, 1982), 7; y Charles A. Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company; Exeter: Paternoster Press, 1990), 70.
27. Cada uno de estos conceptos merece una breve explicación en el contexto de la teología paulina ya que suministran el punto de partida para entender la declaración más temprana de Pablo acerca de la naturaleza de la iglesia cristiana. Sin embargo, esto está fuera de los propósitos de este estudio. Para un análisis más detallado vea mi artículo, “*Ekklesia* en el contexto de 1ª Tesalonicenses: un estudio acerca de la naturaleza de la iglesia”, 73-79.
28. En las palabras de James Everett Frame, “La prueba de la elección es la presencia del Espíritu no sólo en el predicador, sino también en los oyentes que recibieron la palabra con gozo en medio de gran persecución” (*A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians*. The International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments. Edited by C. A. Briggs, S. R. Driver, and A. Plummer [New York: Charles Scribner's Son, 1912], 82).
29. Sobre la relación temporal del participio aoristo con el verbo principal de la oración, ver particularmente a Ernest De Witt Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek* (Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1900), §§ 139-41, 144, 146; Archibald T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (New York: Harper and Brothers, 1923), 858-64; Maximilian Zerwick, *Biblical Greek* (Rome: Scripta Pontificii Instituti Biblici, 1963),



- 87-90; y C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), 100.
30. El sentido literal de 2:13 podría ser el siguiente: “*la Palabra que ustedes oyeron de nosotros, pero cuyo autor es Dios mismo*”. Wanamaker sostiene que “la palabra de Dios que ellos recibieron no fue una idea sin significado o una doctrina a ser mantenida; esta fue una fuente de poder en la vida de los que creyeron” (111-12).
31. Wanamaker cree que el tema de imitación en 1:6 “parece estar vinculado con la experiencia inicial de los tesalonicenses como cristianos” (ibíd., 80).
32. Para un completo abordaje del significado de este término, tanto en el Antiguo como en el Nuevo Testamento, ver Jan Bergman, H. Lutzmann, and W. H. Schmidt, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1974), 3:84-125; y Otto Procksch, “λέγω,” *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1967-72), 4:91-100.
33. Según U. Becker, Pablo “estableció *euangelion* en el vocabulario del N.T.” (“Gospel,” *The New International Dictionary of New Testament Theology* [Exeter: Paternoster Press, 1978], 2:110-15).
34. Ver Gerhard Friedrich, “εὐαγγέλιον,” *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1964), 2:707-77; Seyoon Kim, *The Origin of Paul's Gospel* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1984); Peter Stuhlmacher, ed., *The Gospel and the Gospels* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1991), 149-72; y A. Boyd Luter, “Gospel,” *Dictionary of Paul and His Letters* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), 369-72.
35. No hay ejemplos de la expresión “evangelio de Cristo” fuera del cuerpo paulino. Aparece nueve veces en Pablo (Rom. 15:19; 1 Cor. 9:12; 2 Cor. 2:12; 4:4; 9:13; 10:14; Gál. 1:7; Fil. 1:27; 1 Tes. 3:2; cf. 2 Tes. 1:8).
36. “En términos de su origen y autoridad el evangelio es εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ ,Rom. 1:1; 15:16; 2 Cor. 11:7; 1 Tes. 2:2, 8, 9); en términos de su contenido es εὐαγγέλιον τοῦ Χριστοῦ (Rom. 15:19; 1 Cor. 9:12; 2 Cor. 2:12; 9:13; 10:14; Gál. 1:27; 1 Tes. 3:2)” (Peter Stuhlmacher, ed., *The Gospel and the Gospels* [Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1991], 153).
37. Para Pablo (1 Cor. 15:3-4; Hech. 26:23), Pedro (1 Ped. 1:11; Hech. 3:18) y Lucas (Lc. 24:26, 46), los dos hechos básicos del evangelio lo constituyen los sufrimientos del Mesías y su exaltación.
38. Ver Max Zerwick and Mary Grosvenor, *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*, vol. 1. *Gospels-Acts* (Rome: Pontifical Biblical Institute, 1974), 407.
39. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1980), 277.
40. Richard C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1961), 692. Lenski piensa en Isa 53 (ibíd.); y Albert Barnes en Gén. 49:10; Isa. 11:1, 10; 53; Dan. 9:24-27; y Miq 5:2. (*Acts of the Apostles*, NNTEP, Vol. 12 [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1953], 12:252). Por su parte, Marshall afirma que “podemos estar razonablemente seguros que las Escrituras usadas incluiría Sal. 2, 16, 110; Isa. 53; y posiblemente Deut. 21:23” (ibíd., 12:277).
41. Para una visión de las ideas mesiánicas en las Escrituras Hebreas, el Nuevo Testamento, Filón de Alejandría, la literatura apócrifa y pseudoepígrafa y Josefo, etc., ver James H. Charlesworth, ed. *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1987); Jacob Neusner, William Scott Green, and Ernest S. Frerichs, eds., *Judaism and Their Messiahs at the Turn of the Christian Era* (Cambridge: Cambridge University Press, 1987);



Andrew Chester, "Jewish Messianic Expectations and Mediatorial Figures and Pauline Christology," en *Paulus und das antike Judentum* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1991), 17-89; y Sean Freyne, "The Early Christians and Jewish Messianic Ideas," *Concilium* (1993): 30-41.

- ⁴². Martin Hengel, *The Atonement: A Study of the Origins of the Doctrine in the New Testament* (London: S. C. M. Press, 1981), 40. Ver también Charlesworth, particularmente 79-115, 276-295, y 365-422; y Nicholas T. Wright, *The New Testament and the People of God* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1992), 307-20.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

PEDRO APOLINÁRIO: INFLUÊNCIAS QUE O LEVARAM A DOCÊNCIA EM TEOLOGIA

Alcemir Fontes Malgueira e Marlos Timm Cavalheiro

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP)

TCC apresentado em dezembro de 2006

malgueira@ig.com.br / marlos.timm@usb.org.br

Resumo: esse trabalho investigou as influências pessoais, filosóficas e circunstanciais que levaram Pedro Apolinário a se tornar professor de teologia. Para tanto analisamos as obras escritas por ele, biografias sobre o mesmo, bem como entrevistas com familiares, colegas e amigos do professor.

Palavras-chave: Pedro Apolinário, vocação, professor de teologia.

Pedro Apolinário: Influences that Lead Him to the Teaching of Theology

Abstract: This research investigated the personal, philosophical, and circumstantial influences that lead Pedro Apolinário to become a professor of Theology. To reach such a goal, Apolinário's published works and recent biographies were analyzed; and His surviving family, colleagues and friends were interviewed.

Keywords: Pedro Apolinário, vocation, professor of Theology.

MARLOS TIMM CAVALHEIRO E ALCEMIR FONTES MALGUEIRA

PEDRO APOLINÁRIO:
Influências que o levaram a tornar -se
Professor de teologia

Monografia apresentada em cumprimento aos requerimentos da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Prof. Ruben Aguilar, Dr.

Engenheiro Coelho – S.P.

2006

PEDRO APOLINÁRIO:
INFLUÊNCIAS QUE O LEVARAM A TORNAR -SE
PROFESSOR DE TEOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Título de
Bacharel em Teologia

por

Marlos Timm Cavalheiro e Alcemir Fontes Malgueira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Rubem Aguilar
Professor de Teologia Bíblica e Histórica

Avaliação

Leitor
José Miranda Rocha
Professor de teologia aplicada

Data da Aprovação

Amim A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

3.3.2. Escolha do curso universitário	20
3.4. Análise dedutiva da vontade pessoal de ingressar no ministério pastoral	21
3.5. Análise dedutiva da Aptidão natural para lecionar	22
3.6. Análise dedutiva das influências relacionadas com a organização Adventista	23
3.6.1. Investimentos	23
3.6.2. Necessidades da época	24
IV. HIPÓTESES QUE RESSALTAM OS REAIS MOTIVOS QUE CONDUZIRAM PEDRO APOLNÁRIO AO MAGISTÉRIO TEOLÓGICO	25
4.1. A vontade de Deus conduzindo sua vida.....	25
4.1.1. Do natural.....	25
4.1.2. O exemplo de Sansão	26
4.1.3. Investimento da organização Adventista	27
4.1.4. O exemplo de Abraão.....	27
4.2. Respostas pessoais de Pedro Apolinário a vontade de Deus	28
4.2.1. Estudante do CAB	28
4.2.2. O exemplo de Eliseu.....	28
4.2.3. Voluntariado pastoral.....	29
4.2.4. O exemplo de Davi	30
4.2.5. Considerações.....	31
CONCLUSÃO	32
ANEXOS	34
Anexo I	34
Anexo II	36
Anexo III	37
Anexo IV.....	39
Anexo V.....	40
BIBLIOGRÁFIA.....	41

INTRODUÇÃO

0.1. JUSTIFICATIVA:

Pedro Apolinário foi um dos professores que, por muitos anos, ministraram aulas no Seminário Latino Americano Adventista de Teologia. Suas obras e sua personalidade tiveram grande influência na vida de inúmeros obreiros da organização adventista. Estes foram os principais motivos que motivaram a elaboração desta pesquisa.

0.2. TEMA E PROBLEMA:

Atualmente existem monografias e biografias escritas sobre a vida de Pedro Apolinário. Mas, em nenhuma delas encontramos informações sobre as influencias que levaram Pedro Apolinário a tornar se professor de teologia. Esta pesquisa tem como objetivo Descobrir as influencias pessoais, filosóficas ou circunstanciais que levaram - no a tornar –se professor de teologia.

0.3. OBJETIVOS DA PESQUISA:

Esta pesquisa possui três objetivos, são eles: 1) Ajudar alunos, principalmente de teologia, a encontrarem sua vocação; 2) Trazer uma contribuição histórica para o magistério teológico Adventista e 3) Homenagear Pedro Apolinário bem como seus familiares.

0.4. METODOLOGIA:

O método utilizado neste trabalho será o de análise das obras escritas por Pedro Apolinário e de biografias sobre sua vida. Também utilizaremos o método dedutivo, onde partiremos dos conceitos gerais, para uma decisão particular. Também trabalharemos com pesquisas informativas através de entrevistas a familiares, colegas e amigos de Pedro Apolinário (Ver perguntas da entrevista em Anexo 1). Para isto, faremos uso de questionários pré - elaborados sobre as influencias que o levaram a tornar – se professor de teologia. Como resultado

desta pesquisa faremos uma análise dedutiva e descritiva das principais influencias que o levaram ao magistério Teológico.

A pesquisa será organizada da seguinte forma:

1) No primeiro capítulo, mostraremos uma rápida biografia que contextualizará a trajetória de Apolinário até chegar ao magistério teológico.

2) No segundo capítulo será realizada uma descrição de eventos e circunstancias que conduziram Pedro Apolinário ao magistério teológico.

3) No terceiro capítulo será realizada uma análise dedutiva dos eventos e circunstancias que conduziram Pedro Apolinário ao magistério teológico.

4) No quarto capítulo será levantada hipóteses que ressaltam os reais motivos que conduziram Pedro Apolinário ao magistério teológico.

CAPÍTULO I

BREVE DESCRIÇÃO BIOGRÁFICA DA INFÂNCIA AO MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Para analisar as influências que levaram Pedro Apolinário a tornar-se professor de teologia é preciso recordar a trajetória de sua vida. Entender as circunstâncias que o levaram a lecionar no curso teológico. Este capítulo fará uma breve análise de sua vida procurando mostrar como Pedro Apolinário desenvolveu sua carreira de educador no curso teológico.

1.1. INFÂNCIA E JUVENTUDE

Ao analisar o desenvolvimento infanto-juvenil de Pedro Apolinário, percebemos fatos e circunstâncias interessantes. No dia sete de Abril de 1919, numa chácara¹ em Tremembé – SP², Pedro Apolinário nasceu. Foi o terceiro de oito filhos do casal português, Manoel Apolinário e Tereza Ferreira (Ferreira, 1987, pp. 4 e 5). Manoel e Tereza Apolinário conheceram a Igreja Adventista do Sétimo Dia no ano de 1915, após participarem de uma série de conferências, batizaram-se, proporcionando assim a oportunidade que Pedro Apolinário nascesse em um lar Adventista (Souza, 1997, pp. 3).

Na época de 1919 era comum ver crianças trabalhando nas fazendas e plantações. Com Apolinário não foi diferente. Assim como todos os meninos, ele iniciou sua vida árdua muito cedo, sua tarefa era plantar verduras e vender leite (Souza, 1997, pp. 5). Recebeu na meninice e adolescência uma educação rígida, permeada por valores morais e cristãos. Aprendeu desde os tenros anos a cumprir fielmente com suas obrigações, desenvolvendo hábitos de perseverança e, ao longo do tempo, amor pelos livros e pelo estudo (Lanza, 2004, pp. 223).

¹ Essa chácara existe até hoje. A esposa de Apolinário herdou uma parte das terras desta chácara (Apolinário, 2006).

² Tremembé está localizada, a 133 km de São Paulo e 309 km do Rio de Janeiro, próximo da BR116, a rodovia Dutra. É uma cidade privilegiada, pois é situada no eixo Rio-SP, vizinha de cidades como Taubaté, Pindamonhangaba, entre outras, e localizada bem próximo de cidades consideradas polos turísticos, como Campos do Jordão - conhecida como Suíça brasileira - e Santo Antonio do Pinhal, cujo fluxo de turistas de todo o país, acarreta uma maior visitação e, conseqüentemente, um maior prestígio ao município)

Pode-se perceber que mesmo vivendo sob grandes responsabilidades de trabalho, Pedro Apolinário com o passar do tempo foi desenvolvendo amor pelo estudo. Ele iniciou sua vida escolar numa escola rural nas proximidades de sua casa em Tremembé – SP. A princípio, estudava para se livrar dos trabalhos da roça. O amor pelas letras começou a nascer com um professor particular chamado Quirino³ (Oliveira, 1996, pp. 3). Analisando sua infância, percebe-se que ele não havia nascido para o trabalho manual. Desde pequeno, o amor e o talento para estudar se manifestavam em sua vida.

1.2. FORMAÇÃO INTELECTUAL

1.2.1. Primário:

Pedro Apolinário terminou o primário com treze anos de idade (1927 à 1932), numa escola rural nas proximidades da chácara onde viveu sua infância (Lanza, 2004, pp 223). Na juventude não teve muitos sonhos. Foi criado na chácara sem muitos amigos, trabalhava vendendo leite e verduras. Permaneceu sete anos sem dar continuidade aos estudos. Ficou apenas trabalhando na chácara de seu pai (Souza, 1997, pp. 5).

1.2.2. Ginásio:⁴

A trajetória acadêmica de Apolinário foi muito promissora levando-se em consideração a época em que ele viveu. Trabalhando e estudando, ele conseguiu concluir a escola básica. Em 1939, já com dezenove anos de idade, finalmente ingressou no ginásio. O CAB (antigo Colégio Adventista Brasileiro) foi à escola que o recebeu como estudante. No ano de 1942, concluiu o ginásio (Lanza, 2004, pp. 225).

³ É praticamente impossível encontrar informações específicas sobre este homem. O evento aconteceu há muito anos atrás, dificultando assim, a apuração de informações sobre Quirino.

⁴ Atualmente o ginásio corresponderia à escola básica, iniciando na quinta série e terminando na oitava série. Apolinário sentia vergonha de ser mais velho que seus colegas, mas mesmo assim foi atrás de seus sonhos (Gorski, 2006).

1.2.3. Colegial:

Após a conclusão do ginásio, Pedro Apolinário continuou sua graduação. Ainda no CAB, precisou decidir que curso faria no colegial: o clássico⁵ ou o científico⁶. Por ter pouca afinidade com desenhos, ele escolheu o clássico. Esse curso tinha como base o estudo de línguas, tais como: português, grego e latim (Oliveira, 1996, pp. 3). O primeiro ano e o segundo ano do colegial Apolinário cursou no CAB. No terceiro ano, precisou pedir transferência para Taubaté – SP, pois naquele tempo o CAB sofria por falta de alunos e não ofereceu o terceiro ano. Em Taubaté, Apolinário concluiu o colegial numa escola estadual bem conceituada no ano de 1945 com 26 anos de idade (Wanda Apolinário, 2006).

1.2.4. Faculdade:

Com a formação do colegial, Pedro Apolinário recebera permissão para lecionar português, grego e latim. Em 1946, iniciou sua vida no magistério lecionando para o ginásio e o magistério. Neste mesmo ano, Apolinário recebeu um convite da organização Adventista para continuar seus estudos na USP (Universidade de São Paulo). Portanto, em 1946, ele iniciou seu curso superior na famosa Universidade de São Paulo (Lanza, 2004, pp. 225 e 226). O curso superior escolhido por Apolinário foi Letras Clássicas. Depois de árduos quatro anos de estudo e trabalho, ele recebeu a graduação superior no ano de 1949 (Souza, 1997, pp. 8).

1.2.5. Pós-Graduação:

Quando obteve o título de bacharel, Pedro Apolinário passou diversos anos lecionando no CAB - SP (antigo Colégio Adventista Brasileiro). Ensinou em diversos cursos e ministrou diferentes disciplinas. Então, em 1960, cursou dois meses um curso de extensão teológica na Andrews University, essa extensão era oferecida no nível de mestrado (Oliveira, 1996, pp. 7).

Ainda em 1969, na marca dos cinquenta anos de idade e vinte e três de magistério, recebeu um convite da organização Adventista para cursar um mestrado

⁵ Curso clássico corresponde ao atual ensino médio, porém com uma especialização em línguas clássicas tais como: grego e latim.

⁶ Curso científico corresponde ao atual ensino médio, porém com uma especialização em matérias exatas como matemática e física.

de línguas bíblicas na mesma Andrews University (Wanda Apolinário, 2006). Mesmo achando-se muito avançado em idade, aceitou o desafio (Wanda Apolinário, 2006).

No dia dezoito de março de 1969, ele viajou com sua família para o exterior. Depois de muito esforço, no ano de 1971, ele conseguiu terminar seu programa de mestrado voltando ao Brasil em vinte e um de fevereiro de 1971 (Ferreira, 1987, pp. 16).

Analisando a formação acadêmica de Pedro Apolinário, percebemos que sua especialidade concentrava-se em línguas. Tanto no colegial, como no bacharelado e pós-graduação, ele dedicou-se ao estudo de línguas tais como: português, grego, latim e hebraico. Seus conhecimentos nestas disciplinas abriram o caminho para sua carreira como professor de teologia.

1.3. FORMAÇÃO FAMILIAR

Como todos os seres humanos, Pedro Apolinário, encontrou uma companheira para dar continuidade à sua descendência. A formação familiar conquistada por ele ocupou grande valor na carreira de professor (Wanda Apolinário, 2006).

Dois anos antes de concluir sua graduação na USP, Pedro Apolinário conheceu uma moça que cursava o segundo ano de teologia – Wanda Mascarenhas. Na época ele era professor e ela aluna, e nesse ambiente de convívio que eles se conheceram e tornaram-se próximos. Em 1948, Wanda começou a trabalhar como obreira bíblica com o Pastor Campolongo (Lanza, 2004, pp. 227).

Antes de iniciar o namoro Apolinário se despertou por suas qualidades e ponderou que ela era a moça dos seus sonhos. Escreveu-lhe uma carta dizendo que estava no terceiro ano de faculdade, que estava pensando em se casar e que ela era a pessoa escolhida. Depois de um ano e quatro meses de namoro, eles se casaram. A cerimônia foi realizada no dia trinta e um de janeiro de 1950 e o pastor oficiante foi José Nunes Siqueira (Souza, 1997, pp. 11 e 12). Este casamento foi realizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia da Rua Taguá na Liberdade em São Paulo – SP. O matrimônio de Pedro Apolinário com Wanda Mascarenhas durou até 2005 quando ele faleceu, ou seja, cinqüenta e cinco anos.

Desta união matrimonial nasceram três filhos: Djanira Apolinário, Márcio Apolinário e Kênia Apolinário. Os três filhos deram ao casal sete netos (Souza, 1997, pp. 12).

1.4. MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Analisando a trajetória da vida de Pedro Apolinário pode-se perceber que ele desenvolveu um gosto especial pelo estudo e pelo magistério. Agora, iremos analisar a trajetória de Pedro Apolinário como professor de teologia.

1.4.1. Cronologia:

Como já foi dito acima, no ano de 1946 Pedro Apolinário concluiu o curso colegial clássico, passando a lecionar português, latim e grego para o ginásio e o magistério. Nesse mesmo ano, ingressou na USP para graduar-se como bacharel em línguas clássicas. Portanto, em 1946, ele lecionava e estudava, tudo transcorreu normalmente, mas em 1947 ele recebeu um convite para assumir a docência de grego e hebraico para os alunos do terceiro e quarto ano de teologia (Lanza, 2004, pp. 225 e 226).

Aceitando o convite, Pedro Apolinário iniciou sua trajetória como professor de teologia em 1947. Os anos foram passando, em 1949 ele graduou-se como bacharel em línguas clássicas e continuou dando aulas para o curso teológico.

Depois de vinte três anos como professor de teologia, surge o convite para a realização do mestrado na universidade Andrews. Em 1969, Apolinário para de lecionar no teológico e viaja para os Estados Unidos da América a fim de concluir seu mestrado. Dois anos depois, em 1971, Com seu mestrado concluído, ele regressa ao Brasil dando seqüência a sua carreira como professor de teologia. Apolinário serviu o IAE (Instituto Adventista de Ensino, ex CAB) – SP por mais dezessete anos, até 1988, quando atingiu a idade de sessenta e nove anos lecionando português e grego (Lanza, 2004, pp. 229).

Em 1988, foi convidado para lecionar as classes de hebraico, português, textos difíceis da Bíblia e história do texto bíblico no IAENE (Instituto Adventista do Nordeste - Universidade Adventista da Bahia). Ele aceitou o convite e viajou para Bahia, foi lecionar para os teologandos do nordeste brasileiro (Lanza, 2004, pp. 229).

Em 1990, Apolinário regressou para São Paulo onde lecionou português no IAE – SP (tanto o IAE como o IAENE, pertencem à organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o IAE fornece teologia para a parte sul do Brasil e o IAENE para a parte norte do Brasil. Atualmente o IAE é considerado como UNASP campus 2.) e se desligou do teológico por quatro anos. Mas em 1995, foi convidado pelo UNASP campus 2 para voltar a dar aulas para o curso teológico. Ele aceitou o convite e lecionou no UNASP até se aposentar em 2000.

O total de anos que Pedro Apolinário lecionou em cursos teológicos, foram quarenta e sete. Nesse período, ele influenciou a vida de diversas gerações de pastores e administradores da organização Adventista.

1.4.2. Produção Literária:

Nestes quarenta e sete anos de docência teológica Pedro Apolinário produziu um pequeno acervo literário. Seus livros e apostilas serviram de auxílio para pastores, professores e administradores da organização Adventista. Não é o objetivo desta pesquisa refletir a influência de Apolinário sobre a teologia adventista e sim as influências que o levaram a tornar-se um professor de teologia, mas julga-se pertinente a citação de suas produções literárias. Vejamos:

“Análise: Textos Bíblicos de Difícil Interpretação”; “Melhore sua linguagem”; “Apostila de Grego para o Curso Teológico”; “As Pretensiosas Testemunhas de Jeová”; “As Testemunhas de Jeová e a Exegese”; “Leia e Compreenda Melhor a Bíblia”; “Explicação de Textos Difíceis da Bíblia”; “As Testemunhas de Jeová e Sua Interpretação da Bíblia”; “Seleção de Temas do Meu Arquivo”; “História do Texto Bíblico: Crítica Textual”; “História do Texto Bíblico”; “Grego para Curso Teológico”, etc. (Os dados completos das obras citadas estarão especificados em anexo 2).

Apolinário também produziu dezenas de artigos teológicos. A maioria deles publicados na Revista Adventista. (Lanza, 2004, pp. 229 e 230).

Ao analisar suas obras teológicas podemos concluir que Apolinário exerceu um magistério pautado pela produtividade. Seus escritos eram redigidos num bom português, com linguagem clara e elegante. A maior virtude de suas literaturas está no esclarecimento de textos difíceis da Bíblia. Fato que comprova sua aptidão e alegria no estudo e ensino da teologia.

O próximo capítulo seguirá pesquisando sobre seu magistério, buscando identificar as influências que o levaram a tornar-se um professor de teologia.

CAPÍTULO II

DESCRIÇÃO DE EVENTOS E CIRCUNSTÂNCIAS QUE CONDUZIRAM PEDRO APOLINÁRIO AO MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Para continuarmos analisando as influências que levaram Pedro Apolinário a tornar-se professor de teologia, é preciso recordar a trajetória de sua vida. Entender os possíveis eventos e as circunstâncias que o levaram a lecionar no curso teológico. Neste capítulo, será feita uma descrição dos principais eventos que aconteceram na vida de Pedro Apolinário. Para descobrirmos estas informações entrevistamos duas pessoas que conviveram intimamente com ele: seu amigo Nevil Gorski, bem como sua esposa Wanda Apolinário.

2.1. INCENTIVO DE UMA PROFESSORA

Após a conclusão do ginásio, Pedro Apolinário continuou sua graduação. Ainda no CAB precisou decidir que curso faria no colegial: o clássico ou o científico. Por ter pouca afinidade com desenhos, ele escolheu o clássico. Esse curso tinha como base o estudo de línguas, tais como: português, grego e latim (Oliveira, 1996, pp. 3). O primeiro ano e o segundo ano do colegial, Apolinário cursou no CAB. No terceiro ano, ele precisou pedir transferência para Taubaté – SP, pois naquele tempo o CAB sofria por falta de alunos e não ofereceu o terceiro ano. Em Taubaté, ele concluiu o colegial numa escola estadual bem conceituada, no ano de 1945, com 26 anos de idade (Wanda Apolinário, 2006).

Nesta época (1945), em que Pedro Apolinário precisou estudar em Taubaté, aconteceu um evento muito relevante para seu futuro. Ele tornou-se aluno de uma professora chamada Ferry. Essa mulher o incentivou muito para que continuasse estudando. Apolinário a admirava bastante. Ela chegou a falar com os pais de Apolinário afirmando que ele aprendia rápido e por causa disto deveria prosseguir estudando⁷ (Wanda Apolinário, 2006).

⁷ Pedro Apolinário foi aluno de Ferry em dois momentos, ou seja, antes de ir pro CAB quando ainda era jovem., e depois quando precisou concluir o terceiro ano do colegial. Ferry falou com os pais de Apolinário da primeira vez que ele foi seu aluno.

Esta mulher exerceu uma grande influência na mentalidade de Apolinário estimulando-o a continuar estudando. Ela o influenciou a voltar para São Paulo (capital) e prosseguir sua vida estudantil (Wanda Apolinário, 2006).

2.2. EVENTOS DO INTERNATO

Em 1939, ele mudou-se para este referido colégio onde passou a viver num regime de internato. Vivendo neste ambiente ele enfrentou diversas situações com as pessoas que ali moravam e se relacionavam com ele (Gorski, 2006).

No internato do CAB, Apolinário viveu momentos importantes de sua vida. Alguns eventos chamam atenção para a delimitação desta pesquisa. Iremos destacar dois aspectos importantes que ele viveu enquanto morava no internato do CAB.

2.2.1. Amigos de dormitório

Apolinário viveu em circunstâncias muito interessantes no internato do CAB. Os jovens daquela época iam para o internato com o sonho de estudar no seminário teológico. Os alunos mais graduados mantinham acesa a vontade de estudarem teologia, assim motivavam os alunos novos a possuírem o mesmo sentimento. Quando ele chegou ao internato do CAB recebeu de seus futuros amigos uma forte influência de pertencer ao curso de teologia. Ele possuía diversos amigos que estudavam teologia e isso o motivava a pertencer ao grupo do teológico (Gorski, 2006).

Durante o tempo que morou no internato do CAB, Apolinário viveu em diversos quartos. Com isso, ele fez muitas amizades e ampliou seu círculo de pessoas conhecidas. Dentre o grupo de amigos, ele aproximou-se de dois colegas em especial: Nevil Gorski e Orlando Ritter. Estes dois homens percorreram um caminho muito semelhante ao dele, ambos estudaram cursos de licenciatura e com o tempo acabaram lecionando para o curso de teologia. Boa parte dos anos em que morou no internato do CAB, Apolinário conviveu com esses dois homens, recebendo influência positiva para lecionar e também se envolver de alguma forma no curso de teologia (Wanda Apolinário 2006).

2.2.2. Programações do internato

Houve um evento no CAB que influenciou muito a vida de Apolinário. Nos dias de sábado, os alunos participavam do culto de adoração (Na Igreja Adventista do Sétimo Dia os cultos são realizados aos Sábados). De manhã, iam à igreja do colégio e assistiam à programação nela apresentada. Na parte da tarde, os alunos dirigiam um programa jovem, onde todos se envolviam cantando e falando temas diversos. Nestes programas, os alunos eram estimulados a desenvolverem seus talentos de falarem em público e prepararem-se para o ministério pastoral, estes programas jovens serviam de treino para os desafios que os alunos enfrentariam para os estudos futuros (Gorski, 2006).

Apolinário viveu esta realidade no CAB e, segundo Gorski (Gorski, 2006), ele participou diversas vezes nestes programas desenvolvidos pelos jovens. Ele era convidado para falar sobre temas científicos e religiosos. Com isso, exercitava sua capacidade de lecionar bem como o desejo de pertencer ao ministério pastoral adventista. Estas programações trouxeram alegria e motivação para vida estudantil de Apolinário (Gorski, 2006).

2.3. ESCOLHAS PESSOAIS

Apolinário fez duas escolhas em sua vida que contribuíram para sua trajetória no magistério teológico. Essas escolhas o deixaram em circunstâncias bastante favoráveis de ingressar no rol de professores do curso de teologia (analisaremos isto no próximo capítulo). A primeira escolha importante, foi a de sua parceira conjugal e a segunda, a decisão do seu curso universitário.

2.3.1. Escolha conjugal

Apolinário casou-se no dia 31 de janeiro de 1950 com Wanda Mascarenhas (Wanda Apolinário, 2006). Quando iniciou seu namoro, sua vida como professor de teologia já havia iniciado. Mas, duas características de Wanda contribuíram para levá-lo até o matrimônio e a constituição de uma família que se manteve unida durante longos anos (idem).

Quando Apolinário conheceu Wanda Mascarenhas, ela cursava o segundo ano de teologia (naquela época o curso teológico era concluído com dois anos de

estudos). Logo após ter se formado neste curso, Wanda começou a trabalhar como obreira bíblica (professora de Bíblia) do Pr Campolongo (Lanza, 2004, pp 227).

Durante todo seu namoro com Wanda Mascarenhas, ela sempre apresentou características missionárias, as quais despertaram a paixão e o interesse de Pedro Apolinário por ela, levando-o ao matrimônio (idem).

2.3.2. Escolha do curso universitário

Em 1943, Pedro Apolinário começou a escolher a área do conhecimento que mais lhe agradava. Nesta data, ele precisou decidir entre dois cursos que existiam no colegial: o científico ou o clássico. Ele decidiu escolher o curso clássico, pois julgava não possuir afinidade com desenhos, e assim sendo, passou os três anos do colegial estudando línguas clássicas como o latim e o grego (Lanza, 2004, pp 225).

Em 1946, Apolinário graduou-se no colegial, mais especificamente em línguas clássicas, recebendo permissão para lecionar português, latim e grego. Então começou a lecionar para o curso ginásial no CAB. E também neste mesmo ano, ele ingressou na USP no curso de línguas clássicas. Na USP, ele passou quatro anos estudando línguas. Dentre as línguas estudadas, ele procurou aprofundar-se nas línguas grega, latina e hebraica (Lanza, 2004, pp 225 e 226; Gorski, 2006).

No ano de 1949, graduou-se em línguas clássicas pela USP. Foi um dia muito festivo que comemorou quatro anos de esforço por sua parte. Na cerimônia de formatura, a presença de muitos amigos e ilustres professores acentuou o prazer da vitória (Lanza, 2004, pp 226). A partir desta data, Apolinário estava completamente apto para lecionar português, grego, latim e hebraico.

2.4. VONTADE DE INGRESSAR NO MINSTÉRIO PASTORAL

Como já fora dito, Pedro Apolinário e Nevil Gorski tornaram-se grandes amigos na época de estudantes no CAB. Após suas graduações básicas (ginásio e colegial), eles continuaram juntos e aumentaram os laços da amizade. Em 1954, ambos possuíam o desejo de tornarem-se pastores, a vontade era tão intensa que decidiram conversar com a organização adventista e se ofereceram para cuidar de qualquer igreja da associação como voluntários (Gorsky, 2006).

Nesse mesmo ano, a organização adventista decidiu colocá-los numa igreja ainda pequena na região chamada de Itaim na zona sul de São Paulo, próximo ao

CAB. Ali, os dois amigos ficaram o ano inteiro cuidando daquela igreja. Eles podiam cuidar dela apenas nos finais de semana, pois estudavam e lecionavam durante os dias de semana. Ambos revezavam seu trabalho ministerial voluntário, isto é, dividiram os finais de semana, quando um deles ia cuidar da igreja, o outro folgava (idem).

No ano de 1955, decidiram parar de trabalhar na igreja, pois perceberam que estavam se desgastando muito. Mas os caminhos da vida estavam reservando-lhes outras aventuras. A organização adventista decidiu fazer-lhes um convite especial. Pediram que continuassem trabalhando, porém com uma diferença, eles deveriam ir para uma igreja maior. Esta igreja era a de Santo Amaro. Não resistindo o convite, então eles decidiram continuar trabalhando na área ministerial. Nesta igreja, eles ficaram cinco anos como pastores e assim receberam a ordenação ao ministério (Gorski, 2006). Em sua vida no internato do CAB, Pedro Apolinário alimentava a esperança de trabalhar na causa de Deus e esses acontecimentos pareciam estar realizando um sonho, mas mal sabia ele que Deus lhe reservava longos anos de um trabalho que marcaria a história da educação adventista para sempre.

2.5. APTIDÃO PARA LECIONAR

Existem duas citações feitas pela esposa de Apolinário que são muito importantes para a pesquisa. Ela afirma: “Pedro Apolinário era talhado para lidar com alunos. Tinha equilíbrio e maturidade. Parece que ele havia nascido para ser professor” (Wanda Apolinário, 2006). Ela também afirma que “Apolinário tinha uma personalidade muito forte, era determinado e tinha seus alvos bem definidos na mente. Era muito estudioso e amava lecionar. Enfrentava as dificuldades e passava por cima delas. Tinha uma espécie de dom natural para estudar e lecionar” (idem).

Com estas citações de Wanda Apolinário, percebemos que Pedro Apolinário possuía uma espécie de aptidão natural para lecionar. A maior prova disto está demonstrada num evento que aconteceu quando ele ainda era estudante do colegial.

Como já foi afirmado anteriormente, Apolinário cursou os dois primeiros anos do colegial no CAB. Nestes dois anos, ele já lecionava para o curso de admissão (ginásio) do CAB. Essa prática demonstrou que tinha talento como professor e

também despertou o interesse da organização Adventista por seus talentos (Gorski, 2006).

O desenrolar de sua vida, bem como a percepção de pessoas que conviviam com Apolinário demonstram que ele possuía um dom natural pelo magistério.

2.6. INFLUÊNCIAS RELACIONADAS COM A ORGANIZAÇÃO ADVENTISTA

A organização Adventista participou diretamente na vida e na formação de Pedro Apolinário. Destacaremos agora aspectos interessantes referentes à influência da organização Adventista na vida de Apolinário.

2.6.1. Investimentos

A organização Adventista investiu em Apolinário de duas maneiras: através de investimentos financeiros e também o motivando a prosseguir em suas graduações acadêmicas. Na entrevista com Wanda Apolinário, ela afirmou “A obra Adventista deu muito apoio e valorização. Podemos dizer que a obra disponibilizou todo o suporte para que Apolinário pudesse estudar e se graduar para lecionar. A obra foi o mecanismo pelo qual chegou a lecionar no curso teológico” (Wanda Apolinário, 2006).

Em 1946, a organização Adventista fez dois convites a Apolinário. Ofereceram um emprego no CAB para lecionar português, grego e latim para o ginásio e o colegial. Também concederam à oportunidade de realizar um sonho de prosseguir seus estudos, e unindo-se a Orlando Ritter e Nevil Gorski, Pedro Apolinário foi orientado pela organização Adventista a iniciar seu curso superior na USP (Lanza, 2004, pp 225 e 226).

Estes investimentos foram muito importantes na vida de Apolinário. tão importantes que ele dedicou sua vida inteira trabalhando na organização Adventista. Foram quase cinqüenta anos trabalhando como professor das instituições Adventistas do Brasil.

2.6.2. Necessidades da época

Na década de cinqüenta, a organização Adventista estava passando por uma carência docente muito grande. Especialmente no seminário teológico, a carência era enorme nas disciplinas de línguas bíblicas (Gorski, 2006). Por causa desta

carência, a organização, em 1947, convidou Apolinário para lecionar grego e hebraico no seminário (idem). Em 1947, o professor Apolinário estava cursando o segundo ano do seu curso superior na USP e mesmo o seminário o introduziu em seu corpo docente.

Essa falta de professores forçou a organização Adventista a investir tempo e dinheiro em jovens estudantes. A carência da época possibilitou que o sonho de Pedro Apolinário, de unir a paixão pelo magistério e pelo ministério, se tornasse realidade (Wanda Apolinário, 2006).

CAPÍTULO III

ANÁLISE DEDUTIVA DE EVENTOS E CIRCUNSTÂNCIAS QUE CONDUZIRAM PEDRO APOLINÁRIO AO MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Para continuarmos analisando as influências que levaram Pedro Apolinário a tornar-se professor de teologia, iremos realizar uma análise dedutiva dos eventos e circunstâncias que aconteceram no decorrer de sua vida. Neste capítulo, iremos realizar uma análise dedutiva dos eventos e circunstâncias mencionadas no capítulo anterior. Através desta análise tentaremos descobrir os fatores que mais contribuíram para que Pedro Apolinário se tornasse um professor de teologia.

3.1. ANÁLISE DEDUTIVA DO INCENTIVO DE UMA PROFESSORA

Antes de ir estudar no CAB aconteceu um evento muito relevante para seu futuro, ele tornou-se aluno de uma professora chamada Ferry, ao qual passou admirá-la como excelente orientadora (Oliveira, 1996, pp. 3). Ferry o incentivou muito para que continuasse estudando a ponto de falar com os pais de Apolinário, afirmando que ele aprendia rápido e por causa disto deveria prosseguir estudando (Wanda Apolinário, 2006).

Ao analisarmos este importante evento que fez parte da vida de Apolinário chegamos a algumas considerações. Em primeiro lugar concluiremos que este evento não contribuiu diretamente para o ingresso de Apolinário no magistério teológico. Porém, está mulher chamada Ferry influenciou Apolinário de uma forma muito forte a prosseguir seus estudos e desenvolver seus talentos. Olhando para biografia de Apolinário percebemos que ele se deixou influenciar pelas idéias desta professora, dando assim, seqüência em sua vida estudantil. E foi justamente neste desenvolvimento intelectual que Apolinário descobriu suas aptidões e dons que acabaram levando –o diretamente para o magistério teológico.

Portanto, mesmo sem influenciar diretamente nas escolhas profissionais de Apolinário, esta mulher participou na sua jornada profissional rumo ao magistério teológico.

3.2. ANÁLISE DEDUTIVA DOS EVENTOS OCORRIDOS NO INTERNATO DO CAB

Já sabemos que, em 1939, Pedro Apolinário mudou-se para este referido colégio onde passou a viver num regime de internato. Vivendo neste ambiente ele recebeu diversas influências das pessoas que ali moravam e se relacionavam com ele (Gorski, 2006).

No internato do CAB, Apolinário viveu momentos importantes de sua vida. Alguns eventos chamam atenção para a delimitação desta pesquisa. Iremos analisar dois aspectos importantes que Apolinário viveu enquanto morava no internato do CAB.

3.2.1. Amigos de dormitório

Analisando esta circunstância importante vivida por Pedro Apolinário podemos chegar a pertinentes considerações: Na época em que Apolinário viveu como aluno interno no CAB, vários amigos exerceram grandes influências em suas decisões futuras, principalmente seus amigos íntimos que viviam no mesmo quarto, Nevil Gorski e Orlando Ritter. Havia entre eles uma vontade contagiante de estudarem teologia e tornarem-se pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Todo jovem Adventista que vivesse naquele ambiente motivador sentiria a mesma vontade de ingressar no curso teológico. Como ele viveu alguns anos dentro deste ambiente motivador, podemos deduzir que a vontade de seu coração foi induzida por um desejo forte de envolver-se no curso de teologia e na obra de Deus.

Sobre Nevil Gorski e Orlando Ritter, mais tarde se tornaram professores de teologia. Podemos então presumir que o convívio de Apolinário com eles trouxe grande influência para suas decisões futuras, tanto acadêmicas como profissionais.

Através desta análise deduzimos que as amizades que Apolinário construiu no CAB influenciaram diretamente na sua escolha de tornar-se um professor de teologia. Nesse colégio, ele descobriu suas aptidões como professor e aprendeu a amar o curso de teologia. Através da amizade, ele recebeu incentivo, motivação e inspiração para tornar-se professor do teológico por quase meio século.

3.2.2. Programações do internato

Pedro Apolinário participava ativamente das programações religiosas do CAB. Segundo Gorski (Gorski, 2006), ele sentia satisfação e motivação quando participava dos cultos jovens que eram realizados sábados à tarde no CAB.

Analisando estas informações, podemos chegar a considerações importantes que ampliarão esta pesquisa. Primeiramente estas participações nos cultos jovens desenvolviam em Apolinário a capacidade de ministrar palestras em público. Como ele não era convidado para pregar (proclamar verdades bíblicas através de exortações e apelos) e sim para palestrar, ou seja, ministrar uma aula sobre determinado tema, acabou desenvolvendo habilidade e gosto por explanações de aulas. Em segundo lugar, estas participações forçavam Apolinário a explicar didaticamente os temas estudados. A tarefa do magistério leva os professores a apresentarem de forma prática e didática os conteúdos teóricos e de certa forma complexos. Com estas participações nos programas religiosos do CAB, ele aprendeu a ensinar os conteúdos teóricos que ele estudava. Os conteúdos explanados por ele eram geralmente religiosos, com isso, desenvolvia ao mesmo tempo a sua capacidade de ensinar com aprofundamento em temas teológicos.

Através desta análise percebemos que as programações religiosas do CAB influenciaram em grande grau nas decisões futuras de Pedro Apolinário. Os temas religiosos que ele estudava, bem como a dedicação na hora de transmiti-los aos ouvintes fizeram-no desenvolver gosto pelo magistério e também pela teologia.

3.3. ANÁLISE DEDUTIVA DAS ESCOLHAS PESSOAIS

Iremos analisar duas circunstâncias importantes vividas por Pedro Apolinário no decorrer de sua vida. A análise destas circunstâncias são muito importantes, pois elas tiveram influência positiva na decisão de Apolinário ao magistério teológico.

3.3.1. Escolha conjugal

A escolha conjugal de Pedro Apolinário pode não ter exercido influência direta na sua decisão de lecionar para o curso teológico. Porém, esta escolha ocupou uma posição de destaque em sua vida. Por isto também iremos analisar a escolha conjugal tomada por Pedro Apolinário.

No capítulo dois desta pesquisa, foi afirmado que Apolinário iniciou seu namoro com Wanda Mascarenhas após o início de sua carreira como professor do teológico. Podemos deduzir com isto, que a escolha conjugal de Apolinário não trouxe influência alguma na sua decisão de lecionar para o curso de teologia. Mesmo assim queremos reforçar que existiam características importantes em Wanda Apolinário e julgamos que tais características são pertinentes para o aprofundamento desta pesquisa.

Em primeiro lugar gostaríamos de destacar que Wanda Apolinário concluiu o curso de teologia (conforme a citação do capítulo II desta pesquisa). Essa informação leva-nos a acreditar que esta mulher possuía um grande senso missionário, visto que mulheres não costumam sentar nas carteiras de um curso teológico. Também gostaríamos de ressaltar que Wanda trabalhou como instrutora bíblica com o Pastor Campolongo (conforme a citação do capítulo II desta pesquisa). Esta informação reforça a idéia de que ela possuía fortes traços missionários. Com isso podemos deduzir que estas características contribuíram grandemente para que Pedro Apolinário tomasse a decisão de casar-se com Wanda Mascarenhas.

Ao analisar a escolha conjugal de Pedro Apolinário concluiremos que tal fato realmente não influenciou na decisão profissional de Apolinário. Porém, podemos dizer que esta escolha ajudou em grande medida na manutenção de sua carreira, por quase meio século, como professor de teologia.

3.3.2. Escolha do curso universitário

No curso de teologia contemporâneo existe uma grade bastante grande de matérias fundamentais para formação acadêmica do aluno (olhar grade da FAT do UNASP II em anexo 3). Na época em que Apolinário estava se graduando a grade de matérias do curso teológico era menor, por isto os alunos formavam-se com dois anos de estudo (Lanza, 2004, pp 227). Ao longo dos anos, matérias foram sendo incorporadas no currículo acadêmico da FAT, formando a grade atual que leva o aluno a formar-se em quatro anos.

Mas no estudo da teologia existe uma disciplina que é fundamental e que faz parte do estudo teológico desde os primórdios de sua existência. Esta disciplina é conhecida como línguas bíblicas, isto é, o estudo das línguas em que a Bíblia foi escrita originalmente. Dentro destas línguas devemos destacar o hebraico e o grego.

Portanto, esta matéria fez e faz parte da grade curricular da FAT desde seu início, incluindo a época de Pedro Apolinário.

Vimos no capítulo II, desta pesquisa, que Apolinário desde o ginásio optou pelo estudo de línguas, chegando a graduar-se em línguas clássicas pela USP. Dentro do estudo de línguas Apolinário decidiu especializar-se justamente nas línguas: grega, hebraica e Latina.

Analisando estas informações chegamos a considerações importantes. Podemos deduzir que a escolha acadêmica de Apolinário influenciou diretamente a sua ida para o corpo docente do curso teológico. Levando em consideração que a língua hebraica e a língua grega formam um grupo de matérias fundamentais para conclusão do curso teológico, podemos afirmar que sua formação abriu de uma forma muito grande as portas para sua entrada no magistério teológico.

3.4. ANÁLISE DEDUTIVA DA VONTADE PESSOAL DE INGRESSAR NO MINISTÉRIO PASTORAL

Como já foi dito anteriormente nesta pesquisa, Pedro Apolinário tinha uma grande capacidade de aprender rápido. Por isso ele poderia escolher praticamente qualquer área do conhecimento para se especializar e trabalhar. Ele poderia ter escolhido ser professor de português, ciências, filosofia e até de matemática. Pelo fato de aprender rápido ele poderia escolher qualquer área de trabalho e mesmo assim iria obter grande sucesso profissional.

Mas, como já vimos, ele dedicou praticamente sua vida lecionando línguas bíblicas para o curso de teologia. Analisando aspectos separados da vida de Pedro Apolinário, iremos deduzir que a sua vontade pessoal o influenciou grandemente na decisão de lecionar teologia.

Dentre muitos eventos e circunstâncias que aconteceram na vida de Apolinário que apresentam esta vontade pessoal de lecionar teologia, acreditamos que o mais relevante diz respeito a sua curta vida ministerial em duas igrejas do estado de São Paulo (Itaim e Santo Amaro). Pedro Apolinário e Nevil Gorski dedicaram tempo e energia para cuidar destas igrejas. Cremos que três aspectos são relevantes para provar que a vontade de pertencer ao ministério era muito grande no coração de Pedro Apolinário. 1) Pedro pediu voluntariamente para cuidar destas igrejas; 2) ao mesmo tempo em que cuidava destas igrejas, ele

também estudava na USP; 3) ao mesmo tempo em que cuidava destas igrejas ele trabalhava no CAB.

Quando analisamos estes aspectos deduzimos que Pedro Apolinário possuía uma vontade pessoal muito grande de pertencer ao ministério Adventista. Como seu intelecto era aguçado, percebemos também que foi através do curso teológico que ele encontrou um mecanismo de unir seu intelecto à sua vontade pessoal de pertencer ao ministério Adventista. Portanto, podemos afirmar que a vontade pessoal de Apolinário influenciou diretamente na sua decisão de tornar-se um professor de teologia.

3.5. ANÁLISE DEDUTIVA DA APTIDÃO NATURAL PARA LECIONAR

Segundo Michaelis (Michaelis, 1998, pp 442) a palavra dom significa: dote natural, talento, aptidão, faculdade, capacidade, habilidade especial para. Quando analisamos as pessoas percebemos que elas possuem diversificados tipos de dons e talentos naturais. Segundo Wanda Apolinário (Wanda Apolinário, 2006) percebemos que Apolinário possuía dois talentos naturais: 1) tinha postura e tato para lidar com seus alunos, demonstrando assim possuir um dom para o magistério e 2) era determinado e disciplinado com seus estudos, demonstrando possuir o dom de organização e disciplina.

Sabendo que Apolinário possuía o dom do magistério, da disciplina e que também possuía a habilidade de aprender rápido, chegamos a algumas importantes considerações: Ele realizava no magistério teológico aquilo que gostava e que sabia fazer, possuía facilidade para ensinar e lidar com seus alunos juntando assim capacidade de aprender e de ensinar aos outros.

Se fizermos uma adição com a vontade pessoal que Apolinário possuía de entrar no ministério e seus dons naturais, concluiremos que esta aptidão natural influenciou também de forma direta na sua escolha de tornar-se professor de teologia.

3.6. ANÁLISE DEDUTIVA DAS INFLUÊNCIAS RELACIONADAS COM A ORGANIZAÇÃO ADVENTISTA

A organização Adventista participou diretamente na vida e na formação de Pedro Apolinário. Analisaremos agora aspectos interessantes referentes a influência da organização Adventista na vida de Pedro Apolinário.

3.6.1. Investimentos

“A obra foi o mecanismo pelo qual o professor Apolinário chegou a lecionar no curso teológico” (Wanda Apolinário, 2006). Esta citação feita por Wanda Apolinário define de uma forma direta o papel que a organização Adventista desempenhou na Vida de Pedro Apolinário.

As influências descritas até aqui desempenharam um grande papel na mente e nas decisões de Apolinário, porém a organização Adventista proveu os meios pelos quais estas idéias pudessem se tornar realidade. Em 1946 a Organização Adventista proveu duas circunstâncias essenciais para que Apolinário chegasse ao magistério teológico. Em primeiro lugar, concedeu um emprego como professor do ginásio e colegial no CAB; em segundo, a Organização providenciou que seus estudos continuassem ao ingressar no curso de línguas clássicas da USP (Lanza, 2004, pp 225 e 226).

Através destes investimentos providos pela organização Adventista, Pedro Apolinário teve a oportunidade de crescer e se aprimorar. Analisando-os chegamos a importantes considerações: Em primeiro lugar, devemos lembrar que: Se a organização Adventista tivesse negado estes investimentos, ele dificilmente lecionaria no curso teológico. Em segundo lugar, Apolinário aproveitou as oportunidades oferecidas pela organização Adventista transformando-se num professor emérito do curso teológico adventista. E em terceiro lugar, estava nos planos de Deus.

Com isto podemos deduzir que os investimentos providos pela organização Adventista influenciaram diretamente na sua entrada ao magistério teológico.

3.6.2. Necessidades da época

Na década de cinqüenta, o ensino era menos desenvolvido do que nos dias atuais. Segundo Gorski (Gorski, 2006), o curso teológico do CAB estava sofrendo pela falta de professores. Era difícil encontrar pessoas para lecionar especialmente línguas bíblicas, como hebraico e grego.

Obviamente, esta necessidade abriu grandes chances para Apolinário entrar para o corpo docente do curso teológico. Ele ainda cursava o segundo ano de línguas clássicas na USP, e mesmo assim possuía domínio destas matérias.

Sem dúvida nenhuma podemos deduzir que esta necessidade de professor influenciou para que ele entrasse no magistério teológico e ali permanecesse por quase meio século.

CAPÍTULO IV

HIPÓTESES QUE RESSALTAM OS REAIS MOTIVOS QUE CONDUZIRAM PEDRO APOLINÁRIO AO MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Descobrimos que todos os eventos e circunstâncias influenciaram direta ou indiretamente na escolha de Pedro Apolinário tornar-se professor de teologia. Esses foram explanados nos capítulos anteriores. Porém, gostaríamos de levantar duas hipóteses que ressaltam de forma direta os reais motivos que conduziram Apolinário ao magistério teológico. Analisando todos os pontos levantados nesta pesquisa, concluímos que as principais influências foram: 1) A vontade de Deus conduzindo sua vida; 2) As respostas pessoais de Pedro Apolinário à vontade Deus.

Neste capítulo, iremos apresentar os motivos que nos levaram a concluir tais hipóteses, e também exemplificaremos nossas conclusões através da Bíblia, para confirmarmos as hipóteses.

4.1. A VONTADE DE DEUS CONDUZINDO SUA VIDA

4.1.1. Dom Natural:

Perceber seguramente à vontade de Deus manifestando-se de forma nítida na vida de Pedro Apolinário, e este fato o influenciou a tornar-se professor de teologia. Apolinário nasceu com o dom natural de aprender e ensinar, fato que possibilitou o seu ingresso no ministério Adventista. Seu lar sempre foi um ambiente Cristão, onde se acreditava no poder sobrenatural do Criador, revelando assim que foi da vontade de Deus lhe conceder esse dom, pois a bíblia diz: “A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1 Cor. 12:7). Esse fim proveitoso foi visto claramente em suas ações, demonstrando que foram guiados por Deus.

Através das deduções feitas nesta pesquisa constatamos, de forma consistente, que Apolinário recebeu um dom natural (ver capítulos II e III).

4.1.2. O exemplo de Sansão:

A fim de exemplificarmos o dom natural concedido por Deus a Apolinário usaremos a Bíblia como fonte de estudo. Ao lermos as Escrituras Sagradas podemos perceber que Deus chamou diversos homens. Muitos destes homens receberam dons naturais para realizar a tarefa que Deus os concedera. Dentre os muitos personagens mencionados na Bíblia usaremos Sansão como exemplo daquele que recebeu um dom natural para cumprir a vontade de Deus. Primeiramente vejamos a vontade de Deus ao chamar Sansão:

Apareceu o anjo do Senhor a esta mulher, e lhe disse: Eis que és estéril, e nunca tiveste filho; porém conceberás, e darás a luz um filho. Agora, pois, guarda – te, não beba vinho, ou bebida forte, nem comas cousa imunda; porque tu conceberás e darás à luz um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu consagrado a Deus desde o ventre de sua mãe: ele começará a livrar a Israel do poder dos Filisteus. (Jz 13: 3 – 5)

Através desta passagem bíblica percebemos a vontade de Deus manifestar-se na vida de Sansão. Desde o ventre materno este homem foi escolhido por Deus para um fim especial (libertar Israel). Para realizar esta tarefa especial, foi da vontade de Deus que Sansão recebesse um dom natural muito peculiar, vejamos:

Desceu, pois, com seu pai e sua mãe a Timna, eis que um leão novo, bramando, lhe saiu ao encontro. Então o Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele que ele o rasgou como quem rasga um cabrito, sem nada ter na mão; todavia nem a seu pai nem a sua mãe deu a saber o que fizera. (Jz 14: 5 e 6)

Ao ser chamado por Deus Sansão recebeu o dom da força. Seu corpo possuía tanta força que ele era capaz de rasgar leões. Essa força concedida por Deus deveria ser usada para a tarefa que lhe fora designada, isto é, libertar Israel. Na vida de Sansão destacamos que: foi da vontade de Deus que ele fosse chamado para uma tarefa especial e que recebesse um dom natural específico para a realização desta tarefa.

Quando comparamos a vida de Sansão com a de Pedro Apolinário encontramos algumas semelhanças. Analisando as realizações de Apolinário, podemos perceber que, assim como Sansão, ele também foi chamado por Deus. Além disso, percebemos de forma nítida que, pela vontade de Deus, ele nasceu com

um dom natural (facilidade de aprender e ensinar). Assim como Sansão recebeu o dom da força, Apolinário recebeu o dom do aprendizado.

Através deste paralelo podemos deduzir que Deus concede dons às pessoas conforme a sua vontade. Foi da vontade de Deus que Sansão recebesse o dom da força, assim como foi também da Sua vontade que Apolinário recebesse o dom do aprendizado.

4.1.3. Investimento da organização Adventista:

Também descobrimos que a organização da IASD (Igreja Adventista do Sétimo Dia) investiu diretamente nos dons revelados na vida de Apolinário. Isso foi possível porque na década de 50 o seminário do CAB estava com o seu quadro de professores desfalcado na área de línguas bíblicas. Foi neste contexto que a mão de Deus dirigiu sua vida permitindo que a Instituição adventista o contratasse como seu mais novo obreiro. Podemos considerar que Deus utilizou a Organização Adventista para operar a Sua vontade na vida de Pedro Apolinário. Deus guiou, protegeu e cuidou da vida de seu servo.

Como observamos, a mão de Deus esteve com Apolinário desde o seu nascimento, conduzindo a sua vida e mostrando através de seus dons qual seria a melhor forma de servir ao Senhor. Assim, também, a IASD como Seu instrumento no chamado ao ministério. Como diz a Bíblia: "...os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: este é o caminho, andai por ele" (Is. 30:21).

4.1.4. O exemplo de Abraão:

Assim como Deus cuidou da vida de Apolinário manifestando a Sua vontade de usá-lo como um instrumento, Deus também cuidou da vida de pessoas no passado. Iremos fazer uso da Bíblia, mais uma vez, para exemplificar que a vontade de Deus se manifesta na vida de diversas pessoas ao redor do mundo.

Dentre os vários personagens bíblicos que foram guiados e protegidos por Deus destacaremos a vida de Abraão. Este patriarca também foi chamado e guiado por Deus e pela vontade de Deus, vejamos:

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma benção. (Gn 12: 1 e 2)

Ao analisarmos a história de Abraão descrita no livro de Gênesis percebemos que Deus o chamou e, além disso, conduziu sua vida. Deus abriu portas, retirou obstáculos e aproveitou as circunstâncias.

Ao compararmos a vida de Abraão com a de Pedro Apolinário podemos encontrar algumas semelhanças que comprovam a vontade de Deus na vida destes dois homens. Assim como Abraão foi chamado por Deus, vimos que, Apolinário também o foi. Também podemos perceber que Deus conduziu as circunstâncias na vida de Abraão (Deus o chamou e o conduziu para lugares desconhecidos) da mesma maneira, vimos que Deus guiou as circunstâncias na Vida de Pedro Apolinário. Deduzimos que a necessidade da organização Adventista bem como seu convite feito a ele foi providenciado por Deus, como demonstração da vontade Divina conduzindo sua vida.

4.2. RESPOSTAS PESSOAIS DE PEDRO APOLINÁRIO À VONTADE DEUS

Também percebemos uma segunda influência que chamaremos de “Respostas pessoais de Pedro Apolinário à vontade de Deus”. Analisando os dados levantados nesta pesquisa sobre este assunto concluímos que Apolinário possuía uma vontade pessoal de pertencer ao ministério Adventista. Também acreditamos que esta vontade influenciou grandemente Apolinário a tornar-se um professor de teologia. cremos que esta vontade desenvolveu-se em dois momentos principais:

4.2.1. Estudante do CAB

Ao estudar no CAB Apolinário recebeu grande influência de seus amigos estudantes. Essas influências tinham um cunho teológico, isto é, a grande maioria dos alunos do CAB estudavam ou almejavam estudar teologia. Com isto deduzimos que Apolinário começou a alimentar sua vontade de pertencer ao ministério Adventista, e assim, responder a vontade divina. Através deste convívio ele começou a possuir grande vontade de pertencer ao ministério Adventista e ao curso teológico.

4.2.2. O exemplo de Eliseu

Na Bíblia encontramos a história de Elias e Eliseu (No livro de I e II Reis). Elias era um profeta de Deus e Eliseu era seu ajudante. Os dois viveram juntos e

enfrentaram dificuldades juntos. No final da vida de Elias aqui nesta terra encontramos um diálogo entre o mestre e o aprendiz. Neste diálogo podemos constatar que Elias influenciou a vontade de Eliseu para continuar trabalhando no ministério profético:

Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede – me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. Disse Eliseu: Peço – te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito. Tornou – lhe Elias: Dura cousa pediste. Todavia se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não me vires, não se fera. (II Reis 2: 9 e 10)

Através deste relato Bíblico podemos perceber que Elias influenciou Eliseu de tal forma que o aprendiz desejou possuir a porção dobrada do poder de seu mestre. E assim continuar trabalhando no ministério profético.

Quando comparamos esta história Bíblica com a vida de Pedro Apolinário concluímos que a influência de pessoas mechem com a vontade humana. Assim como Eliseu foi influenciado por seu mestre, Apolinário foi influenciado por seus amigos estudantes do CAB. Essa influência foi tão grande que Apolinário sentiu uma vontade pessoal de pertencer ao ministério Adventista, assim como, Eliseu sentiu uma vontade pessoal de possuir poder dobrado para desenvolver o ministério profético.

Com isto deduzimos que Deus usa a vontade pessoal para conduzir a vida das pessoas.

4.2.3. Voluntariado pastoral

Com o passar dos anos, esta vontade desenvolveu-se de forma considerável. Isto foi confirmado pelo fato de que anos mais tarde Apolinário decidiu pastorear igrejas de forma voluntária. Portanto, concluímos que a vontade pessoal de Apolinário foi respondida positivamente levando – o a pertencer ao ministério Adventista como professor de teologia. Sendo assim percebemos que Apolinário reconheceu seus dons naturais concedido por Deus, canalizado - os em sua vida de forma multiplicada.

O voluntariado de Apolinário (ver capítulos II e III) mostra de forma definitiva qual era a sua vontade pessoal. Ele desejava pertencer ao ministério Adventista.

Unindo sua vontade com seus dons naturais ele respondeu positivamente a vontade de Deus, tornando-se assim um professor de teologia.

4.2.4. O exemplo de Davi

Na Bíblia também encontramos a famosa história de Davi o rei de Israel (no livro de I Samuel). Antes de ser rei Davi foi um jovem pastor de ovelhas (I Sm 17). Nesta fase da vida de Davi, encontramos um relato de voluntariado. Percebemos um jovem que possuía uma vontade pessoal muito grande de prosseguir nos caminhos de Deus que voluntariou-se para enfrentar um gigante chamado Golias, vejamos:

Davi disse a Saul: Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele; teu servo irá, e pelejará contra o filisteu Golias. Porém Saul disse a Davi: Contra o filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu és ainda moço e ele guerreiro desde a sua mocidade... Disse mais Davi: O senhor me livrou das garras do leão, e das do urso; ele me livrará das mãos deste incircunciso filisteu. Então disse Saul a Davi: vai – te, e o senhor seja contigo. (I Samuel 17: 32, 33 e 37)

Neste relato bíblico encontramos um jovem que possuía coragem e fé. Sua vontade pessoal de entregar a vida nas mãos de Deus era tão grande que decidiu voluntariamente enfrentar um gigante filisteu.

Quando comparamos este evento ocorrido na vida de Davi com os eventos ocorridos na vida de Pedro Apolinário encontramos algumas semelhanças. A principal semelhança diz respeito ao espírito de voluntariado encontrado no coração destes dois homens. Assim como Davi decidiu voluntariamente enfrentar Golias, Apolinário decidiu voluntariamente pastorear uma igreja. Ambos os homens não ganharam nada em troca, mas realizaram suas tarefas porque possuíam uma vontade pessoal de desenvolver um ministério orientado por Deus.

Davi tornou-se rei de Israel (II Sm 5) por causa de sua vontade pessoal de realizar a obra de Deus. Essa vontade foi expressa em suas atitudes posteriores como a decisão voluntária de enfrentar Golias. Pedro Apolinário tornou-se professor de teologia por causa de sua vontade pessoal de realizar a obra de Deus. Essa vontade foi expressa em suas atitudes posteriores como a decisão voluntária de pastorear igrejas.

4.3. CONSIDERAÇÕES

Finalizando este capítulo ressaltamos duas hipóteses que influenciaram diretamente nas escolhas e decisões de Pedro Apolinário: 1) A vontade de Deus sobre sua vida e 2) as respostas pessoais de Pedro Apolinário à vontade de Deus. Acreditamos serem estas as principais influências que levaram-no a tornar-se um professor de teologia durante quase meio século.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, fizemos uma breve descrição biográfica da infância ao magistério teológico de Pedro Apolinário. Consideramos uma breve análise de sua vida procurando mostrar como foi desenvolvida sua carreira de educador no curso teológico, iniciando desde sua infância até o seu casamento e também no seu egresso como professor de teologia de grego e hebraico, graduação como bacharel em línguas clássicas, mestrado na Andrews e livros teológicos redigidos num bom português, com linguagem clara e elegante. “A maior virtude de suas literaturas está no esclarecimento de textos difíceis da Bíblia. Fato que comprova sua aptidão e alegria no estudo e ensino da teologia”.

No segundo capítulo, fizemos uma descrição de eventos e circunstâncias, através de informações concedidas de seu amigo Nevil Gorski e de sua esposa Wanda Apolinário, que o conduziram ao magistério teológico. Descobrimos a influência da professora Ferry que o estimulou a voltar aos estudos, amizade íntima com Nevil Gorski e Orlando Ritter, programações dos jovens no internato do CAB, escolhas importantes como sua esposa e a decisão do seu curso universitário, suas aptidões em relacionar-se com os alunos e administrar as aulas e por fim, os investimentos da organização adventista.

No terceiro capítulo, fizemos uma análise dedutiva dos eventos e circunstâncias mencionadas no capítulo anterior e buscamos descobrir os fatores que mais contribuíram para que Pedro Apolinário se tornasse um professor de teologia.

No quarto capítulo, tivemos duas hipóteses das reais influências que levaram Pedro Apolinário a se tornar professor de teologia e os motivos que nos levaram chegar a tais conclusões.

A primeira hipótese foi a vontade de Deus conduzindo sua vida. Isso foi analisado pelo fato de Apolinário possuir um dom natural concedido pelo Espírito Santo (ver capítulos II e III). Comparamos com a vida de Sansão, revelado que foi Deus quem o escolheu desde o ventre materno e lhe concedeu dons naturais para um fim proveitoso, libertar Israel. Como Apolinário, também lhe foi concedido dons para um fim proveitoso, revelado em sua aptidão de lecionar levando-o a tornar-se

um professor de teologia. Outro fato importante foi o investimento da organização adventista, onde a mão de Deus guiou para que no contexto em que vivia o contratasse como o mais novo obreiro. Ao analisarmos a história de Abraão podemos perceber que Deus o chamou e, além disso, conduziu sua vida. Podemos ver Deus abrindo portas, retirando obstáculos e aproveitando circunstâncias assim como foi na vida de Pedro Apolinário.

A segunda hipótese, foi a resposta pessoal de Pedro Apolinário á vontade de Deus. Vimos que ele respondeu a Deus em dois momentos especiais: o convívio com os amigos no CAB que o influenciaram a ser tornar professor de teologia. Comparamos através da bíblia o que ocorreu com Eliseu, que após andar com Elias foi influenciado a ponto de pedir porção dobrada do Espírito Santo e se tornar também um profeta. O outro momento foi sua voluntariedade pastoral de servir ao nosso Deus através das igrejas adventista (ver cap. I e II). Vimos através da vida de Davi um voluntariado de fé quando se dispões a enfrentar o gigante Golias, assim como Apolinário decidiu enfrentar seus desafios e tornar-se professor de Teologia.

Também gostaríamos de ressaltar que este trabalho não é conclusivo. Queremos deixar possibilidades para pesquisas futuras. Uma sugestão pertinente seria a elaboração de uma análise das influências que os alunos do ensino médio do internato confessional (UNASP c2) estão recebendo do curso teológico. Através desta pesquisa vimos que Apolinário foi altamente influenciado pelo ambiente confessional do CAB. Será que hoje este grau de influência permanece o mesmo?

ANEXOS

Anexo I

Entrevista com a esposa do pastor Pedro Apolinário

Data: 28/03/06

Perguntas:

- 1) Em que ano se conheceram?
 - 2) Em que ano se casaram?
 - 3) Como e quando foi o desenvolvimento das graduações do Pr. Apolinário? (datas, especializações, etc)
 - 4) Qual a influência dos pais na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 5) Qual a influência dos amigos na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 6) Qual a influência da esposa na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 7) Qual a influência da organização adventista na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 8) Qual a influência dos filhos na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 9) Qual a influência da cultura social (da época) na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
 - 10) Existe algum registro escrito pelo próprio Pr Pedro Apolinário sobre a trajetória de sua vida?
 - 11) Existe algum fato relevante em relação a sua escolha em tornar –se um professor de teologia?
 - 12) Existiu alguma pessoa ou algum fato que contribuiu diretamente com sua escolha de tornar – se um professor de teologia? Quem, ou o que?
- (As respostas estão disponíveis em áudio).

Entrevista com pastor Nevil Gorski

Data: 17/08/06

Perguntas:

- 1) Em que ano se conheceram?
- 2) Qual a influência dos pais na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 3) Qual a influência dos amigos na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 4) Qual a influência da esposa na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 5) Qual a influência da organização adventista na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 6) Qual a influência dos filhos na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 7) Qual a influência da cultura social (da época) na sua escolha de tornar –se um professor de teologia?
- 8) Existe algum fato relevante em relação a sua escolha em tornar –se um professor de teologia?
- 9) Existiu alguma pessoa ou algum fato que contribuiu diretamente com sua escolha de tornar – se um professor de teologia? Quem, ou o que?

(As respostas estão disponíveis em áudio).

Anexo II

Lista completa das obras escritas por Pedro Apolinário:

- APOLINÁRIO, Pedro. *Melhore Sua Linguagem*: IAE, SP, 1º ed. Março, 1975.
- _____. *Apostila de Grego Para o Curso Teológico*: IAE, SP, 1º ed. 1980.
- _____. *As Pretensiosas Testemunhas de Jeová*: IAE, SP.
- _____. *Apostila as Testemunhas de Jeová e a Exegese*: IAE, SP, 1º ed. 1977.
- _____. *Leia e Compreenda Melhor a Bíblia*: IAE, SP, Novembro, 1º ed. 1983.
- _____. *Explicação de Textos Difíceis da Bíblia*: SALT, SP, 3º ed. 1984.
- _____. *As Testemunhas de Jeová e Sua Interpretação da Bíblia*: IAE, SP, 4º ed. Outubro 1986.
- _____. *Seleção de Temas do Meu Arquivo*: IAE, SP, 1º ed. Janeiro, 1985.
- _____. *Apostila História do Texto Bíblico: Crítica Textual*: IAE, SP, 1º ed. 1985.
- _____. *Grego Para Curso de Teologia*: IAE, SP, 4º ed.
- _____. *Pesquisas Serôdias*, 1º ed. 1987.
- _____. *Sermões exaltando a verdade*. CPB, Tatuí, SP. 1º ed. 2001.
- _____. *Conheça melhor sua literatura*. 1º ed. 19??/ 2º ed. 1980.
- _____. *Estudo de passagens com problemas de interpretação*. IAE, SP, 1º ed. 1986.
- _____. *Apostila textos bíblicos de difícil interpretação*. IAE, SP. 1º ed. 1980.

Anexo III

Grade curricular atual da FAT:

I Semestre: (1º ano)

Introdução geral a Bíblia
Teologia e educação musical
História do adventismo I
Metodologia de pesquisa teológica I
Língua portuguesa I
Língua inglesa I
Formação pastoral I
Fundamentos da psicologia
Seminário de cultura moral e religiosa I
Hebraico I

II Semestre: (1º ano)

Antigo Testamento I
História do Adventismo II
Teologia da educação cristã
Teologia e princípio de saúde
Língua portuguesa II
Língua inglesa II
Formação pastoral II
Teologia e educação musical II
Seminário de cultura moral e religiosa II
Teologia e filosofia
Metodologia da pesquisa teológica II
Liderança de Desbravadores
Hebraico II

III Semestre: (2º ano)

Grego I
História do cristianismo I
Homilética I
Evangelização I
Teologia fundamental I
Formação pastoral III
Antigo testamento II
Ética cristã
Canto coral I
Seminário em estudos teológicos I
Liderança de desbravadores II

IV Semestre (2º ano)

Homilética II
História do cristianismo II
Aconselhamento pastoral

Liderança eclesiástica
Antigo testamento III
Formação pastoral IV
Grego II
Hermenêutica
Teologia fundamental II
Seminário em estudos teológicos II
Canto coral II

V Semestre: (3º ano)

Grego III (opcional)
Liturgia e adoração
Evangelização II
Daniel
Ação pastoral comunitária
Teologia fundamental III
Antigo testamento IV
Comunicação aplicada
Seminário em estudos teológicos III

VI Semestre: (3º ano)

Novo testamento I
Teologia fundamental IV
Estágio em evangelização
Exegese no Novo Testamento

VII Semestre: (4º ano)

Ciência e religião
Teologia sistemática I
Apocalipse
Família e sociedade
Estágio pastoral I
Novo Testamento II
Seminário em formação litúrgica I
Trabalho de conclusão de curso I
Técnicas de treinamento eclesiástico

VII Semestre: (4º ano)

Religiões contemporâneas
Teologia sistemática II
Administração eclesiástica
Estágio pastoral II
Seminário em formação litúrgica II
Trabalho de conclusão de curso II
Fundamentos crescimento igreja
Epistolas gerais
Arqueologia bíblica

Anexo IV

Palavras do Pastor Paulo Sarli ditas ao Prof. Pedro Apolinário no encontro da 3ª idade em Poços de Caldas realizado em maio de 2005:

Geralmente se usa reconhecer os feitos de uma pessoa depois que ela morre. Depois que ela morre há palavras de louvor, de gratidão, de reconhecimento pelo que a pessoa foi e fez de bom durante os anos que viveu.

Mas Maria Madalena via essa pratica já em seus dias. Ela preferiu revelar seu amor quebrando o vaso de alabastro (de alto preço) e ungiu o corpo de Jesus em vida. E nesta simples cerimônia ela ungiu o Salvador e O ajudou na sua jornada até a cruz.

Hoje queremos quebrar o nosso vaso de alabastro em gratidão e reconhecimento ao Prof. Pedro Apolinário pela sua vida de dedicação ao magistério cristão. Fui Aluno do Prf. Apolinário no curso ginásial, no curso normal, na faculdade de teologia, colega no mestrado na Andrews University em Michigan.

A sua dedicação ao magistério foi uma constante em sua vida amado seus alunos e eles o amando. Hoje seus alunos se contam aos milhares exercendo os mais diversos cargos na obra adventista e fora de dela. Se eu pedisse que seus alunos erguessem as suas mãos, creio que a maioria dos presentes assim o faria.

No livro de Daniel há uma grande benção aos que aos que ensinam a verdade. “Os que foram sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento e os que há muitos conduziram a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.” Dn 12: 3

O Prof. Apolinário foi um ensinador de justiça, viveu o ministério com heroísmo e fé, não apenas ensinando mas era um exemplo vivo das virtudes cristãs e além de ser mestre foi fiel amigo de seus alunos. Produziu um material rico no campo literário e exegetico. Foi autor de várias obras: livros de coletânea poética e de sermões.

Disse alguém que uma pessoa para ser completa deve plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho. Tudo isso o Prof. Apolinário fez com dedicação e amor.

ANEXO V

AUDIO DA ENTREVISTAS:

BIBLIOGRAFIA

APOLINARIO, Wanda. Entrevista Concedida dia 28/03/2006 no condomínio Lagoa Bonita. Engenheiro Coelho – SP.

APOLINARIO, Pedro. Análise: Textos Bíblicos de Difícil Interpretação: IAE, SP, Setembro, 1980.

_____. Melhore Sua Linguagem: IAE, SP, 3º ed. Março, 1980.

_____. Apostila de Grego Para o Curso Teológico: IAE, SP.

_____. As Pretensiosas Testemunhas de Jeová: IAE, SP.

_____. As Testemunhas de Jeová e a Exegese: IAE, SP, 3º ed. Maio 1981.

_____. Leia e Compreenda Melhor a Bíblia: IAE, SP, Novembro, 1983.

_____. Explicação de Textos Difíceis da Bíblia: SALT, SP, 3º ed. 1984.

_____. As Testemunhas de Jeová e Sua Interpretação da Bíblia: IAE, SP, 4º ed. Outubro 1986.

_____. Seleção de Temas do Meu Arquivo: IAE, SP, 3º ed. Janeiro, 1987.

_____. História do Texto Bíblico: Crítica Textual: IAE, SP.

_____. História do Texto Bíblico: SALT, SP, 1990.

_____. Grego Para Curso de Teologia: IAE, SP, 4º ed.

_____. Grego: IAE, SP.

FERREIRA, Nilson Silva. Vida e Obra do Professor Pedro Apolinário: monografia apresentada como requisito da matéria História do Adventismo, SALT, 1987.

GORSKI, Nevil. Entrevista Concedida dia 16/08/2006 no condomínio Lagoa Bonita. Engenheiro Coelho – SP.

LANZA, Laerte. A Educação Adventista no Brasil: Uma História de Aventuras e Milagres: UNASPRESS: Eng. Coelho – SP, 2004.

MICHAELIS. Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa: ed. Melhoramentos, São Paulo – SP, 1998.

OLIVEIRA, Dulcinéia de Souza. Vida e Ministério do Professor Pedro Apolinário: Monografia apresentada como requisito da matéria História do Adventismo SALT 1996.

SOUZA, Rejane Célia de. Uma Biografia Sobre o Professor Pedro Apolinário: Monografia apresentada como requisito da matéria História do Adventismo, SALT, 1997.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

O ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA SOB A PERSPECTIVA CRIACIONISTA E EVOLUCIONISTA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E OS LIVROS DIDÁTICOS DA ÁREA

Cladson A. de Souza Rodrigues

Licenciado em Geografia e bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2006

cladson@hotmail.com

Resumo: O objetivo desse trabalho é discutir a política educacional adotada para o ensino de Geografia Física sob a perspectiva criacionista e evolucionista. O trabalho se baseou em entrevistas com as editoras, que produzem livros didáticos de geografia e pesquisadores do assunto, além de análise de fontes bibliográficas e documentos que regulamentam essa área. Concluiu com uma crítica à metodologia de ensino utilizada no país e à forma unilateral como o tema é abordado em sala de aula. Defendo uma equivalência na apresentação de ambos os pontos de vista, a fim de que os alunos tenham a capacidade de optar por aquele que acham mais coerente.

Palavras-chave: geografia, criacionismo, evolucionismo, metodologia de ensino.

The Teaching of Physical Geography Through the Creationist and Evolutionist Perspectives: A Reflection on the Directives of National Curriculum and the Teaching Books in the Area.

ABSTRACT: The objective of this research is to discuss the educational policy adopted for the teaching of Physical Geography through the Creationist and Evolutionist perspectives. The research was established upon: interviews with Publishing Houses that produce Teaching Books of Geography, and with researchers on the field; the analysis of bibliographical resources on the issue, and of the policies that regulate this area. I conclude with a critic to the current teaching methodology in use in the country, and to the unilateral way that the theme is presented in the classroom. I defend an equivalency in the presentation of both points of view in the classroom, in order to empower the student to make his/her option for the one that would be more coherent for him/her.

KEYWORDS: Geography, Creationism, Evolution, Teaching Methodology.

CLADSON A. DE SOUZA RODRIGUES

**A RELEVÂNCIA DO ENSINO CRIACIONISTA EM COMPARAÇÃO AO ENSINO EVOLUCIONISTA
OCORRIDO NO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA FÍSICA**

Monografia apresentada em cumprimento parcial aos requerimentos da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Adventista de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Prof. Nahor Neves Souza Júnior, Ph. D.

Engenheiro Coelho – S.P.

2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULOS	
I. DIFERENÇAS ENTRE OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA	3
1.1. Análise dos livros didáticos de Geografia	3
1.2. Ponderação referente à diferença encontrada nos livros didáticos de Geografia	6
1.3. Parecer referente às diferenças encontradas nos livros didáticos.....	7
II. PONDERAÇÃO FRENTE À DESIGUALDADE NO ENSINO DESSAS TEMÁTICAS EM QUESTÃO	9
2.1. Ponderação do professor Enézio E. de Almeida Filho	9
2.2. Ponderação da professora Nair Ebling.....	10
2.3. Ponderação do professor Roberto Azevedo	10
2.4. Ponderação do professor Ruben Aguilar.....	11
2.5. Ponderação do professor Rodrigo P. Silva.....	12
III. ESTUDOS EM GEOLOGIA - ENFOQUES DIFERENCIADOS	13
3.1. Diferença no relevo da terra antes e após do dilúvio	13
3.2. Coluna geológica – uma interpretação mais viável.....	17
3.3. Um modelo mais elaborado	19
IV. POSSÍVEIS SOLUÇÕES NA TENTATIVA DA RESOLUÇÃO DO IMPASSE DESTA DIFERENCIAÇÃO	22
4.1. Parâmetros Curriculares Nacionais	22
4.2. Apresentação dos PCN's referente à disciplina de Geografia.....	23
4.3. Observando a tendência da sociedade	25
V. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA	27
5.1. Considerações gerais feitas sobre o livro	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
BIBLIOGRAFIA	37
ANEXOS	38

INTRODUÇÃO

Atualmente o que se tem observado é uma grande diferença que existe na abordagem metodológica efetuada na matéria de Geografia Física no que tange as respostas sobre a origem da nossa terra e da vida que existe nela.

Ao se pesquisar a metodologia de ensino da disciplina de geografia, que é a disciplina a qual este trabalho irá dar maior ênfase, nota-se que a relevância do estudo do criacionismo é ínfima, frente à preponderância do ensino evolucionista. O que se observa, é uma prática, onde é dado maior atenção, enaltecimento e volume de importância ao ensino da teoria evolucionista, em comparação com aquela dada ao ensino criacionista. O ensino criacionista é tido, na verdade, como uma ficção, fruto da imaginação do pensamento de uma meia dúzia de religiosos extremistas.

Por isso, deve ser observado que, o ensino criacionista tem o seu valor específico dentro de nossa sociedade, e esta idéia está passando por uma fase de configuração e embasamento metodológico muito solidificado, os quais estão provocando uma revolução no modo de pensar sobre a origem e formação da estrutura geomorfológica da terra. Sendo assim, esta idéia, que no modo de ver deste trabalho, possui a mesma importância da idéia do evolucionismo, não pode ser colocada de lado na maioria dos planejamentos educacionais do país.

O principal objetivo deste trabalho é discutir a política adotada no ensino brasileiro, no que tange a prática do ensino do criacionismo em comparação com o ensino evolucionista, dentro da disciplina de geografia física. E verificar quais seriam as possíveis soluções para minimizar esta diferenciação encontrada na prática desses dois temas antagônicos. E a partir desta discussão, se não conseguir alterar a forma de pensamento mais condicionada para o lado do evolucionismo, pelo menos chegar a um ponto de equilíbrio de valores entre as duas posições.

Evidentemente que não se pretende chegar a uma solução para este problema em questão. Outrossim, busca-se trazer a tona este debate, na tentativa de se minimizar os impactos causados por este tipo de pré-conceituação, o qual acaba acarretando danos incalculáveis no desenvolvimento do pensamento humano, e

também danos ao desenvolvimento intelectual dos alunos que estudam esta disciplina.

CAPÍTULO I

DIFERENÇAS ENTRE OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Neste primeiro capítulo, serão apresentados dados que demonstram a diferenciação encontrada nos livros didáticos de geografia, onde se procura salientar a desigualdade quanto à apresentação do conteúdo desses livros.

Pode-se notar que o ensino da teoria evolucionista é mais valorizado quando comparado com o ensino da teoria criacionista.

1.1. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Foram realizadas pesquisas em 33 livros didáticos e para-didáticos, porém é importante ter ciência de que existem muitos outros livros que não foram englobados nesta pesquisa.

Mas, cabe aqui relatar que, os livros que foram pesquisados são os mais importantes ao lecionar-se a disciplina de Geografia, e também foram classificados aqueles livros que abordavam especificamente a tese da origem e formação da terra.

Os livros analisados foram os seguintes:

ADAS, Melhem. **Geografia – Noções Básicas de Geografia**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 2003.

_____. **Panorama Geográfico do Brasil**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 2004.

ALVES, Andressa e BOLIGIAN, Levon. **Geografia – Espaço e Vivência**. São Paulo / SP: Editora Atual, 2005.

ANTUNES, Celso. **A Terra e a Paisagem**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1995.

_____. **Geografia e Participação**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1997.

ARAÚJO, Regina. **Geografia – Paisagem e Território Geral e do Brasil**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 2002.

BARBOSA, Jorge Luiz; GONÇALVES, Carlos Walter P. **Geografia Hoje - A Geografia da Natureza**. Rio de Janeiro / RJ: Editora Ao Livro Técnico, 1991.

BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra, Seis Ensaios Sobre a Paisagem e a Geografia**. São Paulo / SP: Editora Perspectiva, 2006.

BRANCO, Anselmo Lazaro; LUCCHI, Elian A. e MENDONÇA, Claudio. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado – Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo / SP: Editora Saraiva, 2006.

BRANCO, Samuel Murgel. **A Serra do Mar e a Baixada**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 1995.

_____. **Pantanal Mato-Grossense**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 1997.

CANTO, Eduardo Leite. **Minerais, Minérios e Metais – De onde vêm? Para onde vão?**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 1996.

CARVALHO, Marcos Bernardino de e PEREIRA, Diamantino Alves Correia. **Geografias do Mundo – Fundamentos**. São Paulo / SP: Editora FTD, 2005.

GARCIA, Hélio Carlos. **Geografia do Brasil – Dinâmica e Contrastes**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1997.

_____. **Lições de Geografia**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 2003.

HALAMA, Luís Roberto e LESSA, Sandra. **Geografia Interativa – A Geografia e o Planeta**. Tatuí/SP: casa Publicadora Brasileira, 2005.

JUNQUEIRA, Silas Martins e UMMUS, Victor William. **Geografia**. São Paulo / SP: Editora Brasil, 2005.

LUCCI, Elian Alabi. **Geografia – O Homem no Espaço Global**. São Paulo / SP: Editora Saraiva, 1999.

MAGNOLI, Demétrio e ARAÚJO, Regina. **Geografia – Geral e do Brasil**. São Paulo / SP: Editora Moderna, 2001.

MORAES, Maria Lúcia Martins de. **Geografia do Brasil – Natureza e Sociedade**. São Paulo / SP: Editora FTD, 1997.

OLIVA, Jaime. **Temas da Geografia do Brasil**. São Paulo / SP: Editora Saraiva, 2000.

PEREIRA, Diamantino Alves Correa. **Geografia – Ciência do Espaço Mundial**. São Paulo / SP: Editora Atual, 1993.

PITTE, Jean Robert. **Geografia a Natureza Humanizada**. São Paulo / SP: Editora Siciliano, 1999.

SAUVAIN, Philip. **Montanhas**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1998.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil – Espaço Geográfico e Globalização**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 2001.

_____. **Trilhas da Geografia – A Geografia no Dia-a-Dia**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 2001.

SOURIENT, Lilian. **Geo – A Terra em Estudo – Geografia em Questão**. São Paulo / SP: Editora Siciliano, 2000.

STEELE, Philip. **Desertos**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1998.

VESENTINI, José William. **Brasil – Sociedade e Espaço**. São Paulo / SP: Editora Ática, 2000.

_____. **Geografia – Série Brasil**. São Paulo / SP: Editora Ática, 2003.

UMMUS, Victor William. **Geografia – De Onde Viemos? Para Onde Vamos?** São Paulo / SP: Editora Brasil, 2003.

VIEGAS, Silvio. **Abrindo Caminhos com a Geografia**. São Paulo / SP: Editora Brasil, 2001.

YOUSSEF, Maria da Penha Bertoudi. **Atlas dos Ambientes Brasileiros – Recursos e Ameaças**. São Paulo / SP: Editora Scipione, 1997.

1.2. PONDERAÇÃO REFERENTE À DIFERENÇA ENCONTRADA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Antes de se realizar qualquer tipo de análise sobre esses livros didáticos de Geografia, é importante salientar que, dentre esses 33 livros didáticos pesquisados e analisados, 32 deles apresentam uma influência de uma visão unilateral, contida no esboço de seu texto, onde se nota que, a abrangência da explanação referente à origem da terra, aparece com um enfoque unicamente voltado para a idéia evolucionista; e apenas 01 livro apresenta uma visão dando um enfoque que priorize o relato criacionista para explicar a origem e desenvolvimento da terra.

Apenas este livro, visto ser este de uma editora confessional, ou seja, que procura repassar aos alunos os seus postulados religiosos, se propôs a formular uma teoria criacionista em seus textos, enquanto que todos os outros livros pesquisados não se preocuparam com este detalhe em seus ensinamentos didáticos.

Portanto, fica registrada a estimativa de que entre os 33 livros das editoras pesquisadas nesta amostragem estatística, apenas 01, a editora Casa Publicadora Brasileira, teve a preocupação de renovar e reestruturar o seu estilo de ensino, promovendo o desenvolvimento de uma hipótese diferenciada em suas páginas. Portanto chegaríamos a porcentagem de menos de 01% do total pesquisado.

Sendo assim, cabe aqui enaltecer o trabalho realizado por essa única editora, que pode ser considerada como “heroína”, em editar livros criacionistas em um mercado com tendências inversas, e cabe também incentivá-la a continuar a promover mais seminários criacionistas e que continuem buscando enfatizar com clareza, ponderação e firmeza seus ensinamentos, os quais tem um fundamento muito mais firme e embasado que os ensinamentos evolucionistas. Talvez falte a essas outras editoras, reverem melhor seus conceitos e afirmações, para chegarem a um material mais condigno com a realidade a qual se está presenciando.

1.3. PARECER REFERENTE ÀS DIFERENÇAS ENCONTRADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Chega-se a conclusão de que realmente a grande maioria das editoras apresentam uma similaridade de apresentação de seus conteúdos, principalmente no que tange a explicação quanto à origem da terra. Limitando-se a reproduzir os conceitos errôneos encontrados na teoria do evolucionismo.

Somente uma editora, a Casa Publicadora Brasileira, se preocupa em oferecer um diferencial em seus livros didáticos. Demonstrando que seus interesses estão acima de interesses institucionais, políticos e até financeiros, no que concerne ao número de vendas da mesma.

Esta editora, demonstra ter um senso exclusivo de levar aos seus estudantes uma idéia diferenciada quanto à formação da terra, onde visa explicar, com um número significativo de evidências e experiências científicas que comprovem que a terra possui uma caracterização de formação recente e não de bilhões de anos.

Logo, pode-se dizer que, no Brasil ainda existe uma tendência didática para o ensino evolucionista em detrimento do ensino criacionista. O que gera, infelizmente, uma unilateralidade no modo de pensar e na formação acadêmica de muitos

estudantes, que se restringem a ter uma visão parcial sobre um determinado assunto.

A justificativa e explicação para esta ocorrência será melhor analisada na conclusão deste trabalho, mas desde agora, já se pode adiantar que, tanto as autoridades educacionais, em todos os níveis, como as editoras esclarecem que o ensino criacionista ainda precisa ser mais aprofundado e melhor estudado, e que ainda não existe uma confirmação da idéia criacionista como sendo uma teoria cientificamente comprovada.

CAPÍTULO II

PONDERAÇÃO FRENTE À DESIGUALDADE NO ENSINO DESSAS

TEMÁTICAS EM QUESTÃO

Este capítulo aborda comentários e conclusões apresentadas por autores e pesquisadores que representam o pensamento da ala que defende uma postura mais aberta e inclusiva, no que concerne ao equilíbrio que deva ser adotado quanto ao ensino desta questão, referente ao embate existente entre o pensamento evolucionista e o pensamento criacionista.

2.1. PONDERAÇÃO DO PROFESSOR ENÉZIO E. DE ALMEIDA FILHO

Neste ponto será exposto o pensamento do professor Enézio E. de Almeida Filho, Coordenador do NBDI (Núcleo Brasileiro de Design Inteligente) e Mestrando em História da Ciência – PUC-SP.

Em sua ponderação referente a este assunto, O professor Enézio faz o seguinte comentário:

“O ideal seria levar ao conhecimento dos alunos a insuficiência epistêmica das atuais teorias da origem e evolução da vida”. Os Parâmetros Curriculares Nacionais [PCNs] preconizam somente o ensino do neodarwinismo para explicar a origem e a evolução da vida. O criacionismo somente pode ser ensinado em escolas confessionais, mas os alunos devem saber o conteúdo programático sobre a evolução aprovado pelo MEC, caso contrário eles não terão sucesso nos vestibulares.”

Como pode ser observado, o Professor Enézio Filho deixa bem claro que é favorável a uma equiparação na metodologia do ensino desses dois temas. Porém

isto se torna de difícil confirmação devido às barreiras que foram criadas no país, que impedem a concretização deste fato.

2.2. PONDERAÇÃO DA PROFESSORA NAIR EBLING

Diretora de graduação da Universidade Adventista de São Paulo, a professora Nair Ebling coloca, da seguinte forma, a sua opinião sobre o referido assunto:

“ (...) No Brasil os criacionistas são extremamente tímidos (...) no decorrer da história a ciência se desenvolve baseada nos cientistas que dominam o pensamento da época, e mudar um modelo de pensamento não é fácil, só que ao longo do tempo ocorrem mudanças, porém as idéias são difíceis de serem modificadas. E além do mais é o poder, os meios de comunicação é que vão fazer a divulgação das idéias e temos muitas evidências de que ir contra a idéia dominante é difícil demais (...) trabalhos não publicados, boicotados, por que o ser humano quer comprovar apenas aquilo que ele acredita (...) Hoje se está começando um pouco de abertura para que pelo menos se discuta assuntos sobre origens.

Nesta visão, da professora Nair Ebling, nota-se que, ainda existe uma grande lacuna entre, o que se pode fazer para diminuir estas disparidades no ensino criacionista, frente o grande domínio do ensino evolucionista, e também a falta de unicidade entre os próprios pensadores criacionistas, fato que prejudica esta meta como um todo.

2.3. PONDERAÇÃO DO PROFESSOR ROBERTO DE AZEVEDO

Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é o Coordenador da Pós-graduação da Universidade Adventista de São Paulo (UNASP), o professor Roberto Azevedo faz a seguinte consideração referente ao assunto:

“Os cientistas evolucionistas trabalham com duas hipóteses para descrever a origem da terra. Uma como sendo aleatória (...), portanto o motor da explicação evolucionista é o acaso, a cegueira de não querer ver um ser superior neste processo (...), ele toma por definição que o processo foi totalmente aleatório (...), mas quando chega na origem da vida, ele diz que houve um milagre(...). Então, neste item, a explicação é o milagre e a sorte e não o acaso. (...) Quando você elimina o planejamento você cria um problema, pois para ser ciência deve haver causa-efeito, que pode ser experimentada. Logo todos os passos da ciência desaparecem quando se diz que este processo é casual. Depois de 100 anos de evolução, nós encontramos apenas 11% de ateus evolucionistas e 89% de criacionistas ou deístas, e ao se oferecer as duas opções nos livros didáticos, a maioria vai escolher que se discuta as duas idéias (revista Época de 03 de Janeiro de 2005). Sendo assim, a causa para este fracasso é a que a evidência para sustentar a evolução é fraca”.

2.4. PONDERAÇÃO DO PROFESSOR RUBEN AGUILAR

Doutor em Arqueologia e História Antiga, na Universidade de São Paulo, o professor Ruben Aguilar pondera da seguinte forma:

“Através do criacionismo se tem a explicação da origem do homem, a sua finalidade na terra e o propósito final de sua existência. Só o criacionismo pode revelar quais são os ideais futuros para o ser humano. Porém, para o evolucionismo todo o evento é acidental, não existe um propósito, um planejamento, uma finalidade. O Evolucionismo é fruto da especulação humana. Porém deveria-se divulgar mais as idéias criacionistas através de seminários, conferências e palestras etc. Para que tanto as editoras como os professores

pudessem conhecer melhor e passar a adotar os livros criacionistas”.

2.5. PONDERAÇÃO DO PROFESSOR RODRIGO P. SILVA

Doutor em Teologia e professor do Seminário Latino Americano de Teologia campus Engenheiro Coelho / SP, o professor Rodrigo Silva faz o seguinte comentário sobre esta questão:

“Creio que o detrimento ao criacionismo se deva basicamente pela separação entre Ciência e Religião que vivemos desde os tempos da idade moderna e que estudamos em sala. No Brasil isso se acentua ainda mais com separação entre Igreja e Estado. O criacionismo é considerado assunto de Igreja e não de sala de aula. Quanto às soluções, creio que o caminho é o que a Casa Publicadora Brasileira está fazendo, produzindo nosso próprio material para suprir basicamente as escolas da rede adventista. O problema é que sempre há professores e diretores preferindo material evolucionista ao nosso, noutras palavras, eles mesmos contribuem para o detrimento de um em relação ao outro.

Desta forma, segundo estes depoimentos, torna-se claro que esta batalha não está perdida, existe um bom grupo de pensadores renomados que estão produzindo e lutando contra esta tendência injusta, imposta pelo pensamento evolucionista.

E cada vez mais estão surgindo novas pesquisas sobre este assunto e também novos estudos, que vêm corroborar ainda mais com o embasamento teórico daqueles que acreditam que o criacionismo é única teoria que pode explicar de maneira mais clara e evidente sobre a origem e formação da terra como um todo.

CAPÍTULO III

ESTUDOS EM GEOLOGIA - ENFOQUES DIFERENCIADOS

Este capítulo abordará comentários e conclusões que demonstram como o ensino do Evolucionismo, apesar de sua soberania nos meios educacionais, apresenta muitas falhas estruturais em suas apresentações. Principalmente no que concerne ao ensino de variados tópicos geológicos, dentro da disciplina de geografia, em todos os níveis de escolarização.

3.1. DIFERENÇA NO RELEVO DA TERRA ANTES E APÓS DO DILÚVIO

Existem algumas teorias, dentro da disciplina de geografia, que são específicas para explicar a origem e desenvolvimento da morfologia geológica que pode ser encontrada em nosso planeta atual, essas teorias são: *Tectônica de Placas*¹, *Fenômenos Vulcânicos*² e a *Processos Erosivos*³.

Esses três tópicos trazem em si as explicações quanto a formação atual do relevo e da configuração da geomorfologia que encontramos na superfície terrestre. Logo, a estrutura atual do planeta não deve ser considerada como sendo formada a revelia, ou seja, não se deve considerar que o relevo atual simplesmente se formou por acaso; mas que deve existir uma organização e uma seqüência de ocorrências para que ele se tornasse como se encontra atualmente.

Mesmo dentro da idéia evolucionista, pode-se notar que existe uma organização dos eventos e ocorrências, que eventualmente provocaram uma série de fatos que, por sua vez, desencadearam um processo de estruturação da litosfera e sua formatação final, assim como se apresenta na sua configuração atual.

A definição desta teoria de *Tectônica de Placas* pode ser observada no relato disposto na Enciclopédia Encarta Universal (2001), que diz o seguinte:

¹ Estudo que demonstra que a crosta terrestre é formada por placas separadas entre si, e não um bloco único.

² Fenômenos intrusivos (que ocorrem no interior da terra) de modelagem da crosta terrestre, como as atividades vulcânicas.

³ Fenômenos extrusivos (que ocorrem na superfície da crosta terrestre), os quais promovem a sua modelagem, como a erosão e sedimentação eólica e a hidráulica.

“Tectônica de placas, teoria de tectônica global (deformações estruturais geológicas) que se tornou paradigma na geologia moderna, para a compreensão da estrutura, história e dinâmica da crosta terrestre. A teoria baseia-se na observação de que esta camada sólida está dividida em cerca de 20 placas semi-rígidas. As fronteiras entre estas placas são zonas com atividade tectônica, onde ocorrem mais sismos e erupções vulcânicas. Entre 1908 e 1912, foi proposta pelo geólogo alemão Alfred Lothar Wegener a teoria da deriva continental. Ela afirma que as placas continentais se rompem, separam-se e chocam-se, criando posteriormente cadeias de montanhas”.

Sendo assim, nota-se uma contrariedade de pensamentos dentro da ideologia evolucionista. Esta corrente de pensamento afirma, por um lado, que a vida surgiu por acaso, partindo da *desordem* para a *ordem*. Mas, ao mesmo tempo e por outro lado, contrariando essa linha de raciocínio, o mesmo não ocorre com a estrutura e a configuração do relevo da terra; onde prevalece a idéia de que deva ocorrer uma seqüência ordenada de fatos, provocando assim um desencadeamento de eventos que vão estabelecer um padrão para a formatação do relevo terrestre, chegando-se ao ponto que o relevo seria mais ordenado e atualmente passa por uma crise estrutural de ordenação, o qual este processo ainda está ocorrendo.

Ou seja, o relevo passa por um intenso processo de desordenamento, através da atuação dos seus agentes modeladores como tectonismo, vulcanismo e erosão superficial eólica e hídrica. Sendo assim, esta forma de pensar, contraria o postulado principal do evolucionismo, que reza que, toda a estrutura do planeta, quer seja orgânica ou inorgânica, passaria por um processo de ordenação evolutiva, o que não está sendo observado atualmente, principalmente no que tange a formação da litosfera.

Só que, através de outra contradição, este raciocínio afirma que esta atuação na Litosfera, segundo a forma de pensar evolucionista, impreterivelmente necessita, para a sua plena efetuação, um intervalo de tempo de milhões de anos. Esta idéia

se confirma no Cd-Rom do livro didático do Sistema Positivo (2001), sendo relatada da seguinte maneira:

“A litosfera está em permanente transformação desde o início de sua formação, há bilhões de anos. (...) As grandes formas do relevo terrestre correspondem às chamadas plataformas ou crátons, às cadeias orogênicas e às bacias sedimentares. As plataformas ou crátons, conhecidos por escudos antigos são terrenos estáveis, (...) Como exemplos: o escudo das Guianas, o Brasileiro, o Canadense, o Saariano, entre outros. Essas estruturas são muito antigas, com idades entre 900 milhões e 4,5 bilhões de anos. (...) As bacias sedimentares são formações mais recentes que os crátons, que se originaram nos últimos 600 milhões de anos (...) As cadeias oro-gênicas, também chamadas de cinturões orogênicos e de dobramentos modernos, são as formas mais elevadas do relevo terrestre, como os Andes, na América do Sul; Cáucaso e Himalaia, na Ásia, dentre outras. São ainda mais recentes que as bacias sedimentares, em torno de 100 milhões de anos. (...) No Brasil, há evidências de bacias sedimentares e de cadeias orogênicas antigas, com idade superior a 3,5 bilhões de anos”.

Como pode ser observada, esta linha de raciocínio é altamente tendenciosa e pode ser amplamente encontrada em quase todos os livros didáticos de geografia.

No outro extremo da forma de pensar sobre a formação da terra, se encontra a idéia criacionista, onde os estudos sobre este assunto estão bem avançados e consistentes.

Existe uma forte corrente de pensamento criacionista que pressupõe que o relevo terrestre antes do evento do dilúvio universal era diferenciado do atual. Este tipo de raciocínio pode ser observado no livro de Roth (2001, p. 202) onde ele expõe que o dilúvio alterou toda a estrutura geomorfológica do planeta, causando assim uma considerável variação na mesma, e uma desestruturação em sua base de origem. Vejamos o que o autor fala sobre o assunto:

“O conceito diluviano do Gênesis é muitas vezes criticado por geólogos e outros porque a Terra não parece ter água suficiente para cobrir o topo do Monte Everest (...). Essa crítica pode não ser muito significativa, uma vez que os criacionistas freqüentemente postulam uma topografia pré-diluviana mais plana, com muito menos água necessária para cobri-la”.

Através do que acabou de ser exposto, pode-se ter uma melhor visualização de como era formado o relevo da terra antes do dilúvio universal de Gênesis, onde não existiam cadeias orogênicas tão acentuadas como as atuais, mas uma formação mais suave, geralmente formada de planícies, entremeadas por pequenas colinas que formavam uma paisagem amena e menos diversificada. A terra tinha uma formação perfeita, e o que a diferencia da atual é a confirmação de uma crise estrutural em sua configuração, o que nos remonta a idéia de que realmente houve um cataclisma de proporções mundiais, que provocou toda esta desconfiguração e a possibilidade da formação do caos estabelecido na configuração atual.

Outro fator que nos chama a atenção é a questão da *Tectônica de Placas*, a qual os criacionistas acreditam ser a origem da explicação para o soergimento das cadeias de montanhas que conhecemos na atualidade. Os evolucionistas também aceitam que a formação dessas cadeias de montanhas ocorreu pela atuação de um tipo de processo de Dobramento e Soergimento. Roth (ibid., p. 203) mostra que *“Os criacionistas geralmente propõem movimentos rápidos de placas,..., produzindo elevações de montanhas e o surgimento dos atuais continentes da Terra”.*

Outra idéia, ainda dentro deste assunto, é concedida pelo professor Nahor Neves Souza Júnior (2004), Bacharel em Geologia, com Mestrado e Doutorado em Geotecnia pela USP. Professor de Geologia e Mecânica das Rochas na UNESP e USP. Professor de Ciência e Religião no UNASP onde, em seu estudo sobre a movimentação das Placas Litosféricas, declara o seguinte:

“As grandes cadeias de montanhas (...) estão intimamente associados ao movimento de placas litosféricas. (...) Esses eventos, (...) não podem ser comparados com aqueles que se manifestaram durante o dilúvio, ocasião em que as placas se

deslocaram muito mais rapidamente (vários quilômetros por dia). Terremotos e maremotos violentíssimos se manifestaram durante todo o dilúvio...”

A observação que pode ser feita é que, a interpretação criacionista não deixa nada a desejar em comparação com a interpretação evolucionista, pelo contrário, ela pode até dar um melhor vislumbre, e uma melhor explicação dos fatos ocorridos, segundo as evidências que são encontradas na natureza.

Todavia, fica claro que, os livros didáticos e enciclopédias não só dão uma ênfase maior às idéias evolucionistas, como também ignoram as idéias criacionistas sobre o mesmo assunto, como se elas fossem irrelevantes ou simplesmente não existissem.

Entretanto, por outro lado, como foi visto, a idéia criacionista sobre este assunto possui um embasamento muito mais sólido e firme; o que deveria, com certeza, ser levado em consideração, e até mesmo ser adotado nas páginas dos livros didáticos de geografia, que na verdade, são tendenciosos, no que consiste a elaboração desta temática.

3.2. COLUNA GEOLÓGICA – UMA INTERPRETAÇÃO MAIS VIÁVEL

Nesta etapa do trabalho será destacada a pesquisa realizada pelo Dr. Nahor Souza Júnior. Onde ele demonstra que as etapas dos períodos geológicos se encaixam mais perfeitamente dentro do relato do dilúvio bíblico, do que dentro do relato dos longos períodos de tempo propostos pelo evolucionismo, as chamadas “*eras geológicas*”.

Antes, porém, de analisarmos o conteúdo de sua pesquisa, cabe aqui relatar um depoimento, inserido em seu livro, referente a um comentário efetuado por um renomado geólogo, o qual faz a seguinte declaração: “*Persistem ainda suspeitas de que, devido a alguma fonte insuspeita de erro sistemático, o calendário radiométrico inteiro, da base ao topo, poderia estar drasticamente errado*” EICHER, D.L. (1982, p. 162). Esta é uma declaração de um geólogo evolucionista renomado, onde enfatiza que a formulação da idade da terra em bilhões de anos, postulado pelo evolucionismo, poderia estar completamente errada. Assim sendo, dentro do próprio

berço evolucionista, existem muitas discordâncias básicas, o que nos fazemos questionar toda a sua fundamentação epistemológica.

Para o Dr. Nahor algumas das características encontradas na terra em suas feições geológicas nos dão a entender que este planeta possui uma história muito mais recente do que a postulada pelos evolucionistas. Como ele cita em seu livro:

“Há espaço para, honestamente, esboçar um modelo alternativo que valoriza outros dados, fundamentados não em métodos de datação e sim nas feições litológicas, estruturais e outros dados geológicos de campo, passíveis de serem identificados por qualquer observador atento”.

Segundo ele, existem fortes evidências na morfologia geológica que demonstram claramente que sua origem ocorreu de forma rápida e recente, como ele próprio descreve *“Os contatos plano-paralelos, entre os extratos sedimentares, se estendendo lateralmente por grandes áreas e sem vestígios de erosão, não permitem a existência de lacunas ou hiatos entre as mesmas camadas”.* Em outras palavras, esta disposição *“plano-paralela”*, denominada pelo autor como sendo uma característica básica de várias deposições sedimentares, exemplificadas em seus estudos, são formações que caracteristicamente não demonstram que sofreram desgaste erosivo, pois, assim sendo, estariam dispostas de forma desordenada e inconsistente. Portanto, não teriam condições dessas formações serem formadas ao longo de extensos períodos geológicos pretéritos e ainda assim estarem dispostas desta maneira na natureza. Além deste exemplo, o autor cita vários outros que vão apontar para as mesmas conclusões, como: *“Os depósitos sedimentares associados às correntes de turbidez (turbiditos), as camadas de depósitos carboníferos”*, entre muitos outros.

O Dr. Nahor, embasado nesta linha de raciocínio, propõe uma reformulação na elaboração do estudo da coluna geológica, principalmente no que consiste na formação dos períodos de tempo geológico, sendo elaborados com longos períodos de duração. Desta forma, o Dr. Nahor propõe uma reestruturação da mesma, e traz em seu livro uma nova disposição desta coluna, dentro da visão observada em seus

estudos, onde, as eras geológicas dispostas em longos períodos de tempo, seriam substituídos por períodos de dias, semanas e meses.

Estas afirmações podem ser observadas na proposta de reestrutura da coluna geológica que foi demonstrado pelo Dr. Nahor, e esta configuração pode observada no gráfico na parte em anexo, figura 1 (pág. 35).

3.3. UM MODELO MAIS ELABORADO

Em um trabalho realizado pelo Professor Arthur V. Chadwick (Earth History Research Center da Southwestern Adventist University), intitulado por “*A Construção de um Modelo*”, ele propõe que todos os estudos geológicos das feições da terra devem ser refeitos e/ou melhor elaborados. Para isto ele traz algumas sugestões e afirmações, e através de seus estudos geomorfológicos, pode-se formular uma redefinição de todo o postulado de caracterização da geoestrutura atual da terra.

Em seu trabalho, ele faz um apanhado referente à suposta formação do planeta anterior ao dilúvio, onde ele cita as seguintes características (Chadwick, 2005, pág. 2):

*“Os geólogos têm feito sérias tentativas de reconstruir a face da terra em várias épocas na sua história passada.(...) O resultado deste trabalho tem sugerido que a superfície da terra, no início do Paleozóico, consistia de um único grande corpo de água salgada, que neste documento chamaremos de **Oceano**. Este corpo de água continha um continente granítico individualizado, de contorno mais ou menos uniforme, com dimensão aproximada da soma de todas as áreas de terra do planeta hoje, cobrindo metade ou mais de sua superfície”*
(Arthur V. Chadwick, pág. 2).

Como confirmação destas definições, ele coloca as afirmações referentes a existência real de uma Catástrofe Global, em outras palavras, o Dilúvio Bíblico (Arthur V. Chadwick, 2005, pág. 4):

“No início do dilúvio, as águas da chuva se acumularam por muitos dias, foram absorvidas pelo solo, e fluíram para os

*mares. À medida que a enchente continuou, as regiões baixas adjacentes aos mares epicontinentais ficaram inundadas, e os próprios mares, com os animais neles contidos, foram inundados por sedimentos, talvez trazidos também pela água, e sedimentos resultantes da ruptura do sistema hidrológico. Uma das ferramentas disponíveis para os geólogos considerarem uma catástrofe global é a informação derivada do estudo de **paleocorrentes**, os indicadores do fluxo direcional da água preservados nas rochas da crosta terrestre. Esta ferramenta, baseada em aspectos sedimentares tais como estratificação cruzada, marcas de ondas, orientação de fósseis e outros indicadores, fornece informação confiável sobre os padrões de fluxo das correntes de deposição e sobre áreas fonte potenciais para os sedimentos e fósseis”.*

O autor demonstra, confirmando as conclusões anteriores, que a estrutura e formação da *Coluna Geológica*, disposta em camadas sedimentares, só pode ter uma única explicação, a de que foi elaborada de forma rápida (poucos dias), e quanto a isto o autor diz:

“Em muitos lugares a superfície terrestre se parece com as camadas de um bolo, com camadas de sedimentos colocadas uma em cima da outra. Enquanto as camadas podem ser diferentes de lugar para lugar, há uma ordem consistente geral nos fósseis. Este arranjo de fósseis nas camadas é chamado de Coluna Geológica.”

O Dr. Chadwick também ilustra essas informações, através de figuras ilustrativas que podem ser observadas na parte em anexo, figura 2 e 3 (pág. 36 e 37).

Sendo assim temos uma gama bem significativa de estudiosos pesquisadores que confirmam todas as características postuladas pelo criacionismo, deixando evidente a confirmação destas idéias.

Enfim, cabe aos atuais pesquisadores, tanto na área de geografia como em áreas afins, reavaliarem melhor o pensamento evolucionista, elaborando e fundamentando um outro modelo mais condizente com a realidade dos fatos. Deve-se evitar o uso indiscriminado de preconceitos que levam a racionalizações baseadas em idéias pré-concebidas e sem fundamentação científica.

Fica claro que, todo pensamento evolucionista deve ser revisto, e seus conceitos básicos devem ser re-estudados e sua fundamentação metodológica deve ser re-elaborada, para que assim se chegue a conclusões mais estruturadas e não apenas em especulações ideológicas.

CAPÍTULO IV

POSSÍVEIS SOLUÇÕES NA TENTATIVA DA RESOLUÇÃO DO IMPASSE DESTA DIFERENCIAÇÃO

Este capítulo visa fazer um exercício na tentativa de amenizar o impasse que existe nesta diferenciação entre a abordagem apresentada nos livros didáticos de Geografia, na questão que abrange o histórico da origem e formação da Terra.

Esta é uma atividade que deve ser considerada de difícil resolução, pois envolve muitos fatores, que vão desde fundamentos teóricos, que não são alterados, pelo simples motivo de tradição acadêmica, onde as idéias evolucionistas não podem e não devem ser abandonadas por serem uma tradição dentro do meio educacional não confessional. Até mesmo passando por interesses financeiros, onde as editoras, que publicam livros didáticos de Geografia, não querem perder a sua clientela por adotarem uma outra postura para a explicação da origem da terra.

Portanto a proposta desta tarefa é a de apenas oferecer possíveis caminhos e não a de dar uma resolução final para o problema.

4.1. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os chamados *PCN's* (Parâmetros Curriculares Nacionais) tem a função de estabelecer um padrão curricular que abarque todo o território nacional. Foi criado em Agosto de 1996, logo após a criação da Lei de Diretrizes e Bases, que buscava normalizar, através de legislações, a caracterização da educação nacional. Juntos esses dois instrumentos, fundamentaram a tentativa de se organizar e sistematizar todo o sistema integrado de educação nacional, seja ele a nível particular ou seja a nível público.

Os *PCN's*, o qual é um instrumento que mais nos interessam neste trabalho, descrevem o seguinte relato sobre as suas intenções como um elemento organizador da educação brasileira (1996, p. 04):

“A iniciativa do MEC em propor parâmetros curriculares nacionais vem configurar uma proposta que oriente de maneira coerente políticas educacionais e contribua efetivamente para avanços na qualidade da educação no Brasil, (...), de modo a tentar dar conta de uma concepção de cidadania, pólo norteador do processo educativo, à luz das demandas do mundo contemporâneo”.

Como se observou, os Parâmetros Curriculares Nacionais, tem a intenção de concretizar este ideal, o de regulamentar a educação nacional, que passava por um momento de crise estrutural, onde cada escola, em cada região do país seguia suas próprias regras, sem que houvesse uma integração nacional. Sendo assim, frente a esta problemática, surgem os PCN'S com esta finalidade única.

4.2. APRESENTAÇÃO DOS PCN'S REFERENTE À DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Antes de ser apresentada a abordagem feita nos PCN's quanto a disciplina de Geografia, é interessante que se observe o que o mesmo tem a relatar sobre a caracterização desta disciplina. A visão dos PCN's sobre a Geografia é a seguinte (ibid., p. 08): *“A Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, através da leitura do espaço geográfico e da paisagem”.*

Portanto, nesta visão bem atual da geografia moderna e seu papel dentro da sociedade, encontra-se uma visão que é aquela mais recente dentro do estudo desta disciplina a de se ter como objeto de estudo o espaço e todas as relações naturais, sociais e econômicas que podem ser encontradas neste estudo. Assim a Geografia deixa de ser uma mera matéria que preconiza o estudo separado entre o homem e o meio-ambiente, mas passa a fazer a ponte de ligação entre eles.

Dentro dessa visão está o estudo referente à origem da terra. E é exatamente este estudo o qual este trabalho está interessado, o de fomentar o diálogo e a discussão dentro da sociedade.

Quanto ao estudo sobre a origem da terra e do homem, os PCN's não se posicionam claramente sobre este tópico em suas conclusões, eles não dão um

parecer esclarecido sobre este assunto, mas pode-se observar nas entrelinhas uma tendência em seu discurso, onde dizem o seguinte (ibid., p. 13 e 15):

“Poucas décadas depois da publicação da geologia de Lyell, as ciências da vida alcançam uma teoria unificadora através da obra de Darwin, que foi leitor e amigo do geólogo. Tomando os conhecimentos produzidos pela Botânica, Zoologia, Paleontologia e Embriologia, avaliando-os à luz dos dados que obteve em suas viagens de exploração e das relações que estabeleceu entre tais achados, Darwin elabora uma teoria da evolução que possibilita uma interpretação geral para o fenômeno da diversidade da vida, assentada sobre os conceitos de adaptação e seleção natural. Mesmo que tal teoria tenha encontrado muitos opositores e revelado pontos frágeis, estes foram, mais tarde, explicados com o desenvolvimento da Genética e a com cooperação de outros campos do conhecimento, confirmando e dando mais consistência à formulação de Darwin.

A Biologia reflete e abriga os dilemas dessa nova lógica. Explica-se quanticamente a estrutura infinitesimal, as microscópicas estruturas de construção dos seres, sua reprodução e seu desenvolvimento. E se debate, com questões existenciais de grande repercussão filosófica, se a origem da vida é um acidente, uma casualidade que poderia não ter acontecido ou se, pelo contrário, é a realização de uma ordem já inscrita na própria constituição da matéria primeva¹.”

Nota-se claramente, mesmo que isto não esteja explícito no texto, que a postura dos PCN's estão de acordo com as teorias naturalistas de Darwin que apóiam as idéias da evolução para explicar a origem e desenvolvimento da terra.

Está exposto claramente que, mesmo o governo, o qual deveria ser imparcial e não tendencioso, acaba se posicionando ao lado do evolucionismo, evidenciando a

¹Relativo aos tempos antigos, primitivos.

sua posição de apoio às idéias desta linha de raciocínio. Talvez, até mesmo porque alguns de seus pensadores adotam essa postura, ou mesmo porque seja uma “tradição” da cultura nacional apresentar as idéias evolucionistas como sendo uma verdade absoluta.

Seja como for, a luta contra essa corrente tendenciosa não é de fácil resolução, nem simples de ser resolvida. Cabe a todos os que militam nesta causa, se munirem de perseverança e estarem prontos para defender seus pontos de vista, necessitando de uma preparação mais específica para enfrentar todas as barreiras que são criadas contra o desenvolvimento dessa diretriz.

4.3. OBSERVANDO A TENDÊNCIA DA SOCIEDADE

O que pode ser observado em nossa sociedade atual, apesar dos mais de 100 anos de soberania do pensamento errôneo do evolucionismo, como bem frisou o Professor Roberto Azevedo em sua ponderação sobre este assunto é que se está requisitando uma alteração na formulação desse ponto de vista.

Atualmente o evolucionismo não é visto como se era algum tempo atrás e por isso a grande maioria gostaria que fossem revistos os conceitos da verdade quanto a nossas origens e fosse refeito o processo de consolidação do aprendizado nesse sentido.

Este tipo de raciocínio pode ser confirmado em uma reportagem da revista *Época* de 03 de janeiro do ano passado, onde foi relatado o resultado de duas pesquisas realizadas sobre o assunto, efetuadas tanto no Brasil, como nos Estados Unidos.

O que se verificou nesta pesquisa é que tanto no Brasil como nos Estados Unidos a maioria da população deseja que o criacionismo seja ensinado nas escolas em lugar do evolucionismo. As porcentagens da pesquisa no Brasil se apresentaram da seguinte maneira: 89% dos pesquisados acham que o criacionismo deve ser ensinado nas escolas; 8% dos pesquisados acham que não deve ser ensinado nas escolas e 3% não sabe ou não opinou. E um resultado aproximado a este pode ser observado nos Estados Unidos com as seguintes porcentagens: 75% dos pesquisados acham que o criacionismo deve ser ensinado nas escolas em lugar do

evolucionismo; 18% dos pesquisados acham que o criacionismo não deve ser ensinado nas escolas em lugar do evolucionismo e 7% não sabe ou não opinou.

Fica claro, pelos dados revelados por esta pesquisa que a grande maioria da população, tanto do Brasil como dos Estados Unidos pretendem que sejam revistas estas tendências na educação dos seus filhos. E ainda deve-se levar em conta, pelas informações prestadas pela pesquisa, que mesmo entre aqueles entrevistados que fazem parte do grupo que detém as maiores rendas do PIB e também com melhores níveis educacionais possuem a mesma opinião, somente diminuindo um pouco esta diferença.

Cabe agora as autoridades legais e institucionais ligadas a este assunto que identifiquem se isto está realmente de acordo com a realidade das intenções da população nacional, e buscar algum tipo de alteração dentro dos meios cabíveis, para serem modificados todos os mecanismos que compõem o cenário educativo nacional, dentre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais, e até mesmo a própria Lei de Diretrizes e Bases que rege todo o sistema educacional brasileiro.

É importante salientar que cabe estes dirigentes reverem seus conceitos e objetivos para fortalecimento da educação nacional.

A reportagem contudo ainda ataca de maneira covarde os criacionistas e coloca alguns dados infundados sobre o embate que existe entre essas duas teorias. Mas mesmo assim, com tanta rejeição por parte de um pequeno grupo da sociedade, a pesquisa revelou que a grande maioria da população ainda acredita no relato bíblico para a explicação das origens de todas as coisas.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DA CASA

PUBLICADORA BRASILEIRA

Neste último capítulo será realizada uma análise dentro do único livro didático de geografia que dá o seu enfoque dentro da visão criacionista, o livro da editora Casa Publicadora Brasileira. Onde serão colocadas algumas sugestões referentes à abordagem efetuada pelo livro em alguns assuntos controversos, os quais podem ser encontradas algumas idéias evolucionistas inseridas dentro do contexto discorridos nestes tópicos. É importante salientar que só foi analisado o livro didático empregado na 5ª série do Ensino Fundamental, porém os outros livros das séries subseqüentes não sofreram esta análise. E também que esta análise se dá de maneira superficial. Ou seja, não foi realizada uma análise aprofundada sobre este assunto, o qual ainda necessita de um melhor aprofundamento para um melhor resultado desta proposta estabelecida.

5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS FEITAS SOBRE O LIVRO

Cabe aqui ressaltarmos alguns elogios a este livro, o qual foi citado anteriormente neste trabalho, como sendo a única e heróica obra que levanta a bandeira do criacionismo. Isto ocorrendo dentro de um mercado exclusivista, que valoriza unicamente este ponto de vista, e em meio a uma imensidão de outros livros que enfatizam apenas o evolucionismo.

É muito interessante a abordagem feita pelo autor, encontrada na página 96, no que se refere ao assunto sobre a formação da ilha vulcânica de *Surtey* na Islândia. Este relato é destacado no texto, como uma evidência concreta e atual de como se teria originado e se desenvolvido a estrutura encontrada na crosta terrestre. Enfocando o processo de rápida atuação do vulcanismo submarino dando origem a uma ilha no meio do Oceano Pacífico, que evidencia e comprova a idéia criacionista.

Outro fator que chama atenção dentro desta obra, é a abordagem quanto a citação do livro “O mundo já foi melhor” de Harry J. Baerg, no que concerne a explicação sobre a origem da atmosfera. O autor separa as duas correntes de raciocínio, e a forma de como os cientistas pensam sobre este assunto.

Este tipo de atitude é muito salutar, pois deixa o leitor a par das duas correntes de pensamento, e o torna capaz de racionalizar dentro delas, sistematizando assim o seu pensamento sobre o assunto. E por outro lado, ratifica a posição do autor dentro da tese do criacionismo.

Porém cabe-se fazer algumas ressalvas dentro do texto analisado, que serão expostas á seguir:

Pode-se observar que, já nas primeiras páginas do livro, dentro das “Orientações ao Professor” não há uma caracterização da obra, como sendo uma obra de fundamentação criacionista. E que seus postulados serão baseados nesta linha de raciocínio. É importante e necessário, nesta introdução, definir bem qual será o posicionamento, tanto do autor como da temática abordada pelo livro, para que isto fique bem claro desde o início de seu transcurso literário, caracterizando-o como sendo de intenções criacionistas.

No capítulo 02 da unidade 01, sob o título “Origem da Terra”, pode-se inserir, na seção de sugestões de paradidáticos, o livro “Origens” de Ariel Roth, que está sendo citado, de forma muito bem elaborada, em uma parte mais adiante, em um outro capítulo do livro.

Pode-se esclarecer melhor e com maior aprofundamento os dados apresentados no quadro “Uma Breve História da Terra”, encontrado nas páginas 18 e 19, procurando embasar mais especificamente esta idéia referente a origem do nosso planeta.

Ainda dentro deste aspecto, referente aos períodos necessários para a consolidação do desenvolvimento do planeta, o autor, nos dados oferecidos na página 64, enfatiza que foi na era *Mesozóica* que os continentes começaram a se separar, e complementando esta idéia afirma, na página seguinte, que esta teoria da “deriva continental” foi elaborada por Alfred Wegener, o que contrapõe a idéia criacionista, e levando em conta que este é um livro que busca dar maior ênfase a idéia criacionista, poderia se ter maior cuidado com este tipo de afirmação.

Outra sugestão que poderia ser dada, pode ser encontrada na página 67, quando o autor se refere as “Mudanças na superfície terrestre”. Nesta parte, poderia ter sido dada maior ênfase à visão estabelecida dentro do criacionismo, no concerne este assunto. O mesmo ocorrendo na página 81, quando enfatiza sobre “A ação dos agentes externos”, que ao que parece, faz uma alusão mais voltada para a visão evolucionista do que para a criacionista.

Em outra citação, encontrada na página 74, é descrita a história do uso das ferramentas, dentro da seção que tem o tema “A exploração econômica dos recursos minerais”, que faz uso da seguinte expressão: “primórdios da humanidade”. Sendo um texto criacionista, não caberia aqui se utilizar um linguajar como este, onde se faz referência a um período remoto (deixando a entender que seriam milhões de anos), ou mesmo dando a entender que seria um período em que o homem estaria em um estágio inferior ao atual, o que contradiz completamente a idéia criacionista. Sendo assim, poderia ter-se caracterizado melhor esta parte do texto, retirando este tipo de linguajar evolucionista, o que com certeza não é opinião do autor.

No item sob o tema “A importância dos Oceanos”, encontrado na página 91, é referida a crença dos cientistas, os quais enfatizam que no passado da terra havia um único e grande oceano. Este sendo denominado de *Panthalassa*. E a medida que as Placas Tectônicas começaram a se movimentar, foram surgindo, concomitantemente, novos oceanos. Nesta parte do texto, poderia ter-se dado maior esclarecimento sobre o enfoque criacionista referente a este assunto, o que não ocorreu no discorrer do texto.

Na página 106, no item sobre os “lagos de origem glacial” o autor coloca que, “antigas geleiras” deram origem a muitos lagos, tanto na Europa como na América do Norte. Os termos usados dão a entender que o texto apóia as idéias evolucionistas e não as criacionistas. Poderia ser alterada a forma de como se faz esta colocação, para que não haja dúvidas quanto à posição do autor e do livro.

Ainda na página 106, é citada que “antigos vulcões extintos...”, a qual se encontra na seção que fala sobre os “lagos de origem vulcânica”. Este tipo de citação pode colocar em dúvida a visão do autor referente ao período de tempo de

formação desses tipos de lagos, e portanto poderia ter-se usado um linguajar mais específico, ligado ao pensamento criacionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância salientar que este trabalho não visa dar fim a este debate, pois não se está tratando com um trabalho conclusivo sobre o assunto. Ainda existem muitas lacunas que devem ser preenchidas, que corroborarão para a qualificação do mesmo.

Cabe lembrar que, aqueles que não possuem estas convicções, referentes à origem e formação da terra. Ou seja, aqueles que possuem idéias diferenciadas e distintas da mesma que foi apresentado nesta monografia, devem trazer a tona a sua forma de pensar para que sejam discutidas e analisadas. E, desta maneira, todos os ângulos e formas de pensamento possam ter a possibilidade de apresentar as suas postulações, em um debate democrático.

O objetivo central desta obra não é o de se chegar a uma conclusão sobre o referido assunto, nem se tem a pretensão de se chegar a uma solução para este impasse.

O que se busca, na realidade, é trazer a baile uma discussão, que muitas das vezes se torna monologa, pela não aceitação, tanto dos meios comunicativos como do meio acadêmico, procurando assim difundir uma maior democratização do pensamento sobre este assunto.

RESPOSTA DAS EDITORAS REFERENTE À EDIÇÃO DE LIVROS CRIACIONISTAS

Durante a elaboração deste trabalho foram enviadas algumas correspondências para as editoras que publicam os livros didáticos de Geografia, demonstrando nosso interesse neste assunto e deixando algumas sugestões para que eles alterem a sua forma de editar os livros didáticos de Geografia.

Aqui serão apresentadas algumas posições dessas editoras que publicam livros didáticos de Geografia, colocando seus pontos de vista sobre este questionamento, no que se refere as edições e publicações de livros didáticos de Geografia que abordem igualmente os dois temas em questão: o Criacionismo e o Evolucionismo. Dando-se assim, a possibilidade de toda a sociedade ter a sua

chance de um pronunciamento, e a oportunidade de escolha sobre qual tipo de abordagem gostaria de receber, quanto a este ensino dos livros didáticos, que se encaixe dentro da sua forma de pensar.

Foram feitas duas colocações para essas editoras: 1ª) Em primeiro lugar, se pretendeu tirar algumas dúvidas junto as essas editoras quanto a sua política de posição em não editar livros didáticos de Geografia que tivessem pelo menos a apresentação das duas visões, a Evolucionista e a Criacionista. 2ª) Foi proposto uma nova posição dessas editoras, incentivando-as a se tornarem mais democráticas na seleção dos conteúdos apresentados por elas em seus livros, principalmente no que concerne a explanação da origem e desenvolvimento do planeta terra.

A elaboração do texto se deu da seguinte maneira, é apresentado um professor de Geografia que está em busca de respostas para as suas dúvidas quanto a este assunto e busca-se assim tentar chegar a um ponto comum de diálogo.

O texto da correspondência, enviado a 10 editoras, foi elaborado da seguinte maneira:

“Sou professor de Geografia, porém estou enfrentando um dilema quanto a escolha dos livros didáticos a serem adotados. Todos eles abordam sobre a origem e formação da terra dentro da visão da evolução e nenhum dentro da visão criacionista, a qual eu, por fundamentação de estudos particulares acredito ser a melhor explicação para a ocorrência deste fato. Por isso, se fosse possível, gostaria que me transmitisse a posição desta instituição quanto ao porque da não edição de livros didáticos de Geografia que abranjam a visão criacionista, somente editando livros com a visão da evolução.

Sendo assim gostaria de incentivar esta editora a publicar seus livros com esta visão mais democrática sobre este assunto.”

Porém, somente 04 editoras enviaram respostas a tempo da elaboração deste trabalho, são elas: Editora Saraiva, Editora Scipione, Editora Loyola e Editora Peirópolis.

As respostas às correspondências foram as seguintes:

1) Editora Saraiva:

“Temos um grande respeito pelas convicções religiosas e entendemos seu questionamento a respeito da não adoção da explicação criacionista em nossos livros de Geografia. Queremos esclarecer que as editoras não podem optar por explicações religiosas, pois o ensino no Brasil é oficialmente leigo e os livros são adotados também nas escolas públicas. Oferecemos a explicação baseada na ciência, leiga, porque ela permite que cada leitor contraponha à teoria as suas próprias convicções religiosas. Acreditamos manter, dessa maneira, uma atitude respeitosa em relação a todas as religiões. Se adotássemos o criacionismo bíblico como a explicação correta para a origem da vida na Terra, estaríamos optando por uma das várias explicações religiosas possíveis, em prejuízo das demais.”

2) Editora Scipione:

“De acordo com nosso Editorial, quanto a esse aspecto de evolucionismo / criacionismo, seguimos as diretrizes de nossos autores, que refletem a tendência de ensino aceita pela maioria dos professores e que são fundamentadas na bibliografia acadêmica atualizada sobre o assunto. Acreditamos que as demais editoras também adotem essa conduta, daí a sua dificuldade em encontrar obras com outro perfil. Respeitamos sua visão e sugerimos que o senhor faça uma complementação em suas aulas, mostrando que existe essa outra forma de explicar o fato.

Caso tenha mais dúvidas estamos à disposição para maiores esclarecimentos."

3) Editora Loyola:

"Como deve ser de seu conhecimento, há varias maneiras ou tentativas de compreensão da realidade. No âmbito científico predomina a teoria da evolução. Cada ciência proporciona a visão de uma parte da realidade, cabendo à filosofia ou à teologia buscar o sentido do todo. Nossa editora não publica livros didáticos."

4) Editora Peirópolis:

"Nossa editora não trabalha com livros didáticos de Geografia. Qualquer dúvida, visite o nosso site."

COMENTÁRIOS REFERENTES AS RESPOSTAS DAS EDITORAS

Cabe ressaltar a necessidade de se realizar comentários referentes as repostas enviadas pelas editoras, os quais estão relacionados abaixo.

Na resposta da Editora Saraiva, que inicia a sua posição afirmando que entende o questionamento sobre o assunto. Entretanto, não é condizente quando diz que, oferecem explicações baseadas na ciência; e que esta "suposta ciência" tem seu fundamento epistemológico baseado na visão evolucionista, no que se refere a origem e formação da terra.

Ora, como já foi explanado nesta monografia, a visão evolucionista, em hipótese nenhuma, pode ser considerada como ciência, pois não cumpre com os requisitos necessários que fundamente esta explicação. Portanto a resposta desta editora não se torna satisfatória, a partir do momento que possui essa visão equivocada de ciência.

Já a resposta enviada pela Editora Scipione é mais sincera pois revela que segue a linha de pensamento de seus autores, que com certeza, não possuem uma visão multilateral sobre este assunto. Todavia, peca ao afirmar que esta é a linha de pensamento *"que refletem a tendência de ensino aceita pela maioria dos*

professores e que são fundamentadas na bibliografia acadêmica atualizada sobre o assunto”.

Em primeiro lugar, não são todos os professores que pensam desta maneira, como pode ser constatado ao longo deste trabalho, e em segundo lugar, infelizmente, se a maioria dos professores segue esta linha de raciocínio é porque não existe uma abertura para discussão do mesmo, e também não há uma democratização que fomente a formação de novas opiniões, prevalecendo uma visão unilateral.

Já a resposta da editora Loyola, apesar de afirmar que não imprime livros didáticos de Geografia, demonstra que segue o mesmo caminho das outras anteriores, ou seja, deixa claro que se editasse este tipo de livros, com toda certeza, seriam livros que apresentariam somente a visão evolucionista, em detrimento da visão criacionista. Mais uma vez é colocado que “*No âmbito científico predomina a teoria da evolução*” o que vai de encontro a todas as tendências e estudos atuais que evidenciam o contrário desta posição. Portanto pode ser considerada uma posição equivocada sobre este assunto.

A editora Peirópolis explicou que não trabalha com livros didáticos de Geografia, e não quis se pronunciar sobre o assunto, mas deixou um canal aberto para novas discussões futuras.

Sendo assim, fica claro que, mesmo sendo muito educados em suas respostas, essas editoras ainda refletem a forma errônea, e porque não dizer retrógrada, de pensar sobre esta questão.

É um reflexo e um resumo da maneira como pensa uma parte da sociedade brasileira, que, infelizmente, especula ainda dentro de idéias vazias e sem embasamentos epistêmicos. Somando-se a isto, estão os meios de comunicação em massa que apresentam essas teorias como se fossem complementemente verdadeiras e científicas, mas que na realidade reproduzem a forma de pensamento equivocado e preconceituoso da grande maioria da comunidade acadêmica, que não está comprometida com a verdade.

Este debate ainda deveria passar por uma mudança estrutural em várias escalas da sociedade, principalmente aquelas ligadas a educação nacional, como por exemplo, a instituição que regulamenta o ingresso dos alunos secundaristas nos

níveis de escolarização superiores deste país, conhecido como *vestibular*, o qual está completamente impregnado com essas idéias errôneas sobre a origem e o desenvolvimento da terra, no que tange também a formação da estruturação do relevo encontrado no planeta. Este é um projeto que não é simples de ser resolvido, e que ainda carece de um período de amadurecimento, para que todas essas mudanças sejam estabelecidas de forma plena e integral.

É interessante notar que este tema é de grande sensibilidade e não se pode ter a presunção de buscar resolvê-lo totalmente somente com a conclusão deste simples trabalho, até mesmo porque que já houve outros que levantaram esta bandeira e ainda estão esperando algum tipo de repercussão rumo a este objetivo.

Portanto cabe ressaltar que, este Trabalho de Conclusão de Curso é apenas a ponta de um “iceberg”, e que ainda serão necessárias muitas discussões e novas formulações para que se chegue a um ponto pacífico sobre a questão.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Roberto César. Genoma – Passado, presente e futuro. **Escola Adventista**, Engenheiro Coelho, São Paulo. ano 07, V. 11 , p. 16-25, 1º semestre de 2003.

BAERG, Harry J. **O mundo já foi melhor**. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

BENDE, Rodolfo. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Regulamentada e Comentada**. São Paulo: RB – Gráfica e Editora, 1998.

BRANCO, Samuel M. **Evolução das espécies – O pensamento científico, religioso e filosófico**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

BRUM, Eliane. E no princípio o que era mesmo?. **Revista Época**, São Paulo, 03 de Janeiro de 2005.

DAVIDSON, Richard. No princípio: como interpretar Gênesis 1. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 6, n. 3, p. 9-12, Jul. / Set. 1994.

EICHER, D.L. **Tempo Geológico**. São Paulo: Edgar Blücher, 1969.

ENCICLOPÉDIA ENCARTA UNIVERSAL: on compact disc. 2001.

ENCONTRO NACIONAL DE CRISCIONISTAS. 2., 1996, São Paulo. **Uma Cosmvisão do Confronto Criacionismo X Evolucionismo**. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1996.

FLORI, Jean e RASOLOFOMASOANDRO, Henri. **Em Busca das Origens – Evolução ou Criação?** Madrid (Espanha): Editorial safeliz, 2002.

GROGER, Renato. Ciência divina – As dificuldades e desafios do ensino científico à luz da concepção bíblico-cristã de Deus. **Escola Adventista**, Engenheiro Coelho, São Paulo. ano 09, V. 16 , p. 18-21, 2º semestre de 2005.

GROOT, Mart de. O modelo do Big Bang: uma avaliação. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 10, n. 1, p. 9-12, Jan. / Mar. 1998.

HALAMA, Luís Roberto e LESSA, Sandra da Silva Ferreira. **Geografia interativa – A geografia e o planeta**. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

JAVOR, George T. Criacionismo: válido ainda no terceiro milênio? **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 15, n. 3, p. 10-12, Jul. / Set. 2003.

KENNEDY, M. Elaine. Os intrigantes dinossauros. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 5, n. 2, p. 9-11, Abr. / Jun. 1993.

MARTINS, G. N. de M. **Citação de referências e notas de rodapé**. Disponível em <http://www.unasp.br/bibliotecauniversitaria/c2/html> Acesso em 30 ago. 2002.

MENDES, Josué Camargo. **Geologia do Brasil**. Rio de Janeiro / RJ: Instituto Nacional do Livro, 1971.

PARKS, Bill. **Como ensinar a seus filhos a harmonia entre o criacionismo e a ciência**. Brasília/DF: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001.

PITMAN, Sean D. Por que creio na Criação. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 17, n. 3, p. 9-11, Jul. / Set. 2005.

REDE NACIONAL DE PESQUISA (Brasil). **Histórico da Rede Nacional de Pesquisa**. Disponível em <ftp://media.mit.edu/pub/asb/papers/chaiance-chi99> Acesso em 09 dez. 2000.

ROTH, Ariel A. **Origens – relacionando a ciência com a Bíblia**. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. A ciência descobre Deus. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 17, n. 2, p. 5-7, Mai. / Jul. 2005.

_____. Catastrofismo? Sim!. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 10, n. 2, p. 11-15, Mai. / Jul. 1998.

SILVA, Rodrigo P. Interpretações dos capítulos 1 a 11 de Gênesis na história do adventismo. **Escola Adventista**, Engenheiro Coelho, São Paulo. ano 07, V. 11, p. 10-14, 1º semestre de 2003.

SISTEMA POSITIVO – LIVRO DIDÁTICO: on compact disc. 2001.

SHEA, William H. O Dilúvio: Apenas uma catástrofe local? **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 9, n. 1, p. 10-13, Jan. / Mar. 1997.

SOUZA Jr, Nahor Neves. **Uma Breve História da Terra**. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2004.

TERREROS, Marco T. A mensagem adventista e o desafio da evolução. **Diálogo Universitário**, Silver Spring / EUA. V. 8, n. 2, p. 11-13, Abr. / Jun. 1996.

WILLIAMS Jr., Emmet L. Uma explicação simplificada da Primeira e da Segunda Lei da Termodinâmica: a sua relação com as escrituras e a teoria da evolução. **Folha Criacionista**, Brasília. p. 3-14, Agosto. 1995.

ANEXOS

Nesta última etapa serão exibidas algumas gravuras e gráficos que são de grande importância para complementação e uma compreensão mais aprofundada do que foi tratado neste trabalho. Todos as figuras fazem referência no texto lido anteriormente.

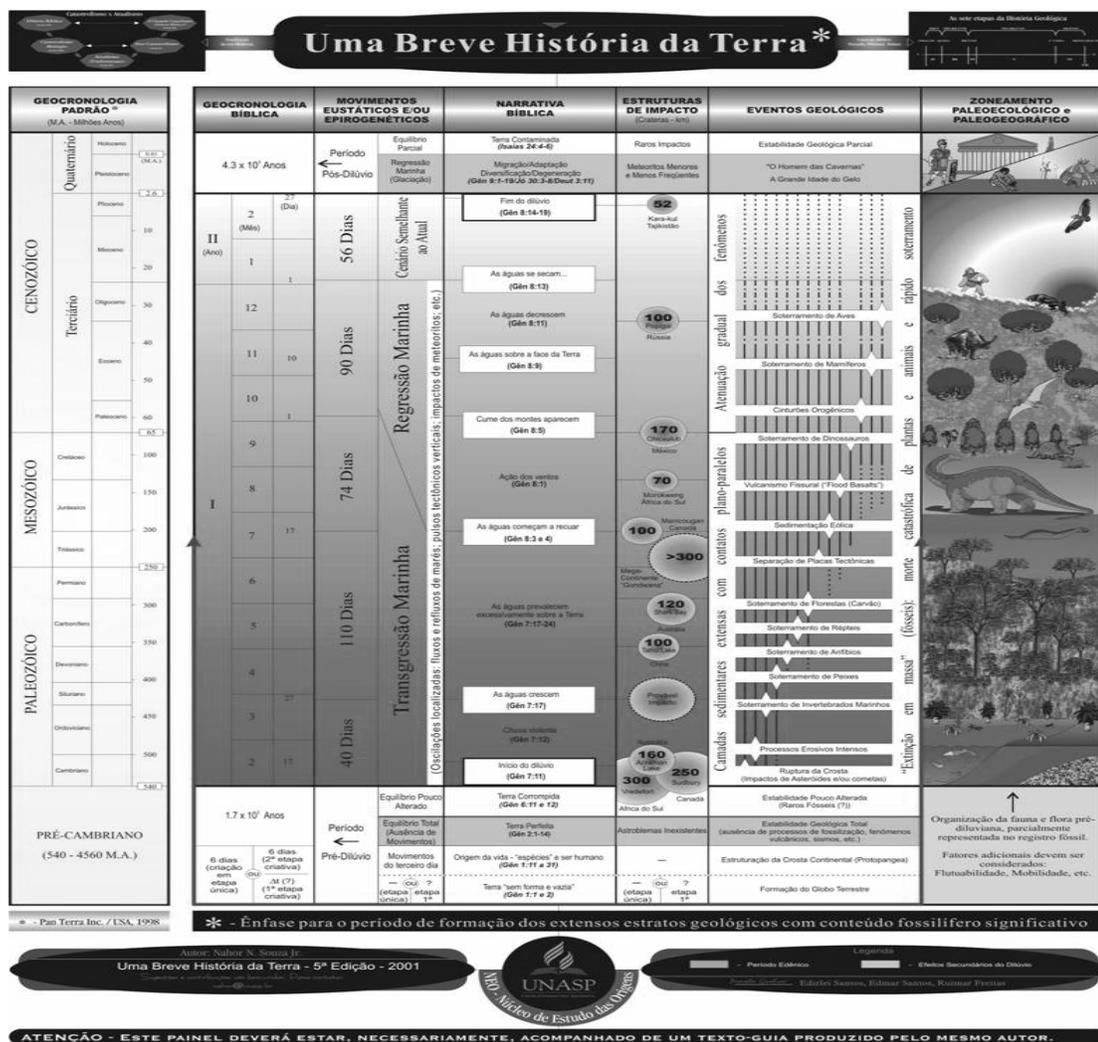


Figura 1 – Esquema apresentado pelo Dr. Nahor como alternativa mais viável para explicação da Coluna Geológica encontrada na Crosta Terrestre.



Figura 2 – Imagem que demonstra como as camadas da terra se dispõem como se fossem camadas de um “bolo”, denotando que foram depositadas de forma rápida e ordenada, por densidade volumétrica.

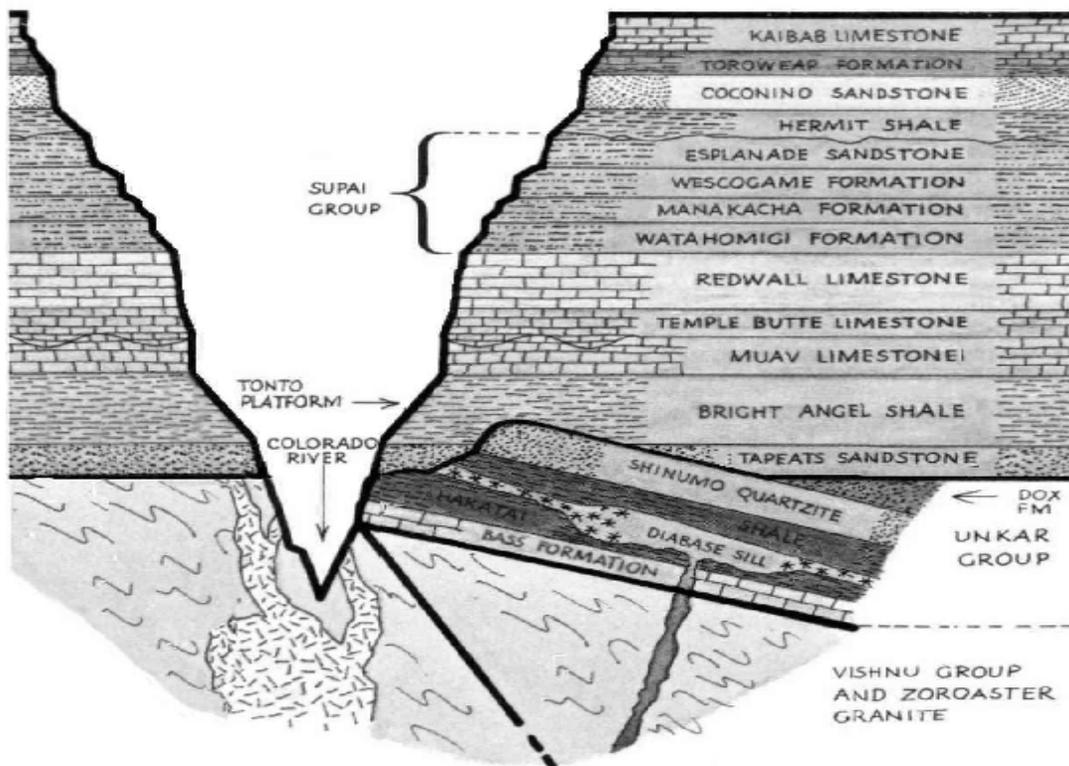


Figura 3 – Apresenta a caracterização de cada camada geológica, demonstrando como estas foram depositadas após o dilúvio. Note-se a parte que foi erodida, formando o leito do rio Colorado / EUA, na região do Grand Canyon.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

A IMPORTÂNCIA DA VISITAÇÃO PASTORAL: A PERCEPÇÃO DOS PASTORES DA ASSOCIAÇÃO PAULISTANA E DOS ALUNOS DE TEOLOGIA DO UNASP-EC

João Gomes Costa Jr. e Paulo Cesar de Alvarenga

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP)
TCC apresentado em dezembro de 2006

joão.junior@paulistana.org.br e paulocesar_br@hotmail.com

Resumo: Essa pesquisa procura avaliar qual é a percepção que os alunos de teologia e ministros adventistas têm da relevância da visita pastoral. Para tanto, o primeiro capítulo mostra a importância da visitação no Antigo Testamento e no Novo Testamento, nos escritos de Ellen G. White e nos dias atuais. O segundo capítulo apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada junto a pastores da Associação Paulistana da IASD e alunos do curso de Teologia do Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP). Por fim, o terceiro capítulo cruza os dados levantados, identifica possíveis dificuldades e propõe um plano de visitação.

Palavras-chave: visita pastoral, Associação Paulistana, alunos de teologia.

The Importance of the Pastoral Visitation: The Perception of the Pastors of the Paulistana Conference and of the Students of Theology from UNASP-EC

ABSTRACT: This investigation searches to evaluate what is the perception held by theology students and Adventist ministers concerning the relevance of pastoral visitation. In order to reach such a goal, the first chapter points to the importance of the act of visitation in the Old Testament and the New Testament, as well as in the writings of Ellen G. White, and in the present days. The second chapter presents the results of a field investigation undertaken with the pastors of the Paulistana Conference of the SDA, and with the students of the Department of Theology of UNASP, Campus Engenheiro Coelho (SP). Finally, the third chapter analyzed the data collected, identified problems and difficulties, and proposed a plan of visitation.

KEYWORDS: Pastoral visitation, Paulistana Conference, students of Theology.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

A IMPORTÂNCIA DA VISITAÇÃO PASTORAL:
PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM PASTORES DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTANA E ALUNOS DO CURSO DE TEOLOGIA DO SALT.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
a Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

João Gomes Costa Junior
e
Paulo Cesar de Alvarenga

Dezembro de 2006

A IMPORTÂNCIA DA VISITAÇÃO PASTORAL:
PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM PASTORES DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTANA E ALUNOS DO CURSO DE TEOLOGIA DO SALT.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
a Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

João Gomes Costa Junior
e
Paulo Cesar Alvarenga

COMISSÃO DE APROVAÇÃO :

Emilson dos Reis
Orientador

Avaliação

José Miranda Rocha

Data da Aprovação

Amim A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
I. O CONCEITO DE VISITAÇÃO PASTORAL.....	02
1.1.Visitação no Antigo Testamento.....	02
1.2.Visitação no Novo Testamento.....	03
1.3.Visitação nos escritos de Ellen White.....	05
1.3.1.Obreiros Evangélicos.....	05
1.3.2.Testemunho Para a Igreja.....	06
1.3.3.Evangelismo.....	07
1.4.Visitação nos Dias de Hoje.....	08
1.5 Conclusão Parcial.....	09
II. PESQUISA DE CAMPO SOBRE A CONCEPÇÃO DOS PASTORES E MEMBROS DA IASD A RESPEITO DO MINISTÉRIO DE VISITAÇÃO PASTORAL.....	10
2.1 Resultados das pesquisas realizadas com os pastores.....	10
2.2 Resultados das pesquisas realizadas com os membros.....	18
2.3 Conclusão Parcial.....	23
III. ANÁLISE DOS DADOS.....	24
3.1 Análise de pesquisa feita com os pastores.....	24
3.2 Análise de pesquisa feita com os membros.....	27
3.3 Sugestões de um plano de visitação para o distrito.....	28
3.4 Conclusão parcial.....	31
CONCLUSÃO.....	33
APÊNDICE A	
Questionário para os pastores.....	35
APÊNDICE B	
Questionário para os membros.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	37

INTRODUÇÃO

Existe um clamor geral por parte dos membros em dizer que os pastores não visitam e negligenciam essa obra do ministério pastoral. Entretanto, sabemos que pastorear grandes igrejas ou grandes distritos exige muito de um pastor. Sem falar nos grandes centros urbanos onde as pessoas não têm tempo para nada, onde o secularismo e o capitalismo globalizado imperam, influenciando a todos, inclusive a alguns membros da igreja que se tornaram produtos do meio em que vivem, e onde o contato pessoal perde cada vez mais o seu valor. Portanto, visitar as pessoas, orar, ler a Bíblia com elas e aconselhá-las está cada vez mais em desuso.

Levando tudo isso em consideração, esta pesquisa pretende descobrir qual a importância e o propósito da visitação pastoral na Bíblia, nos Escritos de Ellen G. White e na opinião dos membros da Igreja. Se os pastores atuais compreendem a importância da visitação nesta mesma perspectiva, qual o principal objetivo da visitação pastoral hoje, e se este objetivo está sendo alcançado por nossos pastores.

Este estudo limita-se estritamente à visitação pastoral. Trabalha-se com uma amostragem feita com os pastores da Associação Paulistana, feita em um concílio pastoral realizado em Cotia, SP, no dia 06 de junho de 2006. E com uma amostragem feita com os alunos de Teologia do UNASP – C2, realizada entre os dias 15 e 20 de junho de 2006. Será feita também uma pesquisa com os estudantes de Teologia que responderão como membros da igreja, levando em consideração a sua realidade antes de vir para o colégio. A partir daí a pesquisa pretende descobrir em que proporções os pastores da IASD visitam os membros de sua igreja. Será que os membros estão satisfeitos com o rendimento dos pastores nessa área tão importante do ministério pessoal? Será que os membros consideram a visitação pastoral importante e vital para o bom andamento da igreja? Afinal, esses estudantes serão futuros pastores. Cento e vinte e uma pessoas, entre pastores e membros, estiveram envolvidas na pesquisa. O primeiro capítulo mostrará a relevância da visitação no Antigo Testamento e no Novo Testamento, nos escritos de Ellen G. White e nos dias atuais. O segundo capítulo tratará de uma pesquisa de campo realizada junto a pastores e membros. E no terceiro e último capítulo cruzaremos os dados encontrados, detectaremos possíveis dificuldades e proporemos algumas sugestões para um plano de visitação eficaz.

CAPÍTULO I

O CONCEITO DE VISITAÇÃO PASTORAL

Procuraremos neste capítulo dar um panorama geral da visitação pastoral. Não pretendemos, entretanto esgotar o assunto, mas somente apresentá-lo sobre o ponto de vista encarado pelos autores adventistas do sétimo dia e outros autores.

1.1. VISITAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Embora milhares de anos tenham se passado na história da igreja cristã com alterações produzidas na visitação pastoral, o essencial permanece. Segundo Riggs (1980, p.231) a visitação aos membros não é uma invenção recente. Suas raízes remontam pelo menos aos tempos de Jeremias e Ezequiel, pois segundo ele, por meio desses profetas Deus enviou mensagens àqueles que Ele escolhera como responsáveis pelo Seu rebanho (Jr 23:1 – 2; e Ez 34: 2, 4 e 31). Usando esse mesmo critério, podemos dizer que o tema da visitação pessoal do próprio Deus a seu povo encontra-se frequentemente no texto bíblico. Começa pelo Jardim do Éden, onde todas as tardes Deus visitava Adão e Eva. Mesmo depois de o homem haver pecado, Deus não deixara de visitá-los pessoalmente a fim de explicar-lhes as conseqüências de seus atos, que seriam em primeira instância, sair do jardim e, com o tempo, morrer, tanto o casal quanto os seus descendentes. Além disso, a solução para o problema do pecado também foi exposta naquela visitação, Deus enviaria um Redentor (Gen. 3:15). E tudo isso Deus fez pessoalmente ao visitar a humanidade na pessoa do prometido Messias (Mt 1:21).

Na história do povo de Israel, Deus continua a visitar, o que pode ser visto claramente na vida de Abraão, no episódio de Moisés junto à sarça ardente e no monte Sinai (Ex 3:2).. Em todo o Antigo Testamento encontramos um Deus que se comunicava com Seu povo. Por meio da visitação Ele instruía, corrigia e socorria. Desde o início deste mundo Deus tem se preocupado em deixar na mente de seu povo uma imagem clara e distinta de Sua presença (Riggs, 1980, p.231). Esta presença fora formada por seus profetas que tinham o dever de familiarizar-se com Deus e estreitar o contato entre Ele e Seu povo. Assim, pois, Deus pediu aos líderes de Seu povo que cuidassem dos crentes e os visitassem (Ibid).

1.2. VISITAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

A palavra pastor tem sua origem no termo grego *poimén* (Rusconi, 2003, p.380), que segundo a *Septuaginta* é a tradução do vocábulo hebraico *roeh*, que quer dizer “pastor”. O verbo correspondente ainda em hebraico é *raah* que significa “apascentar”, “guiar”, “proteger” (Nichol, 1978-1990). Portanto, aqui estão, resumidos e definidos, tanto a missão e o perfil do pastor (Sarli, 1993, p.32). Sendo assim, percebemos que a missão e o perfil do pastor têm que ver com o cuidado e zelo dispensado aos membros de sua igreja, que é o seu rebanho aqui na terra. Por este motivo, ele recebe o nome de pastor. Este não tem como guiar e proteger o rebanho, sem conhecer o membro da igreja.

Sabemos que as visitas pastorais dos primeiros tempos não eram regulamentadas por um sistema ou normas definidas (Santos, 1995, p.27). Porém, percebemos que quando Jesus esteve aqui durante cerca de três anos e meio “percorria todas as cidades e povoados ensinando, pregando e curando” (Mt 9:35). Jesus não poupou esforços em visitar as pessoas. Ele procurava se identificar com as pessoas e não se distanciava delas como faziam os sacerdotes de Seu tempo (Id.). Foi pelas visitas que Jesus curou e isso é claro no relato da sogra de Pedro. Ele visitou publicanos e fariseus, ricos e pobres sem distinção alguma (Mt 8:14) (Sisemore, 1966, p.13). O ministério de Cristo foi desenvolvido primariamente pela visitação. Suas visitas eram comuns, como a casa Lázaro. Não eram apenas visitas sociais, mas tinham o objetivo de ensinar e dar instruções de forma simples. Os resultados eram grandiosos, pois famílias inteiras eram beneficiadas, como no caso de Zaqueu o publicano - “hoje chegou salvação a esta casa” (Lucas 19: 9), (Ibid.).

Quando enviou “os setenta” Jesus deixou claro que eles deveriam entrar nos lares. “Ao entrardes em uma casa dizei, antes de tudo, paz a esta casa” (Lc 10:5). Jesus ordenou aos seus discípulos: “Buscai as ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10:6) e para isso eles deveriam entrar nos lares de cada uma delas (Mt 10:12). Jesus quebrou e formou novos paradigmas tanto por seus ensinamentos, como pela sua forma de pregar. Cristo se relacionava pessoalmente com todos que encontrava, seja no caminho, no lar, no emprego. Onde encontrava alguém necessitado, Jesus estava disposto a atender. Ele se identificava com o público (Ibid.).

Para Valentini (1980, p.30), vários estudiosos têm declarado que o êxito de Cristo se deve a sua preocupação especial com as pessoas. Foi esse o fator que deu significado ao Seu ministério e aos Seus ensinamentos.

Sisemore também comenta (1966, p.17) que o exemplo de Cristo foi seguido por todos os apóstolos. Pedro fazia visitas constantes à casa de Dorcas (Atos 9: 36 a 41), visitou o lar de Cornélio (Atos 10:1 a 7); uma visita muito importante, pois a partir daí ele passou a pregar o evangelho tanto para judeus como também para os gentios. João o discípulo amado é outro exemplo do ministério da visita. Em II João, versículo 12 está escrito: “Não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco e conversaremos de viva voz para que nossa alegria seja completa”. No versículo 14, ao escrever para Gaio ele diz: “Pois em breve espero ver-te então conversaremos”. João reconhecia que nada poderia substituir o contato pessoal com seus irmãos (id.). Sisemore chega a comentar que a igreja de Jerusalém possuía um programa de visita competente, pois notamos que logo após a morte de Cristo havia 120 membros, número esse que chegou a 20.000 mil membros (Ibid., p.23), segundo alguns historiadores eclesiásticos (ele não cita a fonte). Esta visita que encontramos aqui não era feita apenas pelos líderes da igreja, mas todos participavam levando o evangelho de casa em casa (ibid., p.24).

O autor ainda comenta que a igreja de Filipos começou com uma visita de Paulo em resposta ao chamado relatado em Atos 16:9. “Passa a Macedônia e ajuda-nos” (ibid., p.20). Paulo, em suas atividades missionárias, é outro grande exemplo da grandiosa obra que é a visita pastoral (Rocha, 1998, p.25). Em Atos 5:42, ele afirma que tanto no templo como “de casa em casa” não cessavam de ensinar e de pregar o Jesus, o Cristo. Quando esteve em Éfeso, o apóstolo declarou que sua “consciência pastoral estava isenta de culpa, pois jamais deixou de anunciar-lhes ‘coisa alguma proveitosa’ e de ensinar-lhes publicamente e de casa em casa” (Atos 20:20), (Ibid.).

1.3. VISITAÇÃO NOS ESCRITOS DE ELLEN WHITE

É importante destacar a opinião dessa autora sobre o assunto em questão devido a sua importância como pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Seus conselhos ajudaram na formação dessa Igreja e seu papel profético é reconhecido pelos pastores e membros dessa igreja. Apresentaremos o assunto sob a perspectiva da escritora e educadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por não ser objetivo dessa pesquisa esgotar o assunto e também não sermos exaustivos, achamos o suficiente as obras supram citadas por indicarem a importância da visitação pastoral para a autora, como a mais importante que qualquer outra obra do ministério pastoral.

1.3.1. OBREIROS EVANGELICOS

Sobre a prática da visitação pastoral, White (1993, p.188) faz um insistente apelo para que os pastores se misturem com o povo, vão onde eles estão e se relacionem com eles mediante o trabalho pessoal da visitação. Usando o dinheiro e o sermão como analogia de procuração, no sentido de delegar, ela diz que são incapazes de substituir a obra de visitação. E sendo omitida a obra da visitação, a pregação será em grande parte, um fracasso (ibid.).

Para a autora a visitação mostra a realidade das pessoas (Ibid., p.184) pois, através da visitação nos lares, os ministros passam a conhecer as necessidades, físicas e espirituais dos membros de suas igrejas. E esse contato pessoal conforta e alivia a dor dos necessitados. Para motivar o pastor a visitar, a autora encoraja-o dizendo que ele será assistido pelos anjos celestes quando estiver realizando esta obra (Ibid.).

No mesmo livro, a autora ainda comenta sobre o ministério diário de Jesus, quando Ele podia ser visto nas humildes casas ao levar esperança e uma palavra de conforto aos aflitos e abatidos (Ibid., p.45). No ministério de Jesus a visitação pastoral tomava quase que todo o Seu tempo, e Seu objetivo era levar bênçãos aonde quer que fosse (id.).

Um outro aspecto importante da visitação realizada por Cristo era que Ele alcançava os pobres e, ao mesmo tempo, estudava meios de atingir os ricos. Ele procurava se associar com os fariseus e autoridades romanas. Aceitava-lhes o convite para assistir as suas festas, visitava suas famílias (ibid., p.46). E foi através dessas visitas que muitos se converteram e se tornaram fiéis discípulos e seguidores de Cristo (Ibid.). Parece que Ellen

White quer mostrar que além de um visitador, Jesus não tinha preconceitos, pois conquanto fosse judeu se associava com samaritanos. Assim, Ele contrariava os costumes e tradições farisaicas da nação daquele período (Ibid., p.47). Portanto, Jesus foi um Modelo de visitador do ponto de vista da autora.

Agora, o que dizer daqueles pastores que por terem igrejas grandes alegam não terem tempo para visitar ou deixam a visitação em segundo plano? Ellen White pede para refletirem na vida corrida e atarefada de Cristo (Ibid., p.45), que mesmo assim podia ser visto nas humildes casas realizando o trabalho da visitação (Ibid.). Portanto, ter igrejas grandes ou alegarem a falta de tempo não dá o direito de os pastores deixarem de visitar ou colocar a visitação em segundo plano.

1.3.2. TESTEMUNHOS PARA A IGREJA

Falando do ideal para aqueles que trabalham para Deus, White afirma que pregar sermões é uma pequena parte do trabalho. Pois, o verdadeiro trabalho é o de visitar de casa em casa, conversar com os membros da família, orar com eles e suprir as suas necessidades (White, 2002, v.3, p.558). Ela ainda classifica a visitação como uma poderosa ferramenta para desarmar a oposição e quebrar preconceitos (Ibid.). Isso, por mais eficiente que o pastor seja em outras áreas do ministério.

Inclusive a visitação serve de termômetro para o ministro sentir a espiritualidade dos membros de sua igreja (White, 2005, v.2, p.338). E ela classifica como um dever do ministro certificar-se da condição espiritual de todos (Ibid.). Entretanto, para desempenhar esse papel com tanta sensibilidade, o pastor deve ter uma proximidade e íntima relação com Deus (id.), pois só assim ele poderá aconselhar, exortar e reprová-lo cuidadosamente e com sabedoria.

Além de continuar advertindo o pastor a visitar de casa em casa, se misturar com as pessoas e zelar pelo bem estar delas, White (2000, v.1, p.226) adverte que o círculo social formado através da visitação é altamente importante para que o pastor se familiarize com as diferentes fases da natureza humana. Assim, ele pode compreender como funciona a mente humana e pode adaptar seus ensinamentos ao intelecto de seu povo. Ou seja, ao visitar

diferentes tipos de personalidades, o pastor acaba se tornando um psicólogo tão eficiente quanto aqueles que estudam profundamente a natureza e necessidades dos homens (Ibid.).

Levando em consideração que a igreja é um ambiente com diferentes tipos de temperamentos (ibid., p.267), a autora afirma que é um dever do pastor estar familiarizado com todos aqueles que ouvem seus ensinamentos, para determinar o melhor meio de influenciá-los na direção certa (Ibid.). E visitá-los em suas casas é o melhor lugar para conhecê-los.

1.3.3. EVANGELISMO

Mais uma vez, quase que de forma redundante a autora adverte o ministro a visitar toda a família (White, 1997, p.440). É interessante destacar nesse texto que ela aconselha o pastor a não se sentir apenas como hóspede quando estiver visitando, ele deve mostrar verdadeiro interesse pelas necessidades das pessoas. Pois através dessa simpatia o pastor fará um ótimo trabalho de evangelismo ao trabalhar com êxito com pais e filhos (id.). É bom lembrar que evangelismo também é conservação dos membros na igreja, caso os visitados sejam da igreja. White comenta que o pastor que visita os membros em suas casas e mostra interesse por suas necessidades ganha moral para exortar e advertir quando necessário (Ibid.).

São fortes as palavras usadas pela autora nessa mesma página (Ibid.), considerando o pastor que não valoriza a visitação como *infidel* e sob a repreensão de Deus. Todavia se o ministro encara a visitação como o que ela chama de “modelo divino de evangelismo”, os resultados testificarão que a arte de visitar é a “obra mais proveitosa” que um ministro pode realizar (Ibid.).

Com certeza o que White escreve em (Ibid., Evangelismo p.437–438) derruba alguns paradigmas sobre a avaliação do trabalho de um bom pastor, pois segundo ela, pregar é a parte apazível e relativamente fácil da obra. O pastor deve ser avaliado pela facilidade que ele tem em, ao visitar, fazer o seu trabalho pessoal, ou seja, dar estudos, orar com as famílias e pessoas interessadas (id.).

1.4. VISITAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

No início do movimento adventista, encontramos muitos líderes juntamente com membros que faziam um trabalho extraordinário de casa em casa, visitando os moradores, sendo que o principal objetivo era mostrar as Escrituras e estimular cada um dos visitados a estudar e descobrir a verdade (Valentini, 1980, p.10). Hoje o foco pastoral parece ter mudado em relação à visitação, isso porque encontramos igrejas que possuem dezenas de membros, sem contar que o Pastor é responsável por várias outras igrejas, e em detrimento a este aspecto, hoje se criou um conceito administrativo e o conceito equivocado de profissionalismo (Santos, 1995, p.26), onde a arte da visitação pastoral se tornou esporádica, levada a efeito a depender das circunstâncias e em alguns casos, inexistente (id.). Entretanto, esse conceito de profissionalismo não seria ruim se não estivessem confundindo responsabilidades. A confusão de responsabilidades existe, pois este novo conceito não requer do pastor visitas pastorais, mas que essa responsabilidade seja delegada aos obreiros bíblicos. Contudo, neste aspecto nos esquecemos que cada pastor é um obreiro (Valentini, 1980, p.10). A obra de visitação pastoral é o principal trabalho do pastor, e se ele deixa de executá-la não está cumprindo totalmente seu ministério como deveria. (White, Testemunhos para Ministros, p. 312 - 313). Os pastores devem saber que o trabalho que promove o pastor é estar onde o povo está (Venden, 2003, p.15).

Segundo Rocha (1998, p.24), hoje existem dois grupos com diferentes idéias em relação à visitação pastoral. O primeiro grupo defende a idéia que o ministro deve não apenas cuidar dos membros da igreja, mas buscar a ovelha que está fora do rebanho. Nesta perspectiva, a igreja vê o pastor como um “educador na obra evangélica”, o dever dele é ensinar os membros da sua igreja a buscar os perdidos sendo ele próprio o guia para tal ação. O segundo grupo possui uma idéia divergente do primeiro. Prende-se ao conceito de que a obra do pastor é nutrir e cuidar de seu rebanho; ou seja, ele deve estar preocupado apenas com os seus membros. Este grupo apresenta um discurso de que o evangelista e obreiros bíblicos são os responsáveis para buscar os que estão longe de Cristo. É comum ouvir deste grupo expressões como: “quem produz ovelha é ovelha, e não pastor” (id.). Em detrimento a estes dois grupos que divergem entre si, queremos enfatizar que o pastor não está na obra da visitação sozinho. Ele deve delegar funções entre seus diáconos e anciãos,

além de um cuidadoso e intencional planejamento de tempo e prioridades de trabalho (Swanson, 2003, p.17) – falaremos sobre planejamento no terceiro capítulo. Este apoio se torna necessário, pois sabemos que a maioria dos pastores trabalha sob duríssimas pressões que incluem pregar, aconselhar, coordenação do culto, resolução de conflitos entre os membros da igreja, crescimento da igreja e seu gerenciamento financeiro (id.), isso sem falar que grande parte dos pastores (realidade adventista), possui inúmeras igrejas sob a sua responsabilidade. Contudo, esses fatores não devem substituir a visita pastoral nos lares, pois ela é necessária para manter o pastor informado de como andam os lares dos membros que compõe sua igreja (Ibid.).

1.5. CONCLUSÃO PARCIAL

Deus sempre se preocupou em visitar Seus filhos desde o Éden e por toda a história do povo de Israel. Jesus não poupou esforços em visitar as pessoas em seus lares. Aconselhou Seus discípulos a fazer o mesmo e o evangelho cresceu de casa em casa. E através da Bíblia e dos escritos de Ellen White percebemos que a visitação pastoral é tão importante hoje quanto foi no passado distante. Também verificou-se que o ministério pastoral tem-se profissionalizado e ganhado um caráter administrativo, onde pastores alegam a falta de tempo para desenvolver esse papel da visitação.

Procuraremos apresentar no próximo capítulo, através de uma pesquisa de campo, se os pastores encaram a visitação com o mesmo grau de importância aqui apresentado. E quais as perspectivas dos membros sobre a visitação pastoral.

CAPÍTULO II

PESQUISA DE CAMPO SOBRE A CONCEPÇÃO DOS PASTORES E MEMBROS DA IASD A RESPEITO DO MINISTÉRIO DE VISITAÇÃO PASTORAL

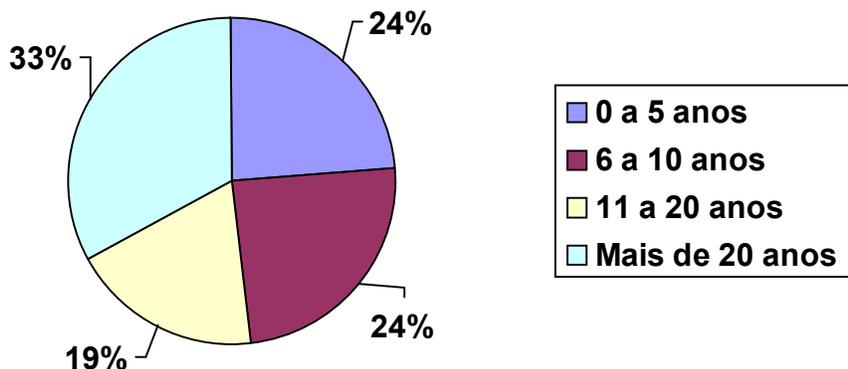
Este segundo capítulo tem como objetivo apresentar o resultado de uma coleta de dados realizada a partir de uma pesquisa com pastores distritais e membros. Foram pesquisados 100 jovens do UNASP – C2, representando diferentes associações e missões. Também foram entrevistados 21 pastores da Associação Paulistana.

A pesquisa realizada com os pastores mostrará a sua perspectiva em relação à visitação, se há plano de visitação, se há convicção de que a visitação é algo de suma importância dentro do ministério pastoral e qual sua concepção da importância da visitação.

2.1. RESULTADOS DAS PESQUISAS REALIZADAS COM OS PASTORES.

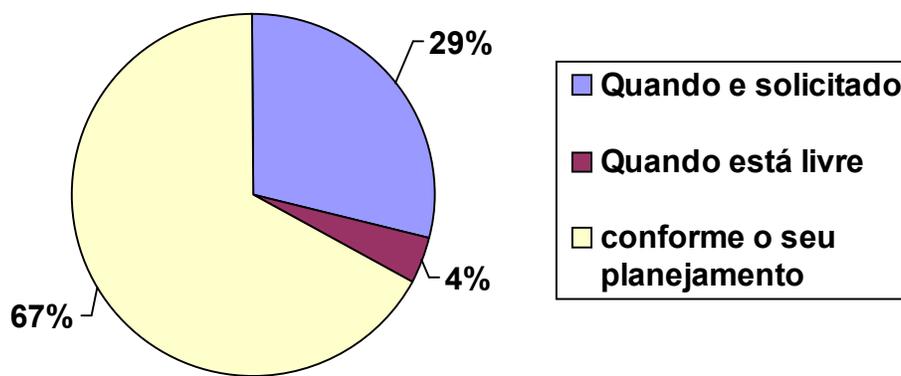
1. Há quantos anos ocupa a função de Pastor Distrital?

Dos pastores entrevistados 24% são relativamente novos no ministério tendo apenas de 0 a 5 anos, outros 24% possuem uma experiência de 6 a 10 anos, 19% de 11 a 20 anos e maioria dos 21 pastores entrevistados, ou seja, 33% têm mais de 20 anos de ministério.



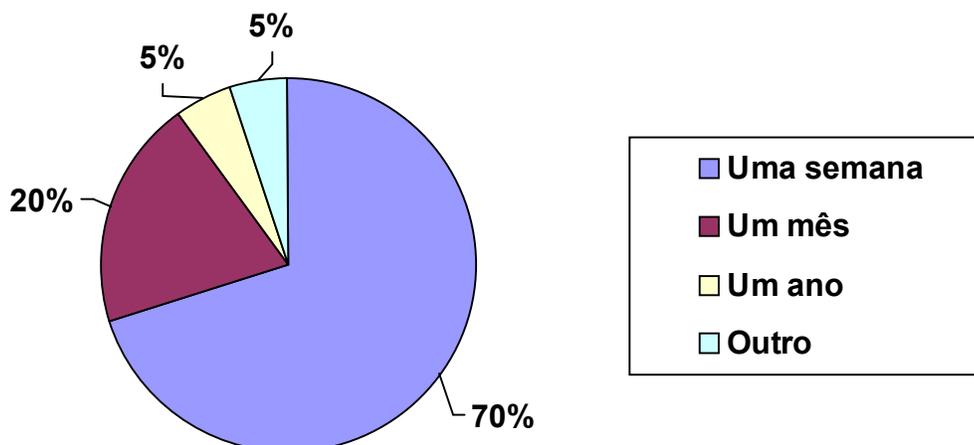
2. Você visita membros e conhecidos...

29% dos pastores responderam que visitam quando são solicitados, 4% quando estão livres e 67% responderam que visitam, conforme seu planejamento.



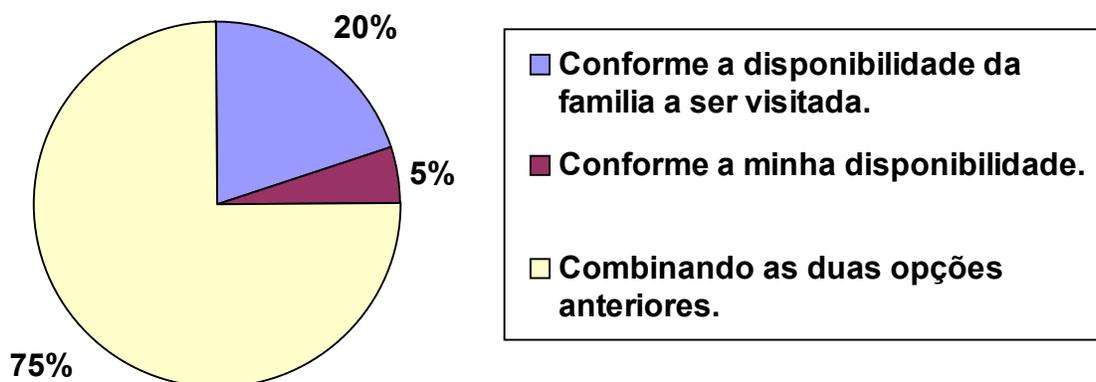
3. Você planeja as visitas com quanto tempo de antecedência?

A maioria dos entrevistados, 70%, responderam que planejam as visitas com uma semana de antecedência, sendo que 20% planejam com um mês. Apenas 5% planejam com um ano e ainda outros 5% tem outras formas de planejar suas visitas.



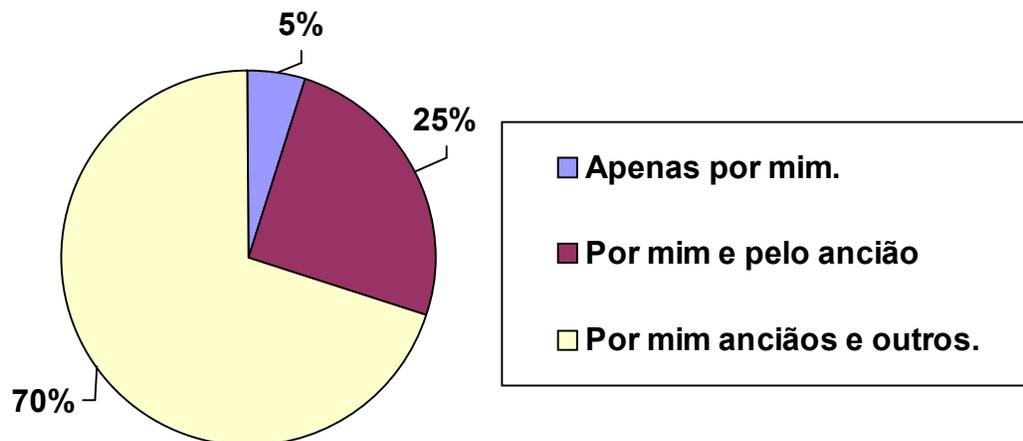
4. Como são feitas as escolhas dos horários e dias?

Conforme a disponibilidade da família a ser visitada foi a preferência de 20% dos pastores, 5 % conforme a disponibilidade deles e 75% 'preferem combinar as duas opções.



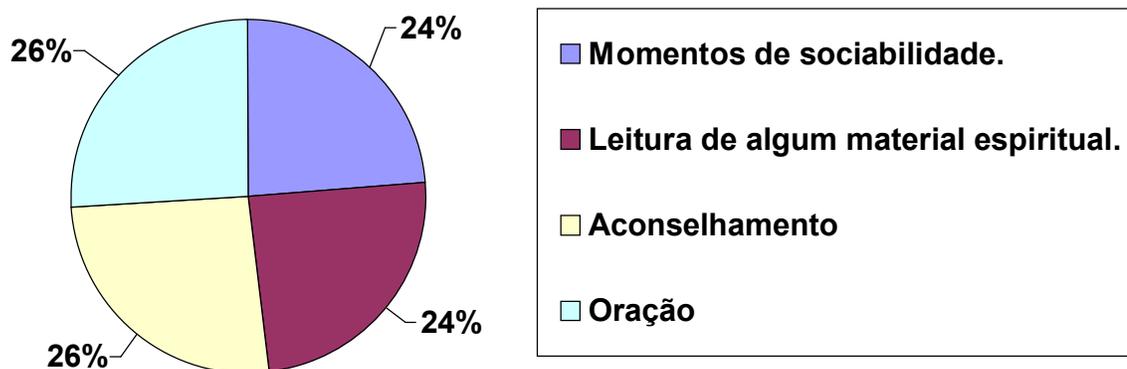
5. As visitas aos membros e conhecidos são feitas...

Dos 21 pastores, 5 % fazem as visitas sozinhos, 25% visitam e também delegam esta responsabilidade ao ancião, mas a grande maioria 70% preferem que os anciãos como outros membros.



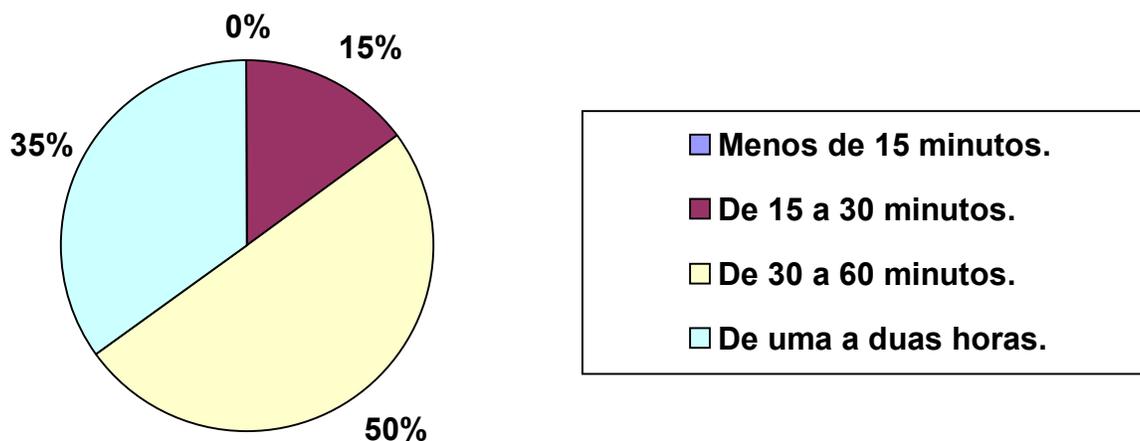
6. Qual o principal elemento que faz parte de sua visita?

Os momentos de sociabilidade fazem parte de 24% das visitas pastorais, outros 24 % fazem a leitura de algum material espiritual, 26% responderam que o aconselhamento faz parte de suas visitas e outros 26% disseram que a oração faz parte de suas visitas.



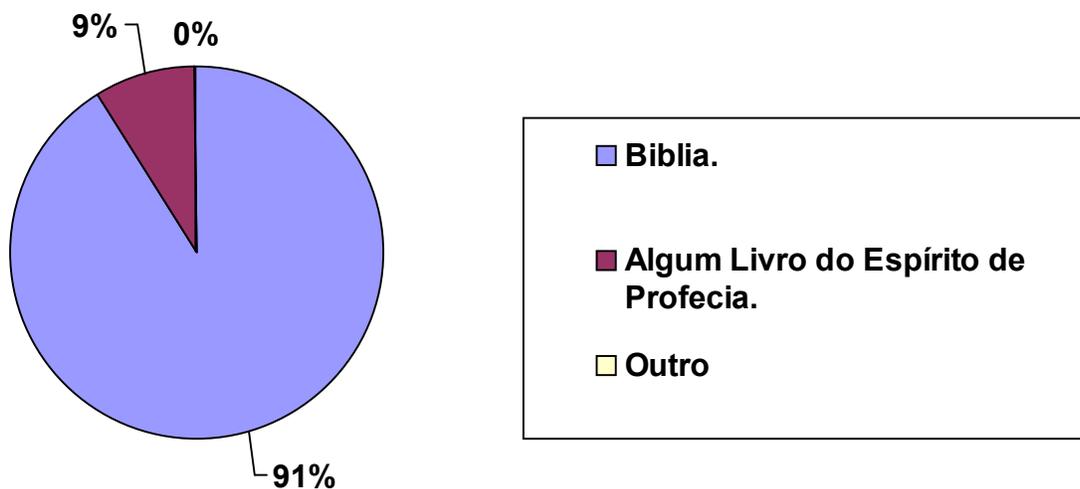
7. De modo geral quanto tempo você gasta em uma visita?

Nenhum dos entrevistados fica menos de 15 minutos, 15% dos pastores responderam que gastam de 15 a 30 minutos, outros 50% gastam de 30 a 60 minutos e 35% gastam de uma a duas horas.



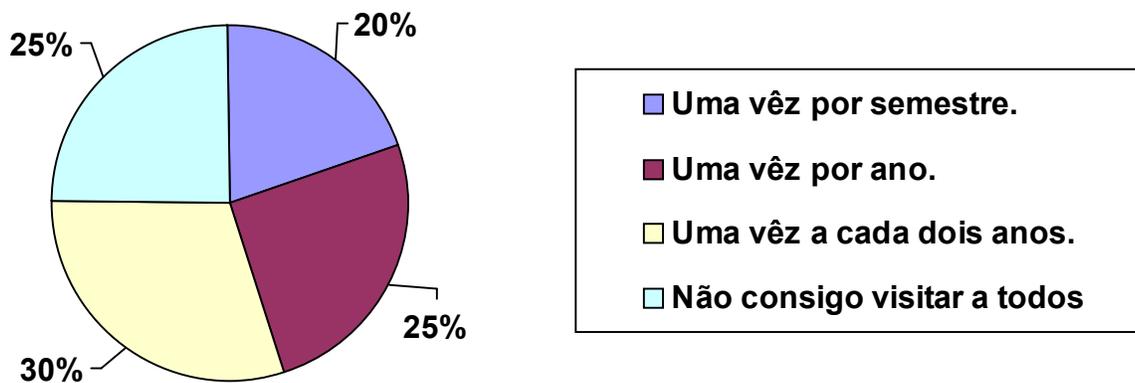
8. Nas visitas que material você usa?

A Bíblia é o material mais usado pelos pastores em suas visitas, 91% a usam, outros 9% usam algum material do Espírito de Profecia e nenhum dos pastores entrevistados usa outro tipo de material.



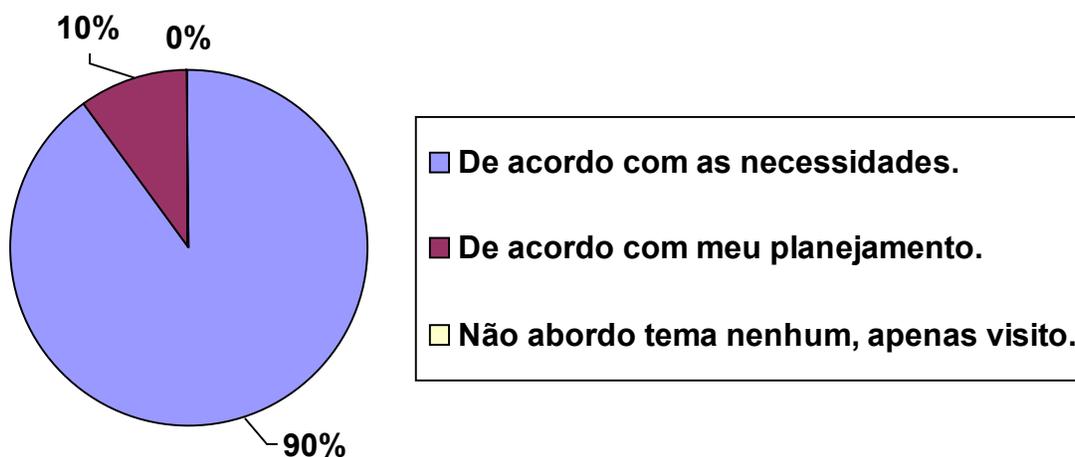
9. Em seu ministério você consegue visitar todas as famílias de seu distrito?

Dos entrevistados 20% conseguem visitar uma vez por semestre, 25% uma vez por ano, 30% uma vez a cada dois anos e 25% responderam que não conseguem visitar a todos.



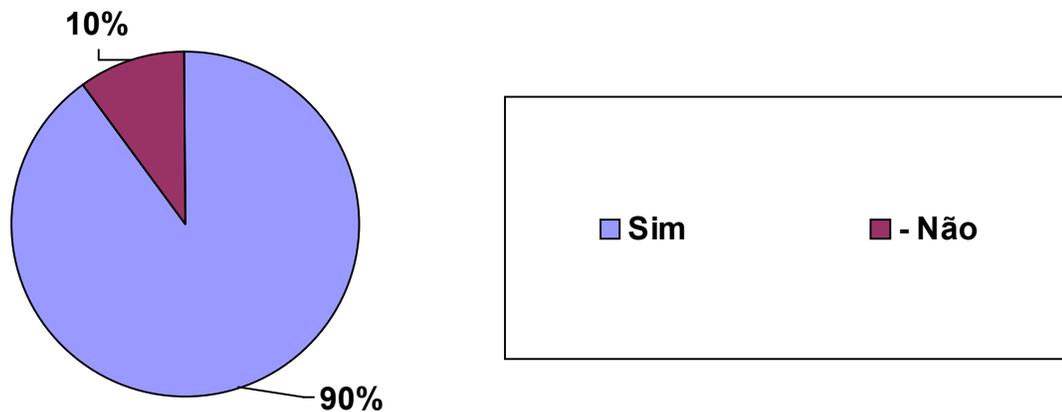
10. Quando há aconselhamento os temas abordados são escolhidos...

Da maioria dos pastores entrevistados 90% responderam que o tema é escolhido de acordo com as necessidades da família, 10% disseram que é de acordo com planejamento dele e nenhum dos entrevistados simplesmente faz uma visita sem abordar algum tema, ou seja, sempre um tema específico é abordado.



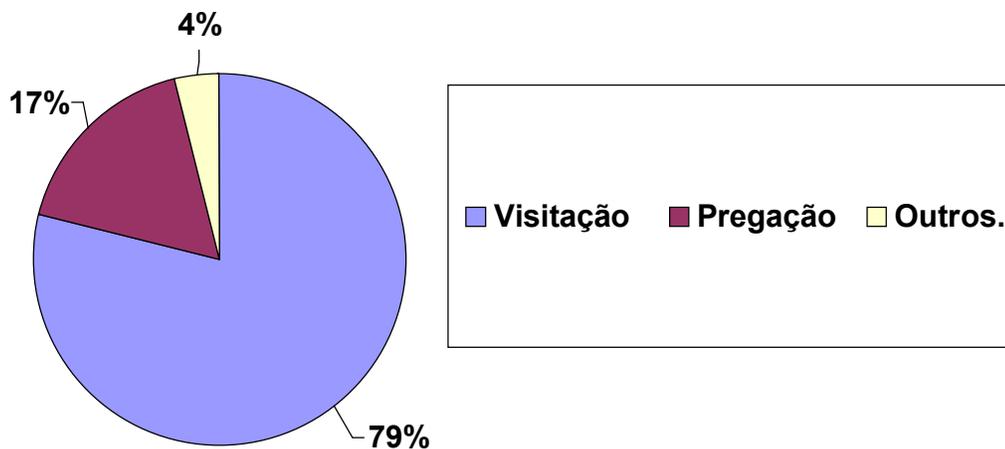
11. Você crê que a visitação pastoral ajuda a direcionar a pregação para as reais necessidades dos ouvintes?

“Sim” foi a resposta de 90% dos pastores entrevistados e 10% acreditam que a visitação não ajuda a direcionar a pregação para as necessidades dos ouvintes.



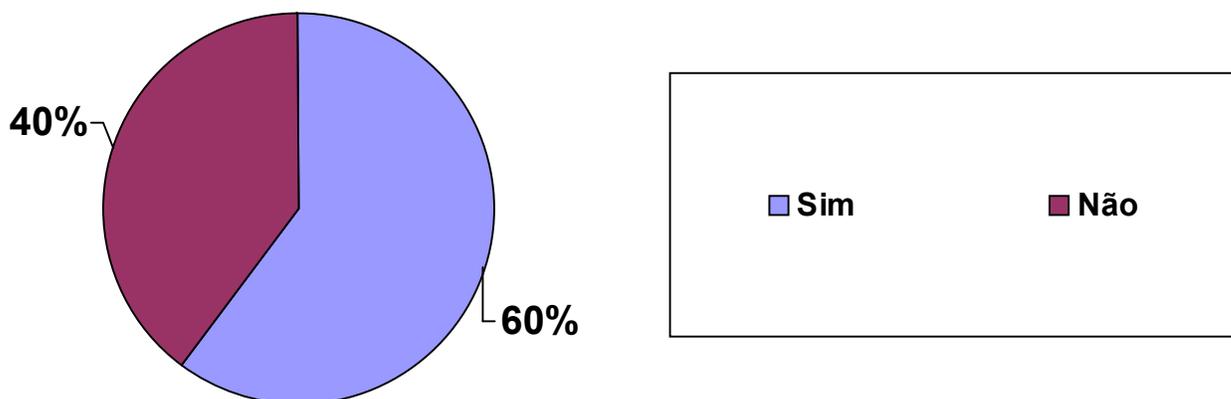
12. Em sua opinião o que traz melhor resultado para o ministério?

A Visitação foi a resposta de 79% dos entrevistados, 17% acreditam que a pregação traz melhores resultados e 4 % acreditam que existem outras formas que trazem melhores resultados.



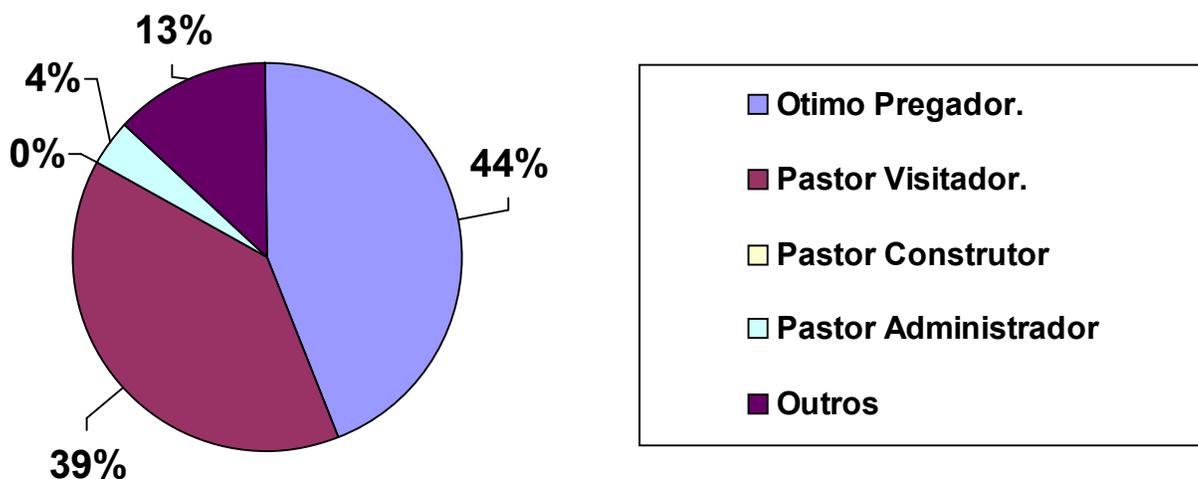
13. O ministro que negligência a visitação pode ser considerado infiel?

Dos pastores entrevistados 60% acreditam que pode ser considerado infiel e 40% crêem que não é infiel aquele que não visita.



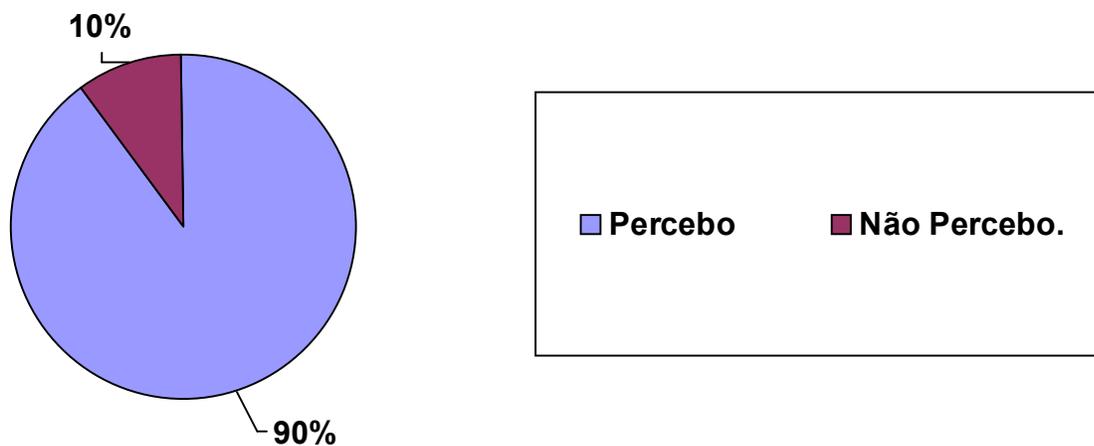
14. A seu ver o que é mais importante para os membros de sua igreja em um pastor?

Ótimo pregador: foi a resposta de 44% dos entrevistados, 39% acha mais importante um pastor visitador, nenhum dos pastores acha que é mais importante ser um pastor construtor, 4% acreditam que o mais importante para os membros de sua igreja é um pastor administrador e outros 13% acreditam que tem outras qualidades mais importantes.



15. Você percebe resultados positivos como fruto de suas visitas?

Dos entrevistados 90% percebem os resultados positivos, e 10% dizem não perceberem.

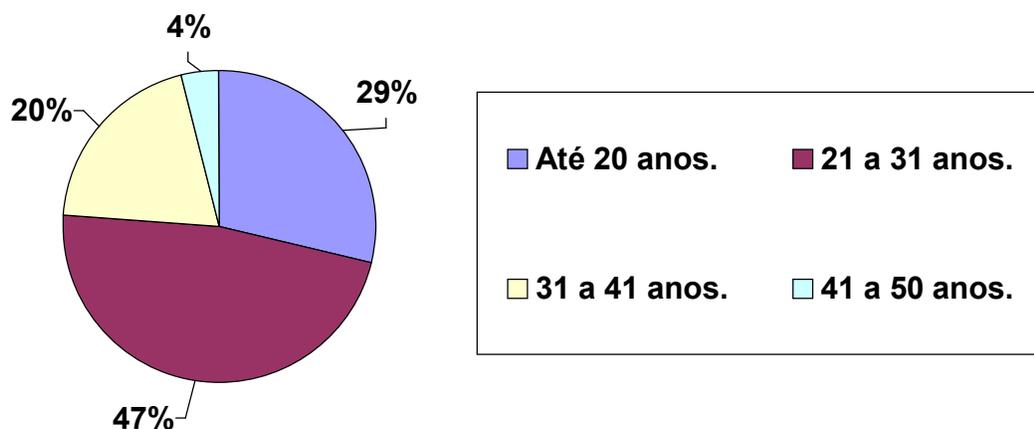


2.2. RESULTADOS DAS PESQUISAS REALIZADAS COM OS MEMBROS.

PESQUISAS REALIZADAS COM OS MEMBROS

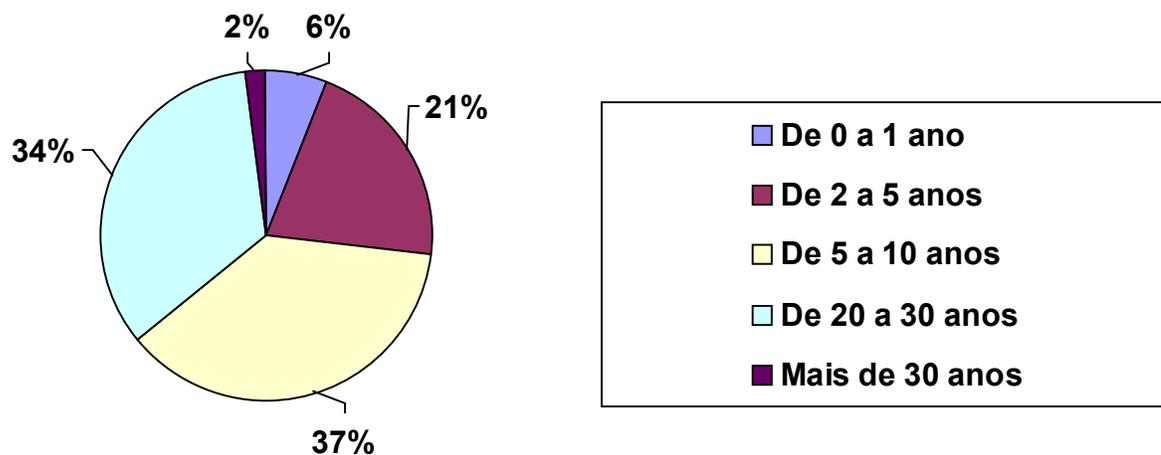
1. Idade dos membros visitados?

Dos 100 membros entrevistados 29% tem 20 anos ou menos de idade, 47% tem a idade de 21 a 31 anos, outros 20% de 31 a 41 anos de idade e apenas 4% tem a idade de 41 a 50 anos.



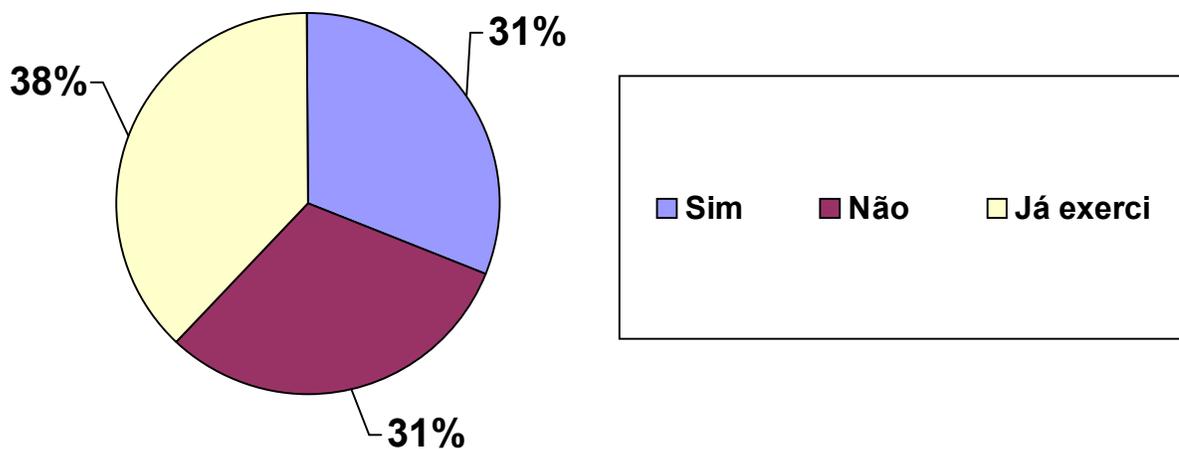
2. Há quanto tempo é membro da igreja?

Dos entrevistados 6% têm de 0 a 1 ano como membro da igreja, 21% têm de 2 a 5 anos, 37% é membro de 5 a 10 anos, 34% de 20 a 30 anos e apenas 4% são membros a mais de 30 anos.



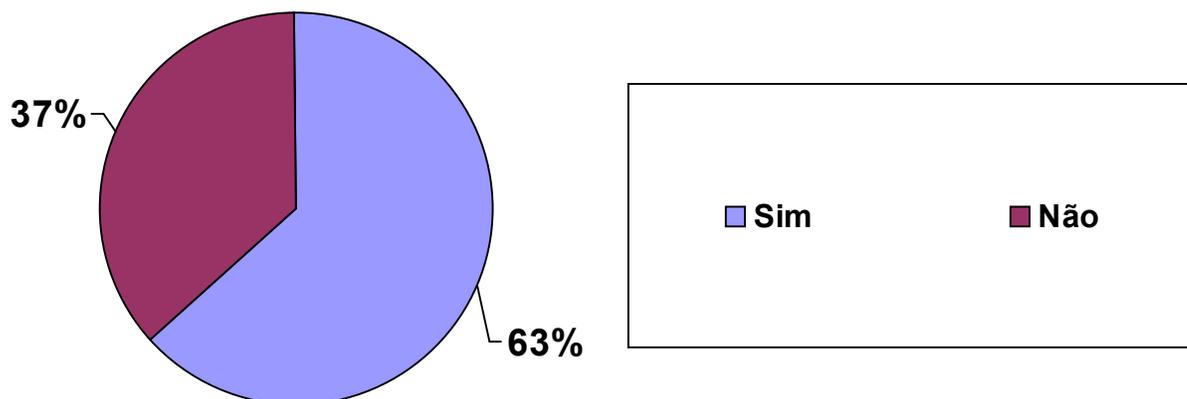
3. Você tem algum cargo na igreja ?

Dos membros entrevistados 31% tem cargo na igreja, 31% não tem nenhum cargo e 38% já exerceram algum cargo na igreja.



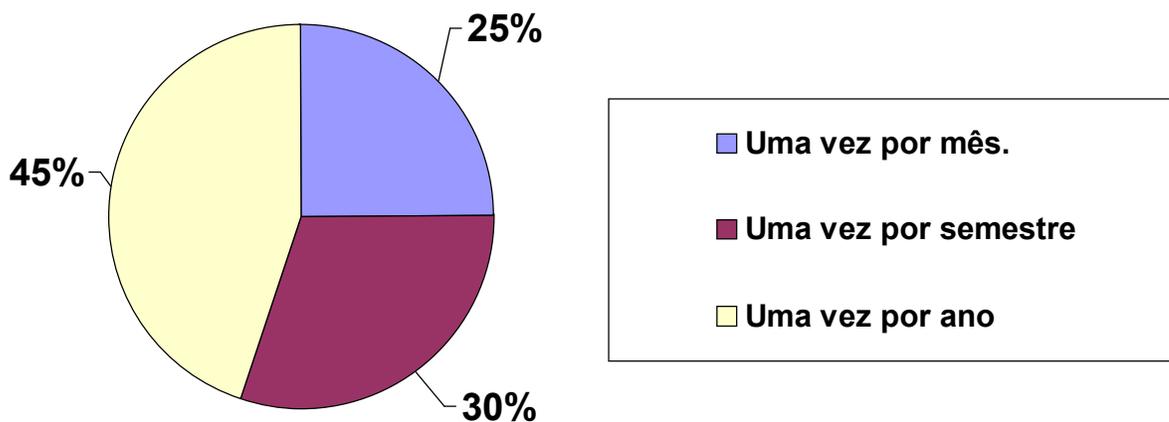
4. Você já recebeu visita pastoral?

63% dos entrevistados já receberam visita pastoral e 37% nunca receberam.



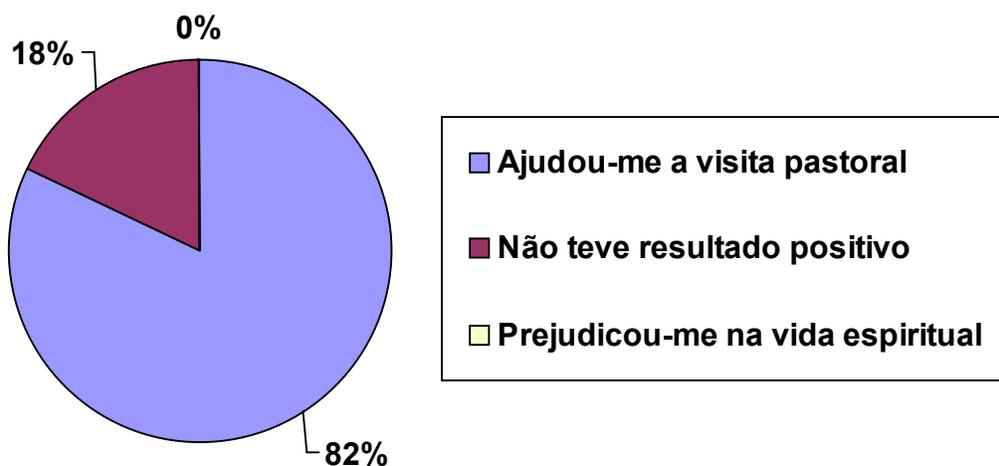
5. Se sim com qual freqüência?

Dos 63% que disseram já ter recebido visita pastoral, 25% destes disseram que esta visita é realizada uma vez por mês, 30% disseram ser visitados uma vez por semestre e a grande maioria 45% disse receber visita pastoral uma vez por ano.



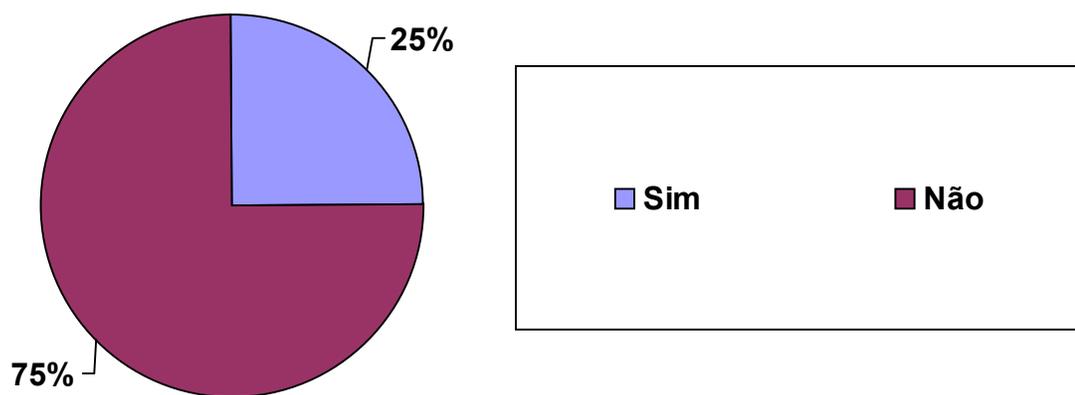
6. Como qualifica o resultado da visita pastoral?

“Ajudou-me” foi a resposta de 82% dos entrevistados; 18% disseram que não houve resultado positivo e nenhum dos entrevistados responderam que a visita pastoral o prejudicou.



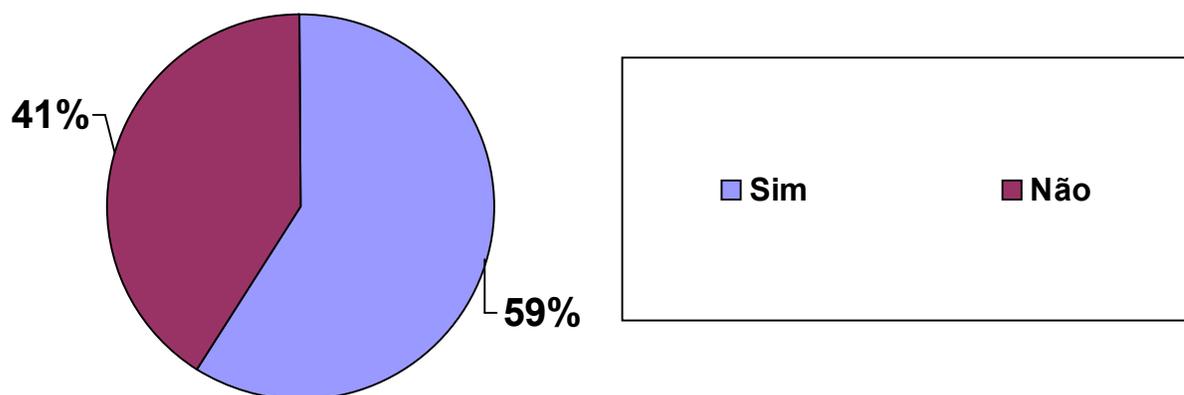
7. O pastor lhe pediu alguma coisa ao ir a sua casa (alguma doação, mais empenho na igreja)?

25% dos membros responderam que o pastor pediu algo e 75% responderam que o pastor não pediu nada.



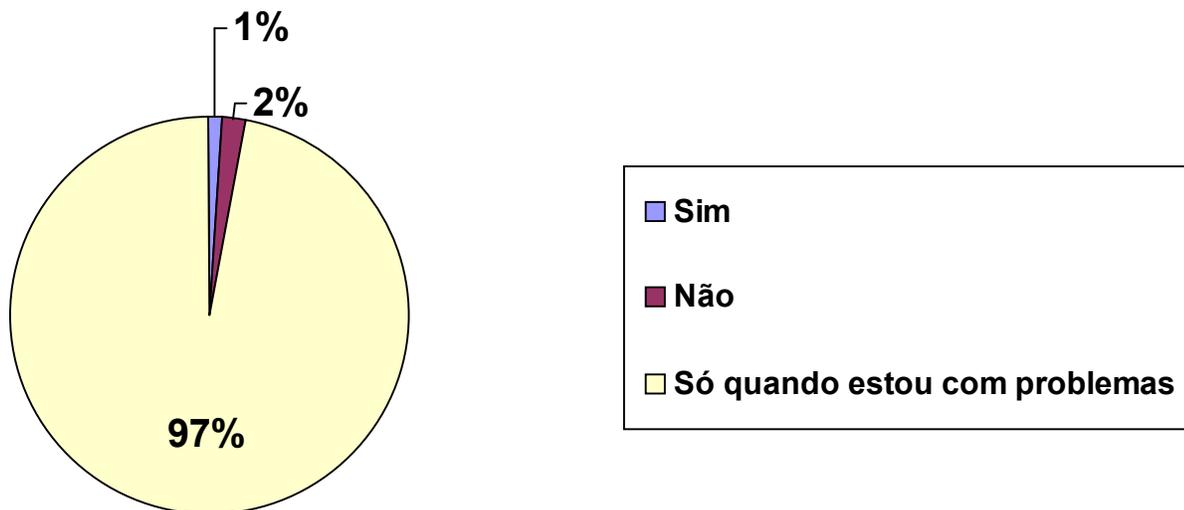
8. Recebeu a visita do pastor antes do seu batismo?

Dos 100 entrevistados 59% receberam a visita do pastor antes de seu batismo, mas 41% não receberam.



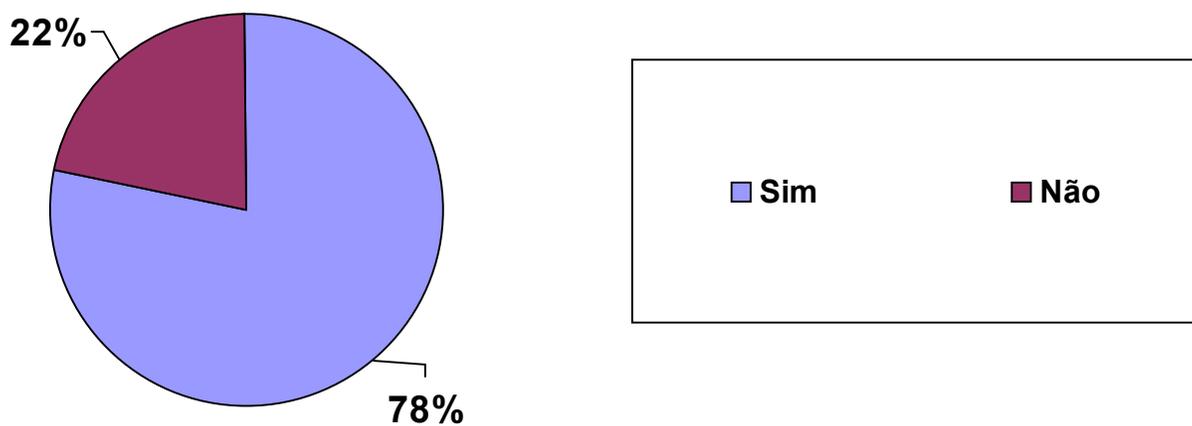
9. Acha importante a visita do pastor em sua casa?

1% dos entrevistados sente falta de visita pastoral mais freqüente em sua casa, 2% não sente falta e 97% só sente falta quando estão com problemas.



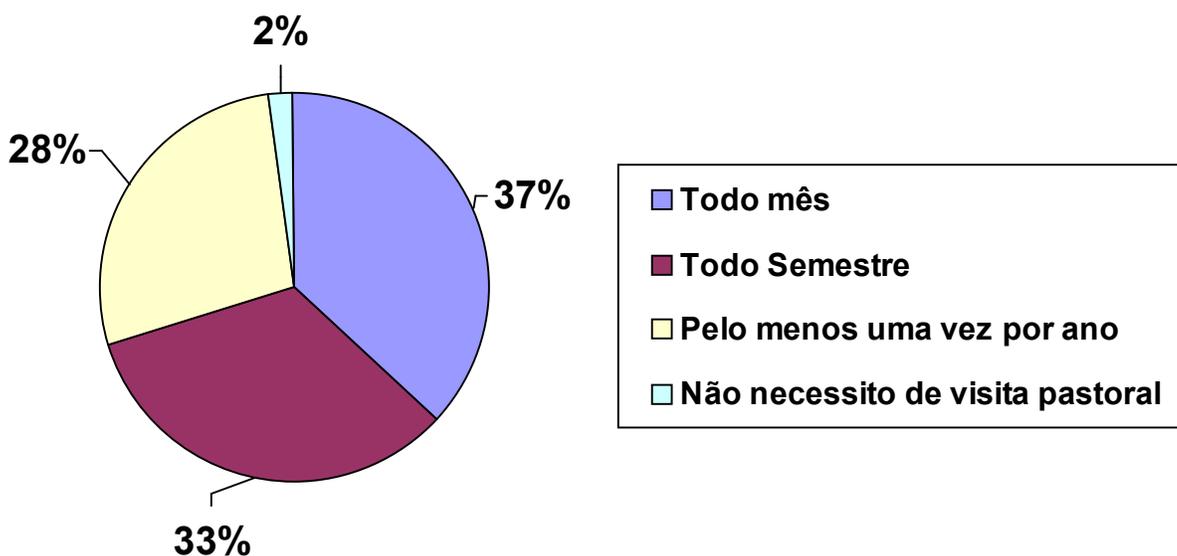
10. Sente falta de uma visita mais freqüente ?

Sentem falta de visitas mais freqüentes 78% dos entrevistados e 22% não sentem falta de visitas mais freqüentes.



11. Gostaria que seu pastor o visitasse com que frequência?

Dos entrevistados, 37% gostariam de receber visitas todo mês, 33% gostaria de receber visita todo Semestre, 28% pelo menos uma vez por ano e 2% responderam não necessitar de visita pastoral.



2.3 CONCLUSÃO PARCIAL

Este capítulo foi apenas a apresentação de uma coleta de dados realizada entre os membros de diversas associações e pastores da associação paulistana. Os números aqui apresentados serão estudados mais detidamente no próximo capítulo onde trataremos de interligar os dados desta pesquisa e compararemos alguns resultados aqui obtidos com informações extraídas dos diferentes autores apresentados no primeiro capítulo.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

Podemos constatar dentro do questionário um bloco de perguntas que nos mostra como o pastor avalia a visitação pastoral. De acordo com a questão de número 12, 79% dos pastores acreditam que a visitação traz mais resultados para o ministério do que a própria pregação. A razão para este fato pode ser apresentada na questão de número 10, onde revela que 90% dos pastores, em suas visitas tratam de assuntos relacionados com as necessidades particulares das famílias - necessidades estas que não podem ser supridas de outra forma a não ser pelo contato pessoal.

A visitação pastoral é uma extensão da pregação, visto que as questões de número 7 e 8 mostram que alguns aspectos são comuns em ambos os ministérios (pregação e visitação) - 50% das visitas pastorais duram de 30 a 60 minutos e 91% dos pastores utilizam somente a Bíblia como ferramenta de apoio. Além disso, 90% dos pastores afirmam perceberem resultados positivos vindos destas visitas como mostra a questão de número 15; resultados estes que envolvem uma melhora no relacionamento entre pastor e igreja, no crescimento espiritual, no envolvimento com as atividades da igreja e alguns ainda, ao responderem a última pergunta, mencionaram uma melhora na fidelidade dos irmãos demonstrada por meio dos dízimos e das ofertas. Para finalizar, a questão de número 13 revela que 60% dos pastores acreditam que o ministro que não realiza visitas pode ser considerado infiel.

Neste capítulo vamos apresentar um estudo mais detido nos dados coletados e expostos no capítulo dois entre pastores e membros. Feito isso vamos interligar tais dados com as informações extraídas de diversos autores citados no capítulo um.

3.1. ANÁLISE DE PESQUISA FEITA COM OS PASTORES

A experiência pastoral

Mais de 50% dos pastores entrevistados tem mais de onze anos de ministério, o que dá credibilidade à pesquisa, pois isso demonstra que a maior parte dos entrevistados tem razoável experiência no ministério pastoral.

Os pastores possuem um plano de visitação

Quase 70% dos pastores pesquisados afirmam que visitam os membros e conhecidos conforme o seu planejamento. Isso é importante, pois indica que os pastores têm um planejamento e a visitação faz parte do seu ministério. Não queremos com isso afirmar que eles são definitivamente visitantes, mas apenas como um indicador de que a visitação está em seus planos.

O planejamento está aquém do recomendado

Por meio da pesquisa feita, constatamos que 70% dos entrevistados planejam suas visitas com uma semana de antecedência. Sabemos que esse tipo de planejamento não é o ideal, pois um bom planejamento exige meses de antecedência, conforme veremos mais adiante. Todavia, é valioso no caso de visitas para enfermos, membros em vias de apostasia e coisas do tipo, pois dizem respeito às informações que os pastores recebem e precisam visitar o mais rápido possível.

As visitas são feitas também pelos anciãos

Mais de 70% dos entrevistados adaptam suas visitas combinando a sua disponibilidade com a dos visitados e procuram envolver seus anciãos no plano da visitação. Por meio da pesquisa certificamos que é impossível para o pastor visitar com eficiência em curto prazo, o que compromete seu ministério. Portanto, visitar em conjunto com seus anciãos é um bom sinal, pois economiza tempo e os anciãos podem ser uma espécie de “filtro” verificando aqueles que precisam com mais urgência da visita do pastor, afinal, é através da visitação que conhecemos a realidade das pessoas (White, 1993, p.184). Além de não sobrecarregar o pastor que tem muitas outras tarefas a realizar.

Visitas com elementos de sociabilidade e espiritualidade

Sabemos que em uma visita o pastor não deve se preocupar apenas com a sociabilidade, deve também averiguar a condição espiritual dos membros orando e aconselhando-os (White, 1997, p.440). Na pesquisa feita com os pastores encontramos a informação que 24% deles se preocupam com a sociabilidade e o aspecto espiritual, 26% consideram o aconselhamento e a oração elementos fundamentais em sua visitação e quase 100% dos entrevistados usam a Bíblia como ferramenta para sua visitação.

As visitas são feitas sem pressa

Na pesquisa feita constatou-se que metade dos entrevistados demora em suas visitas meia hora ou mais. E 35% deles ficam em suas visitas entre uma ou duas horas. Um tempo considerado ótimo para se conhecer as reais necessidades das pessoas visitadas.

Há famílias que nunca são visitadas

Nesta pergunta feita aos pastores percebemos que apesar de constatarmos que os pastores possuem um planejamento, este planejamento não se mostra eficaz, pois 30% deles só conseguem visitar a todos os membros de um distrito no período de dois anos e 25% nem consegue visitar a todos. Isso é preocupante, pois sabemos da importância dessa obra (Testemunhos para Ministro, pág. 312 e 313).

Os pastores crêem que a visitação ajuda na pregação

90% dos pesquisados acreditam que através da visitação seus sermões podem atingir as reais necessidades de seus ouvintes. E quase 80% acreditam que a visitação traz melhores resultados que a pregação para o ministério. Essa estatística é importante, pois acompanha as orientações dadas à igreja através dos conselhos de Ellen White, como já visto. Quando o pastor realiza um fiel trabalho de visitação ele conquista a simpatia e respeito dos membros e conseqüentemente consegue pregar com mais eficácia.

Os pastores que negligenciam a obra de visitação são considerados infiéis

60% dos entrevistados consideram o pastor que negligencia essa obra como infiel. Porém, o que chama a atenção nessa pesquisa é o fato de 40% dos entrevistados não considerarem infiel o pastor que não visita. Será que estes desconhecem que não só é considerado infiel como está sob a repreensão de Deus e seu trabalho é feito pela metade quando se negligencia a obra da visitação (White, 1997, p.440)?

Um ótimo pregador é mais importante

44% dos pastores entrevistados acham que um ótimo pregador é mais importante que um pastor visitador e isso representa a maioria dos entrevistados, pois apenas 39% deles apostam no pastor visitador como mais importante para os membros.

3.2. ANÁLISE DA PESQUISA FEITA COM OS MEMBROS

Jovens que demonstraram precisar de visitação

Costumeiramente ouvimos que os jovens não gostam de receber visitas. Contudo, percebemos que a pesquisa nos revela outra informação, pois 29% dos entrevistados têm 20 anos ou menos, e 47% têm de 20 a 30 anos de idade. Portanto, quando analisamos a questão de número 6 vemos que 82% destes jovens responderam que a visita pastoral foi benéfica a eles e a questão 9 demonstra o mesmo pensamento, contudo com mais ênfase, pois 97% deles acham importante a visita pastoral em suas casas.

A princípio o jovem pode demonstrar indiferença quanto a visitação pastoral, mas ficou bem claro que eles também esperam ser visitados e acham importante tal atitude por parte do pastor.

Todos necessitam ser visitados

Há uma grande ênfase no evangelismo dentro da IASD, mas o que percebemos é que a visitação é constante no processo de evangelização e quando o batismo é realizado aquele novo membro deixa de ser visitado. A questão de número 2 revela que 37% dos entrevistados têm de 5 a 10 anos de adventismo e 34% de 10 a 20 anos, essa informação é relevante, pois mostra que tantos os novos na fé como os que possuem mais experiência vêem a visitação como um ministério importante, pois é este mesmo grupo que representa a grande maioria da questão 9.

Aqueles que possuem cargos na igreja

A questão de número 3 evidenciou que é de se esperar que os membros que possuem alguma espécie de cargo ou já tiveram, sejam mais visitados pelo pastor, pois a soma dos que possui cargos com a daqueles que já tiveram algum cargo na igreja é de 69%, contudo se prestarmos atenção no percentual detalhadamente, vamos chegar a conclusão de que o pastor visita igualmente, tanto o membro que possui cargo, como aquele que não tem cargo algum.

Os pastores têm visitado os membros!

Mais de 63% responderam que já foram visitados pelo pastor, entretanto 37% não receberam visita alguma, e aqueles que receberam, levando em consideração a questão de número 4, 45% responderam que são visitados apenas uma vez por ano, 30% uma vez por

semestre e 25% todo mês. Os números encontrados nas questões 10 e 11 revelam que 78% dos membros sentem falta de visitas mais freqüentes por parte do pastor, sendo que 37% gostariam de ser visitados todo mês e 33% todo semestre. Existe um grupo de 28% que não sente necessidade de visitas tão freqüentes, mas que esperam que o pastor os visite pelo menos uma vez por ano. Podemos entender que este grupo é formado pelos 22% da questão 10 que não sentem falta de visitas mais freqüentes do pastor.

Falha na visitação aos interessados

Este é um dado que causa preocupação, pois 41% dos entrevistados responderam que não foram visitados pelo pastor antes do batismo, o que deveria ter ocorrido, pois o pastor deve conhecer seus membros, principalmente os novos que estão ávidos de conhecimento doutrinário e aceitação.

3.3. SUGESTÕES DE UM PLANO DE VISITAÇÃO PARA O DISTRITO

Esse plano consiste em ajudar o pastor conscientizando a igreja da importância do seu envolvimento nesse ministério como um tipo de filtro para selecionar as visitas mais necessitadas e ao mesmo tempo envolver a igreja no trabalho. As igrejas adventistas possuem orientações sobre os departamentos, doutrinas, finanças, disciplina, etc. Em nossa opinião a igreja faria bem em adotar um programa de visitação semelhante ao abaixo indicado.

(Adaptado de Sisemore, John, O ministério da Visitação)

Marcar um dia semanal de visitação

Deve haver um dia e uma hora definidos para se colher os melhores resultados. O ideal é que cada igreja adote o dia mais apropriado para a visitação do pastor e também do ancião. Nada mais deve ser posto no calendário nesse dia. O sábado tem se mostrado o dia mais eficiente por causa da disponibilidade dos irmãos.

O pastor deve ser o supervisor do plano de visitação

Naturalmente o pastor sozinho não pode visitar com eficiência, portanto ele tem a obrigação de orientar e supervisionar a igreja nessa tarefa. Algumas igrejas grandes têm o

privilégio de possuir membros qualificados para assumir essa responsabilidade, mas a maioria das igrejas tem de depender do pastor para essa tarefa.

Alguns pastores alegam que estão ocupados demais. Realmente ele estará ocupado em demasia se não estiver dando a devida atenção e orientação aos pontos principais do programa de sua igreja. Reconhecemos que é errôneo dizer que o pastor deve fazer todas as visitas, pois isso é impossível em curto prazo. E sabemos que a médio e longo prazo a visitação se torna comprometida e muitos problemas são passados por alto. Por outro lado, o pastor não deve se justificar devido às suas muitas responsabilidades.

Eleger um líder para dirigir o programa de visitação de cada igreja local

Devido à sua importância a visitação requer uma supervisão sistemática. Uma pessoa capaz deve ser eleita líder deste programa, sendo a ela entregue a responsabilidade de promovê-lo.

1. Deve ser eleito pela igreja

É a igreja que deve reunir e selecionar e eleger a pessoa para o cargo de líder de visitação. O ancião é a pessoa mais indicada, pois esse cargo terá a responsabilidade de planejar, administrar e inspirar os membros a desempenhar essa tarefa. Ele pode ter ainda o departamento de Escola Sabatina com seu diretor(a) e professores das unidades à disposição para auxiliá-lo e não se sobrecarregar.

2. Deve ser competente para a tarefa

Devido ao fato de que será ele que entrará em contato direto com os departamentos, professores e demais oficiais deve-se, portanto, estar bem equipado para a tarefa por meio de experiência e estudo. O líder do programa de visitação será o braço direito do pastor, portanto ele deve ser:

- a) Um crente genuíno e membro ativo da igreja
- b) Deve ser de lealdade indiscutível
- c) Deve ser um bom visitador e gostar de visitar
- d) Deve ser capaz de trabalhar em equipe
- e) Deve ser capaz de fazer planejamentos bem definidos
- f) Deve conhecer os deveres de todos os oficiais dos departamentos e todos os que estão encarregados de visitar.

3. Seguir um plano de visitação em duplas

Dessa forma tem sido provado ser o mais prático e eficiente devido aos seguintes fatores:

a) **É bíblico** – os cristãos do Novo Testamento dedicavam-se à visitação (At. 5:42). Trabalhavam juntos. Depois de se reunirem para a oração e culto, partiam para testemunhar do poder de Jesus.

Portanto, essa meditação e preparação do período neotestamentário é igualmente valioso para o visitador atual. Reunir-se com as pessoas de espírito e propósitos semelhantes coloca os visitantes numa melhor atitude mental e encoraja os temerosos.

b) **Inspira os visitantes** – quando uma pessoa está sozinha nessa obra é fácil desanimar e ficar desapontada. A motivação aumenta consideravelmente quando há grandes grupos de pessoas saindo em serviços juntos e preparados.

c) **Supervaloriza a visitação** – quando um plano de visitação em conjunto é usado coloca a visitação num plano mais elevado e atrai o respeito e a atenção da comunidade. Uma tarefa que recebe a atenção e tempo da parte dos membros causa um impacto positivo sobre os envolvidos, seja a visita de cunho pastoral ou missionário.

d) **Valorizar o tempo** – a maioria deixa de se dedicar à visitação alegando a falta de tempo. Portanto, um tempo definido para a visitação torna possível um melhor emprego do tempo, quer da parte do indivíduo a ser visitado, quer da parte da igreja. Isso é de fundamental importância, principalmente nos grandes centros, onde tempo é algo precioso na vida de pessoas. Essa situação pode ser grandemente aliviada se a pessoa tiver um tempo definido e separado para o ministério da visitação.

e) **Planejar um horário amplo** – os melhores resultados de visitação são alcançados quando todos os visitantes se reúnem na igreja para a oração e instrução antes de saírem para visitar. Neste breve encontro as tarefas são distribuídas, as informações dadas, o transporte é providenciado tendo uma preparação completa. Nada deve ser posto no calendário da igreja nesse dia, até mesmo o culto de jovens, que venha conflitar com o programa de visitação. O ideal é que todos os envolvidos almoce na igreja (“junta panelas”) antes da reunião.

f) **Grupos especializados** - o pastor deve preparar os membros de sua igreja e separá-los em grupos, isso para que tais grupos sejam especializados em suprir com suas visitas as necessidades das diferentes pessoas visitadas. Segue algumas sugestões:

- o grupo encarregado de visitar os enfermos
- o grupo encarregado de visitar os que estão em apostasia
- aqueles que visitarão os interessados da igreja
- o grupo envolvido em visitar os desempregados da igreja, e assim

por diante. Isso é apenas sugestivo, podendo e devendo ser adaptado de acordo com a realidade da igreja.

O nosso objetivo em sugerir o plano de visitação citado acima é ajudar o pastor nessa obra tão importante do ministério pastoral. Ele pode e deve, paralelo a isso, realizar o seu próprio plano de visitação. Se tirar um dia da semana para visitar cinco ou seis famílias, por exemplo, em um ano ele visitou duzentas e oitenta e oito famílias! Nos grandes centros isso é quase que impossível, pois as pessoas não estão em casa a qualquer hora do dia para serem visitadas, porém, se o pastor agendar e visitar duas ou três famílias por dia durante a semana esse resultado ainda é possível.

3.4 CONCLUSÃO PARCIAL

Constatamos que os pastores entrevistados possuem uma razoável experiência no ministério, pois possuem mais de onze anos a frente de igrejas e isso leva a maioria deles a possuir um plano de visitação. Contudo podemos perceber que não se trata de um plano eficaz de visitação, isso porque 25% dos pastores entrevistados não conseguem visitar todos os membros de seu distrito ao longo de seu mandato, além disso, chegou-se a conclusão que falta um plano adequado de visitação, pois constatamos que 70% dos pastores planejam suas visitas apenas com uma semana de antecedência.

Os anciãos e outros irmãos fazem parte ativa no ministério da visitação pastoral, o que é importante, pois o pastor ganha tempo e motiva aqueles que participam visitando a se interessarem pelo bem comum da igreja, ou seja, as pessoas. As visitas demoram em média, trinta minutos ou mais, um tempo considerado adequado para conhecer a realidade das pessoas visitadas de modo a poder auxiliar com eficácia, pois este é o principal objetivo

da visitação pastoral. Embora para a igreja pareça que um ótimo pregador seja mais importante que um pastor visitador, a maioria dos pastores acredita que a visitação contribui grandemente para a eficácia de seus sermões.

Em rela o à pesquisa realizada com os membros ficou constatado que os jovens, assim como os adultos mais experientes também esperam e necessitam receber visitação pastoral. Eles vêem a visitação como algo importante em sua vida espiritual. Grande parte dos membros já foi visitada, contudo, espera que as visitas se tornem mais freqüentes, principalmente para aqueles que são novos na igreja e estão recebendo estudos bíblicos para o batismo. Também ficou claro que uma grande parte dos recém-batizados não recebeu a visita do pastor. E para manter este novo membro na igreja é preciso nutri-lo. E não existe outra forma mais eficaz para alcançar esse objetivo do que a visitação. Levando em considera o todos os resultados encontrados e comentados, sugerimos algumas idéias para auxiliar o pastor neste ministério fundamental e para o bom andamento da igreja.

CONCLUSÃO

Deus sempre Se preocupou em visitar Seus filhos desde o Éden e por toda a história do povo de Israel. Jesus não poupou esforços em visitar as pessoas em seus lares. Aconselhou Seus discípulos a fazer o mesmo e o Evangelho cresceu de casa em casa. A visitação pastoral é tão importante hoje quanto foi no passado distante.

A maior parte dos entrevistados tem uma boa experiência no ministério, pois atuam como pastores há mais de onze anos.

Mais de 70% dos pastores possuem, apesar de inadequado, um plano de visitação, pois 30% deles não conseguem visitar a todos de seu distrito em menos de dois anos e 25% nem consegue visitar a todos de seu distrito durante o seu mandato. 70% contam com a ajuda de seus oficiais para ajudá-los e fazem uma visitação equilibrada com elementos de sociabilidade, oração e aconselhamento. Suas visitas demoram, em media, trinta minutos ou mais, um tempo considerado adequado para conhecer a realidade das pessoas, que é um dos principais objetivos da visitação. Quase todos os entrevistados acreditam que a visitação contribui para eficácia de seus sermões, apesar de 90% deles acharem que a igreja considera o ótimo pregador mais importante que o pastor visitador.

Em relação à pesquisa realizada com os membros ficou constatado que os jovens assim como os adultos mais experientes também esperam e necessitam receber visitação pastoral, vêem a visitação como algo importante em sua vida espiritual. Grande parte dos membros já foi visitada, contudo, espera que as visitas se tornem mais freqüentes, principalmente para aqueles que são novos na igreja e estão recebendo estudos bíblicos para o batismo, porque o que ficou claro é que uma grande parte dos recém-batizados não receberam a visita do pastor. E para manter este novo membro na igreja é preciso nutri-lo e não existe outra forma mais eficaz para isso que a visitação.

Quem sabe não é essa a razão para tanta heresia e apostasia em nosso meio? A visitação deve fazer parte do plano de qualquer pastor distrital. E é somente através de uma visitação eficaz que as outras áreas do ministério terão êxito também.

Através das sugestões aqui propostas, acreditamos poder ajudar o ministro a desempenhar esse ministério com a eficácia necessária. Cabe ao pastor desenvolver um bom plano de visitação e com o empenho desejado visitar suas ovelhas e suprir-lhes as necessidades. Sabemos que visitar é sempre um pesado encargo, mas algo que se tornará mais leve se for priorizado, planejado e explicitamente comunicado (Rocha, 1998, p.27). As palavras de Anderson expressam a importância da visitação pastoral e de certa forma sumariza a pesquisa feita - “por todas as partes há lares despedaçados e corações feridos. E estes exigem o cuidado de um pastor. Ao

mundo não falta luxo, mas falta amor. Pastores eloqüentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos eles têm seu lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o delicado toque do pastor. De todos os títulos dados ao nosso Senhor, nenhum é mais belo do que o de ‘Bom Pastor’. Ele nunca falou de Si mesmo como sendo bispo, ou sacerdote, executivo ou pregador, mas sempre como pastor” (Anderson, 1965, p. 481).

APÊNDICE A.

PESQUISA DE VISITAÇÃO AOS PASTORES DA IASD.

- 1) Há quantos anos ocupa a função de pastor distrital?**
 0 – 5
 6 - 10
 11 – 20
 Mais de 20
- 2) Você visita membros e conhecidos...**
 Quando é solicitado
 Quando está livre
 Conforme seu planejamento
- 3) Você planeja as visitas com quanto tempo de antecedência?**
 Uma semana Um mês
 Um ano Outro. Qual ? _____
- 4) Como são feitas as escolhas dos horários e dias?**
 Conforme a disponibilidade da família a ser visitada
 Conforme a minha disponibilidade
 Combinando as duas opções anteriores
- 5) As visitas aos membros e conhecidos de sua igreja são feitas...**
 Apenas por mim
 Por mim e pelos anciãos.
 Por mim, pelos anciãos e outros.
- 6) Quais os principais elementos que fazem parte de sua visita ?**
 Momentos de sociabilidade.
 Leituras de algum material espiritual.
 Aconselhamento.
 Oração.
- 7) De um modo geral quanto tempo você gasta uma visita?**
 Menos de 15 minutos.
 De 15 a 30 minutos.
 De 30 a 60 minutos.
 De 1 a 2 horas.
- 8) Nas visitas que materiais você usa?**
 A Bíblia
 Algum livro do Espírito de Profecia
 Outro. Qual ? _____
- 09) Em seu ministério você consegue visitar todas as famílias de seu distrito:**
 1 vez por semestre.
 1 vez por ano.
 1 vez a cada dois anos.
 Não consigo visitar a todos.
- 10) Quando há aconselhamento os temas abordados são escolhidos...**
 De acordo com as necessidades particulares da família.
 De acordo com meu planejamento.
 Não abordo tema nenhum, apenas visito.
- 11) Você crê que a visitação pastoral ajuda a direcionar a pregação para as reais necessidades dos ouvintes?**
 Sim
 Não
- 12) Em sua opinião o que traz melhores resultados para o ministério?**
 Visitação.
 Pregação.
 Outros.
- 13) O ministro que negligencia a visitação pode ser considerado infiel?**
 Sim.
 Não.
- 14) Ao seu ver, o que é mais importante para os membros de sua igreja em um Pastor?**
 Ótimo Pregador.
 Pastor visitador
 Pastor construtor
 Pastor Administrador.
 Outros. Quais
-
- 15) Você percebe resultados positivos como fruto de suas visitas?**
 Percebo Não percebo
- Se percebe quais são:**
-
-

APÊNDICE B.**PESQUISA DE VISITAÇÃO
PASTORAL AOS MEMBROS DA
IASD****1) Idade:**

- Até 20 anos
 21 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos
 Acima de 51 anos

2) A quanto tempo são membros da Igreja?

- 0 a 1 ano
 2 a 5 anos
 5 a 10 anos
 20 a 30 anos
 Mais de 30 anos

3) Você tem algum cargo na Igreja?

- Sim
 Não
 Já exerci

4) Você já recebeu visita pastoral?

- Sim Não

5) Se sim, com que freqüência?

- Uma vez no mês
 Uma vez por semestre
 Uma vez por ano

06) Como qualifica o resultado da visita pastoral

- Ajudou-me na visita pastoral.
 Não teve resultado positivo.
 Prejudicou-me na vida espiritual.

07) O pastor lhe pediu alguma coisa ao ir em sua casa (alguma doação, mais empenho na igreja)?

- Sim Não

08) Recebeu a visita do pastor antes de seu batismo?

- Sim Não

09) Acha importante a visita do pastor em sua casa?

- Sim
 Não
 Só quando estou com problemas

10) Sente falta de uma visita pastoral mais freqüente?

- Sim Não

11) Gostaria que seu pastor o visitasse com que freqüência?

- Todo mês
 Todo semestre
 Pelo menos uma vez por ano
 Não necessito de visita Pastoral

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). **Bíblia de estudo Almeida:** revista e atualizada. 2. Ed. Brueri/SP. Sociedade Bíblica do Brasil. 1993.

_____. **A Bíblia Vida Nova:** Revista e Atualizada. 15 ed. São Paulo: Edições Vida Nova S/R, 1991.

ANDERSON, Roy Allan. **O Pastor Evangelista:** Sua Vida, Ministério e Recompensa. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.

BOST, Bryan Jay. **O Obreiro Aprovado:** O Ministério do Servo Bom e Fiel. 2 ed. São Paulo: Editora Vida Cristã, 2001.

MENDES, Jose Deneval. **Teologia Pastoral:** A postura do obreiro é indispensável para o êxito no ministério cristão. 7 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Das Assembléias de Deus, 1997.

NICHOL, Francis D. (Ed.). **Comentário bíblico Adventista del 7º Dia.** Traduzido por Victor E. Ampuero Matta. 7 v. Boise/ID: Pacific Press Publishing Association, 1978-1990.

ROCHA, Jose M.. **De casa em casa.** **Revista Ministério,** Tatuí, SP. n. 3, p.24 - 27, mai/jun. 1998.

RIGGS, Ralph M. **O Guia do Pastor.** 3 ed. São Paulo: Editora Vida. 1980.

RIVERO, Ruben. As Visitas Pastorais. **Revista Ministério,** Santo André, SP. n. 3, p.09 – 11, mai/jun. 1978.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

SARLI, Wilson. A obra do fiel pastor. **Revista Adventista,** Tatuí, SP. n. 2, p.32, fevereiro. 1993.

SAVAGE, João. **Revista Ministério,** Santo André, SP. n. 1, p. 4 – 5, jan/fev. 1983.

SISEMORE, Juan. T. **O Ministério da Visitação**, Rio de Janeiro: Editora Juerp, 4º ed., 1990.

SWANSON, H. Peter. A Tirania da SOBRECARGA. **Revista Adventista**, Tatuí, SP. n. 2, p. 17 -20, jul/ago. 2003.

TURNER, Donald T. **A Prática do Pastorado**. 2 ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989.

VALENTIN, J. Pitino. O Pastor e a Arte Olvidada da Visitação. **Revista Ministério**, Santo André, SP. n. 5, p. 08 – 11, jan/fev. 1980.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. 3.ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **Obreiros Evangélicos**. 5.ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

_____. **Testemunho Para a Igreja**. 1.ed. v 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Testemunho Para a Igreja**. 1.ed. v 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WILSON, Roberto A. O Pastor e a Visitação Pessoal, **Revista Ministério**, Santo André, SP. n. 1, p. 8 – 10, jan/fev. 1963.

VII JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA – 2007

VICARIUS FILII DEI: SUA ORIGEM E USO NA IASD COMO INTERPRETAÇÃO DE APOCALIPSE 13:18¹

Luiz Gustavo S. Assis

Graduando em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

Monografia apresentada em abril de 2007

Orientador: Rodrigo P. Silva, Th.D.

assis@archaeologist.com

Resumo: Nesse artigo faço uma busca histórica da origem e do uso da expressão vicarius Filii Dei como interpretação de Apocalipse 13:18 nos círculos adventistas. Após esse background histórico, discorrerei brevemente sobre o uso desse título no meio adventista, bem como sobre a validade hermenêutica do mesmo para a interpretação do número 666.

Palavras-chave: Apocalipse; papado; 666.

VICARIUS FILII DEI: IT'S ORIGIN AND USE IN THE SDA AS AN INTERPRETATION OF REVELATION 13:18

Abstract: In this article we'll make an historical research of the origin and use of the expression Vicarious Filii Dei as an interpretation of Revelation 13:18. After this historical background, I will briefly analyze the use of this title in the Adventist environment and the hermeneutical validity of it as an interpretation of the number 666.

Keywords: Revelation; Papacy; 666.

As interpretação mais popular no meio adventista para o número 666, citado em Apocalipse 13:18, é a utilização do suposto título papal *vicarius Filii Dei*. Entre as muitas questões a serem levantadas a partir desse assunto, o que nos interessa nesse artigo é a confiabilidade histórica dessa expressão e a validade de seu uso nos círculos adventistas.

1. ORIGEM DO TÍTULO

O documento *Doação de Constantino* é a mais antiga referência do suposto título papal *vicarius Filii Dei*. Tendo sido escrito no período da Idade Média, esse é o mais antigo relato eclesiástico que confere a Pedro a autoridade de ser “substituto do Filho de Deus”². Por quase 600 anos, o catolicismo o considerou como genuíno, mesmo porque aproximadamente dez papas o utilizaram como prova de sua autoridade temporal³.

A menção do nome Constantino sugere que esse documento deve ter sido escrito nos dias desse imperador, no século 4 A.D. Porém, Lorenzo Valla, por algum tempo secretário do papa humanista Nicolau V, em 1440 escreveu uma crítica literária e histórica demonstrando que a *Doação de Constantino* era um documento forjado, que provavelmente foi composto em meados do século 9 A.D.⁴.

2. VICARIUS FILII DEI EM AUTORES PROTESTANTES

O escritor protestante mais antigo a relacionar o a expressão *vicarius Filii Dei* ao número 666 foi o alemão Andreas Helwig (ca. 1572-1643). Esse erudito foi professor de línguas bíblicas e letras clássicas por quase três décadas. Em 1612, Helwig escreveu sua obra *Antichristus Romanus*, na qual reuniu 15 títulos nas línguas latina, grega e hebraica, que na soma de suas letras, dariam a cifra apocalíptica. Tal obra não enfatizou o título *vicarius Filii Dei*, mas o considerou apenas como mais uma das pretensões da Igreja de Roma.

Segundo Helwig, quatro fatores eram essenciais para um nome ser aplicado ao número apocalíptico: (1) a soma deveria dar a cifra correta; (2) teria que concordar com a ordem papal;

(3) deveria ser um nome do próprio anticristo, não um título dado por seus inimigos; (4) teria que ser um título usado pelo o anticristo para a sua auto-ostentação. Porém, essa interpretação

se tornou comum entre autores de diversas denominações em meados da Revolução Francesa

(1789-1799), quase duzentos anos após a publicação de sua obra⁵.

Autores protestantes como Amzi Armstrong (1771-1827)⁶, os presbiterianos William Linn (1752-1808)⁷ e David Austin (1760-1831)⁸ e Robert Shimeall⁹, aplicaram ao número 666 os títulos *Ludovicus* (latim), *Lateinos* (grego), *Romith* (hebraico) e *vicarius Filii Dei*. Referente a esse último, John Bayford, em sua obra *Messiah's Kingdom* (ca. 1820), afirmou que sua utilização era “dificilmente satisfatória” e que a expressão correta ainda estava para ser descoberta¹⁰. Percebe-se assim, que desde o século 19, já havia certa relutância em aplicar esse título ao número 666.

3. VICARIUS FILII DEI EM AUTORES ADVENTISTAS

Muitos dos pioneiros do movimento adventista foram contemporâneos dos autores protestantes mencionados anteriormente. Sendo assim, é natural encontrarmos semelhança entre as interpretações de Apocalipse 13:18 de ambos os grupos. Foi por meio dos trabalhos de Uriah Smith, decano da interpretação profética nos círculos adventistas¹¹, que se atribuiu a expressão *vicarius Filii Dei* ao papado. Smith assim entendia: a expressão mais plausível que temos visto sugerir contendo o número da besta é o título que o papa toma para si mesmo e permite que outros lhe apliquem. Esse título é *Vicarius Filii Dei*, que quer dizer “Substituto do Filho de Deus”. Tomando as letras deste título que os latinos usavam como numerais e dando-lhes o seu valor numérico, temos exatamente 666.¹²

A interpretação de Smith causou um impacto significativo no adventismo, a ponto de John N. Andrews, o expoente teológico mais importante dessa denominação, adotá-la na

reimpressão de sua obra *The three angels of Revelation XIV, 6-12*, em 1877. Os anos posteriores presenciaram uma expansão dessa visão, por meio dos trabalhos públicos e impressos de alguns evangelistas adventistas ao redor do mundo. Stephen. N. Haskell, por exemplo, ao tratar do tema de Apocalipse 13, enfatizou apenas *vicarius Filii Dei*¹³.

O mesmo foi feito pelo autor brasileiro Aracely Mello ao afirmar que existem “fatos comprobatórios de que *Vicarius Filii Dei* é o título verdadeiro do Papa e de Roma Papal.”¹⁴

Roy Alan Anderson, importante nome no evangelismo adventista, utilizou títulos como *stur* (aramaico), *italika ekklesia*, *he latine Basiléia* (grego) e *vicarius Filii Dei* (latim)¹⁵ Por sua vez, o evangelista argentino Daniel Belvedere limitou a interpretação do número 666 a expressão “substituto do Filho de Deus”¹⁶ e C. Mervyn Maxwell adotou essa mesma posição¹⁷. Este quem sabe seja o principal motivo para o título *vicarius Filii Dei* ser associado com Apocalipse 13:18 por tantos adventistas. Porém, por mais popular que seja essa interpretação, é inegável que existem inúmeros problemas na sua aplicação ao relato bíblico.

4. PROBLEMAS INTERPRETATIVOS

Como vimos anteriormente, o documento mais antigo a mencionar esse título é a *Doação de Constantino*. A implicação disto é que essa interpretação se baseia numa falso decreto da Idade Média. Da mesma forma, há certa controvérsia envolvendo a inscrição de *vicarius Filii Dei* na mitra papal.

A publicação *Our Sunday Visitor*, uma popular revista católica americana, mencionou por duas ocasiões que havia, de fato, uma inscrição na tiara do papa. A primeira menção foi em 1914, e a segunda no ano seguinte. Porém, existe uma terceira citação que nega qualquer tipo de inscrição na coroa do pontífice romano. E não há qualquer tipo de evidência que prove o contrário¹⁸

Provavelmente, esse assunto teve início com um incidente envolvendo W. W. Prescott, um dos pioneiros da segunda geração adventista. Um evangelista chamado C. T. Everson visitou o Museu do Vaticano e tirou algumas fotografias de diversas tiaras papais, usadas ao longo dos séculos. Nenhuma inscrição havia em sequer uma delas. Prescott foi autorizado para utilizar as fotos na ilustração de um dos seus artigos. Porém, a *Southern Publishing Association*, quando preparava a publicação da versão atualizada da obra de Smith, contratou um artista que inseriu as palavras *vicarius Filii Dei*. A sede mundial da IASD ordenou que a impressão fosse interrompida e que removessem as fraudes fotográficas¹⁹.

Em 1935, a revista *Our Sunday Visitor* desafiou o periódico adventista *Present Truth*, que nessa época tinha como editor Francis D. Nichol, a provar que a expressão “substituto do Filho de Deus” era um título oficial do papa. Nichol consultou a Prescott para solucionar esse problema. Prescott afirmou que não era possível responder ao desafio, já que os adventistas baseavam essas argumentações em fontes questionáveis.²⁰ Devido esse incidente, a sede mundial da IASD sugeriu que tal interpretação jamais fosse utilizada novamente²¹. Ironicamente, hoje está é a interpretação mais popular entre os adventistas.

Em novembro de 1948, Leroy E. Froom publicou sua resposta para uma pergunta referente a inscrição na tiara do papa. Após negar qualquer tipo de grafia na mitra papal, Froom afirmou que “como arautos da verdade, devemos proclamá-la verdadeiramente”, e que “em nome da verdade e honestidade este periódico protesta contra algum membro da associação ministerial da denominação adventista do sétimo dia”. Segundo ele, “a verdade não necessita de um fabricação para ajudá-la”²²

Além desses problemas, é necessário dizermos que esse recurso é exegeticamente desnecessário. O pregador escocês Robert Fleming Jr. (ca. 1600-1716), por exemplo, jamais utilizou *vicarius Filii Dei* na suas abordagens sobre o anticristo e chegou à mesma posição dos adventistas à respeito desse poder, isto é, o catolicismo apostólico romano²³.

CONCLUSÃO

É evidente, portanto, que o uso da expressão *vicarius Filii Dei* aplicado ao número 666 de Apocalipse 13:18 é controversa e questionável. Visto que sua origem está ligada a um

documento forjado. Como declarou Froom, nesse assunto, “nós devemos honrar a verdade e meticulosamente observar o princípio da honestidade ao lidar com as evidências sobre todas as circunstâncias”²⁴.

1 Esse artigo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento sobre a história da interpretação do número apocalíptico 666 na história do cristianismo.

1 Bettenson, H. *Documentos da igreja cristã*, São Paulo, ASTE, 1998, 171.

3 Coleman, Christopher B. *The Treatise of Lorenzo Valla on the Donation of Constantine*, Canada: University of Toronto Press, 1993, 1 e 2. Essa obra foi originalmente publicada em 1922.

4 Cairns, Earle E. *O cristianismo através dos séculos*, São Paulo, Vida Nova, 2006, 213.

5 Froom, Leroy E. *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1954, vol. 2, 605-608.

6 O título da obra “*A syllabus of lectures on the visions of the Revelation*”

7 O título de seu trabalho é “*Discourses on signs of the times*”

8 O título de sua obra é “*A prophetic leaf*”, citada em Froom, op. cit., 342 .

9 Damsteegt, P. Gerard. *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1997, 206.

10 Froom, op. cit., 412.

11 Timm, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2004, 137-138.

12 Nichol, Francis D. (ed.). *Seventh-day Adventist Biblical Commentary*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980, vol. 10, 1009.

13 Haskell, Stephen. N. *The Story of the Seer of Patmos*. Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1905. p. 105.

14 Mello, Aracely S. *A verdade sobre as profecias do Apocalipse*. Taquara, RS: Grafiaacs, 1982. 202-203.

15 Anderson, Roy A. *As Revelações do Apocalipse*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. 151.

16 Belvedere, Daniel. *Seminário revelações do Apocalipse*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, 102.

17 C. Mervyn Maxwell. *Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998. 431.

18 Nichol, Francis D. ed. op. cit., vol. 9. 1071.

19 Valentine, Gilbert. *W.W. Prescott : Forgotten Giant of Adventism's Second Generation*. Washington D.C.: Review and Herald Pub. Association, 2005. 317.

20 Ibid., 318.

21 Ibid., 319.

22 Froom, Leroy E. “Dubious Pictures of the Tiara”, *The Ministry*, novembro de 1948, 35.

23 Torres, Milton Luiz. “Contenções Quanto à Interpretação Tradicional de 666 em Apocalipse 13:18”. *Revista teológica SALT-IAENE*, Cachoeira, BA, v. 2, n. 1, 1998. 64.

24 Froom. “Dubious Pictures of the Tiara”, 35.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

TOWARD A HOLISTIC APPROACH TO RELIEF, DEVELOPMENT, AND CHRISTIAN WITNESS: WITH SPECIAL REFERENCE TO ADRA'S MISSION TO NAXCIVAN, 1993-2003

Wagner Kuhn

Tese defendida em fevereiro de 2004
Fuller Theological Seminary (EUA)
Orientador: Wilbert R. Shenk, Ph.D.
kuhn@andrews.edu

ABSTRACT: The dissertation examines the subject of relief and development from a Christian perspective. It describes the principles of relief and development from a biblical and theological perspective (Part I). It helps the reader to understand that relief, development, and Christian witness are the hands and feet of one body—the body of Christ. This biblical perspective also demonstrates that those who are engaged in ministries of compassion towards the needy, oppressed, sick, poor, orphan, and widow, are in fact by word and deed, implementing a work of redemption and transformation. The study also deals with Christian charity relief and development from a historical and contemporary perspective (Part II). It demonstrates that the practice of charity in the early and medieval periods of the Christian Church was mostly motivated and inspired by Christ's love, demonstrated through his life's ministry in serving those in need. The Reformation, and subsequently, the evangelical revivals of the seventeenth and eighteenth centuries, brought a better understanding and renewed the way charity relief and development was practiced. However, it was the theological shifts that occurred within evangelical Christianity after the 1800s that promoted a more holistic practice of welfare relief and development. These changes have helped to create policies that provide freedom, education, health care, and a better life to many people around the world. Holistic development in all its perspectives and forms is a radical concept. It involves all aspects of life: physical, mental, social, and spiritual. It has to do with the redemption and transformation of individuals, structures, and powers that hinder and obstruct the person from an abundant life (John 1:10). The dissertation suggests that an integrative approach to relief and development as understood and practiced from a holistic Christian perspective (Part III) offers much more hope and has a better chance to succeed and yield lasting positive results than does the practice of a mere secular development that dichotomizes between body and spirit, between the physical and spiritual realities of life. A relief and development program in Naxcivan, Azerbaijan (1993-2003), has attested to the appropriateness of holistic Christian development theory and practice.

KEYWORDS: charity, poor, refugee, humanitarian relief, development, mission history, Adra, Naxcivan/Azerbaijan.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

THE HEAVENLY SANCTUARY/TEMPLE MOTIF IN THE HEBREW BIBLE: FUNCTION AND RELATIONSHIP TO EARTHLY COUNTERPARTS

Elias Brasil de Souza

Tese defendida em abril de 2005

Andrews University (EUA)

Orientador: Richard M. Davidson, Ph.D.

ebsouza_2000@yahoo.com

ABSTRACT: The present dissertation seeks to ascertain the function of the heavenly sanctuary/temple and its relationship to earthly counterparts, as reflected in forty-three passages of Hebrew Bible. Thus, following an introductory chapter, the second chapter of this dissertation is devoted to a survey of the heavenly sanctuary temple motif in the ANE literature as represented by Sumerian, Akkadian, Hittite, Ugaritic, and Egyptian texts. The investigation of these texts reveals that the heavenly sanctuary/temple motif was part of the worldview of the ANE, where the heavenly sanctuary was not only assumed as existing in heaven, but also as functioning in close relationship to the earthly counterparts. Chapters 3, 4, and 5 are devoted to the exegesis of heavenly sanctuary/temple passages in the Hebrew Scriptures, according to the canonical divisions of the Hebrew Bible (namely Torah, Prophets, and Writings).

This investigation reveals the pervasive presence of the that the heavenly sanctuary/temple motif in the Hebrew Bible and provides a broad delineation of its function and relationship to earthly counterparts. It has been found that the heavenly sanctuary temple functions as a place of divine activities where YHWH supervises the cosmos, performs acts of judgment (sometimes conceived as a two-stage activity in which the execution of the sentence was preceded by an investigative phase), hears the prayers of the needy, and bestows atonement and forgiveness upon the sinners. The perceptions also emerged of the heavenly sanctuary/temple as a place of worship, a meeting place for the heavenly council, and an object of attack by anti-YHWH forces, thus playing a pivotal role in the cosmic battle between good and evil.

In terms of its relationship to the earthly counterpart, it has become apparent that the heavenly sanctuary/temple was understood to operate in structural and functional correspondence to the earthly counterparts. Some texts display a dynamic interaction inasmuch as the heavenly and earthly sanctuaries/temples are conceived of as working in close connection so that the activities being performed in one would reverberate in the other.

Chapter 6 presents theological synthesis of the heavenly sanctuary/temple motif based on the previous chapters. Thus, some consideration was given to the similarities and differences between the heavenly sanctuary/temple motif as found in the Hebrew Bible and in its ANE background. Next, attention is devoted to some theological implications of the heavenly sanctuary/temple motif for the notions of judgment, the great controversy between good and evil. To conclude, the notion emerges that the Hebrew Bible conceives of the heavenly sanctuary/temple in functional and structural correspondence with its earthly counterpart with both sanctuaries/temples operating dynamic interaction.

Keywords: sanctuary, temple, Hebrew Bible.

RESENHAS

CRESCIMENTO: CHAVES PARA REVOLUCIONAR SUA IGREJA, DE ISABEL E DANIEL RODE

Marcelo E. C. Dias, Ms.

Pastor, com MBA em Administração de Igreja (La Sierra University, EUA)
Professor de Teologia Aplicada no Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
mecdias@hotmail.com

Rode, Isabel e Daniel. *Crescimento: chaves para revolucionar sua igreja*. Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2007. 111 pp.

Um tema tão em voga, como o crescimento da igreja, merece mais obras que o abordem sob a ótica adventista do sétimo dia. Nesse livro, os autores contribuem sutilmente nesse sentido.

Crescimento é um livro de fácil leitura, atual e que utiliza ilustrações reais do ministério pastoral. Imagino que o desafio maior não está na esfera da apresentação dos conceitos do movimento de crescimento de igreja como o autor o fez, mas na aplicação desse novo paradigma proposto no modelo atual de igreja que temos. O autor sugere, por exemplo, que o pastor visionário se beneficia de um pastorado longo, que os membros devem estar envolvidos em ministérios segundo os seus dons e que as igrejas em crescimento são conservadoras e modernas ao mesmo tempo.

Para os que se deparam pela primeira vez com o tema de crescimento de igreja, é necessário prestar atenção na riqueza de cada conceito e como eles se complementam. Porém, para facilitar a assimilação dos mesmos, o autor apresenta ilustrações a partir de pesquisas e experiências reais. Notadamente, os exemplos são revolucionários, algumas vezes de outros contextos, é verdade, mas devem inspirar os leitores a colocar em prática as sugestões dos autores.

Daniel Rode, um doutor em Missiologia pelo Seminário Teológico Fuller (EUA), bviamente se baseia em grande medida nas idéias dos fundadores e promotores do Movimento de Crescimento da Igreja (MCI), como os conhecidos Peter Wagner, Christian Schwarz e Rick Warren. Isso não deve ser considerado demérito para a sua obra, já que esses contribuíram muito especialmente na conscientização de que é importante contextualizar sem



comprometer o evangelho, ministrar segundo as necessidades das pessoas sem que elas sejam as normas doutrinárias.

De acordo com a proposta do título, os autores apresentam conceitos fundamentais para que uma igreja cresça, reconhecendo que não há “uma” fórmula mágica para isso. Os elementos-chave são: uma liderança visionária, ministérios segundo os dons, espiritualidade contagiante, prioridades segundo a ordem bíblica, estruturas funcionais, culto inspirador, células integradoras, relacionamentos afetivos carinhosos, metodologia eficaz para fazer discípulos, valorização de todos os grupos humanos e a consciência da importância de se estabelecer novas igrejas (p. 12). Por outro lado, se a igreja não manifesta essas características, apresentará uma série de enfermidades como “atitudes condenatórias, a politicagem dos líderes, a hipocrisia, a intriga, os códigos e as regras rígidas” (p. 103).

Para dar um sabor mais adventista aos princípios da área, senti falta de um pouco mais de espaço para as considerações de Ellen White sobre o tema. Além de uma integração maior dos conceitos com a visão missiológica e escatológica relacionadas às três mensagens angélicas, como expressas na declaração de missão da IASD.

Absolutamente nenhuma das orientações de Isabel e Daniel Rode serão bem sucedidas na prática, se forem aplicadas isoladamente, sem um estudo aprofundado da situação de cada igreja e do seu contexto social ou, em outras palavras, sem o conceito-chave, na minha opinião: planejamento estratégico.

Já que, assim como é mencionado na introdução do livro: “algumas igrejas mencionam certos elementos como fatores de crescimento que outras consideram como obstáculos” (p. 11). Após as explicações inteligentes das onze características principais das igrejas que crescem, os autores chegam ao princípio mais importante: “o crescimento natural da igreja continuará sendo uma obra sobrenatural da parte de Deus” (p. 104). Lembrando assim que, o voluntariado e as estratégias são esperados por Deus, mas só alcançarão resultados grandiosos se colocados sob a orientação do Espírito Santo.

Finalmente, o livro tem o seu lugar reservado juntamente com outros títulos publicados nos últimos anos, que procuram despertar a liderança da igreja quanto à necessidade de se enxergá-la como um todo. O futuro da igreja está delineado nesse livro, cabe a cada um se antecipar e descobrir como revolucionar a própria congregação, hoje.